

# DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO E ELETRÓNICO III

Maria Cristina Carrington  
António Manuel Lopes Andrade  
Emília M. Rocha de Oliveira  
(Coords.)

Aveiro | Coimbra | 2023

UA Editora - Universidade de Aveiro  
Imprensa da Universidade de Coimbra

Este terceiro volume, decorrente das várias sessões que se realizaram no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, inseridas no Ciclo de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico” (quinta e sexta edições), vem dar seguimento aos dois anteriores, em que nos propusemos promover a investigação e divulgação científica na área da História do Livro e da Edição, no âmbito das atividades curriculares da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Um dos principais objetivos da realização deste projeto de cariz científico-pedagógico continua a ser o de fomentar e aprofundar a articulação entre investigação e ensino, proporcionando aos alunos do primeiro e do segundo ciclos um contacto privilegiado com diferentes especialistas, peritos em matérias relacionadas com a história da edição e com a produção editorial. Ademais, o desenvolvimento desta iniciativa vem estreitando e consolidando a já longa e profícua cooperação entre o Departamento de Línguas e Culturas e a Imprensa da Universidade de Coimbra.

(Página deixada propositadamente em branco)

#### **EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)  
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

UA Editora – Universidade de Aveiro  
Email: editora@ua.pt  
URL: <http://www.ua.pt/editora/>

#### **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Imprensa da Universidade de Coimbra

#### **CONCEÇÃO GRÁFICA**

Imprensa da Universidade de Coimbra

#### **DESIGN DA CAPA**

Mickael Silva

#### **IMAGEM DA CAPA**

Photo by Raka Miftah via Pexels

#### **INFOGRAFIA**

Meiokilo Design Studio

#### **EXECUÇÃO GRÁFICA**

KDP

#### **REVISÃO DE TEXTO**

Bárbara Monteiro e Inês Leal

#### **ISBN**

978-989-26-2547-8

#### **ISBN DIGITAL**

978-989-26-2548-5

#### **DOI**

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2548-5>

#### **APOIOS**

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto com a referência UIDB/04188/2020.

© DEZEMBRO 2023, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UA EDITORA – UNIVERSIDADE DE AVEIRO

# DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO E ELETRÓNICO III

Maria Cristina Carrington  
António Manuel Lopes Andrade  
Emília M. Rocha de Oliveira  
(Coords.)

**Aveiro | Coimbra | 2023**  
**UA Editora - Universidade de Aveiro**  
**Imprensa da Universidade de Coimbra**

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Ana María S. Tarrío

Gregorio Rodríguez Herrera

Isabel Malaquias

James W. Nelson Novoa

Jesús Paniagua Pérez

João Luís Lisboa

João Manuel Nunes Torrão

José Francisco Meirinhos

Maria Teresa Cortez

Maria Teresa Payan Martins

Zulmira Santos

**OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO DE:**

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro



universidade de aveiro  
theoria poiesis praxis

cllc

departamento de línguas e culturas

cllc

centro de línguas, literaturas e culturas

## ÍNDICE

Prefácio	
<i>Maria João Padez de Castro</i> .....	7
“Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico” — o terceiro elo de um projeto que se tornou livro	
<i>Maria Cristina Carrington, António M. L. Andrade</i> e <i>Emília M. Rocha de Oliveira</i> .....	13
Gabriel Alonso de Herrera: o jardineiro que escreveu um tratado de agricultura	
<i>Ana Duarte Rodrigues</i> .....	19
Tipografia e Artes do Livro nas Estantes Beneditinas	
<i>Ana Isabel Líbano Monteiro</i> .....	67
Western Sephardic Diaspora Roadmap: porquê e para quê um roteiro para o estudo da diáspora sefardita	
<i>Carla Vieira e Joana Vieira Paulino</i> .....	89
Ainda a Propósito de uma Recensão Crítica Quinhentista do Livro de Cartas Médicas de Garcia Lopes	
<i>Emília M. Rocha de Oliveira e António M. L. Andrade</i> .....	127
Processos editoriais e percursos curatoriais de uma coleção bibliográfica digital: a Biblioteca Básica de Cultura Colombiana	
<i>Felipe Cammaert</i> .....	165
Da palavra dita à palavra impressa: os sermonários «um riquíssimo tesouro» (séculos XVI-XVII) — estudo de casos	
<i>Fernanda Maria Guedes de Campos</i> .....	189
O livro como arma política: editoras maoistas em Portugal nos anos 1970	
<i>Flamarion Maués</i> .....	221

As mulheres não sabem fazer nada? O Antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914) <i>Gabriela Mota Marques</i> .....	249
Pensar com os outros. Literatura filosófica em tradução portuguesa: o papel de Joaquim de Carvalho (1892-1958) <i>João Diogo R. P. G. Loureiro</i> .....	305
Os Lira, impressores dos séculos XVI e XVII. Percursos económicos e relações familiares <i>Jorge Fonseca</i> .....	329
Inovações na edição de livros ou a metáfora revolucionária <i>Nuno Medeiros</i> .....	351
O projeto <i>Garrettonline</i> como protótipo editorial para o património poético português <i>Sandra Boto</i> .....	373



## PREFÁCIO

*Maria João Padez de Castro*<sup>1</sup>

O livro *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico III* é o terceiro volume que a Imprensa da Universidade publica em coedição com a Universidade de Aveiro. Ao longo de 397 páginas reúne 12 estudos de distintos investigadores que participaram na quinta e sexta edições do Ciclo de Conferências intitulado *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico*, promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

A minha relação com a Universidade de Aveiro, mais concretamente, com o Mestrado de Estudos Editoriais do Departamento de Línguas e Culturas, tem mais de uma década. Com efeito, foi em janeiro de 2009 que a Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC) abriu as suas portas para acolher o primeiro aluno do então recém-criado Mestrado em Estudos Editoriais. Desde essa altura, passaram já por esta casa editora 17 estagiários, que fazem parte do grupo dos mais de 200 estudantes formados neste curso e que são testemunho do notável interesse e sucesso que esta área do conhecimento tem despertado entre jovens licenciados e profissionais.

Quando decidimos acolher estudantes do mestrado para estagiar na Imprensa da Universidade, fizemo-lo para correspondermos

---

<sup>1</sup> Diretora-Adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra: [mjcastro@uc.pt](mailto:mjcastro@uc.pt), <https://orcid.org/0000-0002-5436-9554>.

a um pedido oriundo de uma instituição congénere, visando proporcionar formação em ambiente de trabalho. Esta decisão veio a revelar-se benéfica não apenas para os estudantes, mas também muito positiva para a Imprensa, proporcionando um retorno profícuo. Na realidade, graças a ela, todos os anos entra na Imprensa um jovem estagiário, com perspetivas frescas e inovadoras, com conhecimentos atualizados e com novas abordagens. Esta renovação constante e este compromisso que assumimos com a formação de futuros profissionais têm estimulado uma aprendizagem mútua, impulsionado a criatividade e a resolução de problemas, contribuindo significativamente para melhorar a eficiência e a produtividade da equipa, criando um ambiente de trabalho verdadeiramente colaborativo e inclusivo.

Desta colaboração resultou também uma amizade sólida com os coordenadores desta obra e uma frutífera cooperação profissional, que uma vez mais se concretizou com a publicação deste volume. Plenas de atualidade e pluralidade, são diversas as temáticas abordadas, apesar de terem especial incidência as que se dedicam à história do livro e da edição. Neste campo da edição, do livro e das suas profissões, a obra percorre temas tão variados como o trajeto de uma família de relevantes impressores dos finais do século XVI e inícios do XVII, ou o papel que teve Joaquim de Carvalho, um dos grandes editores portugueses do século XX, na divulgação e tradução de importantes obras filosóficas, através da criação das coleções *Filósofos e Moralistas* na Imprensa da Universidade de Coimbra e *Biblioteca Filosófica* na Editora Atlântida.

Um texto sobre *Inovações na edição de livros ou a metáfora revolucionária* aborda a inovação e recriação de novas formas de publicação, como o livro de bolso e o clube do livro, e o impacto que estas tiveram no mundo editorial. Um outro, subordinado ao tema *Da palavra dita à palavra impressa: os sermonários «um riquíssimo tesouro» (séculos XVI-XVII) — estudo de casos*, fala-nos da

importância dos sermões dados à estampa nos séculos XVI e XVII e do papel crucial que essas obras desempenharam na transmissão da mensagem religiosa e na orientação espiritual das comunidades, bem como das valiosas percepções culturais e linguísticas que os mesmos nos oferecem.

O estudo *Tipografia e Artes do Livro nas Estantes Beneditinas* traz-nos um notável contributo sobre os livros e autores que a riquíssima biblioteca do Mosteiro de Tibães da Ordem de São Bento em Portugal integrava, e que reunia a mais vasta coleção de obras sobre a arte do livro e da edição existente em Portugal.

O trabalho denominado *O livro como arma política: editoras maoistas em Portugal nos anos 1970* oferece-nos uma profunda reflexão sobre a importante ação que estas editoras tiveram na divulgação de teorias e estratégias políticas, bem como na mobilização de militantes e simpatizantes para a causa revolucionária em Portugal.

Um outro núcleo de textos abordando temáticas e aspectos únicos e valiosos da história e da cultura ibérica compõe ainda a obra agora dada à estampa. Cada um deles oferece-nos uma visão fascinante de figuras notáveis da cultura e da ciência de Portugal e de Espanha, assim como de eventos históricos que moldaram o cenário da época.

Assim, no texto intitulado *Ainda a propósito da recensão crítica quincentista do livro de cartas médicas de Garcia Lopes*, somos transportados para o século XVI e mergulhamos na rivalidade científica entre dois conceituados médicos portugueses: Garcia Lopes e Jorge Godines. A recensão crítica de Godines ao livro de cartas médicas de Garcia Lopes revela um debate médico intenso, evidenciando diferenças de opinião sobre questões médicas da época.

Já a reflexão dedicada a Gabriel Alonso de Herrera permite-nos descobrir a notável vida e contributos de um personagem incomum do século XVI, figura de relevo que combinou a sua vocação religiosa

com uma profunda paixão pela agricultura e jardinagem. Herrera é um exemplo inspirador de como interesses individuais podem levar a contribuições significativas, unindo conhecimentos de diferentes culturas e moldando a agricultura da sua época.

O livro abre-se ainda a outras problemáticas, apresentando-nos três projetos que se dedicam à preservação, divulgação e reinterpretação de aspetos culturais e históricos de grande relevância, usando perspectivas multidisciplinares e tecnológicas. Na análise do projeto *Western Sephardic Diaspora Roadmap*, apresenta-se uma importante plataforma em acesso aberto, que reúne, agrega e disponibiliza coleções arquivísticas de museus, bibliotecas e arquivos europeus fundamentais para o estudo da diáspora sefardita ocidental. Também o texto sobre a implementação do projeto *Biblioteca Básica de Cultura Colombiana* demonstra como este é um exemplo notável do quanto a transformação de livros impressos em livros eletrónicos pode contribuir para uma reflexão mais profunda sobre o cânone literário colombiano. As páginas dedicadas ao projeto *Garrettonline* abordam as complexidades da edição digital de textos literários, destacando a importância crucial de apresentar adequadamente o património literário, aproveitando as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital. Por fim, a abordagem do tema *As mulheres não sabem fazer nada? O Antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914)* traz-nos uma enriquecedora reflexão sobre o papel central que a imprensa portuguesa teve na formação de ideias, valores e opiniões, sobre os comportamentos femininos, na transição dos séculos XIX para o XX.

Estamos, enfim, perante uma obra que integra um relevante conjunto de textos que constituem um convite à reflexão sobre a interseção entre tecnologia, cultura e conhecimento, demonstrando como abordagens inovadoras e interdisciplinares podem ampliar horizontes e enriquecer a nossa compreensão do património cultural.

É, pois, fácil compreender o imenso gosto e o privilégio que para mim representa prefaciар esta obra, editada numa parceria que a Imprensa da Universidade de Coimbra deseja preservar.

*Maria João Padez de Castro*

Diretora-Adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

**“DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO  
E ELETRÓNICO” — O TERCEIRO ELO DE UM  
PROJETO QUE SE TORNOU LIVRO**

*Maria Cristina Carrington*<sup>1</sup>

*António M. L. Andrade*<sup>1</sup>

*Emília M. Rocha de Oliveira*<sup>1</sup>

Este terceiro volume de textos, decorrentes das várias sessões que se realizaram no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, inseridas no Ciclo de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico” (quinta e sexta edições), vem dar seguimento aos dois anteriores, em que nos propusemos promover a investigação e divulgação científica na área da História do Livro e da Edição, no âmbito das atividades curriculares da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais.

No primeiro semestre dos anos letivos de 2020-2021 e de 2021-2022, os estudantes, e todos os demais que estiveram interessados, puderam assistir, em modelo de aula aberta, às várias palestras sobre diversos temas da História do Livro e da Edição abordados por investigadores nacionais e estrangeiros.

---

<sup>1</sup> Universidade de Aveiro, Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, carrington@ua.pt | <https://orcid.org/0000-0001-7224-5371>; aandrade@ua.pt | <https://orcid.org/0000-0002-7456-6504>; emilia.oliveira@ua.pt | <https://orcid.org/0000-0002-8433-9129>.

Um dos principais objetivos da realização deste projeto de cariz científico-pedagógico “Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico” continua a ser o de fomentar e aprofundar a articulação entre investigação e ensino, proporcionando aos alunos do primeiro e do segundo ciclos um contacto privilegiado com diferentes especialistas, peritos em matérias relacionadas com a história da edição e com a produção editorial. Por outro lado, o desenvolvimento desta iniciativa vem estreitando e consolidando a já longa cooperação entre o Departamento de Línguas e Culturas e a Imprensa da Universidade de Coimbra. Neste sentido, o projeto alargou-se ao campo profissional, uma vez que os estudantes do Mestrado em Estudos Editoriais que realizam estágios curriculares na Imprensa da Universidade de Coimbra colaboram ativamente na produção editorial dos livros resultantes destes ciclos.

Durante o ano letivo de 2020-2021, as sessões presenciais foram difundidas por videoconferência, dados os constrangimentos da epidemia COVID 19. Esta modalidade possibilitou o alargamento do público, sobretudo do Brasil, tendo tornado mais vivos os momentos finais de debate nas diferentes aulas abertas.

Os estudos agora apresentados foram submetidos a *doubleblind refereeing*, um processo de dupla arbitragem levado a cabo pelos membros da Comissão Científica. Aos nossos Colegas da Comissão, muito agradecemos a sua prestimosa contribuição para a melhoria da qualidade desta obra.

Deixamos também o nosso agradecimento a todas as pessoas e instituições que colaboraram connosco, promovendo assim a formação integral dos nossos estudantes, não só aos conferencistas e autores dos textos que compõem este livro, como também às entidades que tornaram possíveis as atividades previstas, nomeadamente à Biblioteca Nacional de Portugal, nas pessoas da Dr.<sup>a</sup> Ana Líbano Monteiro, do Serviço



de Atividades Culturais e Comunicação, e da sua diretora, a Dr.<sup>a</sup> Inês Cordeiro.

Uma palavra de gratidão à Imprensa da Universidade de Coimbra, na pessoa do então diretor, o Prof. Doutor Alexandre Dias Pereira, e da atual diretora, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Carlota Simões. À Dr.<sup>a</sup> Maria João Padez de Castro, diretora-adjunta, e autora do prefácio deste livro, um agradecimento muito especial, pelo constante acompanhamento e supervisão dos nossos estudantes/estagiários do Mestrado em Estudos Editoriais, pela sua dedicação e apoio.

A edição do presente volume contou com a colaboração das estagiárias Bárbara Monteiro e Inês Leal, que foram encaminhadas para o trabalho de edição dos textos apresentados durante as sessões dos Ciclos de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico”, publicados agora, novamente sob a chancela conjunta da UA Editora – Universidade de Aveiro e da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Por último, estamos gratos ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, dirigido à época da realização dos Ciclos pelo Prof. Doutor João Manuel Nunes Torrão, e ao Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, então coordenado pelo Prof. Doutor Anthony Barker. O nosso agradecimento estende-se à atual diretora, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Margarida Ramos, e à coordenadora do Centro, a Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuel Baptista, por nos terem proporcionado as condições materiais e financeiras necessárias à realização dos Ciclos de Conferências e à publicação desta obra.

Aveiro, 16 de outubro de 2023

*Maria Cristina Carrington*

*António M. L. Andrade*

*Emília M. Rocha de Oliveira*

# DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO E ELETRÓNICO

## V CICLO DE CONFERÊNCIAS

**2 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.4.11

"Libros de archivo" instrumentos esenciales para el conocimiento de las instituciones: el caso del Monasterio cisterciense de Otero de las Dueñas (León)  
Maria del Carmen Rodriguez-López  
(Departamento de Patrimonio Artístico y Documental, Universidad de León)

**9 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.4.11

Linhas editoriais da Imprensa Régia (século XVIII): contextos e circunstâncias  
Fernanda Maria Guedes de Campos  
(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**12 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.2.21

Editar Livros para o ensino superior em Portugal: elementos para uma reflexão  
Nuno Medeiros  
(IHC, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**17 NOV** 14.30 - 16.30  
DLC, sala 2.2.14

Livreiros e impressores dos séculos XVI e XVII. Comportamentos económicos e relações familiares  
Jorge Fonseca  
(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**19 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.2.21

O negócio editorial explicado aos autores  
Leonor Rodrigues  
(Diretora da Bookoffice na Bookcompany)

**23 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.4.11

Tratados de Agricultura a circular em Portugal no século XVI  
Ana Duarte Rodrigues  
(CIUHCT, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa)

**30 NOV** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.4.11

"As mulheres não sabem fazer nada?" O discurso antifeminista na imprensa portuguesa [1885-1914]  
Gabriela Mota Marques  
(CMAveiro | Museu da Cidade de Aveiro)

**15 DEZ** 14.30 - 16.30  
DLC, sala 2.2.14

O projeto "Western Sephardic Diaspora roadmap": construindo um roteiro para o estudo da diáspora sefardita  
Carla Vieira  
(CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa; Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL)

**7 JAN** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.2.21

O livro eletrónico: definições, modelos, intervenientes, discoverability  
Nuno Cravo  
(Diretor de vendas de livros eletrónicos na editora Taylor & Francis)

**11 JAN** 10.30 - 12.30  
DLC, sala 2.4.11

Livros, manuscritos e censura nos séculos XVI-XVIII  
Zulmira Santos  
(ITCEM, Universidade do Porto)

**NOTA**

As sessões serão difundidas por vídeo-conferência através da plataforma Zoom  
(o link será fornecido mediante pedido de inscrição através do contacto [aandrade@ua.pt](mailto:aandrade@ua.pt))

### ORGANIZAÇÃO

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro  
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro  
(organização no âmbito da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do Mestrado em Estudos Editoriais do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro)

### COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)  
Maria Cristina Carrington (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)



universidade de aveiro  
theoria. possess. pressis



clc  
departamento de línguas e culturas



clc  
centro de línguas, literaturas e culturas



FCT  
Fundação  
para a Ciência,  
e a Tecnologia

Este evento é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia I.P. no âmbito do projeto UIDB04518/2020.

Programa da 5.ª edição do Ciclo de Conferências (2020-2021)



# V | DO MANUSCRITO AO LIVRO

## CICLO DE CONFERÊNCIAS

# IMPRESSO E ELETRÓNICO

**8 NOV'21**

**Livro, arquivo, plataforma:  
os caminhos da edição digital**  
(DLC, 11-13, sala 2.2.21)

**Sandra Boto**

(Instituto de Estudos de Literatura e Tradição | FCSH,  
Universidade NOVA de Lisboa)

**11 NOV'21**

***Livros que tomam partido*  
- a edição de livros políticos  
em Portugal (1968 e 1980) -  
mesa redonda**  
(DLC, 10.00-13.00, sala 2.3.17)

**Flamarion Maués**

(Instituto Federal de São Paulo)

**Nuno Medeiros**

(FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**17 NOV'21**

**Os comentários médicos de  
Garcia Lopes e a emergência  
das *epistolae medicinales* na  
Europa de Quinhentos**  
(DLC, 9.00-11.00, sala 2.2.14)

**Emília Oliveira**

(CLLC/DLC, Universidade de Aveiro)

**22 NOV'21**

**Pensar com os outros: panorama  
histórico da literatura filosófica  
em tradução portuguesa**  
(DLC, 11-13, sala 2.2.21)

**João Diogo Loureiro**

(CLEFUL, Universidade de Lisboa;  
CECH, Universidade de Coimbra)

### Organização

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro  
Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro  
(organização no âmbito da Licenciatura em Línguas e Estudos Editoriais e do  
Mestrado em Estudos Editoriais do Departamento de Línguas e Culturas da  
Universidade de Aveiro) **Regime Presencial**

 **Universidade de Aveiro**  
TRIPLOSS PRAXIS

**dlc**  
departamento de línguas e culturas

**cllc**  
centro de línguas, literaturas e culturas

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia  
Este projeto é financiado por fundos  
nacionais através do FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,  
no âmbito do projeto PTDC/CI/1801/2019.

**9 DEZ'21**

**Um olhar sobre os processos  
editoriais de uma coleção  
bibliográfica digital:  
o caso da Biblioteca Básica  
de Cultura Colombiana**  
(DLC, 10.00-12.00, sala 2.3.17)

**Felipe Cammaert**

(CLLC/DLC, Universidade de Aveiro)

**15 DEZ'21**

**Visita à Biblioteca Nacional  
de Portugal** (Lisboa)

**5 JAN'22**

**Património literário beneditino -  
Livros e Leituras no Mosteiro de Tibães**  
(DLC, 9-11, sala 2.2.14)

**Ana Isabel Líbano Monteiro**

(Biblioteca Nacional de Portugal)

**7 JAN'22**

**Visita à gráfica Norprint**

(Santo Tirso)

e

**Museu da Imprensa**

(Porto)

**12 JAN'22**

**A formação humanista de Francisco de  
Holanda na corte de D. João III em  
Évora (1534-1537).**

**Alguns dos seus livros**

(DLC, 9-11, sala 2.2.14)

**Sylvie Deswarte-Rosa**

(Lyon IHRIM, Chercheur Émérite au CNRS,  
Ecole Normale Supérieure de Lyon)

**13 JAN'22**

**Feiras do Livro**

**Show and Business**

(DLC, 10.00-12.00, sala 2.3.17)

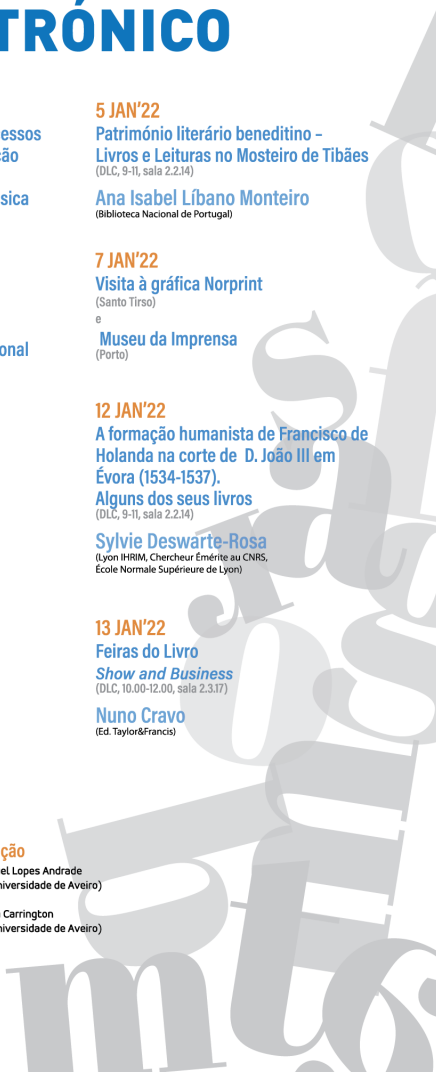
**Nuno Cravo**

(Ed. Taylor&Francis)

### Coordenação

**António Manuel Lopes Andrade**  
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

**Maria Cristina Carrington**  
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)



Programa da 6.ª edição do Ciclo de Conferências (2021-2022)

(Página deixada propositadamente em branco)

**GABRIEL ALONSO DE HERRERA:  
O JARDINEIRO QUE ESCREVEU UM  
TRATADO DE AGRICULTURA**

**GABRIEL ALONSO DE HERRERA:  
THE GARDENER WHO WROTE A  
TREATISE ON AGRICULTURE**

*Ana Duarte Rodrigues*

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

amnrodrigues@fc.ul.pt

ORCID: 0000-0002-9786-7465

**Resumo:** No contexto muito particular de Granada, depois de esta ser conquistada aos mouros pelos Reis Católicos, Gabriel Alonso de Herrera, um padre apaixonado por jardinagem, escreveu o *Libro de Agricultura* (1513), sob o patrocínio do cardeal Francisco Jiménez de Cisneros. A partir da análise da sua biografia e do que o autor discute no seu livro, vamos mostrar que Herrera se trata de um caso híbrido entre o “artesão superior” e o filósofo natural. Adicionalmente, ao focar-se na agronomia, este trabalho ilustra como na Península Ibérica as culturas clássica, cristã e islâmica convergiram.

**Palavras-chave:** Granada, cardeal Cisneros, tratados agronómicos, traduções, circulação de textos.

**Abstract:** In the very particular context of Granada, after it was conquered from the Moors by the Catholic Monarchs, Gabriel Alonso de Herrera, a priest with a passion for gardening,

wrote the *Libro de Agricultura* (1513), under the patronage of Cardinal Francisco Jiménez de Cisneros. From an analysis of his biography and what the author discusses in his book, we will show that Herrera is a hybrid case between a “superior artisan” and a natural philosopher. In addition, by focusing on agronomy, this study illustrates how classical, Christian and Islamic cultures converged in the Iberian Peninsula.

**Keywords:** Granada, cardinal Cisneros, agronomic treatises, translations, circulation of texts.

## Introdução

O castelhano Gabriel Alonso de Herrera (c. 1470-d. de 1539), que era padre por dever, mas *hortelano* por paixão, escreveu um *best seller* — o *Libro de Agricultura* —, publicado em 1513. A fim de melhorar as técnicas agrícolas e a produtividade das terras, sobretudo da diocese de Toledo, o poderoso cardeal D. Francisco Jiménez de Cisneros (1436-1517) encomendou esta obra a Herrera e pediu que fosse escrita em língua vernacular, com o objetivo de instruir os proprietários de quintas. Herrera encontrava-se em Granada, após a sua conquista aos mouros, pelos Reis Católicos, em 1492. Ao mesmo tempo, a Expansão Marítima tinha levado Colombo à América do Norte, e, a partir da Península Ibérica, tinha-se dinamizado a primeira era de globalização, que veio pôr em circulação ideias, conhecimentos, povos, animais e plantas como nunca havia sido observado. Vivia-se na Península Ibérica um Renascimento que cruzava os ventos vindos de Itália e a cultura clássica com o forte legado islâmico de sete séculos de ocupação ibérica e as novidades resultantes da descoberta de novos mundos.

A explosão de livros sobre jardins e horticultura na Idade Moderna começou com traduções e publicações impressas dos autores clássicos. Estas refletem, de diferentes maneiras, o modo como o retorno à natureza foi usado para fortalecer e dar sentido à mudança de relacionamento entre as pessoas e o ambiente natural. A crescente popularidade dos textos sobre agricultura e jardinagem tinha uma origem de foro económico: as baixas rendas e custo do trabalho, a par da subida dos preços dos alimentos de uma população crescente, promoveram a produção agrícola para fins comerciais, passando a ser necessário um maior controlo sobre o modo como as propriedades eram administradas.

Este retorno à agricultura foi acompanhado por um interesse prático na literatura sobre o governo das propriedades.<sup>1</sup>

O *Libro de Agricultura* de Herrera é produto de um mundo que incorpora a defesa da *Santa Agricultura*, os *Studia Humanitatis* e a herança deixada quer pela prática agronómica dos mouros quer pelos *Kutub al-Filāha* (textos de agronomia). Trata-se de um *best-seller*, já que seis edições impressas de um mesmo livro, realizadas em vida do autor, entre 1513 e 1539, em Espanha, constituem um feito extraordinário.<sup>2</sup> Note-se que os caracteres móveis de metal tinham

atingido a perfeição cerca de 1450, em Mainz, tendo-se espalhado por cidades da Europa central nas décadas seguintes e chegado a Espanha apenas em 1474.<sup>3</sup>

Seis edições realizadas em vida do autor, com acrescentos e alterações introduzidas pelo próprio, constituem um caso excecional para

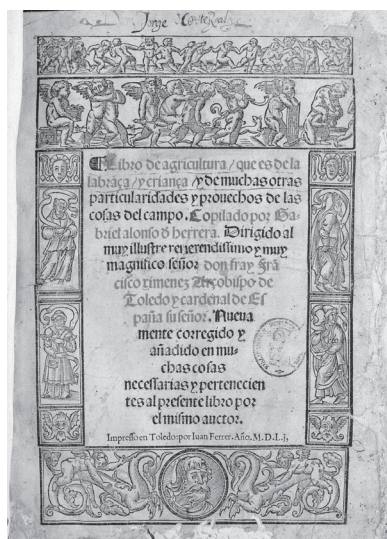


Fig. 1. Gabriel Alonso de Herrera, *Libro de Agricultura*, Toledo: Juan Ferrer, 1553. Livro que pertenceu a D. Jorge Corte-Real. Biblioteca de Évora, Séc. XVI-3590.

1 Joan THIRSK, “Making a fresh Start: Sixteenth-Century Agriculture and the Classical Tradition”, in Michael LESLIE e Timothy RAYLOR (eds.), *Culture and Cultivation in Early Modern England: Writing and the Land*. London, Leicester University Press, 1992, pp. 15-34, esp. 15-16, 19.

2 GABRIEL ALONSO DE HERRERA, *Libro de Agricultura*. Alcalá de Henares, Arnao Guillén de Brocar, 1513. Neste capítulo, por questões operacionais, uma vez que são várias as edições do mesmo livro, citá-lo-emos pelo nome do autor e data (ex.: ALONSO DE HERRERA, 1513). As edições em vida do autor são: Alcalá de Henares, de Arnao Guillén de Brocar, 1513; Toledo, de Arnao Guillén de Brocar, 1520; [Zaragoza, de Jorge Coci], 1524; Alcalá de Henares, de Arnao Guillén de Brocar, 1524; Logrono, de Miguel Deguía, 1528; Alcalá de Henares, de Joan de Brocar, 1539.

3 Eugene F. RICE, Jr. e Anthony GRAFTON, *The Foundations of Early Modern Europe, 1460-1559*, 2.ª ed. New York, London, W. W. Norton & Company, 1994.



analisar a evolução do próprio autor e as suas novas leituras e aprendizagens, mas também da própria história agronómica e até da história do livro. O facto de as várias edições serem todas diferentes entre si suscita alguns problemas acrescidos à investigação, porque implica a comparação constante entre elas.

Mesmo depois da morte de Herrera em 1539, continuaram a surgir novas edições deste livro. Só no século XVI, entre 1557 e 1592, foram publicadas mais seis edições,<sup>4</sup> 12 em castelhano e cinco em italiano.<sup>5</sup> No século XVII, realizou-se mais uma edição em italiano, no ano de 1608, e quatro em castelhano,<sup>6</sup> destacando-se a edição de 1605, por abarcar outras três obras, incluindo o famoso tratado de jardinagem da autoria do jardineiro de Filipe II, Gregorio de Los Rios, *Agricultura de Jardines* (1598), o livro de Niño Jesús, *Pan y Vino* (1600), e o *Tratado de la fertilidade de España y causas da sua esterilidad*. A de 1620 acrescenta ainda outras duas obras — *Arte nuevo para criar seda* (1581), de Gonçalo de las Casas, e o *Tratado de cultivacion y cura de las colmenas*, de Luys Mendez de Torres (1566) — que a completam e tornam competitiva, quando comparada com o tratado francês de Olivier de Serres, publicado em 1600. No século seguinte, foram ainda publicadas outras três edições em castelhano do livro de Herrera.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> As edições publicadas depois da morte de Herrera no século XVI são: Toledo, 1546; Toledo, 1551; Valladolid, 1563; Medina del Campo, 1569; Medina del Campo, 1584; 1598. Encontramo-las elencadas em Mariano QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera: un texto en busca de edición”: *Criticón* 123 (2015), pp. 105-131. DOI:10.4000/criticon.1540.

<sup>5</sup> Tradução realizada por Mambriño Roseo da Fabriano. As edições em italiano do livro de Herrera foram publicadas em: 1557; 1568 e 1577; Veneza: appresso Fabio & Agostin Zoppini fratelli, 1584; 1592.

<sup>6</sup> As edições seiscentistas são: Pamplona, por Mathias Mares, 1605; Madrid, pela viúva de Alonso Martin-Domingo González, 1620; Madrid, por Carlos Sanchez, 1645; Madrid, por Bernardo Herbaba, 1677.

<sup>7</sup> As edições setecentistas de Herrera são: Madrid, por Miguel Escribano, 1768, Madrid, por Francisco Mariano Nipho, 1775; Madrid, por Antonio de Sancha, 1777; Madrid, por José de Urritia, 1790.

Entre 1818 e 1819, surge a única edição com alguma preocupação de esclarecer o conteúdo da obra com recurso a comentários de famosos botânicos da época.<sup>8</sup> Trata-se do primeiro trabalho filológico moderno e, até à data, o mais útil para trabalhos de investigação. Os autores cometeram, no entanto, o erro de considerar que usando a versão de 1546 estavam a basear-se na última edição de Herrera, a de 1539, quando, na verdade, estas versões não são iguais. Portanto, a edição de 1818-1819 inclui alguns acrescentos face à edição de 1539, que já não são de Herrera.<sup>9</sup> A sucessão de edições entre os séculos XVI e XIX indica que o livro teve com toda a certeza uma procura alargada, permitindo-nos visitar o que se pensa sobre o propósito destes tratados e o que se sabe sobre a leitura e os leitores da Idade Moderna.

Desde 1970 foram publicadas oito edições do livro de Herrera, tendo todas elas tomado como base o texto primitivo de 1513, com exceção da edição de 1981, de Eloy Terrón, que utilizou a última edição publicada em vida por Herrera, a de 1539. Por isso, todas as constantes e importantes adições e modificações que Herrera introduziu nas restantes cinco edições publicadas ao

---

8 Gabriel ALONSO DE HERRERA, *Agricultura General de Gabriel Alonso de Herrera, corrigida segun el testo original de la primera edicion publicada en 1513 por el mismo autor, y adicionada por la Real Sociedad Economica Matritense*. Madrid, Imprenta Real, 1818-1819, vol. 1, p. 544; vol. 2, p. 466, vol. 3, p. 655 e vol. 4, p. 361. Os comentários e notas a esta edição são da autoria do agrónomo espanhol Antonio Sandalio de Arias (1773-1839), do jardineiro espanhol Claudio Boutelou y Agraz (1774-1842), do botânico espanhol Simón de Rojas Clemente (1777-1827), de José Elizondo, do médico e botânico espanhol Mariano Lagasca y Segura (1776-1839), do impressor Francisco de Paula Martí Mora (1761-1827), de Francisco Martínez Robles e de Agustín Pascual, editor de *Semanario de Agricultura y Artes dirigido a los Párrocos*. [Esta edição pode ser consultada em <http://bibdigital.rjb.csic.es/spa/Libro.php?Libro=258>].

9 M. QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera: un texto...”, op. cit., p. 114.

longo da sua vida quase nunca foram tidas em conta numa edição moderna.<sup>10</sup>

O *Libro de Agricultura* de Herrera foi o primeiro tratado agronómico escrito numa língua vernacular europeia — o castelhano. Por esta razão, a grande maioria dos historiadores e estudiosos que se dedicaram a este livro fizeram-no por razões linguísticas.<sup>11</sup> Outros autores dedicaram-se à sua análise no contexto da cultura humanística espanhola em que o livro foi produzido.<sup>12</sup> Relativamente ao impacto da obra, sobre o qual ainda não existe nenhum estudo em Espanha, apurou-se a sua circulação em Portugal através do levantamento de todos os exemplares encontrados nas bibliotecas com fundos antigos, assim como dos seus antigos proprietários, e a identificação das edições mais procuradas. No âmbito do estudo alargado da circulação de tratados de agricultura e jardinagem em Portugal, concluiu-se que o livro de Herrera foi o que teve mais sucesso em Portugal.<sup>13</sup>

---

10 Ed. José Urbano Martínez Carreras, Madrid, Atlas, 1970; ed. Eloy Terrón, Madrid, Ministerio de Agricultura y Pesca, 1981, 19882, 1996; Ed. Thomas M. Capuano, Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1995; reeditado por John O'Neill, 1999; Ed. Thomas Glick, Valencia, Valencia Cultural, 1979; Ed. Juan Estevan Arellano, e trad. de Rosa López Gastón, Salt Lake City, Ancient City Press, 2006. Ver a este respeito M. QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera: un texto...”, op. cit., pp. 105-131.

11 Thomas M. CAPUANO, *Texto y concordancias de la “Obra de agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera*. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1995; M. QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera: un texto...”, op. cit., pp. 105-131 e Mariano QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera en el *Diccionario de Autoridades*, o de la en ocasiones complicada relación entre filología y lexicografía”: *Revista de Investigación Lingüística* 20 (2017), pp. 131-156.

12 Consolación BARANDA LETURIO, “Ciencia y humanismo: La “Obra de Agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera (1513)”: *Criticón* 46 (1989), pp. 95-108; Miguel Ángel BLANCO DE LA ROCHA, *Hernando y Gabriel Alonso de Herrera [c. 1460-c. 1540]. Dos humanistas talaveranos*. Ciudad Real, Almud Ediciones de Castilla-La Mancha/Universidad de Castilla-La Mancha/Biblioteca de Castilla-La Mancha, 2010.

13 Sobre a circulação do livro de Herrera em Portugal, ver Ana Duarte RODRIGUES, “O conhecimento teórico ao alcance de arquitetos e Jardineiros em Portugal durante a Idade Moderna”, in Rafael MOREIRA e Ana Duarte RODRIGUES (eds.), *Tratados de Arte em Portugal/Art Treatises in Portugal*. Lisboa, Scribe, 2011, pp. 119-144;

Muito liminarmente, o livro de Herrera já foi abordado sob a perspectiva da história das ciências; os estudiosos restringiram-se a argumentar que se trata de um trabalho científico e a inseri-lo no seio da cultura científica espanhola renascentista.<sup>14</sup> O nosso intuito, porém, com este trabalho é completamente diferente.

Queremos, a partir dos dados biográficos que se conhecem de Herrera e do que o autor contempla no seu livro, nomeadamente através das fontes que cita, contribuir para a discussão dos atores híbridos da Idade Moderna, chamando à colação um *hortelano*, algo que nunca foi feito até agora. Para além disso, este estudo permite mostrar como a agronomia de Granada se tornou uma «zona de abraço mútuo», na medida em que foi um espaço de encontro, convergência e síntese de duas culturas científicas que têm sido estudadas em separado.

Apesar de a historiografia internacional lhe ter dado pouca atenção, com breves referências em obras mais vastas e alguns artigos,<sup>15</sup> trata-se de um livro da maior importância para a história da cultura científica e do conhecimento ibérico em questões agronómicas.

---

Ana Duarte RODRIGUES, “Gardening Knowledge Through the Circulation of Agricultural Treatises in Portugal From the Sixteenth to Eighteenth Centuries”, in Hubertus FISHER, Volker R. REMMERT e Joachim WOLSCHKE-BULMAHN (eds.), *Gardens, Knowledge and the Sciences in the Early Modern Period*. Trends in the History of Science, CHAM, Springer International Publishing, 2016, pp. 305-317; Ana Duarte RODRIGUES, “Sustainable beauty for Algarvean gardens: cross-boundaries solutions between the humanities and the sciences”: *Interdisciplinary Science Reviews* 42.3 (2017), pp. 296-308.

14 Consolación BARANDA LETURIO, “Retórica y discurso científico. La “Obra de Agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera (1513)”, in José ROMERA CASTILLO e Alicia YLLERA FERNÁNDEZ (coords.), *Investigaciones semióticas III*. Vol. I, Madrid, UNED — Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1990, pp. 175-184.

15 James CASEY, *Early Modern Spain: A Social History*. New York, Routledge, 1999; Luis RAMÓN-LACA e Luciano LABAJOS, “500 years of Gabriel Alonso de Herrera’s *Obra de Agricultura*”: *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes* 37.4 (2017), pp. 294-303.

Nas últimas décadas, a história da ciência tem chamado a atenção para práticas e saberes produzidos por atores que não são cientistas e desenvolvidos em locais que não são laboratórios. Os artesãos passaram a estar sob o escrutínio dos historiadores da ciência, no sentido de estes averiguarem como é que o seu saber eminentemente prático contribuiu para a construção de uma epistemologia e, com uma ambição mais lata, que impacto estes saberes teriam tido na Revolução Científica ou no desenvolvimento da ciência moderna. As respostas que resultaram da investigação nas áreas da navegação, metalurgia e cerâmica foram contundentes, não restando qualquer dúvida sobre o seu contributo para o conhecimento do mundo natural num período anterior e em territórios desconsiderados pela Revolução Científica.<sup>16</sup> A nossa proposta é chamar para esta discussão os jardineiros, nos quais incluímos também hortelãos e *hortelanos*. Já mostrámos o como e o porquê de os jardins serem espaços de ciência<sup>17</sup> e, neste capítulo, pretendemos demonstrar que um *hortelano sui generis* faz parte daquela família híbrida de «artesãos superiores», na qual Zinsel já incluiu Mercator, e Henrique Leitão, Pedro Nunes.<sup>18</sup>

Assim, na intersecção entre a história da ciência e a cultura renascentista, propomo-nos analisar quem era este *hortelano* que escreveu um tratado agronómico que veio a revelar-se um *best-seller*, quais as fontes utilizadas por Herrera educado nos *Studia Humanitatis*, o que incorporou, de forma literata e empírica,

---

16 Entre os vários autores que têm trabalhado nesta linha, destacamos Lissa Roberts, Pamela Long, Pamela Smith, Henrique Leitão, Joaquim Alves Gaspar e Matteo Valleriani.

17 Ana Duarte RODRIGUES, “Jardins como Espaços de Ciência, séculos XVI-XVII”, in Antonio SÁNCHEZ, Palmira Fontes da COSTA e Henrique LEITÃO (eds.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*. [Coord. Geral Ana SIMÕES e Maria Paula DIOGO]. Vol. I, Lisboa, CIUHCT/Tinta da China, 2021, pp. 393-416.

18 Henrique LEITÃO e Antonio SÁNCHEZ, “Zinsel’s Thesis, Maritime Culture, and Iberian Science in Early Modern Europe”: *Journal of the History of Ideas* 78.2 (2017), p. 199.

do conhecimento árabe e porque razão o consideramos um ator híbrido, entre a figura de «artesão superior», de Pamela Long, e o filósofo natural.

Por outro lado, pretendemos demonstrar como o tratado de Herrera, escrito depois de este ter estado em Granada, constitui uma peça chave de síntese e convergência das culturas clássica e islâmica num período de encruzilhada no espaço ibérico, revelando o território de Granada, assim como o livro, «zonas de abraço mútuo».<sup>19</sup>

Os estudiosos islâmicos concentraram-se na época de ouro medieval, negligenciando a incorporação e diálogo destes saberes na Idade Moderna e já em contexto cristão. Como resultado, o Oriente tem tido um papel diminuto na história da emergência da ciência moderna. O triunfo da história cultural produziu inadvertidamente linhas divisórias entre culturas locais adjacentes. Como efeito colateral, a história cultural estreitou a narrativa histórica para uma das subculturas, sem identificar o diálogo entre elas. As trocas interculturais, portanto, escaparam ao radar historiográfico. A contrariar esta tendência há que destacar a obra seminal de Hasse, *Success and Suppression*, na medida em que evoca a ambiguidade da receção da cultura islâmica no contexto ibérico cristão, no qual, ao mesmo tempo que se queimava o Corão, se preservava o conhecimento científico produzido pelos árabes.<sup>20</sup> Ao explorar a ponte entre a cultura agronómica latina e a árabe, este capítulo visa estimular uma discussão histórica mais ampla, com implicações de maior alcance: de que modo viaja a ciência e se propaga através das culturas? De que modo as culturas científicas

---

19 Avner BEN-ZAKEN, *Cross-Cultural Scientific Exchanges in the Eastern Mediterranean, 1560-1660*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2010, p. 7.

20 Dag Nikolaus HASSE, *Success and Suppression. Arabic Sciences and Philosophy in the Renaissance*. Harvard University Press, 2016.

comunicam entre si? Que critérios são necessários para a circulação transcultural da filosofia natural?

Esta história contribui decisivamente para o conhecimento que temos da relação entre ciência e técnica, sobre as mudanças ocorridas no âmbito dessa relação no início da modernidade, assim como para o conhecimento do estatuto dos especialistas e dos práticos, colocando a ênfase na Península Ibérica, no período que antecede a Revolução Científica, algo que já foi feito no que respeita a outras áreas do saber, mas não no que se refere à agronomia, que é uma das áreas mais promissoras para o fazermos devido ao cruzamento entre dois mundos: o renascer da cultura clássica e a herança árabe.

## **Os Herrera sob a proteção do cardeal Cisneros**

Gabriel Alonso de Herrera<sup>21</sup> nasceu em Talavera de la Reina, Espanha, cerca de 1470. Era filho do agricultor abastado Lope Alonso de Herrera e de Juana González (m. antes de 1528), tendo três irmãos rapazes mais velhos.<sup>22</sup> A família foi protegida pelo cardeal Cisneros, que ajudou a conduzir os destinos dos quatro irmãos, por razões que ainda se desconhecem.

As notícias sobre os seus pais são parcas. A família não pertencia às elites, mas tudo leva a crer que o pai de Herrera era um proprietário de terras e agricultor abastado. De nome Lope Alonso de Herrera, o seu pai era um agricultor sábio, com o qual Gabriel aprendera as artes da agricultura e horticultura. São várias as vezes que Herrera alude ao pai, relembrando os conselhos que dele recebeu, como «Y este aviso me acuerdo que

---

21 Neste capítulo, vamos identificar o protagonista desta história como Gabriel, para o distinguirmos dos irmãos, que partilham o mesmo apelido.

22 Mariano LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 319.

daba muchas veces Lope Alonso de Herrera mi padre [...]»,<sup>23</sup> ou do que o viu fazer, «Yo vi muchas veces en unos ciruelos que en una huerta de Navalvilla tenía mi señor Lope de Herrera».<sup>24</sup>

Na primeira edição do seu tratado de agricultura, Herrera elogia o pai, mas abstém-se de escrever sobre a mãe. Só na edição de 1528 menciona que a mesma teria falecido por esta altura.<sup>25</sup> Sabe-se que esta teria a seu cargo pequenas tarefas domésticas em torno da casa, ligadas à criação de animais, como galinhas, por exemplo.<sup>26</sup> A função das mulheres na unidade produtiva encontra-se detalhadamente descrita no segundo capítulo do *Libre dels Secrets de Agricultura, Casa Rustica i Pastoril* (1617), de Miquel Agustí. Podemos imaginar que a atividade da mãe de Gabriel seria semelhante à descrita no capítulo dos «Secretos de la condicion, y oficio de la Madre de Familias de la Casa de Campo», em que se inclui tomar conta das galinhas, dos ovos e demais aves.

Quanto aos irmãos de Gabriel Alonso de Herrera — Hernando, Diego e Juan —, as notícias são mais abundantes do que sobre os seus pais, por terem singrado na vida, na órbita do cardeal Cisneros.<sup>27</sup>

Gabriel refere-se muitas vezes ao irmão mais velho — o Doutor Hernando Alonso de Herrera (s.d.-1539) — nas várias

---

23 ALONSO DE HERRERA, 1513, liv. 3, cap. 2. As transcrições são fiéis à fonte primária de onde são extraídas.

24 ALONSO DE HERRERA, 1513, liv. 3, cap. 21, p. 189.

25 ALONSO DE HERRERA, 1528, p. 166.

26 ALONSO DE HERRERA, 1528.

27 Os trechos em latim de Alvar Gomez, escritos em 1581, fazem referência a «Tres frates Talabricae orti sunt Ferrerae nuncupati, ingeniosi sane, et sua quisque eorum arte eruditus» (tradução nossa: «Três irmãos de Talavera eram descendentes do nome Herrera, talentosos e cada um educado em sua própria arte»). Creio que *Ferrerae* deve referir-se a Herrera. Cosme Gomez Tejada de los Reyes, na sua *Historia de Talavera* manuscrita, também se refere aos três irmãos Herrera como «Tres Hermanos Herrerias, naturales de Talavera, florecian em aquel tempo, conocidos por todo el reino por ser excelentes cada uno em sua arte y ministério». M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., pp. 334-335.



edições que elaborou do seu tratado, nomeadamente quando ele morre em 1539: «nominatísimo en toda España y fuera de ella».<sup>28</sup>

Hernando fora discípulo do humanista e filólogo espanhol Antonio de Nebrija (1444-1522), famoso por ser o autor da primeira gramática da língua castelhana e o primeiro professor catedrático de retórica na Universidade de Alcalá de Henares,<sup>29</sup> na qual o cardeal Cisneros era reitor. O facto de Hernando ter começado a sua carreira sob os auspícios de alguém tão reconhecido contribuiu positivamente para o seu sucesso.

Para o filho de um agricultor, chegar a professor universitário constituía uma ascensão social significativa, que se devia ao facto de ser um reconhecido génio universal, «perspicaz, y elocuentissimo»,<sup>30</sup> e de estar sob a protecção do cardeal Cisneros.

Ao longo da sua carreira, Hernando publicou várias obras, mas, infelizmente, os manuscritos não nos chegaram devido a quezílias pessoais com um dos seus colegas. A sua personalidade determinada, corajosa e independente levou-o a criticar Aristóteles, o que lhe trouxe muitos dissabores, especialmente por parte dos Doutores Gil Gonzalez e Bartolomé de Castro, que condenaram ao fogo as obras manuscritas de Hernando.<sup>31</sup>

O segundo irmão de Gabriel fora o bacharel Diego Hernandez de Herrera, que, de acordo com os costumes daquele tempo, poderia ter o nome dos seus avós. Diego era músico organista da igreja de S. Ildefonso de Alcalá.<sup>32</sup> Herrera menciona o irmão no capítulo sobre o alecrim («romero»). Refere que um mouro lhe falou de umas receitas sobre as virtudes do alecrim e que procurava a respetiva tradução para castelhano, pois não compreendia árabe.

---

28 ALONSO DE HERRERA, 1539, p. 102.

29 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 318.

30 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 318.

31 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 318.

32 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 319.

Neste contexto, menciona o seu irmão, «bachiller Diego Hernandez de Herrera»; este, sabendo o quanto aquele tinha pesquisado, enviara-lhe uma tradução.<sup>33</sup> Não se tratava exatamente da que pedira, mas era também da autoria de «um moro grande medico».<sup>34</sup> Várias questões se colocam. A primeira é a qual dos irmãos Gabriel se refere, uma vez que menciona o nome Hernandez? Poderia e seria mais lógico que fosse o seu irmão mais velho, que era professor na universidade e também se chamava Hernandez, e talvez nesta altura tivesse apenas um bacharelado. Por outro lado, chama-lhe Diego, e, por essa razão, o biógrafo de Herrera acredita tratar-se do seu irmão músico, que também se encontrava sob a proteção do cardeal em Alcalá de Henares.<sup>35</sup> Ainda assim, vale a pena especular sobre que livros Herrera ouvira falar e quais teria recebido em tradução. O saber adquirido oralmente teria sido o ponto de partida para procurar as traduções dos textos, que não terão sido fáceis de encontrar. Arriscamos a colocar a hipótese de que teria ouvido falar do texto de Ibn al-Awwam, que inclui um importante capítulo sobre o alecrim e seria o tratado agronómico árabe mais famoso naquela altura. No entanto, este não é diretamente citado por Herrera. A tradução recebida foi com certeza a do médico Ibn Wafid, abundantemente citado no *Libro de Agricultura*.

Teria ainda um outro irmão menos famoso, Juan Alonso de Herrera, capitão de infantaria que acompanhou o cardeal Cisneros na conquista de Orã,<sup>36</sup> cidade no litoral da Argélia, voltada para o Mediterrâneo. Mesmo depois da morte do cardeal Cisneros, continuou no serviço militar, como se deduz do seu pedido de 30

---

33 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 123.

34 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 123.

35 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 319.

36 O pagamento que recebeu em maravedis por esta campanha encontra-se registado nos livros de despesa do cardeal Cisneros. M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 338.

de março de 1518, realizado a partir de Zaragoza. Segundo um documento camarário desta cidade, de 7 de dezembro de 1518, publicado por Lagasca y Segura, Juan de Herrera esteve dez anos como capitão de infantaria ao serviço do cardeal Cisneros, tendo ido para Orã sem qualquer salário ou subsídio. Sendo capitão, deveria ter gente que dele dependia, já que se queixava de ter estado algum tempo na costa de Orã «com su gente». Depois de conquistada a cidade e de o cardeal ter voltado para Espanha, não obstante ter recebido o pagamento do rei, queixa-se de nunca ter recebido qualquer satisfação, ou seja, de não lhe ter sido pago o devido. Ainda assim, o capitão terá continuado ao serviço do cardeal Cisneros, e este tê-lo-á enviado para a Biscaia, no norte de Espanha, e para outras regiões, onde terá gastado muito mais do que o que recebia para a sua manutenção. Jamais terá sido bem pago pelos seus serviços e lamenta não ter estado em Espanha aquando da morte do cardeal para poder reclamar um ajuste destas contas. Pede, por isso, que D. Francisco de Mendonza e o reitor da Universidade de Alcalá lhe possam fazer justiça. Não há qualquer dúvida sobre a veracidade desta história, já que uma entrada nos livros de despesa do cardeal Cisneros indica os valores em maravedis (uma moeda antiga, variedade do dinar almorávida) que se pagaram a um capitão chamado Juan de Herrera, «hermano del su capellan Gabriel de Herrera», pela campanha de Orã e pela da Biscaia.<sup>37</sup>

Gabriel foi para Granada para se tornar padre. Em 1502 é identificado como licenciado e «comensal del Señor Arzobispo».<sup>38</sup> Deve ter ido para Granada depois da conquista dos Reis Católicos, para seguir uma carreira religiosa no círculo do arcebispo de Granada, D. Fernando de Talavera (1428-1507),

---

37 Cópia do original que existe na Secretaria da Real Sociedad Económica, realizada por Josef María Celas y Muñoz em Madrid, a 7 de julho de 1818. M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., pp. 338-339.

38 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 345.

professor de filosofia moral na Universidade de Salamanca, monge da Ordem dos Jerónimos e prior no convento de St.<sup>a</sup> Maria del Prado, perto de Valladolid, e confessor e conselheiro da rainha Isabel, a Católica.

D. Fernando de Talavera sempre teve uma atitude benevolente para com as populações mouras, judias ou conversas. Impediu que a Inquisição se instalasse em Granada durante o seu tempo.<sup>39</sup> Segundo Lagasca, teria fundado em Granada um colégio, onde se formaram os melhores eclesiásticos de então<sup>40</sup>, que se encontrava no seu próprio palácio<sup>41</sup> e que esteve na base do Colégio de S. Cecílio, fundado em 1539. No colégio estava previsto receberem cerca de vinte e cinco mancebos de quinze anos, vivendo em clausura como religiosos. O historiador D. Francisco Bermudez de Pedraza (1585-1655), na sua obra *Antigüedad y excelências de Granada*, refere que cada estudante tinha «su cama y su arca, y mesica y libros».<sup>42</sup>

Gabriel pode ter-se formado neste círculo.<sup>43</sup> Cosme Gomez Tejada de los Reyes (1593-1648) afirma que D. Fernando de Talavera mandou ensinar árabe aos sacerdotes para que se pudessem entender com os mouros, e que ele próprio teria aprendido a língua já com 60 anos. Lagasca considera que Herrera podia ter aprendido árabe aqui,<sup>44</sup> mas não há qualquer prova de que tal tenha acontecido nas seis edições que publicou em vida. Pelo contrário, o próprio

---

39 Mark D. JOHNSTON, “Hernando de Talavera on Conduct: Cultural Hegemony in Post-Conquest Granada”: *Confluencia* 30.3 (2015), pp. 11-22.

40 Segundo Cosme Gomez, cerca de dez bispos e arcebispos, seus familiares, in *Historia de Espana*, p. 241.

41 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 320.

42 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 340.

43 M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 320.

44 A ideia de Lagasca e Segura de que Gabriel Alonso de Herrera poderia ter aprendido árabe no Colégio de S. Cecílio não faz muito sentido, porque a estadia no colégio foi anterior à escrita do livro, por isso, se ele soubesse quando o escreveu, não diria o contrário, nem confessaria que estava à procura de traduções. M. LAGASCA Y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 342.

Herrera confessa que desconhece a língua e procura traduções dos textos em árabe.<sup>45</sup> No entanto, saberia com toda a certeza latim, e no prólogo da edição de 1513 dá a entender que também lê em grego.<sup>46</sup>

LAGASCA y SEGURA coloca a possibilidade de D. Fernando de Talavera ser um familiar dos Alonso de Herrera, o que explicaria não só a proteção que deu a Gabriel em Granada, mas também a assistência do cardeal Cisneros aos irmãos Herrera, que melhor se compreenderia se estes fossem sobrinhos do seu colega de Talavera.<sup>47</sup>

Gabriel foi certamente enviado para Granada pelo cardeal Cisneros, para quem passou a trabalhar depois de formado. Nos cadernos de despesa do cardeal Cisneros, Gabriel é identificado como sendo seu capelão, o que vai ao encontro do cabeçalho do prólogo da edição de 1513, em que diz ser o livro «endereço al ilustre y muy magnifico señor Don Fray Francisco Ximenez Cardenal de España arcobispo de Toledo su señor»<sup>48</sup>. Em 1515, Gabriel era beneficiado da paróquia de S. Miguel de Talavera,<sup>49</sup> mantendo-se sob a proteção do cardeal Cisneros.

---

45 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 123.

46 «No entienda ninguno que digo ser yo el pmer invetor de esta ate de agricultura pues della biuieron oros antepassados y beuimos nos otros y della em griego y em latina y muy singulares libros escritos, mas digo ser yo el primero q em castellano procure poner las reglas y arte dello», ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 2. Dubler afirma que Herrera nunca teria deixado supor que conhecesse grego, o que não é verdade, como vimos no trecho anterior. César E. DUBLER, «Posibles fuentes árabes de la “Agricultura general” de Gabriel Alonso de Herrera»: *Al-Andalus: revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada* 6.1 (1941), p. 138.

47 «Fue amigo de syu pátria: mostrábalo em el amor que tenia á los naturales de Talavera», in M. LAGASCA y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 339.

48 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 2. No entanto, esta entrada do prólogo mantém-se na edição de Zaragoza de 1524, quando o cardeal Cisneros já tinha falecido, e o próprio prólogo manteve-se inalterado, o que já não acontece com outras edições. Na edição de 1528 esta frase de entrada mantém-se, mas acrescenta-se «nuevamente corregido y anãdido em muchas coisas muy necessárias y pertenesciétes al presente libro por el mismo autor», ALONSO DE HERRERA, 1528, capa. O prólogo da edição de 1528 é igual ao de 1513.

49 M. LAGASCA y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 322.

Porém, Gabriel tinha outra paixão — a da agricultura, horticultura e jardinagem. Na *Historia de Talavera* de Álvaro Gomez, Gabriel é apresentado como clérigo presbítero e famoso agricultor, «docto en lo especulativo, experimentado en lo pratico». De Gabriel, Álvaro Gomez diz que era versado na leitura dos escritores de agricultura e, por natureza, inclinado a praticá-la, revelando-se muito hábil na arte geopónica. Segundo este autor, fica-se com a ideia de que Herrera viajou para Itália com o propósito de se informar sobre a prática da agricultura noutras terras, a par da leitura dos melhores autores e textos da Antiguidade.<sup>50</sup>

Trabalhou para os Mendonzas, familiares dos marqueses de Mondéjar, que em 1502 lhe pagaram 17 935 maravedis invertidos. Esta documentação de despesa encontrada por Cayetano Segura no início do século XIX identifica Herrera como sendo um licenciado que tinha aprendido tanto com os mouros que se tornara perito em misturar árvores diferentes umas com as outras, e que, por esta razão, teria sido encarregado de dirigir a plantação de árvores de fruta no *carmen*<sup>51</sup> de Argibillo.<sup>52</sup>

Em 1528, no seu testamento, D. Diego de Raya, proprietário da Huerta de Raya, refere que esta foi cultivada e gerida por Gabriel Alonso de Herrera. Descreve-o como sendo «tão entendido em plantas e árvores», sabendo mais ainda do que os mouros, de tal forma que a sua Huerta de Raya podia ser comparada com as famosas hortas do al-Andaluz, como a Huerta de Muley ou

---

50 «[...] vió el autor para escribirle los mejores autores y escritores de la antigüedad; peregrino em Italia y otras partes, procurando conocer la naturaleza de diferentes tierras, costumbres, artes, curiosidades; escribe como docto, dando sus razones filosóficas». In M. LAGASCA y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 335.

51 Um dos nomes que os espanhóis dão a quintas, tal como *finca*, *granja*.

52 M. LAGASCA y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 345.

mesmo a Huerta de Diego Lopez Abenefara, que ainda assim saía vencedora.<sup>53</sup>

O cardeal Cisneros, sabendo do conhecimento do seu capelão nas questões da agricultura e horticultura, convida-o a escrever um tratado de agricultura em castelhano, para que fosse entendido por agricultores e pudesse contribuir para revitalizar a agricultura, que tinha entrado em decadência com a conquista dos mouros e a partida de muitos deles. Assim, em 1513, foi publicado o *Libro de Agricultura*.

Tudo leva a crer que, para a preparação deste livro, Herrera viajou por várias regiões do seu país e por outros países da Europa, uma vez que logo na primeira edição inclui comparação das práticas agrícolas que terá observado. Deduzimos, por isso, que as viagens se tenham realizado não por motivos que se prendiam com a sua ação como clérigo, mas que tenham sido patrocinadas pelo cardeal Cisneros para a realização do livro. Ao longo do tratado, o autor vai revelando ser conhecedor das práticas agrícolas de Espanha, França, Itália e mesmo da Alemanha. Estabelece comparações tão variadas quanto as seguintes: refere que em Itália, França e Aragão têm o costume de só matar fêmeas quando estas deixam de reproduzir, o que é muito mais salutar do que a prática em Castela;<sup>54</sup> nota que os touros em França e Itália são pequenos quando comparados com os de Castela, Andaluzia e Estremadura;<sup>55</sup> assim como diz que em França e na Alemanha usavam aveia para alimentar os cavalos, bem como outros animais;<sup>56</sup> que na Lombardia fazem farinha com favas com que engordam os bois pouco antes de os matarem;<sup>57</sup> e que em Roma viu fazerem vinagre de variadas maneiras.<sup>58</sup>

---

53 M. LAGASCA y SEGURA, in ALONSO DE HERRERA, 1819, op. cit., p. 345.

54 ALONSO DE HERRERA, 1620, fl. 160v.

55 ALONSO DE HERRERA, 1620, fl. 5.

56 ALONSO DE HERRERA, 1620, fl. 15v.

57 ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 1, cap. XVIII.

58 ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 2, cap. 33.

A observação e recolha empírica de conhecimentos foi praticada por Herrera ao longo de toda a sua vida, primeiro com o seu pai, depois ao longo das viagens que fez, mas sobretudo em Granada, com os mouros, como se depreende das seguintes expressões: «como hazien los moros en Granada»;<sup>59</sup> «como las avia eñl palacio real de Granada y en casa de Generalife»;<sup>60</sup> «y esto vi en Granada que lo amontonavan los moros en lloviado».<sup>61</sup>



Fig. 2. Vista de Alhambra a partir dos jardins do Generalife, Granada. Fotografia da autora, agosto de 2021.

Foi este conhecimento empírico que Herrera cruzou com a vasta cultura literária que teria adquirido, possivelmente, no colégio de D. Fernando de Talavera, mas também devido a uma pesquisa pessoal e procura de traduções para castelhano

---

59 ALONSO DE HERRERA, 1513, liv. II, cap. XIX, «Como se an de guardar las uvas asi verdes como passadas», fl. 38.

60 ALONSO DE HERRERA, 1513, liv. III, cap. XIV, «De los arrayhanes», fl. 66.

61 ALONSO DE HERRERA, 1513, liv. IV, cap. V, «De las maneras del estiercol y tiempos y maneras de estercolar, y como y donde se hã de hazer los lugares para podrir el estiercol», fl. 102v.



de obras agronómicas escritas em árabe, pois não dominava esta língua.<sup>62</sup> O contacto com mouros, de que o próprio Herrera dá testemunho, era de proximidade, o que nos leva a refutar por completo a tese de que ele teria qualquer sentimento anti-mourisco.

Este período oscilou entre a proibição e o colecionismo de livros escritos em árabe, como observou Hasse em *Success and Suppression*.<sup>63</sup> Por um lado, em 1500, é o próprio cardeal Cisneros que, numa campanha para reforçar a conversão ao catolicismo da população muçulmana de Granada, ordenou que todos os livros em árabe da cidade fossem confiscados.<sup>64</sup> Neste contexto, ordenou que o Corão e todos os livros religiosos fossem queimados e que os livros científicos, de medicina e astronomia, fossem enviados para a Universidade de Alcalá de Henares.<sup>65</sup> Por outro lado, em 1504, publicava-se em Granada uma pequena gramática intitulada *Arte para ligeiramente saber la lengua arábiga*, de Pedro de Alcalá.<sup>66</sup>

Ao mesmo tempo que se davam sinais claros à população de Granada que uma nova ordem e uma nova religião vingavam, assistiu-se a um renovado interesse pela língua árabe, aumentando

---

62 Como o próprio relata logo na edição de 1513: «Estando em Granada vi um día ler a un moro especiero que, porque había ido a Jerusalén y a la casa de Meca, los moros lo tenían em mucha veneración y aun muchas veces nos mostraba umas pinturas que él había traído de Jerusalén, y por esto, yo com otros estudiantes mozuelos le íbamos muchas veces a ver; e leyonos allí uma vez em su arábigo unas receptas que el tenía em mucho de la virtude del romero, y había traído de allá; y, porque nosotros no entendíamos aquel language, él, como pudo, que sabía um poco de castellano, nos dio a entender dello. Yo rogue a uno que me lo trasladase em castellano, y dila a uno para que para si se la trasladase, y nunca me la tomó; algo della me queda em la cabeza. Mas el señor bachiller Diego Hernández de Herrera, mi Hermano, sabiendo quanto yo la he pesquisado, me envió outra, que traslado algo diferente de la que yo digo, mas muy poco», ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 123.

63 D. N. HASSE, op. cit.

64 Mercedes GARCÍA-ARENAL e Fernando RODRÍGUEZ MEDIANO, “Sacred History, Sacred Languages: The Question of Arabic in Early Modern Spain”, in Jan LOOP, Alistair HAMILTON e Charles BURNETT, *The teaching and learning of Arabic in Early Modern Europe*. Brill, 2017, p. 136.

65 M. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 136.

66 M. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 137.

consideravelmente o número de traduções e citação de fontes árabes, compra e catalogação de manuscritos árabes e uma tentativa para institucionalizar o ensino do árabe nas universidades europeias.<sup>67</sup> Foi, aliás, na Universidade de Alcalá de Henares que surgiu a primeira cadeira de língua árabe, ensinada por Diego de Urrea, de origem italiana.<sup>68</sup> O cardeal Cisneros, que privava os mouriscos de Granada do acesso ao Corão, reúne na Universidade de Alcalá de Henares um bastião da cultura árabe, não só com a criação de uma cadeira de língua árabe, mas também com a reunião de livros científicos na biblioteca.<sup>69</sup> Esta universidade era, por isso, o lugar ideal para conseguir uma tradução, sobretudo porque o seu irmão era aí professor.

A atitude anti-mourisca de Herrera, como foi apontada por alguns historiadores baseados no facto de, na edição de 1539, o autor ter suprimido uma passagem na qual dizia que em jovem consultava um mouro sobre alguns assuntos, merece uma análise mais complexa.<sup>70</sup> Esta supressão só se pode dever à alteração do contexto depois da conquista de Granada e que se foi agudizando com o tempo, acabando com a expulsão dos mouros. Herrera terá, possivelmente, suprimido essas passagens até para obter novo privilégio real para publicar o livro.<sup>71</sup> Por outro lado, Quirós García já mostrou que outra das situações que levou Baranda Leturio a concluir pela atitude anti-mourisca de Herrera se deveu a um erro editorial. Baranda Leturio achava que o facto de ‘beringela’ aparecer no final do índice alfabético se

---

67 M. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 133.

68 Diego de Urrea tinha ficado cativo no Magreb e tinha trabalhado em missões diplomáticas precisamente depois de ter adquirido o conhecimento da língua árabe. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 136.

69 D. N. HASSE, op. cit.

70 C. BARANDA LETURIO, “Ciencia y Humanismo...”, op. cit., pp. 105-106.

71 M. QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera...”, op. cit., p. 116.

devia a uma discriminação, por este vegetal ter sido introduzido na Ibéria pelos árabes. Baranda tinha consultado a edição de Martínez Carreras (1970), que se baseava na de 1513, mas cuja transcrição tinha passado «verenjenas» para «berenjenas», e só por isso é que parecia que as beringelas estavam mal colocadas no índice organizado por ordem alfabética.<sup>72</sup> Ora, «berenjenas», a palavra correta, ao surgir no final, aparentava ser um erro, mas tal deve-se ao facto de inicialmente a palavra aparecer grafada com «v».

Só mais tarde, no famoso *Index Valdés*, de 1559, foram proibidos todos os textos em árabe. Mas, ao mesmo tempo que os inquisidores queriam eliminar textos islâmicos,<sup>73</sup> o rei criava uma biblioteca no El Escorial, entre 1563 e 1584, que conserva ainda hoje a maior coleção de textos árabes da Europa. Por esta razão, provavelmente, o mais famoso tratado de agricultura produzido no al-Andalus, o de Ibn Al-Awwam, deixou de circular no Renascimento, até que reapareceu no final do século XVIII, na biblioteca do Escorial.<sup>74</sup>

No entanto, durante a vida de Herrera, os contactos entre cristãos e mouros, especialmente na região de Granada, de onde ainda não tinham sido expulsos, pautavam-se pela convivência.

A biografia de Herrera, ainda que muito incompleta, revela alguns dados essenciais para responder às questões que colocámos inicialmente e perceber como um *hortelano* escreve um *best-seller* de agronomia. Como classificar este ator híbrido? Herrera

---

72 M. QUIRÓS GARCÍA, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera...”, op. cit., p. 119-120.

73 A identificação do árabe com o Islão tem raízes muito profundas em Espanha e, por esta razão, alguns autores consideram que só se começou a reimprimir em árabe em Espanha mais tarde do que nos outros países europeus, nos quais não existia esta associação. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 162.

74 Marjorie GRICE-HUTCHINSON, “Some Spanish Contributions to the Early Activities of the Royal Society of London”: *Notes and Records of the Royal Society of London* 42.2 (1988), pp. 123-132; M. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 138-139.

tinha-se iniciado na agronomia com o seu pai, e terá continuado com os mouros, passando a tornar-se um *prático* desta arte. Por outro lado, tinha a *network* certa. Estava juntamente com os seus irmãos sob a proteção do cardeal Cisneros, e um dos seus irmãos era professor numa universidade progressista. Finalmente, tinha sido educado para padre e, portanto, havia estudado latim e as obras clássicas, provavelmente no círculo do bispo Fernando Talavera. Por isso, a análise das suas leituras também se releva essencial para compreender Herrera não só pelas lunetas do «artesão superior», mas também sob a perspetiva da filosofia natural.

## As leituras de Herrera

«Andamos aos ombros de gigantes» não deixa de ser um *cliché*, mas também não deixa de ser verdade. E o mais interessante é que Herrera tem consciência disso. Humildemente intitula o seu trabalho de «Compêndio» por esta mesma razão, porque tem noção que vai buscar conhecimento a tantos outros que escreveram antes dele. A atitude de humildade acabou por ofuscar o quanto de experiência própria e de saber empírico aqui foram incluídos.

Ainda assim, Herrera começa por justificar que, apesar de outros antes dele terem escrito sobre agronomia, ele vai escrever na língua materna — castelhano — e isso nunca ninguém fizera. Como o próprio diz: «poner lo en language que nunca estuuo: es cosa nueva e causa admiracion».<sup>75</sup> Naquela altura não sabia que o seu feito seria muito mais importante, pois era o primeiro da Europa a fazê-lo. Para além disso, vai adaptar este saber ao seu território, pois também tem consciência que o que vale num local

---

75 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 2v.

pode não ser certo para o outro, no que diz respeito à agricultura e horticultura.

Herrera sabe que regiões diferentes têm climas diversos e estão influenciadas de forma distinta pelos astros, e que, por isso, o que é válido para Itália pode não ser para Espanha.<sup>76</sup> Por esta razão, Herrera diz que não se espanta com aqueles que consideram que os camponeses, com o seu saber local, podem ter um conhecimento mais assertivo do que Columela, Plínio, Catão, Paládio ou Varrão: «No me espantan murmuraciones de otros que dicen que mas sabe qualquer rustico labrador en las cosas del campo: que supieron columela/plinio/caton/paladio/y aquel doctissimo marco terencio varron».<sup>77</sup>

Herrera produz algo novo, que era a grande ambição de um humanista, ao mesmo tempo que incorpora todo o saber antigo e as referências clássicas, aliadas à estrutura de pensamento da Igreja da qual era membro, a par de fontes que advêm do local onde se encontrava, Granada, pouco depois da sua conquista aos mouros pelos Reis Católicos. A sua obra encontra-se dividida em seis livros, dedicados ao conhecimento dos solos (Livro I), à cultura das vinhas (Livro II), à cultura das árvores silvestres e de fruto (Livro III), às hortas (Livro IV), à criação de animais de quinta (Livro V) e termina com um almanaque com indicações sobre as tarefas agrícolas a efetuar em cada mês do ano (Livro VI).

Tal como Ann Blair demonstrou, os historiadores da ciência podem compreender melhor as práticas materiais e as trajetórias intelectuais dos filósofos naturais ao analisarem com atenção

---

76 «Por ende reprehenden esta obra algunos que poco miran y calan las cosas, no carecen deste erros alguns letrados que dicen que las reglas de los agricultores que em Ytalia scriuiron: no pertencen a la region de Espana: o por la disconformidad de la tierra/o por la discordância/o de clymas/o de estrelas que de uma manera influyen en unas regiones/y de outra manera obran em otras», in ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 2v.

77 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 2v.

o que eles leram e como leram,<sup>78</sup> metodologia que seguiremos neste trabalho. Pretendemos ainda mostrar que o livro de Herrera contribuiu para a história da leitura de uma forma mais lata, porque revela a receção de certas obras científicas no contexto do Renascimento no sul de Espanha, pois se a leitura ainda é uma das únicas atividades centrais do trabalho científico, nos períodos em que ainda não se tinham desenvolvido a especialização de métodos e disciplinas, ainda mais o era.<sup>79</sup>

As notas impressas nas margens da edição de 1513 dão indicações das fontes que Herrera estava a utilizar,<sup>80</sup> que se estendem desde obras fundamentais dos filósofos gregos, assim como a própria *Bíblia*, a tratados agronómicos. Identificar de forma precisa as fontes usadas no *Libro de Agricultura* revelou-se, no estado atual do conhecimento dos manuscritos e das edições em circulação no sul de Espanha entre o final do século XV e inícios do XVI, tarefa complexa, porque as indicações que Herrera dá sobre as fontes não estão completas, limitam-se ao autor, título e, quando muito, capítulo, mas nada nos diz sobre se consultara a obra em manuscrito ou impressa e de que edição se tratava, ou mesmo se consultara a obra através de uma tradução e em que língua.<sup>81</sup>

Nos séculos XV e XVI assistiu-se a uma explosão de textos sobre jardins e horticultura, como já referimos, que teve início com traduções e edições de autores clássicos. Por exemplo,

---

78 Ann BLAIR, “An Early Modernist’s Perspective”: *Isis* 95.3 (September 2004), pp. 420-430.

79 A. BLAIR, “An Early Modernist’s...”, op. cit., p. 420.

80 Até à edição de 1528, as notas com as referências mantêm-se junto ao texto; depois, agrupam-se todas no início do capítulo (até à edição de 1551), e a partir da edição de 1563 foram eliminadas e substituídas por notas, perdendo-se as referências bibliográficas (Bertha GUTIÉRREZ RODILLA e Mariano QUIRÓS GARCÍA, “La Medicina en el *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera”: *Romance Philology* 71.2 (2017), pp. 451-452).

81 Michèle GOYENS, Pieter de LEEMANS e An SMETS (eds.), *Science translated: Latin and vernacular translations of scientific treatises in medieval Europe*. Leuven, Leuven University Press, 2008.

do texto de Xenofonte sobre o governo da quinta e agricultura, foi publicada em 1508 uma tradução para latim — *Oeconomicus* —, seguindo-se várias outras, até ser publicado em 1532 em inglês.<sup>82</sup>

Assim, entre as fontes citadas por Herrera, contam-se textos bíblicos e de autores do universo medieval cristão, como Isidoro de Sevilha, Santo Agostinho e São Jerónimo, que coloco sob a égide da defesa da *Santa Agricultura*, como a mais honesta das atividades. Resultado da sua educação nos *Studia Humanitatis*, Herrera cita, em alguma das edições publicadas em vida, famosos autores gregos — Hesíodo, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Teofrasto, Galeno, Plutarco, Dioscórides —, assim como textos de autores romanos — Tito Lívio, Catão, Varrão, Virgílio, Columela, Plínio, Paládio, Juvenal, Cícero, Séneca e Macróbio. No entanto, devido às circunstâncias históricas específicas em que Herrera escreveu o seu livro, autores árabes são incluídos, como Ibn Wafid, mencionado como Abencenif, mas também Avicena. Dos autores medievais, destaca-se o mais famoso autor de um tratado agronómico, Pier de Crescenzi.

Algumas das fontes utilizadas por Herrera já mereceram a análise de académicos que investigaram quais as fontes que ele utilizava para fins terapêuticos, concluindo que nenhum outro tratado de agricultura tem tanto dedicado à matéria médica quanto o livro de Herrera.<sup>83</sup>

As obras que mais vezes são citadas por Herrera são, para além de Crescenzi, Plínio, os agrónomos latinos Columela e Paládio e o tratadista muçulmano Ibn Wafid. A soma de todas as fontes usadas por Herrera ronda a meia centena e não é objetivo deste texto abordar todas elas, mas aquelas que foram mais frequentemente citadas por

---

82 Alexander SAMSON, “Introduction ‘Locus amoenus’: gardens and horticulture in the Renaissance”: *Renaissance Studies* 25.1 (2011), pp. 1-23.

83 B. GUTIÉRREZ RODILLA e M. QUIRÓS GARCÍA, op. cit., p. 462.

Herrera e, sempre que possível, identificar qual a edição e/ou tradução a que Herrera teria tido acesso.

## Fontes clássicas

Aristóteles, Teofrasto, Galeno, Plínio, entre tantos outros autores clássicos, são frequentemente citados por Herrera por serem as referências de autoridade máxima do Renascimento, mas também pelo conteúdo sobre o conhecimento do mundo natural que as suas obras continham.

Herrera cita os *Problemata*, de Aristóteles, que constituem um conjunto de quase 900 tópicos de medicina, ciências naturais, matemática, astronomia, ótica, música, questões judiciais e extratos da obra de Teofrasto e de Hipócrates, por «Aristoteles en sus problemas»,<sup>84</sup> enquanto outras obras de Aristóteles surgem com o nome em latim, como *De generatione*, *De animalibus*. Estas breves informações permitem-nos saber que Herrera, tal como a maioria dos intelectuais europeus a investigar qualquer tópico da natureza, aceitaram alguma parte da visão aristotélica da filosofia natural desde que esta foi traduzida para latim cerca de 1200.

O acesso aos textos de Aristóteles ter-se-ia tornado mais fácil a partir do momento em que foi impresso no final do século XV. Desde então, múltiplas edições impressas de *Opera omnia* de Aristóteles circulavam na Europa.<sup>85</sup> Por exemplo, o famoso impressor e editor veneziano Aldo Manúcio (1450-1515) começou a trabalhar no projeto maior de publicar a *Opera graece* de Aristóteles a partir de manuscritos que eram a base da atividade filosófica da Universidade de Pádua. Em 1495, Manúcio publicava uma *Opera omnia* em cinco partes que incluía *De animalibus* (III)

---

<sup>84</sup> ALONSO DE HERRERA, 1513, parte II, cap. 36.

<sup>85</sup> Margaret J. OSLER, *Reconfiguring the World. Nature, God, and Human Understanding from the Middle Ages to Early Modern Europe*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2010.



e *Problemata* (IV), da qual existem 16 exemplares na Biblioteca Nacional de Espanha, que seriam as obras que Herrera teria provavelmente consultado. O *corpus* e os comentários publicados por Manúcio foram tão completos e bem executados que só podem ser comparados aos *Commentaria in Aristotelem Graeca* preparados pela Academia das Ciências de Berlim no século XIX.<sup>86</sup>

O discípulo de Aristóteles, Teofrasto, deu continuidade aos trabalhos sobre a vida e classificação das plantas, sendo normalmente considerado o fundador da Botânica. Só dois dos seus estudos — *As Causas e História das Plantas* — sobreviveram ao tempo, sendo conhecidos como fazendo parte da Escola de Alexandria e tendo entrado na Europa por via da Península Ibérica. Teofrasto descreve cerca de 500 plantas do Mediterrâneo e não só, anotando as características das variedades de árvores, arbustos, plantas herbáceas e cereais, assim como investigando os seus óleos e usos medicinais. As suas obras sobre as características das plantas eram da maior importância para Herrera, que as usou abundantemente, citando-as por «Theo. lib. III. De las causas» ou «Theofrasto. lib. VIII. De la hystoria». Os dois textos foram publicados em latim em 1483<sup>87</sup>, e Herrera deveria ter ao seu alcance alguma destas edições do início da modernidade.

Por volta do ano 60, Dioscórides (séc. I) registou cerca de 650 plantas com propriedades curativas na sua *Materia Medica* — um livro que teria sucesso durante os 1500 anos seguintes. Apesar de ser plausível que soubesse grego, Herrera leu Dioscórides pela sua tradução.<sup>88</sup> Pela edição de 1539, ficamos a saber não só que

---

<sup>86</sup> Charles H. LOHR, “Renaissance Latin translations of the Greek commentaries on Aristotle”, in Jill KRAYE e Martin William Francis STONE (eds.), *Humanism and Early Modern Philosophy*. London e New York, Routledge, 2000, pp. 26-27.

<sup>87</sup> TEOFRASTO, *De historia et causis plantarum*. [S.l.], Bartholomaeus Confalonierus, 1483.

<sup>88</sup> ALONSO DE HERRERA, 1620, fl. 128.

Herrera usou uma tradução de Dioscórides, como também qual delas — a primeira edição bilingue greco-latina, publicada em 1529.<sup>89</sup> Herrera conta que,

El citiso es una yerva q yo no conozco ni creo que la ay en Espana: i a un agora no loa y en la Italia segu dize Marcello Virgilio<sup>90</sup> en la tradució del Dioscorides: dello dize Marco Varon que es saludable a las abejas qndo estan enfermas y dura em flor desde Março hasta Setiembre<sup>91</sup>.

Marcello Virgilio Adriani (1464-1521) deixou uma tradução latina manuscrita da *Materia Medica* de Dioscórides, que se encontrava na Biblioteca dos Medici e que, juntamente com a edição em grego publicada em Florença, em 1518,<sup>92</sup> terá sido a base para a sua edição bilingue que se publicou em 1529. Terá sido esta a edição usada por Herrera e, por isso mesmo, Dioscórides não é citado a partir da fonte nas edições do *Libro de Agricultura* anteriores a 1539. Assim, na edição de 1513,

---

89 Pedânio DIOSCÓRIDES, *Pedacii Dioscoridae Anazarbei, de Medica Materia Libri V*. Coloniae: opera et impensa Ioannis Soteris. [Tradução de Marcello Virgilio], 1529. Cf. Aurora MIGUEL ALONSO, “Las ediciones de la obra de Dioscórides en el siglo XVI. Fuentes textuales e iconográficas”. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/las-ediciones-de-la-obra-de-dioscorides-en-el-siglo-xvi-fuentes-textuales-e-iconograficas-0/html/01e3c7ec-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_5.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/las-ediciones-de-la-obra-de-dioscorides-en-el-siglo-xvi-fuentes-textuales-e-iconograficas-0/html/01e3c7ec-82b2-11df-acc7-002185ce6064_5.html)>. (Consultado em 19.1.2022).

90 Marcello Virgilio Adriani era professor de poética e retórica e chanceler da República de Florença. Deixou uma tradução latina de *Materia Medica* de Dioscórides. P. DIOSCÓRIDES, *Pedacii Dioscoridae*, op. cit. Esta edição foi a primeira edição bilingue greco-latina, realizada a partir de um manuscrito da Biblioteca dos Medici com a tradução latina realizada por Marcello Virgilio Adriani (Laurentinus, 74, 23) e a obra editada em grego, em 1518, em Florença. Cf. A. MIGUEL ALONSO, op. cit. Ver obra Pedânio DIOSCÓRIDES, *Dioskoridés= Dioscorides*. Florença, in aedibus Aldi et Andreae soceri, 1518. BNE, disponível em <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000112954&page=1>>. (Consultada em 19.1.2022). Portanto, a obra a que Herrera poderia ter tido acesso em latim, segundo tradução de Marcello Virgilio Adriani, seria a de 1529, por isso esta informação só pode ter sido acrescentada na edição de 1539.

91 ALONSO DE HERRERA, 1546, fl. 112. Esta edição ainda usa marginalia impressa, mas não refere nada relativamente a esta passagem.

92 P. DIOSCÓRIDES, *Dioskoridés= Dioscorides*, op. cit.

a mesma passagem limita-se a este texto: «El citiso es una yerva que yo no conosco ni creo que la ay en espana. Dello dize Marco Varro que es muy saludable a las avejas quando estan enfermas y dura em flor desde el março hasta Setiembre».<sup>93</sup> Herrera nunca teria tido acesso a uma tradução em castelhano pois esta só foi publicada em 1555,<sup>94</sup> depois de ter sido traduzida pelo médico Andrés de Laguna diretamente a partir do grego.

Plínio-o-Velho (séc. I), com a sua *História Natural* escrita nos anos 70 d.C. e dedicada ao imperador Tito, foi dos autores da Antiguidade com mais impacto no Renascimento, em parte devido às múltiplas edições impressas que dele se fizeram logo no século XV, como, por exemplo, a edição de Parma, de 1476, a de Treviso, de 1479, ou a de Parma, de 1480. Publicadas em latim, qualquer uma destas estaria ao alcance de Herrera, que usou constantemente Plínio como referência. Qualquer busca rápida a uma das edições de Herrera revela que Plínio é citado mais de 90 vezes no *Libro de Agricultura*.

Das fontes clássicas sobre agronomia, destacamos os textos dos agrónomos latinos Catão-o-Velho (234-149 a.C.), Columela (séc. I), Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.) e Paládio (séc. IV), abundantemente citados por Herrera.

Adriaan Verhulst acredita que a literatura agronómica tinha pouca ou nenhuma influência na prática comum agrícola e nas técnicas em geral.<sup>95</sup> Fussel, ao estudar os agrónomos latinos, também se questiona sobre como medir o efeito dessas obras na prática da

---

93 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. 127v.

94 Andrés de LAGUNA, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortiferos, traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substantiales Annotationes, y con las figuras de innumeras plantas exquisitas y raras por el Doctor Andres de Laguna, Medico*. Antuérpia, Juan Latio, 1555.

95 Adriaan VERHULST, “Agrarian revolutions: myth or reality?”: *Sartoniana* 2 (1989), pp. 71-72.

agricultura.<sup>96</sup> No entanto, reconhece que, com o aparecimento dos livros vernáculos no século XVI, a influência dos escritores clássicos pode ser rastreada e ver-se o seu impacto na literatura, mas não na prática agrícola real.<sup>97</sup> George Duby é menos cético quanto à influência destes trabalhos em latim na prática agrícola em geral.<sup>98</sup>

Em 1969, Fussel acreditava que nos séculos XIV e XV não havia cópias dos agrónomos romanos a circular em Espanha, exceto alguns textos impressos das *Bucólicas* de Virgílio e uma das *Geórgicas* nos últimos anos do século XV.<sup>99</sup> Sabe-se atualmente que estava enganado, pois o *De re rustica* de Paládio, o mais amplamente distribuído dos textos latinos em forma de manuscrito,<sup>100</sup> não só circulava na Península Ibérica como foi traduzido para catalão<sup>101</sup> e para castelhano<sup>102</sup> na Idade Média. Destes manuscritos traduzidos existem várias versões em catalão que até rivalizam com a tradução para italiano de cerca de 1340, considerada a mais antiga tradução europeia de Paládio.<sup>103</sup>

Catão, Varrão e especialmente Columela estavam presentes em muitas bibliotecas monásticas durante a Idade Média e

---

96 G. E. FUSSEL, "The Classical Tradition in West-European Farming: The Fourteenth and Fifteenth Centuries": *The Agricultural History Review* 17.1 (1969), p. 5.

97 G. E. FUSSEL, op. cit., pp. 7-8.

98 A. VERHULST, op. cit., p. 72.

99 G. E. FUSSEL, op. cit., p. 4.

100 G. E. FUSSEL, op. cit., p. 1.

101 Ferrer Sayol, membro da Chancelaria Real de Pedro III de Aragão (1319-1387), traduziu a obra *De re rustica*, de Paládio, para catalão, cerca de 1380. Sayol recorreu a uma série de manuscritos medievos, e a sua obra coincide com uma época de expansão demográfica e de desenvolvimento técnico das acéguas e das hortas do Levante, entre 1321 e 1413. Para além deste, foi encontrada, num códice, cópia do século XV, numa coleção particular pertencente a Joseph Gwara. Mas este tratado, segundo Capuano, só pode ser anterior ao de Sayol, ou desconhecê-lo de todo, pois não introduz nenhum dos seus detalhes. A nova tradução para catalão descoberta por Capuano parece não só anteceder a tradução de Sayol como fazer parte de uma escola de literatura técnica que parece ter tido origem na Huerta de Valencia. Thomas M. CAPUANO, "Una nueva version catalana del "opus agriculturae" de Palladius": *Romance Philology* 59.2 (2006), pp. 231-240.

102 T. M. CAPUANO, "Una nueva version catalana...", op. cit., p. 236.

103 T. M. CAPUANO, "Una nueva version catalana...", op. cit., p. 240.

conduziram a experiências em grandes propriedades ou em jardins monásticos.<sup>104</sup> De Columela, existiam vários textos em forma manuscrita nas bibliotecas monásticas da Alemanha, que serviram de base ao primeiro livro agronómico alemão escrito em latim por Konrad Heresbach em 1570.<sup>105</sup> Sabe-se também que Columela foi traduzido para português pelo humanista Fernando Oliveira no século XVI, com muitas anotações e adições ao texto original, mas esta tradução permaneceu em manuscrito.<sup>106</sup>

É verdade que a imprensa foi descoberta no século XV, mas não houve nenhum escritor de agricultura nesta data que aproveitasse este novo processo para escrever um tratado agrícola original em vernáculo e colocá-lo em circulação. O que aconteceu foi que os escritores romanos foram impressos na língua em que foram escritos, aumentando assim a difusão que já conheciam por cópias manuscritas.<sup>107</sup> Assim, na segunda metade do século XV assistiu-se à produção de muitas obras clássicas, entre elas os *Scriptores Rei Rusticae*, impressos pela primeira vez em Veneza em 1470, seguindo-se outras cinco edições até 1500. Enquanto as primeiras edições incluíam só Catão, Varrão e Paládio, as duas edições de 1494 e 1496, intitulavam-se *Opera Agricolationum* e incluíam Columela. Portanto, as obras dos agrónomos latinos estavam acessíveis na forma impressa em latim, mas será que Herrera tinha ao seu dispor as traduções para castelhano que já tinham sido realizadas no século XIV, por exemplo, de Paládio? Pelas indicações que Herrera nos fornece é difícil saber que textos utilizou, pois nas margens da

---

104 A. VERHULST, op. cit., p. 72.

105 A. VERHULST, op. cit., p. 73.

106 Sobre esta tradução, ver A. M. L. ANDRADE e C. MORAIS, “O tratado *De re rustica* de Columella na versão portuguesa de Fernando Oliveira”, in *Fernando Oliveira: Um Humanista Genial*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2009; e a recente edição e estudo desta tradução por Ana María S. TARRÍO, *Fernando Oliveira, Da Agricultura*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

107 G. E. FUSSEL, op. cit., p. 1.

edição de 1513 apenas indica o nome do autor e livro ou capítulo, a título de exemplo: «Caton.cap.vi.»; «Varron lib. i. ca. vi»; «Columella libro primero capitu. Primero»; «Paladio.libro i. cap. v» ou «Paladio en el mês de setembre cap. i».

## As fontes em árabe

Apesar de a quantidade de fontes árabes usadas por Herrera ser pequena, são da maior importância, porque são elas que distinguem este livro dos demais textos de agronomia escritos neste período na Europa e fazem do *Libro de Agricultura* um objeto de estudo crucial para a análise de Granada como uma «zona de abraço mútuo».

É importante salientar que, do conjunto de intelectuais que se coloca sob o chapéu de chuva de ciência árabe, muitos não são árabes. Avicena, Rasis, e Halt Abbas eram persas, e Serapião, Avenzoar, Averróis e Albeitar eram espanhóis, que escreviam em árabe. Aliás, é assim que são citados por Herrera no prólogo da edição de 1539: «de nuestros médicos Españoles, Abencenif, Abenzoar, Avicena de Damasco, em la Syria fue el Musue».<sup>108</sup> Aquilo que os unia era o Islão. O seu interesse na ciência e a sua justificação tinham origem no Corão, segundo o que o profeta tinha dito: «O que comunica o conhecimento assemelha-se ao homem que distribui almas. O que possui conhecimento é sujeito de veneração e amor.»<sup>109</sup>

Relembramos que na Idade Média, enquanto o resto da Europa passava por um período de recessão, as cidades do al-Andaluz cresceram em riqueza e poder. Córdoba tornou-se um centro do conhecimento e atraía intelectuais de todas as partes do mundo, sendo conhecido que a sua biblioteca continha 600 000 volumes, incluindo traduções árabes das obras clássicas de Roma

---

108 ALONSO DE HERRERA, 1539, Prólogo.

109 Leon J. VANDEWIELE, «The Arabics and Science»: *Sartoniana* 2 (1989), pp. 18-19.

e Grécia. Segundo Lois Olson e Helen L. Heddy, a partir do século XI, Espanha estava a produzir a sua própria literatura científica, só comparável com a de Roma.<sup>110</sup>

Na Idade Média, na Península Ibérica produziram-se dez dos vinte e sete tratados agronómicos em árabe, identificados pelo projeto Filaha<sup>111</sup> (<http://www.filaha.org/>). O acesso a estas fontes, ainda que através de traduções, era mais acessível do que noutras regiões da Europa. No entanto, não foi fácil para Herrera citar as fontes árabes, pois não lia árabe e teve de procurar traduções. Tudo leva a crer que só o teria conseguido no caso do texto de Ibn Wafid, como já vimos anteriormente. As notas nas margens da edição de 1513 relativas a Abencenif são diferentes das outras, pois só indica o nome do autor, sem qualquer dado adicional como o título do livro ou o capítulo a que diz respeito a referência. Por estas razões, acreditamos que teve acesso à obra numa versão manuscrita em castelhano.

Herrera cita o tratado de Ibn Wafid de Toledo, também chamado Abencenif, mas dada a posição ocupada em Granada seria quase impossível que não estivesse a par, fosse por ter ouvido falar, fosse por ler os textos ou apenas trechos, de outros dos tratados produzidos por hispano-árabes no al-Andaluz. No território que hoje é Espanha, sobretudo em Granada, Valência e algumas partes de Aragão, no século XVI haveria muitas pessoas que sabiam árabe, sobretudo entre a população originalmente muçulmana, os chamados *moriscos*, supostamente muçulmanos convertidos ao Cristianismo.<sup>112</sup> A comunicação com este grupo da população terá sido possível, e Herrera deverá ter ouvido falar de mais obras e autores e adquirido conhecimentos por esta via. Abenzoar e Mesué da Síria são citados no prólogo

---

110 Lois OLSON e Helen L. EDDY, "Ibn-Al-Awam: A Soil Scientist of Moorish Spain": *Geographical Review* 33.1 (Jan. 1943), p. 100.

111 L. OLSON e H. L. EDDY, op. cit., p. 100.

112 M. GARCÍA-ARENAL e F. RODRÍGUEZ MEDIANO, op. cit., p. 135.

da edição de 1539 como exemplo de médicos espanhóis, mas nunca usados como referência, ao contrário de Ibn Wafid e de Avicena, que são citados desde a edição de 1513, pelo que concluímos que Herrera sabia da sua existência e importância daqueles autores, mas não terá tido acesso direto aos seus livros.

Quanto a Avicena (980-1037), foi o mais famoso médico e biólogo persa, tendo escrito vários livros de biologia e alquimia. Os textos que alcançaram maior notoriedade foram os de medicina, baseados nos estudos de Hipócrates, Galeno e Celso, tendo sido traduzidos para latim no século XII e permanecido como referência incontornável até ao surgimento dos textos do médico inglês William Harvey, no século XVII. Herrera terá tido acesso, sem dúvida, ao livro de Avicena, mas também utiliza o texto árabe de Mesué, traduzido para latim — *Antidotarium sive Grabaddin medicaminum compositorum* — traduzido por Gerardo de Cremona entre 1150 e 1187, e impresso desde 1472.<sup>113</sup>

Dubler já colocara a hipótese de Herrera conhecer a obra de Ibn al-Awwam, considerado por Lois Olson e Helen L. Heddy «um cientista do solo». Quando o tratado agronómico de Ibn al-Awwam foi redescoberto na biblioteca do Escorial no século XVIII, foi avaliado como sendo o melhor de todos os tratados agronómicos medievais.<sup>114</sup> Dubler conclui que Herrera se serviu dos conhecimentos agronómicos de Ibn al-Awwam, porque este foi incorporado na versão vernacular de Abencenif que Herrera usara, mas não existem citações diretas do texto de Ibn al-Awwam.<sup>115</sup> Lois Olson e Helen L. Heddy consideram inclusive que Ibn al-Awwam já deveria ter desaparecido nesta altura, pois não é citado por Herrera, que também não faz qualquer referência ao algodão,

---

113 B. GUTIÉRREZ RODILLA e M. QUIRÓS GARCÍA, op. cit., p. 454.

114 M. GRICE-HUTCHINSON, op. cit., pp. 123-132.

115 C. E. DUBLER, op. cit., pp. 155-156.



arroz e alfarrobeira, que tinham sido largamente abordados por Ibn al-Awwam.<sup>116</sup> Ainda assim, Quirós García considera que os grandes exemplos para a obra de Herrera são o livro de Crescenzi, o *De re rustica* de Columela e o texto de Ibn al-Awwam. Apesar de concordar que Herrera não deve ter conhecido diretamente o texto de Ibn al-Awwam, Quirós García, apoiado em Dubler, salienta em ambos os autores as observações práticas e o carácter de vulgarização.<sup>117</sup>

### **Pier de Crescenzi**

O bolonhês Pietro (ou Pier) de Crescenzi (1233-c. 1320) fez estudos de direito e seguiu a carreira de juiz-conselheiro até se retirar para a sua Villa dell'Olmo, no norte da Itália, onde escreveu o tratado de agricultura *Ruralium commodorum opus* (1305-1307). O tratado compreende um índice extenso e um prólogo, e está dividido em 12 livros que abordam os principais temas inerentes à administração de uma quinta do início do século XIV. Apesar de não termos acesso ao original, pensa-se que foi escrito em latim. O livro conheceu ampla divulgação em forma de manuscrito, estando identificados 172 exemplares,<sup>118</sup> maioritariamente em latim, e cerca de 20% destes iluminados.<sup>119</sup>

A obra *Ruralium commodorum libri XII* foi mais bem recebida do que as anteriores. Isto deve-se ao facto de ter sido impressa em Augsburg, em 1471, e, antes disso, de ter sido traduzida para francês, em 1373, a pedido do rei Charles V (1338-1380), e também para italiano e alemão, ainda no século XV.<sup>120</sup>

---

116 L. OLSON e H. L. EDDY, op. cit., pp. 108-109.

117 B. GUTIÉRREZ RODILLA e M. QUIRÓS GARCÍA, op. cit., pp. 437-466.

118 Ann BLAIR, *The Theater of Nature: Jean Bodin and Renaissance Science*. Princeton, Princeton University Press, 1997, na qual ela aborda a receção erudita e popular do livro de Jean Bodin.

119 Perrine MANE, "L'iconographie des manuscrits du *Traité d'Agriculture* de Pier' de Crescenzi": *Mélanges de l'École française de Rome* 97.2 (1985), pp. 727-818.

120 A. VERHULST, op. cit., p. 72.

Três outras edições latinas apareceram durante o século XV e, pelo menos, mais duas no século XVI. Três versões em italiano foram lançadas no século XV, depois da primeira em 1478, e nove no século XVI. Também surgiram traduções em francês no final do século XV, publicadas em Paris por Antoine Vérard, em 1486, seguidas de outras no século XVI. E até a tradução para alemão do livro de Crescenzi foi impressa logo em 1493. No entanto, não nos é possível saber qual a edição usada por Herrera. Apesar de Pier de Crescenzi aparecer identificado no *Libro de Agricultura* como «Pedro Crecentino», não existiam, neste período, traduções para castelhano impressas, de modo que Crescenzi pode ter sido lido em latim, italiano ou francês.

Crescenzi é amplamente citado por Herrera, especialmente no livro IV do seu *Liber ruralium commodorum*, pois inclui desde a preparação da vindima até à identificação das cepas italianas. Crescenzi tinha tido acesso aos textos geopónicos, compilou os agrónomos antigos e ainda observou os costumes no norte de Itália. Crescenzi usou para este tópico a *Geopónica* de Bizâncio, vasto tratado de economia rural compilado sob Constantino VII (912-959). Este terá chegado a Crescenzi através da tradução parcial que Burgundio de Pise realizou no século XII.<sup>121</sup>

Herrera está constantemente a comparar as fontes, especialmente Columela, Ibn Wafid e Crescenzi.<sup>122</sup> Vejamos, a título de exemplo, os seguintes trechos:

— «El Crecentino/columela/paladio dicen mucho se daña la tierra si muy seca/o muy mojada se arare o cavare.»<sup>123</sup>

---

121 Jean-Louis GAULIN, «Sur le vin au Moyen Âge. Pietro de' Crescenzi le lecteur et utilisateur des Géoponiques traduites par Burgundio de Pise»: *Mélanges de l'Ecole française de Rome* 96.1 (1984), pp. 95-127.

122 Segundo a contabilização que realizámos a partir de um exemplar da edição de 1620, Herrera citou Paládio 42 vezes, Columela 39, Crescenzi 30 e Ibn Wafid 21.

123 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. vv.

— «Dizen estos auctores crecentino/y virgilio/varron/collumella y plinio que la simiente principalmente sea nueva y tal que a um desde la era para sembrar se escoja y aparte. Por que la q de año passa no es tal/ y muy peor la de dos/la de três muy mala: y la que de alli passa es yana del todo y estéril. excepto algunas simientes que por ser viejas son mejores de las quales sdelante diremos».124

— «y dize Paladio y Crecentino y Abencenif, que si se les cae la flor q les hagã um cerco de palomo al troco, y que retendra la flor.»125

— «La simiète para poner sea nueva, que si de quatro anos passa nacen nabos (segun que dize Abencenif y Paladio) y dize el mismo Abencenif, que tornando a sembrar la simiére de aquellos nabos tornaran a nacer coles y aune l Crecentino dize que se guarda hasta diez anos.»126

— «Hanse mucho de estercolar y escardar, y limpiar quando chiquitas que despues ellas ahogan y destruy em toda la yerva, dize Plinio que entre todos los estiercoles no ay outro para las ver ças como el de los anos, y lo mismo dize Abencenif.»127

Herrera compara os vários autores, por vezes, contrapondo-os, mas, a maior parte das vezes, parece procurar a confirmação e o consenso entre os vários especialistas.

## Discussão

Numa sociedade de ordens, a separação entre cabeça e mão foi vital para definir o lugar de cada um na sociedade, dicotomia que se tornou o ponto de partida para *Mindful band*, de Lissa Roberts e

---

124 ALONSO DE HERRERA, 1513, fl. VII.

125 ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 3, cap. 26, fl. 75v.

126 ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 4, cap. 14, fl. 107v.

127 ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 4, cap. 15, fl. 108.

Simon Schaffer.<sup>128</sup> Os trabalhadores da mente, tais como filósofos, cientistas e burocratas defendiam o lugar superior dos seus «saberes» face aos trabalhadores manuais e à sua produção, de tal forma que quando os artistas do Renascimento lutaram pela sua distinção dos artesãos argumentavam que a «arte e una cosa mentale». Esta retórica foi facilmente aceite pela historiografia e cristalizou as dicotomias «académico/artesão, ciência/tecnologia, pura/aplicada e teoria/prática»,<sup>129</sup> que têm vindo a ser postas em causa pela história das ciências e da tecnologia nos últimos anos. Revelaram que imensos atores híbridos e as suas histórias não cabiam em nenhuma dessas categorias. O *hortelano* Gabriel Alonso de Herrera é mais um desses casos. Não é um académico, mas escreveu um tratado de agronomia que se tornou um *best-seller*. Conhecia toda a teoria, mas, na verdade, já era um prático antes de escrever o livro, por isso trata-se de um claro caso de aliança entre conhecimento teórico e empírico. Herrera exercia a profissão de *hortelano* já por volta de 1500, e é nesse contexto de aplicação que reúne e produz o conhecimento que depois expõe no *Libro de Agricultura*. Não se verifica o processo desenhado pela historiografia clássica da ciência — da ciência identificada com o processo de produção de conhecimento, seguindo-se a aplicação do mesmo, que é depois explorado e tornado técnica efetiva.<sup>130</sup>

Na Idade Moderna, o conhecimento era, sobretudo, realizado em contextos de aplicação num regime tanto híbrido quanto interligado. Engenho, saber-fazer e um grupo de capacidades foram-se desenvolvendo em gabinetes e bibliotecas, oficinas e mercados, barcos e armazéns, moinhos e jardins. Herrera é um destes atores

---

128 Lissa ROBERTS, Simon SCHAFFER e Peter DEAR, “Preface”, in Lissa ROBERTS, Simon SCHAFFER e Peter DEAR (eds.), *The Mindful Hand: Inquiry and Invention from the Late Renaissance to Early Industrialization*. Amsterdam, The Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2007, p. XIV.

129 L. ROBERTS, S. SCHAFFER e P. DEAR, op. cit., p. XIV.

130 L. ROBERTS, S. SCHAFFER e P. DEAR, op. cit., p. XVII.

híbridos, que pela leitura se aproxima de um filósofo natural, mas, pela prática, de um «artesão superior», conforme a construção concetual de Pamela Long.

Lissa Roberts e Simon Schaffer também enfatizam que tanto a localização quanto a espacialização contam. É consensual que circulação, troca e redes têm impacto na história da ciência e da tecnologia. Mas o livro de Herrera permite algo mais raro, que é mostrar os laços íntimos entre iniciativas locais e a sua distribuição espacial, representada através de difusão e popularização.

Segundo a historiografia, as culturas europeia e oriental do Mediterrâneo desenvolveram-se ao longo de caminhos separados. O início da história intelectual europeia moderna começou, sem dúvida, com a queda de Constantinopla em 1453, quando textos gregos fluíram para a Europa, dando aos europeus acesso a textos clássicos anteriormente conhecidos apenas por meio de traduções em árabe e hebraico. Ao mesmo tempo, a cultura intelectual islâmica desenvolveu-se ao longo de um caminho divergente. Após o florescimento da tradução medieval da filosofia grega para o árabe, seguiram-se os comentários sobre os textos árabes e depois produção original, nomeadamente sobre agronomia, em grande parte realizada na Península Ibérica, entre os séculos IX e XIV.

Herrera consultou algumas obras na sua versão original, outras através de edições impressas modernas e, ainda, através de traduções. Noutros casos, menciona obras que nunca consultou diretamente, mas soube do seu conteúdo através de citações noutras obras. Por exemplo, o texto de Nicolau Damasco (séc. I) não sobreviveu em grego, mas foi traduzido para o latim no século XII por Alfred de Sareshal a partir de uma versão árabe.<sup>131</sup>

---

131 Linda Ehram VOIGTS, “Plants and Planets: Linking the Vegetable with the Celestial in Late Medieval Texts”, in Peter DENDLE e Alain TOUWAIDE (eds.), *Health and Healing from the Medieval Garden*. Boydell Press, 2008, p. 32.

Esta sua versão latina circulou pela Europa e foi usada por Alberto Magno (c. 1200-1280). Esta obra amplamente lida foi traduzida para vários idiomas vernáculos europeus, tendo sido impressa nove vezes no século XVI e no início do século XVII.<sup>132</sup> A obra em sete livros *De vegetabilibus*, de Alberto Magno,<sup>133</sup> é citada por Herrera, mas uma leitura atenta revela que Herrera não consultou a obra *De vegetabilibus*, e só a conhecia através de fontes secundárias, pois foi a partir da obra de Crescenzi que a citou.<sup>134</sup>

Em línguas modernas leu os livros de António de Nebrija (III, 35) e de Bartholomaeus Anglicus, *Libro de las propiedades* (II, 189; III, 491). Herrera diz-nos que sabia da existência de uma versão vernacular de uma obra latina medieval — a célebre compilação *De proprietatibus rerum*, deste autor: «Y yerra el que traslado de latín en castellano el libro que Bartolomé de Inglaterra compuso de las propiedades, onde disse que las ciruelas damascenas son las que acá llamamos endrinas» (de onde se deduz que conhecia as versões latina e castelhana).<sup>135</sup>

O tratado agronómico provém de uma importante tradição ibérica, ao mesmo tempo que aponta para continuidades importantes em práticas culturais que interligam a sabedoria agronómica islâmica e os contextos ibéricos cristãos de uma forma mais profunda do que a mera coexistência. Herrera realmente observou em primeira mão as práticas de jardinagem dos mouros, e este livro, como no caso de outras práticas e objetos artesanais, apresenta evidências da jardinagem como

---

132 L. E. VOIGTS, op. cit., p. 36.

133 L. E. VOIGTS, op. cit., p. 32.

134 «Dize Alberto Magno (segun alega el Crecentino) que si al tiempo de poner los cuescos quando los pone assi jutos, para que muchos cuescos salga un tronco, ponen a bueltas um cuesco macho para q se hermane com las hébras, que despues la tal palma no aura menester ayuda de otro macho para frutificar.» ALONSO DE HERRERA, 1620, liv. 3, cap. 37, fl. 94.

135 ALONSO DE HERRERA, II, 189. Cf. G. Sarton, *Introduction to the History of Science*, II (1931), p. 587, in DUBLER, p. 141.

um sistema articulado de conhecimento sobre a natureza. A noção de inteligência prática levanta questões fascinantes sobre a possibilidade de especificar o que de local foi incorporado na competência do prático.

A historiografia internacional já se debruçou sobre tratados agronômicos da Idade Média e da Idade Moderna, assim como sobre a problemática da transmissão e circulação de livros impressos e manuscritos.<sup>136</sup> Este trabalho estabelece como as identidades artesanais não se apoiaram exclusivamente no domínio do conhecimento tradicional baseado em habilidades, mas também se relacionaram com outras dimensões teóricas, incorporando os saberes teórico e empírico num livro. Por trás desse processo estava a vocação de um clérigo que se apaixonou pela jardinagem. As suas práticas só se entendem no seio de uma tradição hortícola híbrida islâmica-latina, de acordo com sua própria formação e ambiente profissional.

Nas últimas duas décadas, sociólogos e historiadores da ciência têm argumentado que a confiança deve existir no processo de troca; sugerem que as redes de confiança permitem a disseminação de ideias e práticas científicas. A confiança que une as subculturas científicas é condição essencial para a produção de conhecimento consensualmente aceite. Como foi então possível o diálogo entre profissionais que vivem em períodos de transição e que dificilmente poderiam manter uma conversa porque falam línguas diferentes? Como foi possível construir redes de confiança uma vez que professavam religiões diferentes?

Combinando uma abordagem mais tradicional da história do livro com os fundamentos da produção artesanal de conhecimento a partir da história da ciência, este artigo estende o significado normal

---

136 Entre a vasta bibliografia sobre este tema, destacamos como particularmente útil para este estudo: Michèle GOYENS, Pieter de LEEMANS e An SMETS (eds.), op. cit.

de um «artesão superior», para abranger agendas e ambições mais amplas do praticante. Podemos, portanto, adicionar jardineiros à caracterização de Long dos novos grupos de «artesãos superiores», que incluíam artistas, cirurgiões, fabricantes de instrumentos musicais e científicos, agrimensores e navegadores, à medida que trouxeram de volta novas espécies botânicas, desenvolvendo novas técnicas que foram então aceites na ciência académica ao redor de 1600.

Olhar para as histórias marginais aos grandes centros e aos temas proeminentes da História da Ciência lança uma nova luz sobre a «Revolução Científica». Este caso confirma que a construção da ciência moderna não se baseou exclusivamente nas culturas eruditas e académicas que emanavam dos centros intelectuais tradicionais, mas também devido às trocas interculturais vibrantes e que aconteciam na vida do dia-a-dia nas margens dessas mesmas culturas. O conhecimento produzido e divulgado através do *Libro de Agricultura* resultou de um intercâmbio entre duas culturas científicas diferentes, entre comunidades de muçulmanos e cristãos, vistas como antagónicas, e entre atores de níveis sociais e intelectuais diversos. Granada era, no que respeita à agronomia, uma «zona de abraço mútuo» das culturas clássica e islâmica, e o *Libro de Agricultura* de Herrera, o único livro de agronomia que faz prova dos «abraços» que se deram e como se deram entre ambas as tradições de agricultura e horticultura.



## Referências bibliográficas

- ALONSO DE HERRERA, Gabriel, *Agricultura general de Gabriel Alonso de Herrera, corregida según el testo original de la primera edición publicada en 1513 por el mismo autor, y adicionada por la Real Sociedad Economica Matritense*. Madrid, Imprenta Real, 1818-1819, vol. 1, p. 544; vol. 2, p. 466, vol. 3, p. 655 e vol. 4, p. 361.
- , *Libro de Agricultura*. Alcalá de Henares, Arnao Guillén de Brocar, 1513, 1520, 1524, 1528, 1539. Disponível em <<https://www.bne.es/es/catalogos/biblioteca-digital-hispanica>>.
- ANDRADE, A. M. L. e C. MORAIS, “O tratado *De Re Rustica* de Columela na versão portuguesa de Fernando Oliveira”, in *Fernando Oliveira: Um Humanista Genial*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2009.
- BARANDA LETURIO, Consolación, “Ciencia y humanismo: la “Obra de Agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera (1513)”: *Criticón* 46 (1989), pp. 95-108. Disponível em <[https://cvc.cervantes.es/literatura/criticon/PDF/046/046\\_097.pdf](https://cvc.cervantes.es/literatura/criticon/PDF/046/046_097.pdf)>.
- , “Retórica y discurso científico. La “Obra de Agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera (1513)”, in José ROMERA CASTILLO e Alicia YLLERA FERNÁNDEZ (coords.), *Investigaciones semióticas III*. Vol. I, Madrid, UNED — Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1990, pp. 175-184.
- BEN-ZAKEN, Avner, *Cross-Cultural Scientific Exchanges in the Eastern Mediterranean, 1560-1660*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2010.
- BLAIR, Ann, “An Early Modernist’s Perspective”: *Isis* 95.3 (September 2004), pp. 420-430. DOI:10.1086/428961.
- , *The Theater of Nature: Jean Bodin and Renaissance Science*. Princeton, Princeton University Press, 1997.
- BLANCO DE LA ROCHA, Miguel Ángel, *Hernando y Gabriel Alonso de Herrera [c. 1460 c. 1540]. Dos humanistas talaveranos*. Ciudad Real, Almud Ediciones de Castilla-La Mancha/Universidad de Castilla-La Mancha/Biblioteca de Castilla-La Mancha, 2010.
- CAPUANO, Thomas M., “Una nueva versión catalana del “opus agriculturae” de Pallaadius”: *Romance Philology* 59.2 (2006), pp. 231-240.
- , *Texto y concordancias de la “Obra de agricultura” de Gabriel Alonso de Herrera*. Madison, Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1995.
- CARABAZA BRAVO, Julia M<sup>a</sup>; Expiración GARCÍA SÁNCHEZ; J. Esteban HERNÁNDEZ BERMEJO e Alfonso JIMÉNEZ RAMIRÉZ, *Árboles y arbustos en al-Andalus*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2004.
- CARTAÑA I. PINÉN, Jordi, “Agronomía y geopenia [sic]”, in Manuel SILVA SUÁREZ (ed.), *Técnica e ingeniería en España I: El Renacimiento. De la técnica imperial y la popular*. Zaragoza, Real Academia de Ingeniería/Institución «Fernando el Católico»/Prensas Universitarias, 2008, pp. 593-638. [2.<sup>a</sup> ed. corregida y aumentada.]
- CASEY, James, *Early Modern Spain: A Social History*. New York, Routledge, 1999.
- CHARTIER, Roger, “Lecturas y lectores “populares” desde el Renacimiento hasta la época clásica”, in Guglielmo CAVALLO, Roger CHARTIER e Robert BONFIL (coords.), *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid, Santillana/Taurus, 1997, pp. 413-434.

- CUADRADO ROMERO, Cipriano, "Introducción", In Ibn Wāfid, *Tratado de Agricultura: traducción castellana* (Ms. s. XIV). Málaga, Universidad de Málaga, 1997, pp. 13-65.
- DIOSCÓRIDES, Pedânio, *Dioskoridés= Dioscorides*, Florença, in aedibus Aldi et Andreae soceri, 1518. BNE, disponível em <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000112954&page=1>>. (Consultada em 19.01.2022).
- , *Pedacii Dioscoridae Anazarbei, de Medica Materia Libri V. Coloniae, opera et impensa Ioannis Soteris*. [tradução de Marcello Virgilio], 1529.
- DUBLER, César E., "Posibles fuentes árabes de la "Agricultura general" de Gabriel Alonso de Herrera": *Al-Andalus: revista de las Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada* 6.1 (1941), pp. 135-156.
- FRADEJAS LEBRERO, José, "Dolor de España en Gabriel Alonso de Herrera", in *Estudios sobre el Siglo de Oro: homenaje al profesor Francisco Yndurain*. Madrid, Editora Nacional, 1984, pp. 229-244.
- FRENK ALATORRE, Margit, "Lectores y oidores. La difusión oral de la literatura en el Siglo de Oro", in Giuseppe BELLINI (ed.), *Actas del Séptimo Congreso Internacional de Hispanistas*. Roma, Bulzoni, 1982, pp. 101-123.
- FUSSEL, G. E., "The Classical Tradition in West-European Farming: The Fourteenth and Fifteenth Centuries": *The Agricultural History Review* 17.1 (1969), pp. 1-8.
- GARCÍA-ARENAL, Mercedes e Fernando RODRÍGUEZ MEDIANO, "Sacred History, Sacred Languages: The Question of Arabic in Early Modern Spain", in Jan LOOP, Alistair HAMILTON e Charles BURNETT, *The Teaching and Learning of Arabic in Early Modern Europe*. Brill, 2017, pp. 133-162.
- GAULIN, Jean-Louis, "Sur le vin au Moyen Âge. Pietro de' Crescenzi le lecteur et utilisateur des Géoponiques traduites par Burgundio de Pise": *Mélanges de l'École française de Rome* 96.1 (1984), pp. 95-127.
- GLICK, Thomas, "Agronomía y medio ambiente en la *Obra de agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera", in Gabriel ALONSO DE HERRERA, *Obra de agricultura (Alcalá, Arnao Guillén de Brocar, 1513)*. Valencia, Valencia Cultural, 1979, pp. 13-49.
- GOYENS, Michèle, Pieter de LEEMANS e An SMETS (eds.), *Science translated: Latin and vernacular translations of scientific treatises in medieval Europe*. Leuven, Leuven University Press, 2008.
- GRICE-HUTCHINSON, Marjorie, "Some Spanish Contributions to the Early Activities of the Royal Society of London": *Notes and Records of the Royal Society of London* 42.2 (1988), pp. 123-132.
- GUTIÉRREZ RODILLA, Bertha e Mariano QUIRÓS GARCÍA, La Medicina en el *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera": *Romance Philology* 71.2 (2017), pp. 437-466.
- HASSE, Dag Nikolaus, *Success and Suppression. Arabic Sciences and Philosophy in the Renaissance*. Harvard University Press, 2016.
- JOHNSTON, Mark David, "Hernando de Talavera on Conduct: Cultural Hegemony in Post-Conquest Granada": *Confluencia: Revista Hispánica de Cultura y Literatura* 30.3 (2015), pp. 11-22.
- LAGUNA, Andrés de, *Pedacio Dioscorides Anazarbeo, acerca de la materia medicinal, y de los venenos mortíferos, traducido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substanciales Annotaciones, y con las figuras de innumerables*

- plantas exquisitas y raras por el Doctor Andres de Laguna, Medico*. Antuérpia, Juan Latio, 1555.
- LEITÃO, Henrique e Antonio SÁNCHEZ, “Zilsel’s Thesis, Maritime Culture, and Iberian Science in Early Modern Europe”: *Journal of the History of Ideas* 78.2 (2017), pp. 191-210. DOI:10.1353/jhi.2017.0010.
- LOHR, Charles, “Renaissance Latin translations of the Greek commentaries on Aristotle”, in Jill KRAYE e Martin STONE (eds.), *Humanism and Early Modern Philosophy*. London e New York, Routledge, 2000, pp. 24-40.
- LONG, Pamela, *Artisan/Practitioners and the Rise of the New Sciences, 1400-1600*. Oregon, Oregon State University Press, 2011.
- MANE, Perrine, “L’iconographie des manuscrits du *Traité d’agriculture* de Pier’ de Crescenzi”: *Mélanges de l’École française de Rome* 97.2 (1985), pp. 727-818.
- MIGUEL ALONSO, Aurora, “Las ediciones de la obra de Dioscórides en el siglo XVI. Fuentes textuales e iconográficas”. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/las-ediciones-de-la-obra-de-dioscrides-en-el-siglo-xvi-fuentes-textuales-e-iconogrificas-0/html/01e3c7ec-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_5.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/las-ediciones-de-la-obra-de-dioscrides-en-el-siglo-xvi-fuentes-textuales-e-iconogrificas-0/html/01e3c7ec-82b2-11df-acc7-002185ce6064_5.html)>. (Consultado em 19.01.2022).
- OLSON, Lois, e Helen L. EDDY, “Ibn-Al-Awam: A Soil Scientist of Moorish Spain”: *Geographical Review* 33.1 (Jan. 1943), pp. 100-109.
- OSLER, Margaret J., *Reconfiguring the World. Nature, God, and Human Understanding from the Middle Ages to Early Modern Europe*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2010.
- QUIRÓS GARCÍA, Mariano, “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera en el *Diccionario de Autoridades*, o de la en ocasiones complicada relación entre filología y lexicografía”: *Revista de Investigación Lingüística* 20.1 (2017), pp. 131-156.
- , “El *Libro de Agricultura* de Gabriel Alonso de Herrera: un texto em busca de edición”: *Criticón* 123 (2015), pp. 105-131. DOI:10.4000/criticon.1540.
- RAMÓN-LACA, Luis e Luciano LABAJOS, “500 years of Gabriel Alonso de Herrera’s *Obra de Agricultura*”: *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes* 37.4 (2017), pp. 294-303.
- RICE, Eugene F. Jr. e Anthony GRAFTON, *The Foundations of Early Modern Europe, 1460-1559*, 2.<sup>a</sup> ed., New York, London, W. W. Norton & Company, 1994.
- ROBERTS, Lissa, Simon SCHAFFER e Peter DEAR (eds.), “Preface”, in Lissa ROBERTS, Simon SCHAFFER e Peter DEAR (eds.), *The Mindful Hand: Inquiry and Invention from the Late Renaissance to Early Industrialization*. Amsterdam, The Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2007, pp. XIV-XVII.
- RODRIGUES, Ana Duarte, “Gardening Knowledge Through the Circulation of Agricultural Treatises in Portugal From the Sixteenth to Eighteenth Centuries”, in Hubertus FISCHER, Volker R. REMMERT e Joachim WOLSCHKE-BULMAHN (eds.), *Gardens, Knowledge and the Sciences in the Early Modern Period. Trends in the History of Science*, CHAM, Springer International Publishing Switzerland, 2016, pp. 305-317.
- , “Jardins como Espaços de Ciência, séculos XVI-XVII”, in Antonio SÁNCHEZ, Palmira Fontes da COSTA e Henrique LEITÃO (eds.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*. [Coord. Geral Ana SIMÕES and Maria Paula DIOGO]. Vol. I, Lisboa, CIUHCT/Tinta da China, 2021, pp. 393-416.

- , O conhecimento teórico ao alcance de arquitetos e Jardineiros em Portugal durante a Idade Moderna”, in Rafael MOREIRA e Ana Duarte RODRIGUES (eds.), *Tratados de Arte em Portugal/Art Treatises in Portugal*. Lisboa, Scribe, 2011, pp. 119-144.
- , “Sustainable beauty for Algarvean gardens: cross-boundaries solutions between the humanities and the sciences”: *Interdisciplinary Science Reviews* 42.3 (2017), pp. 296-308. DOI:10.1080/03080188.2017.1345075.
- SAMSON, Alexander, “Introduction ‘Locus amoenus’: gardens and horticulture in the Renaissance”: *Renaissance Studies* 25.1 (2011), pp. 1-23.
- SAN MARTÍN, Adolfo Bonilla e ALONSO de HERRERA, Hernando, “Un antiaristotélico del Renacimiento. Hernando Alonso de Herrera y su “Breve disputa de ocho levadas contra Aristótil y sus secuaces”: *Revue hispanique: recueil consacré à l'étude des langues, des littératures et de l'histoire des pays castillans, catalans et portugais* 50.117 (1920), pp. 61–197.
- TARRÍO, Ana María S., *Fernando Oliveira, Da Agricultura*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.
- TEOFRASTO, *De historia et causis plantarum*. [S.], Bartholomaeus Confalonierus, 1483.
- THIRSK, Joan, “Making a fresh Start: Sixteenth-Century Agriculture and the Classical Tradition”, in Michael LESLIE e Timothy RAYLOR (eds.), *Culture and Cultivation in Early Modern England: Writing and the Land*. London, Leicester University Press, 1992, pp. 15-34.
- VANDEWIELE, Leon J., “The Arabics and Science”: *Sartonia* 2 (1989), pp. 18-19.
- VERHULST, Adriaan, “Agrarian revolutions: myth or reality?”: *Sartonia* 2 (1989), pp. 71-95.
- VOIGTS, Linda Ehrsam, “Plants and Planets: Linking the Vegetable with the Celestial in Late Medieval Texts”, in Peter DENDLE e Alain TOUWAIDE (eds.), *Health and healing from the medieval garden*. Boydell Press, 2008, pp. 29-46.

**TIPOGRAFIA E ARTES DO LIVRO  
NAS ESTANTES BENEDITINAS<sup>1</sup>**

**TYPOGRAPHY AND BOOK ARTS  
ON BENEDICTINE BOOKSHELVES**

*Ana Isabel Libano Monteiro*

Biblioteca Nacional de Portugal

Serviço de Atividades Culturais e Comunicação

analibano@gmail.com

**Resumo:** O artigo aborda títulos e autores existentes na opulenta biblioteca do Mosteiro de Tibães, Casa-Mãe da Ordem de São Bento em Portugal, que ilustram o conhecimento da arte do livro e da edição em Portugal e além-fronteiras. Beneficiando dos avanços no sistema taxonómico do saber universal de então, os eruditos beneditinos tinham à consulta obras de referência sobre grafia, ilustração do livro, colecionismo e técnicas de conservação. Manuais antigos e modernos de caligrafia e fabrico do papel eram indispensáveis às tarefas do cronista, do bibliotecário, do procurador e dos instrutores de diferentes ofícios.

**Palavras-chave:** livro antigo em Portugal, tipografia, história da edição, manuais de caligrafia portuguesas.

---

1 Não obstante este texto ter sido convertido, devido a critérios editoriais, para o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), a autora não adota o referido Acordo. Agradeço aos Professores António Andrade e Cristina Carrington o convite para integrar o VI Ciclo de Conferências «Do Manuscrito ao Livro Impresso e Eletrónico», em boa hora promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, permitindo contributos diferenciados para o conhecimento da história do livro e da edição em Portugal.

**Abstract:** The article discusses titles and authors from the opulent library of the Monastery of Tibães, the Mother House of the Order of St. Benedict in Portugal, which illustrate the knowledge of the art of books and publishing in Portugal and beyond its borders. Benefiting from advances in the taxonomic system of universal knowledge at that time, Benedictine scholars had reference works on spelling, book illustration, collecting and conservation techniques to consult. Ancient and modern manuals on calligraphy and paper manufacturing were indispensable to the tasks of the chronicler, librarian, procurator and instructors of different trades.

**Keywords:** Portuguese old book, typography, history of edition, Portuguese calligraphy manuals.

## Introdução

O antigo Mosteiro de S. Martinho de Tibães (Braga) — Casa-Mãe da Ordem de São Bento em Portugal, fundado por carta de Couto de D. Henrique e D. Teresa em 1110 — detinha, à data da extinção (1834), opulenta biblioteca que servia a comunidade e todos os que a ela recorriam. O acervo tem sido objeto de estudos diversificados pela riqueza e variedade dos fundos, revelando um dinamismo incessante por parte dos seus organizadores e agentes até ao encerramento. Assim o testemunha o Índice existente no Arquivo Distrital de Braga (ADB),<sup>2</sup> elaborado por Frei Francisco de São Luís (1760-1840), então Secretário da Congregação e, mais tarde, Cardeal Saraiva de Lisboa.

Ocupam-nos, por agora, alguns títulos e autores que sirvam para um conhecimento da arte do livro e da edição em Portugal e além-fronteiras. Beneficiando dos avanços no sistema taxonómico do saber universal de então, o erudito beneditino arrumou na estante das «Artes liberais e mecânicas» (Classe n.º 3) alguns manuais de edição e grafia. A organização das grandes bibliotecas tinha-se vindo a aprimorar desde o século XVII, para comodidade de leitores e curiosos: o espaço e o método, decisivos para a localização das obras, agilizavam a procura frutífera dos milhares de obras à consulta. Não estranhamos, pois, que existisse a *Bibliographie instructive* ou *Traité de la connoissance [sic] des livres rares et singuliers* de Guillaume-François De Bure (Paris, 1731-1782),<sup>3</sup> no núcleo da «Poligrafia, História Literária e Bibliografia», que ocupava a Classe n.º 6 daquela biblioteca. Este sector albergava

---

2 ADB — UM, *Index da Livraria do Mosteiro de S. Martinho de Tibães*, 1798, cota: Ms. 950.

3 Livreiro francês e bibliófilo prestigiado da cidade das Luzes, cuja obra foi decisiva para a organização das bibliotecas do tempo, sendo, com outros, referência obrigatória no mercado e comércio livreiros. A coleção adquirida pelos monges — publicada entre 1763 e 1769 — consta de nove volumes, editados pelo próprio, que se designa como «Libraire de Paris» com a chancela da «Approbation & privilège du Roi».

coleções indiferenciadas, gazetas, miscelâneas, catálogos de bibliotecas, jornais enciclopédicos e outros periódicos, incluindo estrangeiros. Destaque merecem as *Acta Eruditorum*, publicadas em Leipzig desde 1682, que divulgavam, com rigor, a produção tipográfica dos prelos europeus de então, os avanços nas ciências, os movimentos do pensamento filosófico e teológico e as novidades literárias das academias.

### **Manuais antigos e modernos**

A estrear o primeiro tomo da sua extensa bibliografia, que assume como *Traité* — à boa maneira das *Luzes* —, De Bure faz questão de referir que oferece um catálogo metódico, aspirando a cobrir «les livres rares et singuliers de tout genre» que foram sendo publicados na «République des Lettres», desde a invenção da imprensa até aos nossos dias: com notas sobre as diferenças e a raridade das edições, apreciação atualizada das espécies contempladas e método adequado para distinguir as edições originais das contrafações. Aliás, o curioso, o comerciante e o amante dos livros poderiam ainda encontrar ali informação específica sobre a origem tipográfica dos mesmos e o estado das coleções, de forma a identificar exemplares — eventualmente mutilados ou imperfeitos — que se encontrassem no mercado, protegendo assim o interessado e propiciando a «ferramenta» adequada à localização de obras completas e em bom estado.

Era, no pleno sentido do termo, um verdadeiro manual, disposto por ordem de matérias e faculdades, seguindo o sistema bibliográfico usualmente adotado: com Tábua de autores e classes, acrescido de bibliografia seleta. No prefácio ao tomo da «Jurisprudence et des Sciences et Arts», De Bure não poupa o «bibliothécaire de Sainte Geneviève», que tinha «sacudido» o seu *Traité*, apelidando-o de generalista, pouco cuidado e incompleto. Com efeito, primeiro



anonimamente, mas depois às claras, o Père Mercier ia publicando recensões em boletins, sensíveis aos conhecedores do mercado livreiro: *Journal de Trévoux*, *Journal des Savants*, *L'Année Littéraire de Mr. Fréron*. Mas De Bure desmascara-o, bem como a outro crítico da sua obra,<sup>4</sup> reafirmando a utilidade da *Bibliographie*, e, em boa hora, edita o *Supplément* (1769), que a enriquece, esclarecendo algum público indeciso.

Outros manuais de mestres experientes na caligrafia se encontravam à consulta nas estantes: a *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar* (Fig. 1), oferecida à Augusta Majestade do Senhor Dom João V, rei de Portugal, de Manuel de Andrade de Figueiredo, é exemplo do avanço da arte tipográfica nos prelos de Lisboa. A obra, de 1722, viu a luz na «Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, impressor do Sereníssimo Senhor Infante», conforme a folha de rosto. O autor nascera no Brasil, em 1673, sendo seu pai capitão-mor na região do Espírito Santo. Regressada a família a Portugal, surge na Corte como mestre das primeiras letras, ensinando «os principais da fidalguia» lusitana. Assim o atestam os encómios que precedem o capítulo I. Aliás, na dedicatória ao patrono — D. João V — Manuel Andrade elogia o rei como «aplicado discípulo da arte de escrever», merecedor da gratidão de todos, pois em seu reinado se criara a «primeira escola pública de ler e escrever», sustentando ainda que havia sido o «amor à Pátria» do calígrafo o motivo alegado para a feitura do livro. A «Nova Escola» foi bem recebida nas Academias e inaugurou a

---

<sup>4</sup> A controvérsia vem registada pelo próprio autor no «Avertissement au sujet de différentes critiques qui ont paru sur le premier volume de cet ouvrage», 1764, pp. I-VIII. Tratava-se de Mr. Fournier, le Jeune, conhecedor das artes tipográficas, que contesta De Bure quanto à antiguidade da impressão da *Bible Latine* — entre 1450 e 1455, em Mayence, em contraponto com outra existente na biblioteca do Rei de França, sem data — e quanto ao tipo de caracteres utilizados no *Speculum Humanae Salvationis* e no *Psautier*, os quais advoga serem de madeira esculpida e móveis e não «de fonte».

«letra caligráfica portuguesa», só destronada no reinado seguinte pelos modelos franceses e ingleses. Acumulando a mestria do autor, considerado por alguns como dos primeiros pedagogos modernos, a obra — primorosamente apresentada com desenhos explicativos e pertinentes sugestões ergonómicas, ainda hoje úteis no que respeita à postura do braço e da mão da criança ou de qualquer aprendiz — divide-se em quatro tratados: o primeiro ensina a língua com o objetivo de ler e escrever perfeitamente o português; o segundo apresenta os diversos caracteres e tipos de letra; o terceiro fornece as regras da ortografia portuguesa e o quarto, as noções básicas de aritmética. O Magnânimo conhecia bem e alentava a arte tipográfica: instalou prelos no Paço, requisitando material dos Países Baixos e contratando gravadores, encadernadores e douradores:

Memoria do que Sua Majestade ordena que de Holanda se remeta para a impressão da Academia Real. Deve-se procurar em primeiro lugar um abridor de buril e, se puder ser, saiba também abrir em pau [ou seja, em madeira]. É também necessário outro oficial que saiba tirar as Estampas e temperar tinta. Deve-se mandar da letra em que chamamos em português Athanazia, a quantidade que basta para se imprimirem ao mesmo tempo oito folhas daquela a que chamam os impressores redondo, e para se imprimirem também do mesmo modo, ao mesmo tempo, três folhas desta mesma espécie da letra Athanazia a que chamam cursiva. [...] Necessita-se também de abecedário de letras a que chamam de dois pontos de todas as espécies referidas. Para se imprimirem, digo, encadernarem os livros se necessitam de peles de bezerro, e de pergaminho de bezerro. Ferros para os lombos e seixas dos livros e as mais rodas necessárias. Armas reais para

todas as formas de livros e algumas tarjas e cantos. Pastas e papéis de cor a que chamam “nabre” para as guardas dos livros.<sup>5</sup>

Nada ficava ao acaso, para assegurar o esplendor reclamado pelo rei, aliás, característico das obras monumentais do Período Joanino.

Não inferior e com propósito acrescido, porque paleográfico, existia o título ousado da *Escuela de leer letras cursivas antiguas y modernas desde la entrada de los godos en España hasta nuestros tempos* (Fig. 2), de Andrés Merino de Jesucristo (1733-1787), publicado em Madrid por «D. Juan Antonio Lozano, impresor de Su Majestad», em 1780. O autor, esculápio, originário de Castela, assegura esta edição imponente, graças a mais de 600 subscritores. Encabeçados pelo rei (Carlos III) e infantes, que receberiam 12 exemplares cada, figuram os grandes de Espanha, numerosos familiares do Santo Ofício, funcionários da Corte e da administração pública, a Real Academia de la Historia, bibliotecas de mosteiros, reitores de colégios universitários, eclesiásticos e gente comum, bem como todas as Escuelas Pias do Reino, solidárias do projeto liderado por um membro da sua fraternidade. Também constam, no mesmo propósito, algumas mulheres: senhoras marquesas de Tejada e de Camara, Condessa de Ricla, D. Josefa de Caro, baronesa de Cheste, Condessa de Villaminaya e D. Josefa Morales. Todos reconheciam este trabalho pioneiro do religioso humanista, gravador, calígrafo e arabista, que merecia ser patrocinado e se distinguira pelos estudos científicos e de cariz didático.

Com efeito, a obra — notável pelos comentários eruditos e pela mestria do desenho — não encontraria par, segundo o paleógrafo Mariano Muñoz y Rivera, até finais do século XIX. Dela constam «Escrituras antiguas portuguesas», reproduzidas nas «Lâminas

---

<sup>5</sup> Carlos Alberto FERREIRA, *A livraria real portuguesa. Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1958, p. 8.

49 e 50», com a respetiva transcrição de exemplares datados — entre 1442 e 1547 — e das «Reflexiones» do renomado polígrafo, particularmente interessantes para a história da edição ibérica.<sup>6</sup>

## O fabrico do papel

Também presente o tratado francês, *L'Art de faire le papier* (Fig. 3) de Mr. Jérôme de Lalande, que integrava a notável coleção das *Descriptions des arts et métiers, faites ou approuvées par Messieurs de l'Académie Royale des Sciences* (Fig. 4), cujo prefácio censura alguns artífices que tinham querido sonegar, até aquela altura, ao estrangeiro, os segredos da sua arte, lesando o interesse do cidadão comum, da Nação e do progresso das Artes a favor de toda a Humanidade. A academia francesa propôs-se, desta forma, cruzar a experiência dos operários, a ciência dos sábios e a mestria dos artistas, evitando a mediocridade e o atraso da «routine aveugle» que ainda atingia os ateliês dos artesãos e das oficinas, agilizando circuitos e aplanando caminhos. Profusamente ilustrada, a publicação era assim conhecida pelos agentes e mecenas do livro de Setecentos, em Portugal (Fig. 5).

Verdadeiro guia técnico da obra impressa, no esteio da *Encyclopédie*, percorria todo o processo do fabrico do papel (Fig. 6) e suas variantes — recolha, tratamento, processo mecânico, secagem (Fig. 7) — que propiciaria o arranjo gráfico e a produção em série (Fig. 8). As ilustrações espelham o talento do autor e editor. Espírito ativo, fecundo e inquieto, célebre desde jovem por descobertas pioneiras no campo da astronomia — que lhe mereceram a nomeação para docente do Collège de France e membro da Académie Française — Joseph-Jérôme de Lalande (1732-1807), viajou pelas cortes da Europa do tempo. Deixou extensos

---

<sup>6</sup> “Andrés Merino de Jesucristo”, in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe, 1930, vol. 34, p. 933.

tratados sobre esta e outras ciências. Publicou memórias, colaborou em revistas eruditas e foi encarregado pela Académie de redigir este volume consagrado ao papel. Aproveitando as gravuras originais de Pierre Paul Sevin, datadas de 1698, reutiliza-as, aperfeiçoa-as e, com o apoio de Pierre Patte no que respeita ao desenho, acrescenta-as com as últimas novidades dos chamados «moinhos holandeses» instalados na Oficina de Langlée. Esta fora uma das primeiras fábricas de papel com produção em grande escala, precursora da era industrial e que operou entre 1741 e 1812. O texto de Lalande, apresentando as técnicas artesanais mais recentes, projetou o manual como referência de consulta e de estímulo para os interessados no fabrico do papel em tanques (*a la cuve*).

Só tardiamente se implantaria a indústria em Portugal, sendo mais comum entre nós a importação desses materiais para as tipografias.

## **A arte tipográfica e a escrita**

Desde Gutenberg que o livro manuscrito e impresso interpelava os académicos do tempo. Curioso exemplo é a obra deste acervo tibanense do toledano Alejo Venegas del Busto (1498-1562), *Primera parte de las diferencias de libros que hay en el Universo*, editado em Valladolid, em 1583, e que apresenta a seguinte definição:

Libro es una arca de deposito en que por noticia esencial, o por cosas o por figuras, se depositan aquellas cosas que pertenecen a la información & claridade del entendimiento. Esta definición es tan general que no se dará escritura que no se encierre debajo della. Primeramente diz se que el libro es arca porque asi como el arca derivada de este verbo *arceo* por arredrar

(según dice P. Marrón) arrieda de si los ladrones, assi el libro arriedra de si la ignorancia.<sup>7</sup>

Do mesmo período são as edições de Antuérpia e, em particular, da Veneza quinhentista, que haviam marcado o Renascimento. Os respectivos prelos testemunham — tanto pela gravura como pelos tipos utilizados — o incremento da arte tipográfica e seus feitores na cidade rainha do Adriático, sedutora e rival de Florença em beleza, encanto e mistério. De ambas são exemplo a *Biblia Sacra* (1599) da oficina plantiana de João Moreto (Fig. 9) e a *Biblia Sacrosancta* (1564) da famosa dinastia dos Junti, cujo timbre, L. A., ornamentado da flor de lis, evoca o impressor-livreiro Lucas António Junta (Fig. 10).

Já do século XVIII eram as *Vindiciae Typographicae*, do historiador alemão Johann Daniel Schöepflin (1694-1771), editadas em *Argentorati* (Estrasburgo) (Fig. 11), com desdobráveis reveladores do esforço dos prelos germânicos, empenhados também na divulgação das Letras. A obra versa sobre as primícias da tipografia, o atribulado percurso de Gutenberg e seu legado, os sucessores, a primazia técnica das oficinas da Europa central e respetiva produção para o resto do mundo conhecido. Latinista, bem preparado e erudito, cuja esfera de influência ultrapassava a Alsácia, serviu a Czarina em São Petersburgo e, após percorrer os Países Baixos, a Itália, a Suíça, a Inglaterra e ser nomeado membro da Royal Society of London, é convidado por Luís XV para seu conselheiro e historiógrafo. Típico cultor das Luzes, cedeu à cidade de Estrasburgo, onde faleceu, a preciosa biblioteca reunida em vida, bem como o gabinete de Antiguidades.

---

7 Alejo Venegas foi filósofo, moralista, lexicógrafo e gramático, docente conceituado na Universidade de Toledo e admirador de Erasmo. Do seu percurso trata, de forma exímia, a Nueva Biblioteca de Autores Españoles dirigida por Menendez y Pelayo, referenciada na bibliografia final.

Os monges possuíam ainda *A Nova Arte de escrever*, de António Jacinto Araújo (?-1797) — professor de escrita e aritmética em Lisboa e membro da Academia Imperial de S. Petersburgo —, oferecida ao Príncipe para instrução da mocidade, publicada em Lisboa por 1794; figurava na estante dos críticos e filólogos das línguas modernas e era ilustrada por 25 estampas, gravadas a buril.

Existia também o *Breve tratado theorico das letras typograficas oferecido a Sua Alteza Real*, ostentando no frontispício a divisa, com ressonância das Luzes, «Illustrant dum infuscant» (Fig. 12). Era seu autor o portuense Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818), desenhador de talento e considerado o maior gravador português da segunda metade do século XVIII (Fig. 13). Após alguns anos no Brasil, ali iniciando a sua formação, partiu para Itália (Roma e Florença), acabando por estabelecer-se em Lisboa, onde desenvolveu relevante atividade até ao fim da vida. Foi professor e fundador da Aula Régia de Desenho, lente no Real Colégio dos Nobres. Já entrado em anos, foi determinante na criação da Aula de Gravura da Casa Literária do Arco do Cego, alentada por D. João VI e patrocinada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, no âmbito da Secretaria de Estado que sobraçava. De fugaz existência, mas profícua em edições, a Tipografia Calcográfica, Tipo-plástica e Literária do Arco do Cego funcionou entre agosto de 1799 e dezembro de 1801. A oficina abrigava materiais escolhidos, exigidos pelo mestre, desde a instalação: «agulhas, compassos, quadrantes, esquadros e réguas, almofadas de couro, ingredientes para o verniz e água-forte [...] e elevado número de artistas, subdivididos em áreas de especialização: figuristas, arquitetos e gravadores».<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Miguel FARIA, “Joaquim Carneiro da Silva e a aula de gravura do Arco do Cego” in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) — Bicentenário: «Sem livros não há instrução»*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca Nacional, 1999, pp. 128 e 136.

À consulta também estavam as *Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres das letras ingleza, portugueza, aldina, romana, gotica-italica e gotica-germanica acompanhadas de hum tratado completo de arithmetica*, de outro mestre, o calígrafo Joaquim José Ventura da Silva (1777-1849), trazidas à luz na Impressão Régia, no ano de 1819 (Fig. 14), em 2.<sup>a</sup> edição. Pedagogo experimentado foi, no dizer do seu biógrafo, «não um inventor, mas um normalizador da escrita [...], sendo o principal trabalho de Ventura regularizar a chamada *letra portuguesa*».<sup>9</sup> O manual, de que se apresenta a primeira edição em jeito de álbum e que dera novo impulso à arte caligráfica em Portugal (Fig. 15, 16 e 17), terá sido das últimas obras deste tipo adquiridas antes da extinção, o que significa que os monges permaneciam atentos ao mercado livreiro e à «formação profissional» dos envolvidos nas numerosas tarefas do cenóbio, que requeriam conhecimentos de caligrafia, contabilidade, arquivística, preservação e manutenção do papel ou material utilizado nos registos, e conservado na biblioteca ou em local apropriado. Com efeito, crónicas, dietários, livros de receita e despesa, rol e controle dos produtos que chegavam ao mosteiro, tudo era arrolado por monges preparados, escolhidos pelo abade.

Trata-se de uma amostra elucidativa, a possível, no âmbito das artes da escrita e tipografia, extraída da listagem dos livros arrolados que se conservavam na Casa-Mãe da Ordem de São Bento.

---

<sup>9</sup> Manuel d'Oliveira RAMOS, *O calligrapho Ventura da Silva: a sua obra nacional*. Porto, Livraria Portuense, 1899, p. 17.



## Referências bibliográficas

### Fontes

#### Arquivo Distrital de Braga

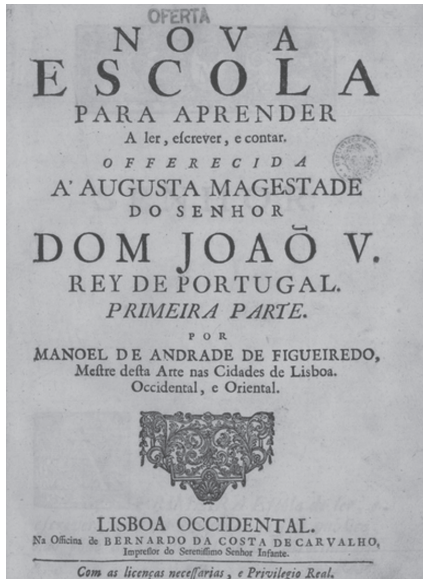
ADB-UM. *Index da Livraria do Mosteiro de São Martinho de Tibães*, 1798, cota: ms. 950.

### Bibliografia

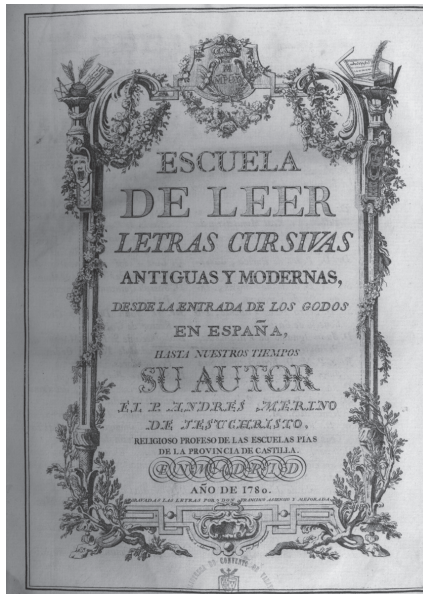
- ANDRÉ, Louis, “Jerôme de Lalande”: *Dictionnaire Encyclopédique du Livre* (dir. Pascal Fouché). Paris, Éditions du Cercle, Vol. 2, E-M (2005), pp. 682-683.
- ANÓNIMO, “Andres Merino de Jesu Cristo”: *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe (1930), n. 34, p. 933.
- CANAVARRO, Pedro *et alii* (orgs.), *Imprensa Nacional: Actividade de uma casa impressora, 1768-1800*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.
- CURTO, Diogo Ramada, GONÇALVES, Paula e FERREIRA, Graça Pais, *Bibliografia da história do livro em Portugal: séculos XV-XIX*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2003.
- DE BURE, Guillaume François, *Bibliographie instructive: ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers* [9 vols]. Paris, Le Jeune, 1763-1768.
- E. G., “Jean Daniel Schoepflin”: *Nouvelle Biographie Générale*. Paris, Firmin-Didot frères, Vol. 43, (1864), pp. 567-569.
- FABRO, Miguel, “Alejo Venegas del Busto”, in Menéndez y Pelayo (dirs.), *Escritores místicos españoles. Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, vol. 1, n.º 16. Madrid, Casa Editorial Bailly-Baillière, pp. XIV-XXVI.
- FARIA, Maria Isabel e PERICÃO, Maria da Graça, *Novo dicionário do Livro: da escrita ao multimédia*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.
- FARIA, Miguel, “Joaquim Carneiro da Silva e a Aula de Gravura do Arco do Cego”, in *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801) – Bicentenário: «Sem livros não há instrução»*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Biblioteca Nacional, 1999, pp. 127-138.
- FERREIRA, Carlos Alberto, *A Livraria Real Portuguesa. Anais das bibliotecas e arquivos de Portugal*. Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1958.
- INOCÊNCIO, Francisco da Silva, “Joaquim Carneiro da Silva”, in *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocência Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brazil*. Lisboa, Imprensa Nacional, vol. 4, 1860, p. 114.
- JACOB, “Lalande”: *Nouvelle Biographie Générale*. Copenhagen, Rosenkilde et Bagger, vols. 27-28 (1967), pp. 948-953.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Subsídios para um dicionário bio-bibliográfico dos calígrafos portugueses*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.
- MARQUILHAS, Rita, *Norma gráfica setecentista: do autógrafo ao impresso*. Lisboa, INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1991.

- PINHEIRO, J. E. Moreirinhas, “Manuel de Andrade de Figueiredo, educador e Calígrafo”: *Revista de Portugal* 33 (1968), pp. 45-50.
- RAMOS, Manuel d’Oliveira, *O calligrapho Ventura da Silva: a sua obra nacional*. Porto, Livraria Portuense, 1899.
- RAMOS, Maria Teresa Oliveira, “A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no século XVIII”: *Bracara Augusta* LV.110 (2007).
- SILVA, Joaquim Carneiro da, *Breve tratado theorico das letras typograficas*. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1803.
- SILVA, Joaquim José Ventura da, *Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*. Lisboa, na Impressão Regia, 1819.

## APÊNDICE – Figuras

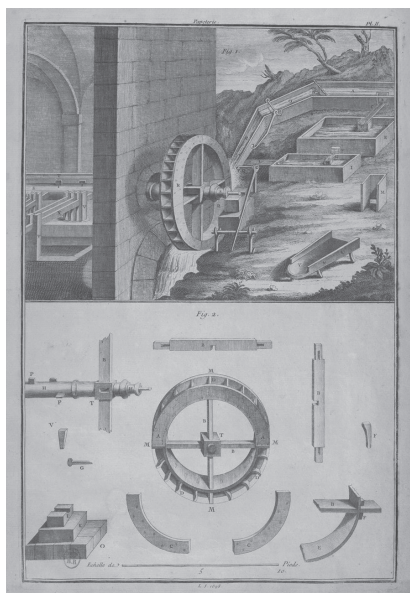


**Fig. 1** – FIGUEIREDO, Manuel de Andrade de, *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar* Lisboa Occidental, na officina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1722 BND – purl.pt/107



**Fig. 2** – MERINO DE JESUCRISTO, Andrés, *Escuela de leer letras cursivas antiguas y modernas* Madrid, D. Juan Antonio Lozano, 1780 BNP – VAR. 2048

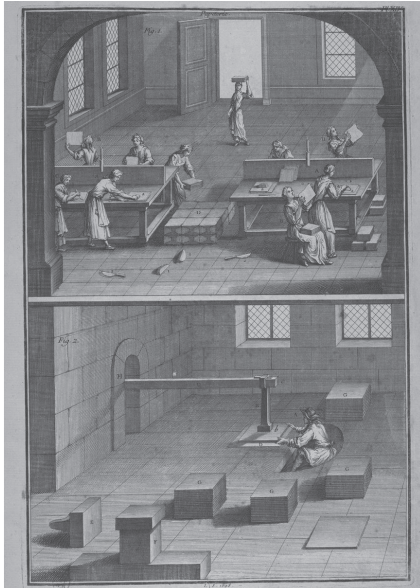




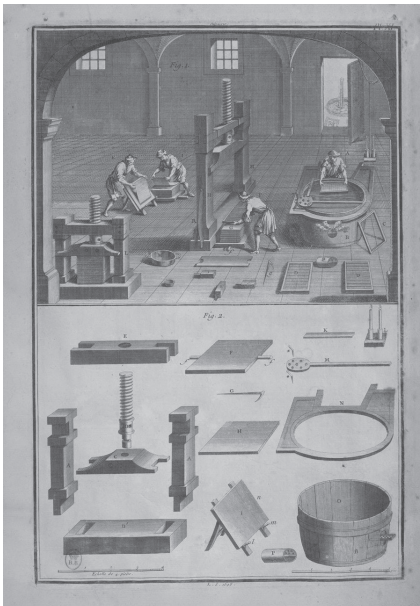
**Fig. 5** – Moinho de papel  
 (Planche II, fig. 1-2)  
 LALANDE, Jérôme de  
*Art de faire le papier.*  
 Paris, Saillant et Nyon, 1761  
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque  
 nationale de France



**Fig. 6** – Tanques e triagem  
 (Planche I, fig. 3)  
 LALANDE, Jérôme de  
*Art de faire le papier.*  
 Paris, Saillant et Nyon, 1761  
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque  
 nationale de France



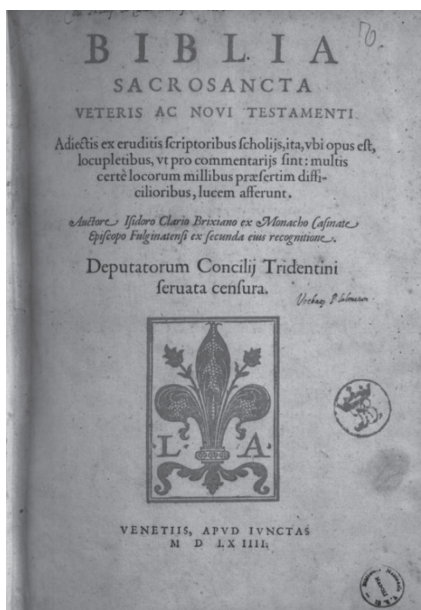
**Fig. 7 – Secagem**  
 (Planche XIV, fig. 1-2)  
 LALANDE, Jérôme de  
*Art de faire le papier.*  
 Paris, Saillant et Nyon, 1761  
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque  
 nationale de France



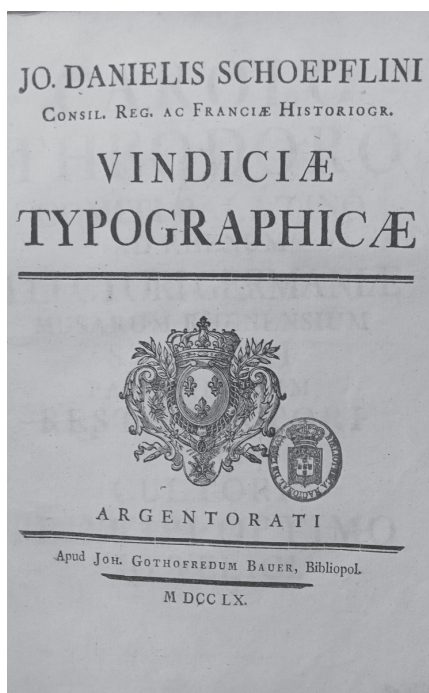
**Fig. 8 – Produção de resmas e prensa**  
 (Planche XI, fig. 1-2)  
 LALANDE, Jérôme de  
*Art de faire le papier.*  
 Paris, Saillant et Nyon, 1761  
 Fonte: gallica.bnf.fr/Bibliothèque  
 nationale de France



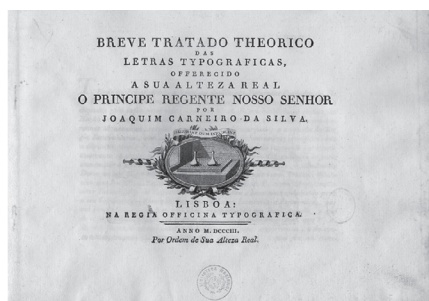
**Fig. 9** – BIBLIA SACRA  
Antuerpiae, ex officina Plantiniana  
Ioannem Moretum, 1599  
BNP – BIB. 124 P.



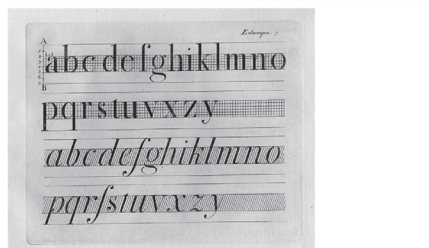
**Fig. 10** – BIBLIA SACROSANCTA  
Venetiis, apud Iunctas, 1564  
BNP – BIB. 151 V.



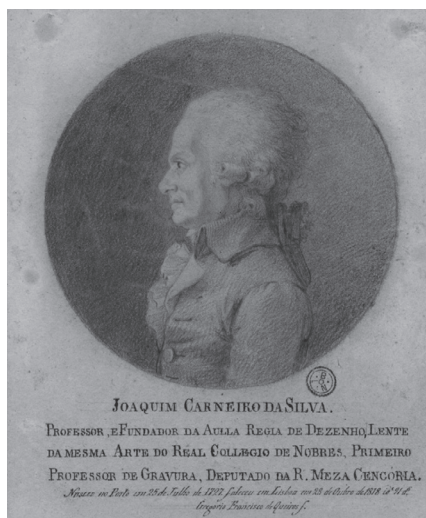
**Fig. 11** – SCHÖEPFLIN, Johann Daniel  
*Vindiciae Typographicæ*  
Argentorati, apud Joh. Gothofredum  
Bauer, Bibliopol., 1760  
BNP – B.A.D. 2476 V.



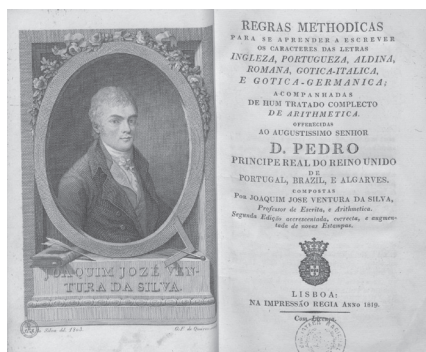
**Fig. 12** – SILVA, Joaquim Carneiro da  
*Breve tratado theorico das letras typographicas*  
Lisboa, na Regia Officina  
Typografica, 1803  
BND – purl.pt/257







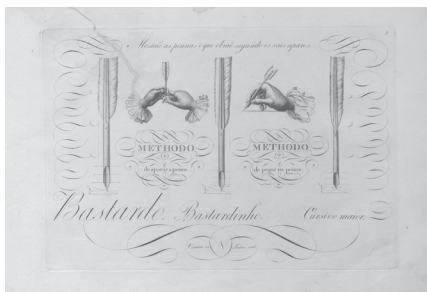
**Fig. 13** – JOAQUIM CARNEIRO DA SILVA (1727-1818)  
 Desenho de Gregório Francisco de Queiroz (ca. 1790)  
 BND – purl.pt/25085



**Fig. 14** – SILVA, Joaquim José Ventura da  
*Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*  
 Lisboa, na Impressão Regia, 1819  
 BNP – L. 32687 P.



**Fig. 15** – SILVA, Joaquim José Ventura da  
*Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*  
 Lisboa, s.n., 1803  
 BNP – S.A. 15156//6 V.



**Fig. 16** – SILVA, Joaquim José Ventura da  
*Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*  
 Lisboa, s.n., 1803 (Estampa 2)  
 BNP – S.A. 15156//6 V.



**Fig. 17** – SILVA, Joaquim José Ventura da  
*Regras methodicas para se aprender a escrever os caracteres*  
 Lisboa, s.n., 1803 (Estampa 32)  
 BNP – S.A. 15156//6 V.

**WESTERN SEPHARDIC DIASPORA ROADMAP:  
PORQUÊ E PARA QUÊ UM ROTEIRO PARA O  
ESTUDO DA DIÁSPORA SEFARDITA<sup>1</sup>**

**WESTERN SEPHARDIC DIASPORA ROADMAP:  
WHY AND FOR WHAT A ROADMAP FOR THE  
STUDY OF THE SEPHARDIC DIASPORA**

*Carla Vieira*

Universidade NOVA de Lisboa  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
cccvieira@gmail.com  
ORCID: 0000-0002-7632-3776

*Joana Vieira Paulino*

Universidade NOVA de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
jvPaulino@fcsH.unl.pt  
ORCID: 0000-0002-8485-4649

**Resumo:** O presente capítulo apresenta as motivações, objetivos, estrutura e metodologias do projeto Western Sephardic Diaspora Roadmap (WSD Roadmap), iniciado em janeiro de 2021 e desenvolvido pelo CHAM — Centro de Humanidades e pelo Laboratório de Humanidades Digitais do Instituto de História Contemporânea,

---

<sup>1</sup> O presente texto é resultado do projeto Western Sephardic Diaspora Roadmap, financiado pela Rothschild Foundation Hanadiv Europe. Este artigo teve o apoio do CHAM (NOVA FCSH / UAc), através do projeto estratégico apoiado pela FCT (UIDB/04666/2020). Contou igualmente com o apoio do IHC (NOVA FCSH / IN2PAST), que é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020.

ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este projeto, que conjuga os estudos da diáspora sefardita ocidental com as metodologias das Humanidades Digitais e das Ciências da Informação, visa criar um portal *online*, de acesso aberto, que agrega descrições de coleções arquivísticas europeias e extraeuropeias com materiais de interesse para o estudo da diáspora sefardita e dos seus antecedentes. Este capítulo começa por partilhar alguns dos desafios que acompanharam a primeira fase do projeto e as respetivas soluções engendradas pela equipa. De seguida, passa à exposição dos métodos aplicados na construção do modelo de dados e na sua disponibilização *online*, com recurso à plataforma Omeka S. Por fim, são revelados os primeiros resultados da fase inicial do projeto, a qual se focou no levantamento de coleções custodiadas por arquivos e bibliotecas portuguesas com documentação relativa à diáspora sefardita e, sobretudo, às comunidades judaicas anteriores à expulsão de finais do século XV.

**Palavras-chave:** comunidades judaicas, coleção arquivística, plataforma digital, *linked open data*.

**Abstract:** This chapter presents the motivations, objectives, structure and methodologies of the Western Sephardic Diaspora Roadmap (WSD Roadmap) project, initiated in January 2021 and developed by CHAM — Centre for the Humanities and the Digital Humanities Lab of the Institute of Contemporary History, both at the NOVA University of Lisbon — School of Social Sciences and Humanities. This project, which combines the studies of the Western Sephardic Diaspora with the methodologies of Digital Humanities and Information Sciences, aims to create an online, open access portal, which aggregates descriptions of European and non-European archival collections with materials of interest for the study of the Sephardic Diaspora and its antecedents. This chapter begins by sharing some of the challenges that accompanied the first phase of the project and the solutions devised by the team. It then goes on to present the methods applied in building the data model and

making it available online, using the Omeka S platform. Finally, the first results of the initial phase of the project are revealed, which focused on surveying collections held by Portuguese archives and libraries with documentation related to the Sephardic Diaspora and, especially to the Jewish communities prior to the expulsion of the late fifteenth century.

**Keywords:** Jewish communities, archival collection, digital platform, linked open data.

\*\*\*

## Introdução

Quando, ainda em 2020, começámos a planificar o desenvolvimento do projeto que acabaria por culminar no Western Sephardic Diaspora Roadmap (WSD Roadmap), o primeiro impulso partiu da necessidade de dar resposta a uma lacuna concreta dos estudos da diáspora sefardita: a inexistência de uma plataforma agregadora de informação arquivística sobre o património documental que reporte a este fenómeno histórico de dimensão mundial.

A dispersão documental constitui um autêntico desafio para investigadores e estudantes. Além de refletir a própria dinâmica da diáspora e a sua amplitude transnacional, essa dispersão resulta, igualmente, do fluxo natural de documentos e fundos na sequência de doações, aquisições e extinção das respetivas instituições produtoras ou acumuladoras. Contudo, não foi apenas a consciência desse obstáculo à investigação e o empenho em contribuir para o minorar, através do recurso às potencialidades metodológicas oferecidas pelas Humanidades Digitais, que nos motivou à delimitação do WSD Roadmap. Este é também um projeto construído em

harmonia com uma abordagem historiográfica sobre a diáspora sefardita ocidental que privilegia uma perspetiva integrada e comparativa entre as suas diferentes geografias e o seu entendimento enquanto rede de trocas religiosas, culturais, económicas e sociais, a qual tem tido expressão nos estudos de autores como Jonathan Israel, Evelyne Oliel-Grausz, Francesca Trivellato, Jessica Vance Roitman, entre outros,<sup>2</sup> ou em projetos como *A Diaspora in Transition*, desenvolvido por uma equipa liderada por Yosef Kaplan.<sup>3</sup> Assim, o WSD Roadmap visa também contribuir para o desenvolvimento desta abordagem inter-relacional da diáspora, ao disponibilizar uma ferramenta que facilita a identificação de materiais documentais relativos aos seus diferentes destinos. Ao mesmo tempo, o projeto ambiciona promover futuros estudos na área, em particular dentro da academia portuguesa, onde ainda são pouco numerosas as publicações, teses e projetos em torno desta temática.

---

2 Jonathan ISRAEL, *Diasporas within a Diaspora. Jews, Crypto-Jews and the World Maritime Empires (1540-1740)*. Leiden, Brill, 2002; Evelyne OLIEL-GRAUSZ, “La diaspora séfarde au XVIII siècle: communication, espace, réseaux”: *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 48 (2004), pp. 55-71; Evelyne OLIEL-GRAUSZ, “Networks and Communication in the Sephardi Diaspora: An Added Dimension to the Concept of Port Jews and Port Jewries”: *Jewish Culture and History* 7.1-2 (2004), pp. 61-76; Francesca TRIVELLATO, *The Familiarity of Strangers. The Sephardic Diaspora, Livorno, and Cross-Cultural Trade in the Early Modern Period*. New Haven and London, Yale University Press, 2009; Miriam BODIAN, “The ‘Portuguese’ Dowry Societies in Venice and Amsterdam: A Case Study in Communal Differentiation within the Marrano Diaspora”: *Italia: studi e ricerche sulla cultura e sulla letteratura degli ebrei d’Italia* 6.1-2 (1987), pp. 30-61; Jessica ROITMAN, *The Same but Different? Inter-Cultural Trade and the Sephardim, 1595-1640*. Leiden, Brill, 2011; Yosef KAPLAN, *An Alternative Path to Modernity. The Sephardi Diaspora in Western Europe*. Leiden, Brill, 2000; Richard L. KAGAN e Philip D. MORGAN (eds.), *Atlantic Diasporas: Jews, Conversos, and Crypto-Jews in the Age of Mercantilism, 1500-1800*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2009; Sina RAUSCHENBACH e Jonathan SCHORSCH (eds.), *Sephardic Atlantic. Colonial Histories and Postcolonial Perspectives*. Hampshire, Palgrave Macmillan, 2019.

3 Yosef KAPLAN, *Religious Changes and Cultural Transformations in the Early Modern Western Sephardic Communities*. Leiden, Brill, 2019.

Desenvolvido em parceria pelo CHAM — Centro de Humanidades (<https://cham.fcsh.unl.pt/>) e pelo Laboratório de Humanidades Digitais do Instituto de História Contemporânea (<https://dhlab.fcsh.unl.pt>), ambos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, com o financiamento de fundos internacionais e a parceria e cofinanciamento da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o WSD Roadmap arrancou em janeiro de 2021 e prolonga-se até dezembro de 2023. O principal objetivo do projeto consiste na criação de uma ferramenta digital, em acesso aberto em linha, que disponibilizará informação sobre coleções arquivísticas com materiais documentais de interesse para o estudo da diáspora sefardita ocidental e seus antecedentes. Assim, este é um projeto construído por uma equipa transdisciplinar e que cruza a História com as Humanidades Digitais e as Ciências da Informação.

No presente trabalho, iremos começar por partilhar as metodologias aplicadas e os desafios encontrados ao longo dos primeiros meses de operacionalização do WSD Roadmap. De seguida, daremos especial enfoque à forma como foi construído o modelo de dados com recurso à plataforma Omeka S, revelando as potencialidades e vantagens que esta oferece para a disseminação e partilha dos dados reunidos ao longo do projeto. Finalmente, revelaremos os resultados da primeira fase de desenvolvimento do WSD Roadmap,<sup>4</sup> que se concentrou no mapeamento de coleções arquivísticas custodiadas por instituições portuguesas.

---

<sup>4</sup> O presente texto foi finalizado em dezembro de 2021 e, por essa razão, reflete os resultados obtidos até esta data. Para uma perspetiva mais atualizada sobre o estado do projeto, aconselhamos a consulta do *website* do mesmo: <https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/wsdroadmap/page/homepage>.

## 1. Construindo um roteiro de coleções arquivísticas: métodos, desafios e potencialidades

A disponibilização de informação completa e clara sobre conteúdos, organização e acessibilidade de coleções arquivísticas que reúnem documentação de interesse para o estudo da diáspora sefardita ocidental é a grande prioridade do projeto WSD Roadmap. Em paralelo e decorrente do trabalho de investigação bibliográfica que alavanca a construção desta plataforma, a equipa encontra-se a elencar bibliografia especializada sobre o tema e, em particular, fontes primárias já publicadas. Esta listagem está a ser organizada com recurso ao *software* gratuito, de código aberto e colaborativo de gestão bibliográfica (e outros recursos decorrentes de investigação) Zotero (<https://www.zotero.org/>), criado pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media da Universidade de George Mason (RRCHNM). Este levantamento bibliográfico ficará, igualmente, em acesso aberto e disponível a todos os utilizadores através de uma interligação às descrições das coleções arquivísticas disponibilizadas na plataforma WSD Roadmap — a cada coleção será associada a bibliografia correspondente, bem como uma lista de títulos que incluem transcrições e/ou traduções de documentos que a integram. Seguindo os princípios da ciência aberta, a plataforma WSD Roadmap está a ser construída em Omeka S, um *software* de gestão e publicação de dados, igualmente desenvolvido pelo RRCHNM, e no qual assenta, conforme apresentaremos, a componente digital do projeto.

Antes de avançarmos com a especificação das metodologias empregadas na conceção e no desenvolvimento do WSD Roadmap, é necessário esclarecer dois conceitos que alicerçam este projeto: diáspora sefardita ocidental (*Western Sephardic Diaspora*) e coleção arquivística.



Apesar de reconhecermos que a expressão «diáspora sefardita ocidental» ainda carece de ganhar raízes na historiografia portuguesa, a nossa escolha sustentou-se no facto de *Western Sephardic Diaspora* ser já um conceito amplamente reconhecido e utilizado na bibliografia internacional — em particular, no mundo anglo-saxónico<sup>5</sup> — e, sobretudo, por constituir aquele que melhor define o âmbito temático do presente projeto. A diáspora sefardita ocidental engloba o movimento diaspórico dos judeus que se converteram ao Cristianismo após os éditos de expulsão de finais do século XV, bem como dos seus descendentes, aqueles que durante gerações foram designados como «cristãos-novos» ou «conversos» e, por força desse rótulo que evocava uma herança genealógica vinculada ao universo judaico, alvo de ostracismo social e perseguição inquisitorial. Esta é uma diáspora de cambiantes únicos e que se distingue daquela encetada pelos judeus ibéricos que abandonaram a Península antes da conversão, sobretudo rumo ao Império Otomano, ao Norte de África e à Península Itálica, pelo vínculo íntimo e simultaneamente tenso com o mundo cristão. Yosef Kaplan frisa o impacto desse vínculo enquanto elemento diferenciador dos chamados sefarditas ocidentais:

Not only had they [Western Sephardic Jews] grown up from within Christianity, been educated in its bosom, and absorbed its conceptions, but their self-definition as Jews was formed in sharp confrontation with Christian beliefs and values. In all of Jewish history until the modern age, no community was ever so permeated by Christian concepts, which it had internalized so

---

<sup>5</sup> Veja-se, por exemplo, o artigo de síntese publicado recentemente por Miriam BODIAN, “The Western Sephardic Diaspora”, in Hasia R. DINER (ed.), *The Oxford Handbook of the Jewish Diaspora*. Oxford, Oxford University Press, 2021, pp. 370-389.

extensively, or showed such intimate acquaintance with Christian theology.<sup>6</sup>

Este enquadramento único justifica a conceção dos sefarditas ocidentais (*Western Sephardim*) como um grupo distinto, com dinâmicas e estruturas específicas, as quais têm reflexo na sua produção documental. Por essa razão, o WSD Roadmap centra o seu objeto de trabalho neste grupo, ao mesmo tempo que alarga o seu âmbito ao universo cristão-novo/converso, considerando o cruzamento entre estas «duas diásporas»,<sup>7</sup> não só à escala de grupo, mas também no percurso individual dos seus atores.

Com o objetivo de oferecer aos utilizadores da plataforma uma contextualização das origens da diáspora sefardita ocidental, decidimos alargar o espectro do nosso projeto também aos antecedentes deste fenómeno, ou seja, às comunidades judaicas ibéricas medievais. Esta abertura do horizonte do WSD Roadmap permite incluir na plataforma um número mais substancial de coleções arquivísticas custodiadas por instituições portuguesas, contribuindo assim para a divulgação dos acervos dos arquivos nacionais.

Outro conceito operatório do WSD Roadmap que necessita de um esclarecimento adicional é o de coleção (*collection*). Neste caso, decidimos adotar a definição proposta pelo projeto Yerusha — European Jewish Archives Portal, um dos nossos parceiros. Yerusha é uma plataforma *online*, agregadora de dados

---

<sup>6</sup> Yosef KAPLAN, “Between Christianity and Judaism in Early Modern Europe: The Confessionalization Process of the Western Sephardi Diaspora”, in Lothar GALL e Dietmar WILLOWEIT (eds.), *Judaism, Christianity, and Islam in the Course of History: Exchange and Conflicts*. Berlim, De Gruyter Oldenbourg, 2011, pp. 307-341.

<sup>7</sup> Seguimos aqui a ideia de distinção, mas, em simultâneo, de profunda interligação entre as diásporas sefardita e cristã-nova proposta por Jonathan ISRAEL, “Jews and Crypto-Jews in the Atlantic World Systems, 1500-1800”, in Richard L. KAGAN e Philip D. MORGAN (ed.), *Atlantic Diasporas. Jews, Conversos, and Crypto-Jews in the Age of Mercantilism, 1500-1800*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2009, pp. 3-4.

sobre arquivos, bibliotecas e museus europeus detentores de património documental judaico. Este projeto aplica o conceito de coleção, enquanto «a general mid-level element of the archival structure», situado entre a unidade arquivística e o acervo geral do arquivo.<sup>8</sup> Neste sentido, o termo coleção agrega não só as coleções no sentido tradicional da terminologia arquivística — ou seja, um «conjunto de documentos reunidos artificialmente em função de qualquer característica comum, independentemente da sua proveniência» — como também os fundos — conjuntos de documentos «organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por uma pessoa singular, família ou pessoa colectiva, no decurso das suas actividades e funções» — e as respectivas subdivisões (subfundos, secções, séries).<sup>9</sup>

Como é previsível, esta amplitude conceptual suscita desafios na seleção do nível para a composição da descrição. Sem a existência de um critério rígido, essa escolha acaba por se adaptar aos objetivos específicos do projeto. Tal flexibilidade constitui uma mais-valia na criação de uma ferramenta capaz de responder às necessidades dos utilizadores. Desta forma, quando os materiais documentais de interesse para o âmbito do projeto se encontram dispersos por todo o fundo e têm uma relativa unidade tipológica e temática, é esse o nível descrito na plataforma. Vejamos o caso do fundo *Chancelaria Régia* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), onde encontramos documentação relativa a elementos judaicos e cristãos-novos dispersa pelos vários reinados e com uma significativa uniformidade tipológica (privilégios, licenças, mercês, entre outros). Neste caso, optámos por elaborar a descrição ao nível do fundo (ou seja, a *Chancelaria*

---

8 “Yerusha Data Set 4.0”, disponível em <<https://www.yerusha-search.eu/viewer/index/>>.

9 Definições citadas da norma ISAD(G). Veja-se CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, ISAD(G): *Norma geral internacional de descrição arquivística*, [2.ª ed.]. Lisboa, Ministério da Cultura, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2002, p. 13.

*Régia*), ao invés de especificar cada subfundo (*Chancelaria de D. João II, Chancelaria de D. Manuel I, etc.*). O mesmo critério é aplicado quando toda a documentação do fundo/coleção tem interesse para o âmbito do projeto. Por exemplo, é o que acontece com os fundos das congregações sefarditas, como o *Spanish and Portuguese Jews' Congregation*, conservado nos London Metropolitan Archives, ou o *Archief van de Portugees-Israëlietische Gemeente*, no Stadsarchief Amsterdam. Por outro lado, quando a documentação de interesse para o projeto se encontra concentrada numa determinada subdivisão do fundo/coleção, é esse o nível selecionado para ser descrito.

Na primeira fase do projeto, na qual direcionámos o enfoque para as coleções com documentação relativa às comunidades judaicas em Portugal antes da expulsão, deparámo-nos com a necessidade de descrever níveis mais baixos da organização arquivística. Tal aconteceu, sobretudo, no caso dos fundos de câmaras municipais, em geral muito extensos e com documentação de âmbito cronológico bastante alargado. Um bom exemplo é o fundo da Câmara Municipal de Lisboa, que agrega documentação desde o século XIII até à contemporaneidade. Apenas uma parcela reduzida deste fundo detém registos com informação relativa às comunidades judaicas. Assim, a nossa decisão recaiu em descrever essas subdivisões (por exemplo, as secções *Chancelaria Régia, Chancelaria da Cidade, Provimento da Saúde e Casa de Santo António*), em vez do fundo integral.

Não é só na definição do termo «coleção» que a parceria com o projeto Yerusha se materializa ao longo do desenvolvimento do WSD Roadmap. Parte das descrições produzidas serão partilhadas com este projeto, o que constitui uma oportunidade de maximizar o impacto do trabalho empreendido e amplificar a disseminação dos resultados, ao integrá-los numa rede internacional de instituições arquivísticas já consolidada e que, atualmente, envolve perto de três dezenas de países.

A efetividade desta parceria exigiu a idealização das condições necessárias para tornar a partilha de informação mais fluida e imediata. Desta forma, a base de dados do WSD Roadmap (apresentada em detalhe mais à frente) adota uma estrutura similar à implementada pelo projeto Yerusha, a qual se baseia no modelo ISAD (G) (*General International Standard Archival Description*) e permite a disponibilização de dados completos e estruturados sobre as coleções arquivísticas mapeadas. Adicionámos a esta estrutura mais dois campos — Bibliografia (*Bibliography*) e Fontes Primárias Publicadas (*Published Primary Sources*) — com o objetivo de cruzar a informação disponibilizada sobre as coleções documentais com a literatura especializada e as edições dos respetivos documentos. Estes dois campos funcionam com hiperligações para a Biblioteca Zotero do projeto.

Talvez o maior desafio do WSD Roadmap seja o facto de trabalhar com um extenso volume de informação dispersa à escala mundial e em constante crescimento à medida que a investigação progride e novos documentos são identificados nos acervos arquivísticos. Por isso, logo na delineação do projeto, revelou-se necessário assumir esse limite e estruturar um cronograma de trabalho que contemplasse o equilíbrio entre o rigor dos prazos — para evitar a imersão num manancial quase inesgotável de informação e a procrastinação da execução das tarefas — e a flexibilidade necessária que se deseja num projeto assumido, à partida, como um *work in progress*, aberto a contínuas revisões e adições.

Assim, dividimos a pesquisa e a redação das descrições ao longo dos três anos do projeto em fases correspondentes aos diferentes espaços geográficos da diáspora sefardita ocidental. A primeira fase (janeiro–agosto 2021) foi dedicada exclusivamente aos antecedentes da diáspora, contemplando as coleções com documentação relativa às comunidades judaicas ibéricas anteriores aos éditos de expulsão de finais do século XV.

Cada fase de trabalho é genericamente dividida numa primeira etapa de mapeamento das respetivas coleções, seguida da organização da informação recolhida e, posteriormente, da redação e inserção das descrições na base de dados.

O mapeamento das coleções parte de uma pesquisa bibliográfica direcionada para literatura especializada, priorizando os trabalhos mais recentes que permitem, por sua vez, identificar os estudos anteriores que constituem referências no respetivo campo de pesquisa. A bibliografia mais recente tende, também, a refletir de uma forma mais precisa a organização atual dos arquivos e coleções, corpos dinâmicos, sujeitos a mutações constantes, fruto de transferências e novas incorporações, bem como de alterações de estrutura e identidade. Aliás, esse dinamismo constitui, simultaneamente, um desafio ao desenvolvimento do WSD Roadmap, mas também uma das principais razões que farão desta plataforma uma ferramenta de trabalho de grande utilidade para os investigadores, cujas dúvidas na localização da documentação, fruto de mudanças de custódia, organização e cotas, fazem parte do seu dia a dia. Uma pesquisa bibliográfica bem direcionada permite igualmente a identificação das fontes que já foram objeto de transcrição e publicação e cujos conteúdos se encontram, assim, mais facilmente acessíveis. Nesse sentido, recorreremos também a informação já disponibilizada em inúmeras plataformas *online* — *websites*, bases de dados de arquivos e centros de investigação, repositórios académicos, entre outros —, bem como a revistas especializadas e que, atualmente ou em fases passadas da sua história, deram primazia à publicação de fontes primárias.<sup>10</sup>

---

10 Alguns exemplos são: *Sefarad: Revista de Estudios Hebraicos y Sefardíes* (CSIC), *Miscelanea de Estudios Arabes y Hebraicos* (Universidad de Granada), *La Rassegna Mensile di Israel* (Unione delle comunità ebraiche italiane), *Studia Rosenthaliana* (Biblioteca Rosenthaliana, Universiteit van Amsterdam), *Transactions of the Jewish Historical Society of England* (atualmente, *Journal of Historical Studies*, editado pelo University College of London), *Publications of the American Jewish Historical*

Dissertações de mestrado e teses de doutoramento também tendem a ser campos férteis na disponibilização de documentos transcritos, além de que constituem recursos de fácil acesso, dado os esforços empreendidos para colocar a produção académica em acesso aberto.

Como já foi referido, após o mapeamento das coleções, segue-se um outro desafio: a seleção do nível da organização arquivística a ser alvo de descrição. O grau de dificuldade desse desafio encontra-se diretamente relacionado com o estado de organização, catalogação e acessibilidade dos acervos documentais.

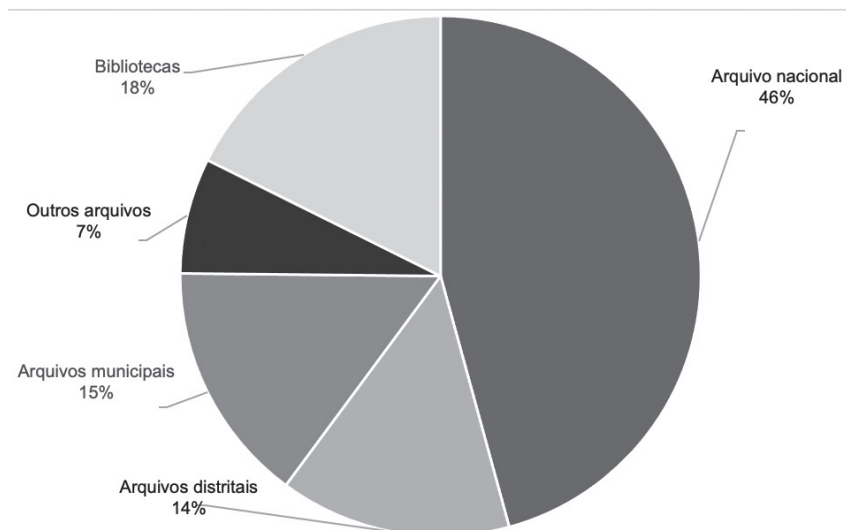


Gráfico 1. Tipologias de instituições que custodiam as coleções documentais identificadas na primeira fase do projeto (arquivos e bibliotecas em Portugal).

*Society*. No caso português, deve salientar-se a especialização na edição de fontes da revista *Fragmenta Historica* (Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa), na qual encontramos a transcrição de alguns documentos de teor judaico, sobretudo, de cronologia medieval.

Logo na primeira fase do projeto, focada, sobretudo, nas bibliotecas e arquivos portugueses, foi possível constatar uma considerável diversidade organizativa destas instituições. A maioria das coleções mapeadas nesta fase (cerca de 75%) encontra-se à guarda do ANTT e de arquivos distritais e municipais, cujos acervos estão geralmente organizados de acordo com o princípio da proveniência. O segundo conjunto mais expressivo são os acervos da Biblioteca Nacional de Portugal e de bibliotecas públicas (18%), organizados por coleção ou fundo. Nestes casos, a organização dos materiais manuscritos tende a ser menos estruturada, o que suscita outras dificuldades. Tendencialmente, estes encontram-se agregados numa grande coleção sem unidade temática, cronológica ou de proveniência, como são exemplo as coleções de códices da Biblioteca Nacional e da Biblioteca da Ajuda, ou as de manuscritos da Biblioteca Pública Municipal do Porto e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Paralelamente a estas grandes coleções, coexistem fundos e outras coleções organizadas por critérios mais restritos — por exemplo, a *Colecção Pombalina* da Biblioteca Nacional ou os *Pergaminhos Avulsos* da Biblioteca Pública de Évora. Acrescem ainda os conjuntos documentais que ainda carecem do devido tratamento arquivístico e cuja acessibilidade, por essa mesma razão, é ainda bastante limitada.

Em nenhuma das maiores bibliotecas portuguesas encontramos uma coleção especificamente dedicada a materiais bibliográficos e documentais de teor judaico, ao contrário do que se verifica noutras instituições europeias como, por exemplo, na Bibliothèqu Nationale de France (*Hébreu*),<sup>11</sup> na Bayerische Staatsbibliothek de Munique (*Codices hebraici*) ou na Biblioteca Palatina de Parma (*Collezione*

---

11 Veja-se a publicação dos catálogos da coleção *Hébreu* da Bibliothèqu Nationale de France e de outras coleções hebraicas de bibliotecas francesas na série *Manuscrits en caractères hébreux conservés dans les Bibliothèques de France*, editada pela Brepols desde 2008.



*De Rossi*).<sup>12</sup> Tal não significa uma ausência de materiais suficientes para a composição de coleções desta índole. Representativa dessa existência, foi a exposição organizada pela Biblioteca Nacional de Portugal em 2014, coordenada por Lúcia Liba Mucznik, dedicada aos materiais manuscritos e impressos em hebraico ou relativos à língua, cultura, história e religião judaicas, que integram o acervo desta instituição. Reunindo obras até ao século XVIII, desta exposição resultou um catálogo dos elementos mais significativos da «coleção de Judaica» da Biblioteca Nacional de Portugal.<sup>13</sup> Apesar deste valoroso esforço, a principal biblioteca portuguesa ainda carece de um levantamento exaustivo dos materiais de natureza judaica e hebraica que integram o seu acervo e da disponibilização desses dados aos leitores. O mesmo se aplica a outras bibliotecas que custodiam espécimes do mesmo âmbito dispersas nas suas extensas coleções de Reservados ou Manuscritos. Não obstante, é necessário reconhecer o trabalho desenvolvido nos últimos anos pela academia na identificação e levantamento de parte desses materiais, em particular dos manuscritos hebraicos conservados nas bibliotecas e arquivos portugueses.<sup>14</sup>

---

12 Giovanni Bernardo de ROSSI, *Manuscripti Codice Hebraici Bibliothecae*, 3 vols. Parma, [s.n.], 1803; Benjamin RICHLER e Malachi BEIT-ARIÉ (eds.), *Hebrew Manuscripts in the Biblioteca Palatina in Parma: Catalogue*. Jerusalem, Jewish National and University Library, 2001.

13 Lúcia Liba MUCZNIK, *Judaica nas coleções da Biblioteca Nacional de Portugal: séculos XIII a XVIII. Catálogos*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2014.

14 Veja-se, em particular, o trabalho desenvolvido por Tiago Moita na identificação de manuscritos e dos primeiros incunábulos hebraicos produzidos em Portugal e hoje disseminados por várias instituições dentro e fora do país: Tiago MOITA, “O livro hebraico português na Idade Média: do Sefer He-Aruk de Seia (1284-85) aos manuscritos iluminados tardo-medievais da Escola de Lisboa e aos primeiros incunábulos”. [Tese de doutoramento]. Lisboa, [s.n.], 2017; Tiago MOITA, “Manuscritos hebraicos em Portugal”: *Medievalista Online* 22 (2017). Relativamente aos manuscritos iluminados, deve-se também destacar o projeto desenvolvido na década passada em torno da iluminura hebraica de produção portuguesa, coordenado por Luís Urbano Afonso (*Hebrew illumination in Portugal during the 15th century*) e que deu lugar, entre outras iniciativas, a uma exposição patente na Biblioteca Nacional de Portugal: Luís Urbano AFONSO e Adelaide MIRANDA (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015.

## 2. Uma plataforma agregadora, colaborativa e interoperável

Como referido, o desenvolvimento do modelo de dados do WSD Roadmap teve, como ponto de partida, o modelo elaborado anteriormente pelo projeto Yerusha. Adotaram-se, assim, os campos do Yerusha Data Set 4.0 (YSD 4.0), embora sofrendo algumas adaptações, indo ao encontro dos objetivos e especificidades do WSD Roadmap. Não obstante, o objetivo último era a ligação e integração dos dados produzidos pela equipa portuguesa no âmbito mais alargado do Yerusha. Pretendia-se, simultaneamente, que o modelo de dados fosse moldável, isto é, não sendo absolutamente fechado, podendo adaptar-se às necessidades e descobertas de acordo com os avanços do projeto.

Construído o modelo de dados e adaptando-se a realidade do Yerusha à do WSD Roadmap, passámos ao desenvolvimento da base de dados para aplicação do mesmo. Optámos por utilizar o Omeka S, que se encontra instalado no servidor próprio do Laboratório de Humanidades Digitais, no Data Center da NOVA FCSH, assegurando a sustentabilidade futura deste *output*, mesmo após o término do seu financiamento. O Omeka (<https://omeka.org>) consiste num *software* livre e de código aberto, dispondo de três versões — Classic, Net e S (esta última, permitindo agregar numa única plataforma vários *websites*) — que permite gerir recursos de coleções digitais, passíveis de serem disponibilizados ao público e pesquisados.

Na construção do modelo de dados a desenvolver no Omeka S, foram tidas em consideração as tecnologias e os princípios da *web* semântica e de interoperabilidade, dada a posterior articulação deste projeto e partilha de dados com o Yerusha. Passámos, depois, à definição das ontologias e modelo de *linkagem*, contexto em que utilizámos esquemas de metadados internacionalmente reconhecidos como o Dublin Core ou o Friend of a Friend. Nos casos em que

o Omeka não dispunha, por defeito, dos campos necessários nos esquemas existentes, importámos outros, como foi o caso de Global Legal Entity Identifier Foundation Base Ontology.

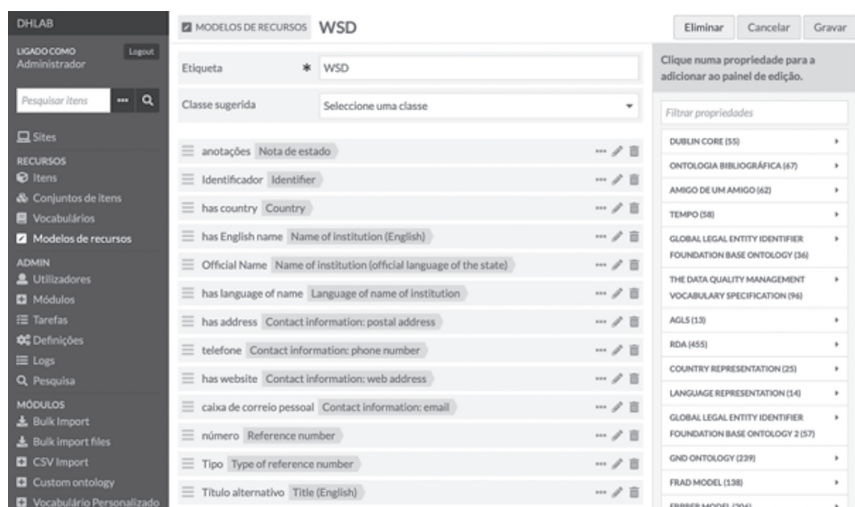


Imagem 1. Modelo de recursos da base de dados do WSD Roadmap criada no Omeka S.

Desta forma, conseguiram-se reconstituir os campos do Yerusha, integrando-se os novos elementos, ambos passando a consistir metadados passíveis de comunicarem e de serem agregados por outras plataformas nacionais e internacionais. Por exemplo, através da implementação do protocolo OAI-PMH, é possível expor os dados do projeto à *web* semântica e contribuir, assim, para outras plataformas agregadoras, como é o caso da Infraestrutura ROSSIO (<https://rossio.pt/>).<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Bruno ALMEIDA, Nuno FREIRE e Daniel MONTEIRO, “The Development of the ROSSIO Thesaurus: Supporting Content Discovery and Management in a Research Infrastructure”, in D. DOSSO *et alii* (eds.), *Proceedings of the 17th Italian Research Conference on Digital Libraries*. Aachen, CEUR-WS, 2021, pp. 138-146; Gonçalo Melo da SILVA *et alii*, “ROSSIO Infrastructure: a digital research tool for Social Sciences, Arts and Humanities”, in *Proceedings of the ICTeSSH 2021 Conference*. 2021.

Construído o modelo de dados e a sua articulação com esquemas de metadados existentes, elaborou-se um formulário de inserção de dados que, após testado, permite o preenchimento simultâneo e colaborativo pelos vários membros da equipa de acordo com o modelo previamente estabelecido, bem como a sua posterior edição, utilização e publicação na plataforma.

Imagem 2. Formulário de inserção de dados do WSD Roadmap no Omeka S.

Considerando que a equipa já havia recolhido informação previamente à elaboração do modelo de dados e do formulário, essa foi importada para o Omeka S em formato .csv, recorrendo-se aos *plugins* CSV Import (<https://omeka.org/s/modules/CSVImport/>) e Bulk Import (<https://github.com/Daniel-KM/Omeka-S-module-BulkImport>).

A par de uma base de dados agregadora de coleções arquivísticas europeias e extraeuropeias e de fontes primárias publicadas relacionadas com as comunidades sefarditas ocidentais, atualmente dispersas por vários arquivos e bibliotecas, o projeto inclui a construção de um *website* personalizado,

o qual já se encontra *online* (<https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/wsdroadmap/page/homepage>), assente em tecnologia responsiva, viabilizando a sua consulta em qualquer suporte informático ou tipo de ecrã (do computador ao *smartphone*, passando pelo *tablet*). Este *website* integra um formulário para pesquisa (simples e avançada) da base de dados, mas também será um elemento de disseminação do projeto e das suas atividades, contendo informação sobre o WSD Roadmap, a equipa que o compõe e os resultados científicos alcançados. Conta ainda com um visualizador de mapas georreferenciados, que permite identificar os locais com maior concentração de fontes sobre o tema do projeto. Os dados agregados e disponibilizados nesta plataforma podem ainda ser exportados em vários formatos universalmente utilizados, interoperáveis e sustentáveis, de que são exemplos o .csv, o .txt ou o .odt.

Desta forma, a utilização do Omeka S revelou trazer vantagens, dado constituir uma ferramenta de fácil utilização e de código aberto, que permite desenvolver uma base de dados colaborativa e agregadora da informação, com dados estruturados e pesquisáveis, recorrendo a princípios da *web* semântica e *linked open data*, passível de ser integrada noutras plataformas nacionais e internacionais. Disponibiliza-se ainda cartografia que permite visualizar mundialmente a diáspora das coleções e a sua relação com as várias geografias da diáspora sefardita ocidental, constituindo uma ferramenta para analisar este fenómeno, bem como uma via para a divulgação do projeto e das suas atividades.

### **3. Os antecedentes da Diáspora: arquivos portugueses e património documental**

Como já foi referido acima, os primeiros nove meses do projeto WSD Roadmap foram dedicados exclusivamente ao mapeamento de coleções custodiadas por instituições portuguesas com materiais

documentais relevantes para a história da diáspora sefardita e, sobretudo, dos seus antecedentes, aqui entendidos em duas dimensões: por um lado, a presença judaica nos reinos ibéricos antes dos éditos de expulsão de finais do século XV e, por outro, o contexto cristão-novo que se encontra na origem da diáspora sefardita ocidental. Relativamente a este último ponto, as fontes inquisitoriais oferecem seguramente o mais rico manancial de informação. No caso português, essa documentação encontra-se relativamente centralizada no fundo do Tribunal do Santo Ofício, incorporado no ANTT, com exceção de alguns materiais dispersos por outras coleções e arquivos, como recentemente demonstrou o investigador Pedro Pinto.<sup>16</sup> Porém, outros fundos e coleções reservam fontes de grande relevância para o estudo da diáspora sefardita. Recordamos, em particular, o fundo da Feitoria de Antuérpia, também conservado no ANTT, ou a correspondência trocada com as representações diplomáticas portuguesas nas principais metrópoles europeias (especialmente, nos principais destinos do movimento diaspórico), dispersa por várias coleções e instituições em Portugal e no estrangeiro.<sup>17</sup>

Contudo, a grande maioria das coleções elencadas e descritas durante esta primeira fase do projeto integram, sobretudo, materiais relativos às comunidades judaicas no Portugal medieval. Evidentemente, este não foi um trabalho que partiu do zero.

---

<sup>16</sup> Pedro PINTO, *Fora do secreto. Um contributo para o conhecimento do Tribunal do Santo Ofício em arquivos e bibliotecas de Portugal*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2020.

<sup>17</sup> Vejam-se, por exemplo, o fundo do *Ministério dos Negócios Estrangeiros* do ANTT, as séries *Azul* e *Vermelha* da Academia das Ciências de Lisboa, as coleções *Pombalina* e de *Códices* da Biblioteca Nacional de Portugal, ou a coleção de *Manuscritos* da Biblioteca da Ajuda. Encontramos cópias dessas correspondências também em arquivos e bibliotecas das metrópoles onde operavam as legações portuguesas. Por exemplo, a British Library conserva copiadorees da correspondência de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marco António de Azevedo Coutinho e outros representantes diplomáticos portugueses durante as suas missões em Londres.

A identificação de tais fontes tem acompanhado a evolução dos estudos sobre a presença judaica em território português, quer num âmbito nacional, quer direcionados para geografias específicas. Os estudos de Maria José Pimenta Ferro Tavares sobre as comunidades judaicas em Portugal nos séculos XIV e XV continuam a ser uma referência para todos os investigadores que desenvolvem pesquisa nesta área.<sup>18</sup> Em particular, a obra em dois volumes *Os Judeus em Portugal no Século XV* oferece um levantamento exaustivo empreendido em determinados fundos do ANTT, ao mesmo tempo que reflete a exploração de coleções de outras instituições, nomeadamente, os arquivos municipais de Lisboa e do Porto, o Arquivo Distrital de Évora, a Academia das Ciências, a Biblioteca Nacional de Portugal e a Biblioteca Pública de Évora. Porém, o rigor e a abrangência do trabalho de Ferro Tavares não esgotaram nem o tema, nem a totalidade de fontes passíveis de serem exploradas neste campo de estudos. Outros investigadores têm vindo a demonstrar como o espectro documental que alicerça a pesquisa em torno das comunidades judaicas portuguesas é ainda mais amplo, ao explorarem fundos e coleções de arquivos locais e regionais em busca de evidências sobre geografias específicas. São os casos dos estudos de António Losa e José Marques (Braga)<sup>19</sup>, Humberto Baquero Moreno (Porto)<sup>20</sup>, Rita Costa Gomes

---

18 Maria José Pimenta Ferro TAVARES, *Os Judeus em Portugal no século XIV*. Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup>., 1979; Maria José Pimenta Ferro TAVARES, *Os Judeus em Portugal no século XV*, 2 vols. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982.

19 António LOSA, “Subsídios para o estudo dos judeus de Braga no séc. XV”, in *Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada*, vol. V. Guimarães, [s.n.], 1982, pp. 97-126; José MARQUES, “A contenda do cabido com os judeus de Braga na segunda metade do século XV”: *Revista Altitude* 7-8 (1982), pp. 27-49; José MARQUES, “O judeu brigantino Baruc Cavaleiro e o Cabido de Braga, em 1482”: *Revista da Faculdade de Letras: História* II.3 (1986), pp. 91-100; José MARQUES, “As judiarias de Braga e de Guimarães, no século XV”, in Carlos BARROS GUIMERANS, *Xudeus e Conversos na História*, vol. 2. Santiago de Compostela, La Editorial de la Historia, 1994, pp. 351-363.

20 Humberto Baquero MORENO, “Da Judiaria do Olival ao Mosteiro: alguns documentos”, in *Actas do Ciclo de Conferências: Comemorações do 4o Centenário da*

(Guarda)<sup>21</sup>, Anísio Miguel de Sousa Saraiva (Viseu)<sup>22</sup>, Saul António Gomes (Leiria e Coimbra)<sup>23</sup>, Manuela Santos Silva (Óbidos)<sup>24</sup>, Manuel Fialho da Silva (Lisboa)<sup>25</sup>, ou Maria Teresa Lopes Pereira (Alcácer do Sal)<sup>26</sup>, por exemplo.

---

*Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*. Porto, Arquivo Distrital, Mosteiro de São Bento da Vitória, 1997, pp. 209-220; Humberto Baquero MORENO, “Os Judeus na Cidade do Porto nos séculos XIV e XV”: *Revista de Ciências Históricas* 8 (1993), pp. 55-64. Note-se que os primeiros trabalhos de Baquero Moreno sobre a comunidade do Porto e, em particular, relativos à evolução da conflituosidade e antagonismo face à minoria judaica, antecedem as obras referidas de Maria José Pimenta Ferro Tavares. Veja-se, por exemplo, Humberto Baquero MORENO, “Reflexos na cidade do Porto da entrada dos conversos em Portugal nos fins do séc. XV”: *Revista de História* 1 (1978), pp. 7-38.

21 Rita COSTA-GOMES, *A Guarda Medieval 1200-1500*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1987; Rita COSTA-GOMES, “Um microcosmo citadino: a judiaria medieval da Guarda”, in Maria Antonieta GARCIA e Fernando MILHEIRO (eds.), *Guarda, História e Cultura Judaica*. Guarda, Museu da Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2000, pp. 111-116. Sobre a comunidade judaica da Guarda, veja-se também Tiago RAMOS, Alcina CAMEIJO e Daniel MARTINS, “A judiaria da Guarda: textos e contextos”, in Amélia Aguiar ANDRADE *et alii* (eds.), *Inclusão e exclusão na Europa urbana medieval*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2019, pp. 333-381.

22 Anísio Miguel de Sousa SARAIVA, “Metamorfoses da cidade medieval. A coexistência entre a comunidade judaica e a catedral de Viseu”: *Medievalista Online* 11 (2012), pp. 1-35.

23 Saul António GOMES, *A comunidade judaica de Coimbra Medieval*. Coimbra, INATEL, 2003; Saul António GOMES, *A comuna judaica de Leiria das origens à expulsão: introdução ao seu estudo histórico e documental*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», 2010. Relativamente a Coimbra, veja-se também os estudos de Jorge ALARCÃO, “As Judiarias de Coimbra”, in *Coimbra Judaica. Actas*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2009, pp. 21-26.

24 Manuela Santos SILVA, “Óbidos, a sua Judiaria e os seus Judeus nos séculos XIII a XV”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 12-13 (2014), pp. 91-104.

25 Manuel Fialho da SILVA, “A população judaica da Lisboa de D. Dinis”, in *I Congresso Histórico Internacional. As Cidades na História: População*. Guimarães, Câmara Municipal, 2012, pp. 179-193; Manuel Fialho da SILVA, “Morfologias urbanas na Lisboa Medieval: o caso das Judiarias (1147-1325)”, in Amélia Aguiar ANDRADE *et alii* (eds.), *Inclusão e exclusão na Europa urbana medieval*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2019, pp. 289-306; Manuel Fialho da SILVA e Artur ROCHA, “A Génese da Judiaria Pequena de Lisboa no século XIV”, in João Luís Inglês FONTES *et alii* (eds.), *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2016, pp. 223-240.

26 Maria Teresa Lopes PEREIRA, “A presença judaica em Alcácer do Sal”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 183-202; Maria Teresa Lopes PEREIRA, “Do Castelo à Ribeira — a urbanização de Alcácer (de finais do século XIII ao início de Quinhentos)”, in Luís Filipe OLIVEIRA



Ao longo dos últimos anos, o trabalho empreendido na construção de núcleos museológicos evocativos do património judaico português, alavancados por iniciativas como a Rede de Judiarias de Portugal, também contribuiu para o alargamento da perceção sobre a tipologia de fontes e coleções suscetíveis de conter materiais de interesse para o desenvolvimento de estudos na área. Um bom exemplo é o Centro de Interpretação da Comunidade Judaica de Torres Vedras, inaugurado em 2017, cujos conteúdos museológicos expostos se alicerçaram numa detalhada pesquisa de arquivo empreendida pelos técnicos superiores do município, sob a supervisão científica da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (<http://www.catedra-alberto-benveniste.org/>), a qual trouxe à luz testemunhos documentais oriundos de uma ampla gama de coleções arquivísticas, como por exemplo, os fundos de colegiadas locais conservados no ANTT.<sup>27</sup>

Recentemente, o projeto “Portuguese Jewish Sources in Mediaeval Times”, apoiado pela Rothschild Foundation Hanadiv Europe e acolhido pelo CIDEHUS, Universidade de Évora, empreendeu um levantamento das fontes medievais judaicas portuguesas. Parte das conclusões deste projeto foram apresentadas no Colóquio Internacional Manuscritos Judaicos Medievais na Península Ibérica, em 2017, do qual resultou a edição de uma obra coletiva no ano seguinte. Num dos trabalhos publicados neste livro, José Alberto Tavim e Lúcia Liba Mucznik demonstram a diversidade de «jóias»

---

(coord.), *Comendas Urbanas das Ordens Militares*. Lisboa, Edições Colibri, 2016, pp. 121-192.

<sup>27</sup> Nomeadamente, as Colegiadas de São Miguel, Santa Maria e São Pedro de Torres Vedras. Relativamente à comunidade de Torres Vedras, também se devem destacar os estudos desenvolvidos por Ana Maria Seabra de Almeida RODRIGUES, *Torres Vedras: a vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica, 1995; Ana Maria S. A. RODRIGUES, “Os Judeus e a Judiaria de Torres Vedras até à expulsão de 1496”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 149-157.

documentais sobre a presença judaica no Portugal medieval conservadas por instituições dispersas um pouco por todo o país, inclusivamente em arquivos distritais e municipais.<sup>28</sup>

Nas últimas décadas, a consciência destes arquivos para a necessidade de preservação e catalogação dos documentos medievais conservados nos seus acervos sofreu um evidente impulso, expresso na sua separação em coleções especiais (por exemplo, no caso dos pergaminhos), no tratamento e conservação dos materiais e em campanhas de digitalização e até de transcrição documental. Exemplar é o caso do projeto de digitalização da *Colecção de Pergaminhos* do Arquivo Distrital de Bragança, financiado pelo Programa Operacional de Cultura, o qual deu lugar à publicação de um CD-ROM com as imagens e transcrições de parte desta coleção.<sup>29</sup>

A historiografia tem-se revelado atenta à exploração dos tesouros documentais que as coleções de pergaminhos reservam para a reconstrução da história das comunidades judaicas medievais. Veja-se o caso da *Colecção de Pergaminhos* do Cabido da Sé de Viseu, conservada, atualmente, no Arquivo Distrital de Viseu. A profusão de materiais documentais com referências à comunidade judaica local nesta coleção e noutros fundos do arquivo deu inclusivamente origem a um catálogo temático.<sup>30</sup> Outro tesouro frequentemente revisitado pela historiografia é o pergaminho conservado no Arquivo Histórico de Almada, datado de 11 de outubro de 1485, que contém

---

28 José Alberto R. S. TAVIM *et alii* (eds.), *Os Judeus na Península Ibérica durante a Idade Média. Análise das suas fontes*. Coimbra, Edições Almedina, 2018. O artigo referido é: “Jóias da documentação judaica medieval portuguesa”, pp. 65-96.

29 Cristina CUNHA e Paula PINTO COSTA, *Trás-os-Montes Medieval e Moderno: Fontes documentais — digitalização e transcrição*. Bragança, Arquivo Distrital, 2004.

30 Maria das Dores Almeida HENRIQUES, *Judeus em Viseu: Catálogo dos documentos existentes no Arquivo Distrital de Viseu*. Viseu, Arquivo Distrital, 1992. Veja-se também: A. M. de S. SARAIVA, *op. cit.*; Maria José Pimenta Ferro TAVARES, “Entre a história e a lenda: A memória judaica em Portugal ou o desconhecido Portugal judaico”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 229-267.

o único registo conhecido de uma reunião da vereação da comuna de Lisboa.<sup>31</sup> Estes são apenas dois exemplos de entre vários, os quais se têm multiplicado à medida que a documentação medieval custodiada por arquivos locais e distritais é alvo de processos de inventariação e catalogação mais detalhados que potenciam uma maior acessibilidade aos investigadores. Assim, o projeto WSD Roadmap visa oferecer mais um contributo nesse sentido, orientando a pesquisa ao encontro destes tesouros documentais e de outras fontes que, embora o conteúdo possa parecer menos valioso à primeira vista, também reservam informações únicas e inestimáveis. Aliás, essa relevância reside no carácter fragmentário e profundamente lacunar do conhecimento hoje existente sobre determinadas comunidades, o que faz com que a mínima pista documental ganhe um valor notável. Consideremos, por exemplo, a *Colecção de Pergaminhos* da Câmara Municipal de Elvas, onde se pode encontrar uma petição apresentada pelos procuradores do município nas Cortes de Évora de 1490, com uma referência à comuna judaica de Elvas que, embora breve, é significativa pela escassez de informação sobre esta comunidade.<sup>32</sup> O mesmo se pode dizer de um pergaminho datado de 27 de abril de 1484, conservado no Arquivo Municipal de Manteigas, que inclui a cópia de um pleito entre dois judeus, rendeiros da sisa da comarca de Trancoso em 1469, e os moradores de Alverca.<sup>33</sup>

---

31 Arquivo Histórico Municipal de Almada, PT/AHALM/CPERG/000004. Cópia digital em <<https://www.m-almada.pt/arquivohistorico/viewer?id=112&FileID=40>>. Transcrição em José Augusto da Cunha Freitas de OLIVEIRA, “A coleção de pergaminhos do Arquivo Histórico Municipal de Almada. Transcrição e apontamento introdutório”: *Anais de Almada. Revista Cultural* 7-8 (2006), pp. 47-79.

32 Arquivo Municipal de Elvas, PERG 25. Veja-se o catálogo desta coleção: Eurico GAMA, *Catálogo dos Pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas*. Coimbra, Coimbra Editora, 1963.

33 Arquivo Municipal de Manteigas, PT/CMMTG/CMMTG/004/00006. Cópia digital do documento e da respetiva transcrição em <<https://digitarq.adgrd.arquivos.pt/details?id=1332258>>.

A tipologia de fontes agregadas nos fundos municipais — das atas de vereação a registos de teor fiscal e judicial<sup>34</sup> — reúne um conjunto de vestígios documentais cujo potencial para uma visão mais abrangente sobre a presença judaica no reino português ainda não foi plenamente explorada. O mesmo se aplica aos fundos de instituições religiosas, quer do clero secular, quer do regular, alguns ainda a carecer de uma catalogação e descrição detalhadas, capazes de nortear a pesquisa nos seus documentos.

O caso dos fundos de conventos e mosteiros extintos na sequência do decreto de 1834 e, posteriormente, integrados no ANTT e noutros arquivos e bibliotecas públicas é exemplar. Parte deles só foi alvo de um tratamento arquivístico metódico nos últimos anos, como aconteceu com a documentação monástico-conventual conservada na Biblioteca Pública de Évora (BPE). A dimensão e a diversidade deste espólio que reúne registos de 24 casas religiosas do distrito de Évora, incorporados ao longo do século XIX e inícios do século XX, constituíram um desafio à sua organização. Desde a sua incorporação no acervo da BPE, esta documentação foi separada e integrada noutros fundos e coleções (como o *Fundo Rivara* ou a coleção *Pergaminhos Avulsos*), sem a devida produção de instrumentos de pesquisa completos e atualizados. Só muito recentemente, um grupo de investigadores empreendeu a exigente tarefa de inventariar exaustivamente esse acervo documental, da qual resultou um catálogo publicado sob a chancela do CIDEHUS em 2017.<sup>35</sup> Esta inventariação dotou os

---

34 Por exemplo, no Arquivo Municipal de Loulé, encontramos referências à comunidade judaica local em séries diversas do fundo municipal, nomeadamente, nos *Livros de Actas de Vereações* (PT/AMLLE/CMLLE/B-A/001) e no *Livro da Repartição da Fruta* (PT/AMLLE/CMLLE/F-C/002/00002), mas também no fundo do *Juiz dos Órfãos* (PT/AMLLE/JOLLE), visto que esta magistratura tinha jurisdição sobre os órfãos das minorias judaica e muçulmana.

35 João Luís FONTES, Joaquim Bastos SERRA e Maria Filomena ANDRADE, *Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora*. Évora, CIDEHUS-UÉ, Edições Colibri, 2017.

investigadores de uma ferramenta de trabalho que evidencia a verdadeira dimensão deste acervo e a sua potencialidade para a pesquisa histórica em diversas áreas, inclusivamente no âmbito das comunidades judaicas do Alentejo. Neste campo, as referências são dispersas e exigem uma leitura atenta, documento a documento, para se conseguir encontrar um ou outro indício: como a menção a Mousem Caldeirão, rendeiro das sisas em 1486 e dono de uma casa na Rua da Judiaria de Évora, na vizinhança das residências de Rabi Joseph e Mousse Galite; ou a referência a Samuel Zaguazay e à mulher Cete, proprietários de uma vinha com oliveiras nos arredores de Montemor-o-Novo, que venderam a uma nobre em 1492; ou o aforamento, em 1449, de um pardieiro na judiaria de Vila Viçosa, adjacente às casas de Judah Pinto e Juce Façam, feito por um casal judeu: Izaque Dayres e Lediça.<sup>36</sup> Durante a pesquisa para a base de dados do WSD Roadmap, empreendemos uma abordagem a parte destes fundos da BPE, bem como a outros arquivos monástico-conventuais conservados em outras instituições portuguesas que, longe de ser exaustiva, permitiu evidenciar o quanto poderão oferecer à história das comunidades judaicas locais se analisados minuciosamente.

Esse potencial alarga-se a outras coleções ainda mais inesperadas. Por exemplo, o Museu Nacional de Arqueologia custodia uma coleção de cerca de uma centena de pergaminhos adquiridos por José Leite de Vasconcelos, contendo contratos relativos a uma família de mercadores de Guimarães, nos quais se encontram referências dispersas à judiaria da cidade e aos seus residentes no século XV.<sup>37</sup> Também o manuscrito mais antigo da Biblioteca

---

<sup>36</sup> BPE, *Convento de São João Evangelista*, liv. 1, peça 6; *Convento da Saudação de Montemor-o-Novo*, liv. 26, peça 140; *Convento de Santo Agostinho de Vila Viçosa*, liv. 13, peça 2. Agradecemos ao investigador Pedro Pinto a sugestão de consulta destes fundos.

<sup>37</sup> Museu Nacional de Arqueologia, *Pergaminhos*, cx. 7, n.º 237, 244, 258, 271, 275 e 293.

da Ordem dos Advogados consiste no pergaminho de um contrato de venda de bens e terrenos no valor de 3000 reais brancos a um casal judeu de Pinhel, Samuel Adoena e Oracima, a 20 de agosto de 1477.<sup>38</sup> As circunstâncias que conduziram este documento até esta biblioteca permanecem desconhecidas, tendo resultado, possivelmente, de uma doação particular.

Ao longo desta primeira fase de pesquisa, identificámos igualmente materiais documentais de teor judaico em fundos familiares e particulares. Geralmente, a sua acessibilidade é, por norma, mais limitada. Mesmo quando transferidos para instituições públicas ou outras abertas à consulta, o tratamento e a catalogação deste tipo de fundos tende a ser preterido a outras coleções. Vejamos o caso da Biblioteca Nacional de Portugal que, ao longo da sua história, tem adquirido ou recebido por doação vários fundos familiares e pessoais, uma parte dos quais ainda aguarda o devido processo de tratamento arquivístico. Estes foram agregados no complexo «Coleções em Organização», embora cada fundo se tenha mantido individualizado e uma parte, inclusive, contendo inventários da respetiva documentação, geralmente pouco completos. É neste complexo que encontramos, por exemplo, o fundo *Almada Lencastre Bastos*, adquirido pela Biblioteca Nacional em 1973, mas só recentemente alvo de inventariação e descrição integral pela investigadora Alice João Palma Borges Gago, na sequência da sua tese de doutoramento.<sup>39</sup> Entre os seus

---

38 Biblioteca da Ordem dos Médicos, *Fundo de Reservados, Manuscritos*, doc. 1. Cópia disponível online em <[https://www.oa.pt/cd/Conteudos/Artigos/detalhe\\_artigo.aspx?sidc=58102&idc=58658&idsc=108675&ida=107035](https://www.oa.pt/cd/Conteudos/Artigos/detalhe_artigo.aspx?sidc=58102&idc=58658&idsc=108675&ida=107035)>. Agradecemos ao investigador Pedro Pinto a indicação deste documento.

39 Alice João Palma Borges GAGO, “Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)”, [Tese de doutoramento]. Lisboa, [s.n.], 2019. Uma parte do fundo já havia sido previamente inventariada: Pedro PINTO, “O Arquivo da Família Almada Lencastre Basto (Casa de Souto de El-Rei e Casa da Feira) na Biblioteca Nacional: propostas de exploração no âmbito da elaboração de um catálogo”, in Maria de Lurdes ROSA (org.), *Arquivos de família, sécs. XIII-XX*:

documentos, encontramos registos de transações e arrendamentos de propriedades, com referências a elementos das comunidades judaicas do Porto e de Guimarães no século XV.<sup>40</sup>

Comum aos fundos familiares e particulares, bem como aos conventuais, eclesiásticos, municipais ou institucionais, é a tipologia de documento onde predominantemente se encontram testemunhos relativos a judeus e judiarias: registos sobre questões de propriedade, nomeadamente, contratos de compra e venda, aforamentos e emprazamentos. A informação que este tipo de documento fornece tende a ser lacónica. Geralmente, limita-se a alguns nomes e indícios sobre a respetiva origem e residência. Por vezes, os próprios nomes são vagos — Abraão judeu, Aviziboa judia, por exemplo — e não permitem a identificação precisa do indivíduo. Não obstante, e como já foi referido acima, dada a pouca informação conhecida relativa a determinadas comunidades, uma pequena pista, por ínfima que seja, pode resultar em conclusões bastante significativas. Vejamos o seguinte exemplo. Apesar de a bibliografia especializada reconhecer a existência de uma comuna judaica em Vila Nova de Portimão no século XV, a sua localização permanece uma incógnita. Maria José Pimenta Ferro Tavares questiona mesmo se teria existido uma judiaria apartada.<sup>41</sup> Ao explorarmos o fundo *Casa de Abrantes*, que integra documentação da casa dos Condes de Vila Nova de Portimão, a qual tem vindo a ser adquirida pelo ANTT desde finais dos anos 80, encontrámos um indício capaz de trazer

---

*que presente, que futuro?* Lisboa, IEM — Instituto de Estudos Medievais, CHAM — Centro de História de Além-Mar, Caminhos Romanos, 2012, pp. 307-342.

<sup>40</sup> Veja-se BNP, *Almada Lencastre Basto, Encarnação*, mc. 1, cx. 42, cap. 6; *Avenida de Roma*, pac. 96, n.º 144, cx. 96A; pac. 114, n.º 187, cx. 114 II, cap. 3; pac. 153, cx. 101, caps. 4 e 5. A documentação do fundo encontra-se dividida conforme as três diferentes proveniências do acervo no momento do ingresso na Biblioteca Nacional de Portugal: o ANTT, o Convento da Encarnação e a casa familiar na Avenida de Roma, em Lisboa.

<sup>41</sup> Maria José Pimenta Ferro TAVARES, *As Judiarias de Portugal*. Lisboa, CTT, 2010, p. 175.

novas luzes para a resolução desta dúvida. O traslado de uma carta de aforamento datada de 5 de novembro de 1484 descreve umas casas cujo quintal «parte de llongo do muro e entesta no monturo dos judeos e como vay do llongo das casas que dessem da porta da Judiaria athé as pportas das Freyras».<sup>42</sup> Portanto, esta pequena referência, capaz de passar despercebida no conjunto do documento, permite responder a duas questões até ao momento deixadas em aberto: a delimitação da judiaria de Vila Nova de Portimão e a sua localização aproximada.

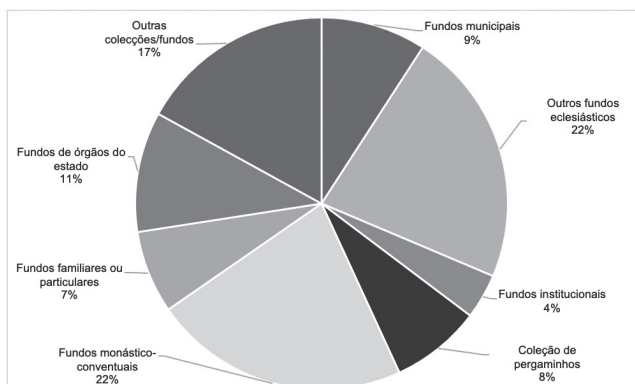


Gráfico 2. Tipologias de coleções documentais identificadas na primeira fase do projeto (arquivos e bibliotecas em Portugal).

---

<sup>42</sup> ANTT, *Casa de Abrantes*, cx. 41, mç. 122, doc. 2423.





Imagem 3. Localização e número de bibliotecas e arquivos das coleções documentais identificadas na primeira fase do projeto.

## Conclusão

Este pequeno exemplo prova como testemunhos sobre as comunidades judaicas podem ser encontrados nos fundos documentais menos evidentes e que só uma pesquisa minuciosa permite chegar ao seu encontro. O objetivo do WSD Roadmap não é empreender essa investigação exaustiva nos conteúdos das coleções arquivísticas, mas tão-só deixar pistas para futuras indagações. Ao associar arquivos e coleções aparentemente desconexos da temática judaica ao âmbito da diáspora sefardita e dos seus antecedentes, o WSD Roadmap visa abrir os horizontes dos investigadores e incentivar a exploração destes núcleos documentais em busca de informação que permita alargar o conhecimento nesta área de estudo. Sensibilizar a comunidade científica (e não só) para o quanto ainda há por devassar e perscrutar nos arquivos e bibliotecas, inspirando novos projetos e promovendo o estudo da diáspora sefardita na academia portuguesa constitui, sem dúvida, uma das metas do nosso projeto.

A plataforma WSD Roadmap, em código aberto, intuitiva e de fácil manuseamento, permitirá o acesso simples às descrições das coleções arquivísticas e a ligação a recursos disponíveis em linha, desde os *websites* e bases de dados dos respetivos arquivos até outros instrumentos de pesquisa disponíveis em formato digital. A estruturação dos dados e o motor de pesquisa associados à plataforma providenciará as condições necessárias para que as buscas sejam o mais direcionadas possível. Em simultâneo, ao ser construída sob os princípios da interoperabilidade e da ciência aberta, a plataforma possibilitará a partilha de dados com outras plataformas, otimizando assim a disseminação dos resultados do projeto e incentivando à participação pública na melhoria das descrições e na identificação de outras coleções passíveis de integrar a base de dados. Desta forma, o WSD Roadmap constituirá,

igualmente, um veículo de divulgação do património documental conservado em arquivos e bibliotecas nacionais e internacionais e, esperamos, um estímulo à concretização de parcerias entre instituições em prol da preservação, organização e promoção dos seus acervos.

## Referências bibliográficas

### Fontes

#### Academia das Ciências de Lisboa

ACL. Série *Azul*.

ACL. Série *Vermelha*.

#### Arquivo Histórico Municipal de Almada

AHMA. *A comuna dos judeus de Lisboa, reunida em vereação, autoriza José Calado e José ben Yaex a venderem o foro de umas casas na Judiaria Nova a Juda Gabay e José Catalão*. PT/AHALM/CPERG/000004.

#### Arquivo Municipal de Elvas

AME. PERG 25.

#### Arquivo Municipal de Loulé

AML. *Livros de Actas de Vereações*, PT/AMLLE/CMLLE/B-A/001. [Série].

AML. *Livro da Repartição da Fruta*, PT/AMLLE/CMLLE/F-C/002/00002. [Série].

AML. *Juízo dos Órfãos de Loulé*, PT/AMLLE/JOLLE. [Série].

#### Arquivo Municipal de Manteigas

AMM. PT/CMMTG/CMMTG/004/00006.

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Casa de Abrantes*, cx. 41, m. 122, doc. 2423.

ANTT. *Ministério dos Negócios Estrangeiros*.

#### Biblioteca da Ajuda

BA. *Manuscritos*. [Coleção].

#### Biblioteca Nacional de Portugal

BNP. *Almada Lencastre Basto, Encarnação*, m. 1, cx. 42, cap. 6.

BNP. *Almada Lencastre Basto, Avenida de Roma*, pac. 96, n.º 144, cx. 96A.

BNP. *Almada Lencastre Basto, Avenida de Roma*, pac. 114, n.º 187, cx. 114 II, cap. 3.

BNP. *Almada Lencastre Basto, Avenida de Roma*, pac. 153, cx. 101, caps. 4 e 5.

BNP. *Códices*. [Coleção].

BNP. *Pombalina*. [Coleção].

#### Biblioteca da Ordem dos Médicos

BOM. *Fundo de Reservados. Manuscritos*, doc. 1.

#### Biblioteca Pública de Évora

BPE. *Convento de Santo Agostinho de Vila Viçosa*, liv. 13, pç. 2.

BPE. *Convento de São João Evangelista*, liv. 1, pç. 6.

BPE. *Convento da Saudação de Montemor-o-Novo*, liv. 26, pç. 140.

## Museu Nacional de Arqueologia

MNA. *Pergaminhos*, cx. 7, n.º 237, 244, 258, 271, 275 e 293.

## Bibliografia

- AFONSO, Luís Urbano e MIRANDA, Adelaide (eds.), *O livro e a iluminura judaica em Portugal no final da Idade Média*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2015.
- ALARCÃO, Jorge, “As Judiarias de Coimbra”, in *Coimbra Judaica. Actas*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2009, pp. 21-26.
- ALMEIDA, Bruno; FREIRE, Nuno e MONTEIRO, Daniel, “The Development of the ROSSIO Thesaurus: Supporting Content Discovery and Management in a Research Infrastructure”, in D. DOSSO *et alii* (eds.), *Proceedings of the 17<sup>th</sup> Italian Research Conference on Digital Libraries*. Aachen, CEUR-WS, 2021, pp. 138-146. Disponível em <<https://ceur-ws.org/Vol-2816/short1.pdf>>.
- BODIAN, Miriam, “The ‘Portuguese’ Dowry Societies in Venice and Amsterdam: A Case Study in Communal Differentiation within the Marrano Diaspora”: *Italia: studi e ricerche sulla cultura e sulla letteratura degli ebrei d'Italia* 6.1-2 (1987), pp. 30-61. Disponível em <<https://www.nli.org.il/en/articles/RAMBI990000076710705171/NLI>>.
- , “The Western Sephardic Diaspora”, in Hasia R. DINER (ed.), *The Oxford Handbook of the Jewish Diaspora*. Oxford, Oxford University Press, 2021, pp. 370-389. DOI:10.1093/oxfordhb/9780190240943.013.25.
- CHAM — CENTER FOR THE HUMANITIES AND THE DIGITAL HUMANITIES LAB — WSD Roadmap Project. Disponível em <<https://projetos.dhlab.fchsh.unl.pt/s/wsdroadmap/page/homepage>>.
- CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, ISAD(G): *Norma geral internacional de descrição arquivística*, [2.ª ed.]. Lisboa, Ministério da Cultura, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 2002.
- COSTA-GOMES, Rita, *A Guarda Medieval 1200-1500*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1987.
- , “Um microcosmo cidadão: a judiaria medieval da Guarda”, in Maria Antonieta GARCIA e Fernando MILHEIRO (eds.), *Guarda, História e Cultura Judaica*. Guarda, Museu da Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 2000, pp. 111-116.
- CUNHA, Cristina e COSTA, Paula Pinto, *Trás-os-Montes Medieval e Moderno: Fontes documentais - digitalização e transcrição*. Bragança, Arquivo Distrital de Bragança, 2004.
- FONTES, João Luís, SERRA, Joaquim Bastos e ANDRADE, Maria Filomena, *Inventário dos Fundos Monástico-Conventuais da Biblioteca Pública de Évora*. Évora, CIDEHUS-UE, Edições Colibri, 2017. DOI:10.4000/books.cidehus.3066 [Consultado em 20 de novembro de 2021].
- GAGO, Alice João Palma Borges, “Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)”, [Tese de doutoramento]. Lisboa, [s.n.], 2019.
- GAMA, Eurico, *Catálogo dos pergaminhos do Arquivo Municipal de Elvas*. Coimbra, Coimbra Editora, 1963.
- GOMES, Saul António, *A comunidade judaica de Coimbra Medieval*. Coimbra, INATEL, 2003.

- , *A comuna judaica de Leiria das origens à expulsão: introdução ao seu estudo histórico e documental*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste», 2010.
- HENRIQUES, Maria das Dores Almeida, *Judeus em Viseu: Catálogo dos documentos existentes no Arquivo Distrital de Viseu*. Viseu, Arquivo Distrital, 1992.
- ISRAEL, Jonathan, *Diasporas within a Diaspora. Jews, Crypto-Jews and the World of Maritime Empires (1540-1740)*. Leiden, Brill, 2002.
- , “Jews and Crypto-Jews in the Atlantic World Systems, 1500-1800”, in Richard L. KAGAN e Philip D. MORGAN (eds.), *Atlantic Diasporas. Jews, Conversos, and Crypto-Jews in the Age of Mercantilism, 1500-1800*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 2009, pp. 3-4.
- KAGAN, Richard L. e MORGAN, Philip D. (eds.), *Atlantic Diasporas: Jews, Conversos, and Crypto-Jews in the Age of Mercantilism, 1500-1800*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2009.
- KAPLAN, Yosef. *An Alternative Path to Modernity. The Sephardi Diaspora in Western Europe*. Leiden, Brill, 2000.
- , “Between Christianity and Judaism in Early Modern Europe: The Confessionalization Process of the Western Sephardi Diaspora”, in Lothar GALL e Dietmar WILLOWEIT (eds.), *Judaism, Christianity, and Islam in the Course of History: Exchange and Conflicts*. Berlin, De Gruyter Oldenbourg, 2011, pp. 307-341 DOI:10.1515/9783110446739-025.
- , *Religious Changes and Cultural Transformations in the Early Modern Western Sephardic Communities*. Leiden, Brill, 2019.
- LOSA, António, “Subsídios para o estudo dos judeus de Braga no séc. XV”, in *Congresso Histórico de Guimarães e Sua Colegiada*, vol. V. Guimarães, [s.n.], 1982, pp. 97-126.
- MARQUES, José, “A contenda do cabido com os judeus de Braga na segunda metade do século XV”: *Revista Altitude* 7-8 (1982), pp. 27-49.
- , “As judiarias de Braga e de Guimarães, no século XV”, in Carlos BARROS GUIMERANS, *Xudeus e Conversos na História*, vol. 2. Santiago de Compostela, La Editorial de la Historia, 1994, pp. 351-363.
- , “O judeu brigantino Baruc Cavaleiro e o Cabido de Braga, em 1482”: *Revista da Faculdade de Letras: História* II.3 (1986), pp. 91-100. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/8805>>.
- MOITA, Tiago, “Manuscritos hebraicos em Portugal”: *Medievalista Online* 22 (2017), pp. 2-24. DOI:10.4000/medievalista.1350 [Consultado em 13 de novembro de 2021].
- , “O livro hebraico português na Idade Média: do Sefer He-Aruk de Seia (1284-85) aos manuscritos iluminados tardo-medievais da Escola de Lisboa e os primeiros incunábulo”. [Tese de doutoramento]. Lisboa, [s.n.], 2017.
- MORENO, Humberto Baquero, “Da Judiaria do Olival ao Mosteiro: alguns documentos”, in *Actas do Ciclo de Conferências: Comemorações do 4º Centenário da Fundação do Mosteiro de S. Bento da Vitória*. Porto, Arquivo Distrital, Mosteiro de São Bento da Vitória, 1997, pp. 209-220.
- , “Os Judeus na Cidade do Porto nos séculos XIV e XV”: *Revista de Ciências Históricas* 8 (1993), pp. 55-64.

- , “Reflexos na cidade do Porto da entrada dos conversos em Portugal nos fins do séc. XV”: *Revista de História* 1 (1978), pp. 7-38.
- MUCZNIK, Lúcia Liba, *Judaica nas coleções da Biblioteca Nacional de Portugal: séculos XIII a XVIII. Catálogos*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2014.
- OLIEL-GRAUSZ, Evelyne, “La diaspora séfarade au XVIII siècle: communication, espace, réseaux”: *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* 48 (2004), pp. 55-71.
- , “Networks and Communication in the Sephardi Diaspora: An Added Dimension to the Concept of Port Jews and Port Jewries”: *Jewish Culture and History* 7.1-2 (2004), pp. 61-76. DOI:10.1080/1462169X.2004.10512010.
- OLIVEIRA, José Augusto da Cunha Freitas de, “A coleção de pergaminhos do Arquivo Histórico Municipal de Almada. Transcrição e apontamento introdutório”: *Anais de Almada. Revista Cultural* 7-8 (2006), pp. 47-79.
- PEREIRA, Maria Teresa Lopes, “A presença judaica em Alcácer do Sal”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 183-202.
- , “Do Castelo à Ribeira — a urbanização de Alcácer (de finais do século XIII ao início de Quinhentos)”, in Luís Filipe OLIVEIRA (coord.), *Comendas Urbanas das Ordens Militares*. Lisboa, Edições Colibri, 2016, pp. 121-192.
- PINTO, Pedro, *Fora do secreto. Um contributo para o conhecimento do Tribunal do Santo Ofício em arquivos e bibliotecas de Portugal*. Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2020. DOI:10.34632/9789728361921.
- , “O Arquivo da Família Almada Lencastre Basto (Casa de Souto de El-Rei e Casa da Feira) na Biblioteca Nacional: propostas de exploração no âmbito da elaboração de um catálogo”, in Maria de Lurdes ROSA (org.), *Arquivos de família, sécs. XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa, IEM — Instituto de Estudos Medievais, CHAM — Centro de História de Além-Mar, Caminhos Romanos, 2012, pp. 307-342.
- RAMOS, Tiago, CAMEIJO, Alcina e MARTINS, Daniel, “A judiaria da Guarda: Textos e Contextos”, in Amélia Aguiar ANDRADE *et alii* (eds.), *Inclusão e Exclusão na Europa Urbana Medieval*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2019, pp. 333-381.
- RAUSCHENBACH, Sina e SCHORSCH, Jonathan (eds.), *Sephardic Atlantic. Colonial Histories and Postcolonial Perspectives*. Hampshire, Palgrave Macmillan, 2019.
- RICHLER, Benjamin e BEIT-ARIÉ, Malachi (eds.), *Hebrew Manuscripts in the Biblioteca Palatina in Parma: Catalogue*. Jerusalem, Jewish National and University Library, 2001.
- RODRIGUES, Ana Maria S. A., “Os Judeus e a Judiaria de Torres Vedras até à expulsão de 1496”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 149-157.
- , *Torres Vedras. A vila e o termo nos finais da Idade Média*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica, 1995.
- ROITMAN, Jessica, *The Same but Different? Inter-Cultural Trade and the Sephardim, 1595-1640*. Leiden, Brill, 2011.

- ROSSI, Giovanni Bernardo de, *Manuscripti Codice Hebraici Bibliothecae*, 3 vols. Parma, [s.n.], 1803.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, “Metamorfoses da cidade medieval. A coexistência entre a comunidade judaica e a catedral de Viseu”: *Medievalista Online* 11 (2012), pp. 1-35. DOI:10.4000/medievalista.793 [Consultado em 16 de novembro de 2021].
- SILVA, Gonçalo Melo da *et alii*, “ROSSIO Infrastructure: a digital research tool for Social Sciences, Arts and Humanities”, in *Proceedings of the ICTeSSH 2021 Conference*. 2021, pp. 1-11. DOI:10.21428/7a45813f.579bb144.
- SILVA, Manuel Fialho da, “A população judaica da Lisboa de D. Dinis”, in *I Congresso Histórico Internacional. As Cidades na História: População*. Guimarães, Câmara Municipal, 2012, pp. 179-193.
- , “Morfologias urbanas na Lisboa Medieval: o caso das Judiarias (1147-1325)”, in Amélia Aguiar ANDRADE *et alii* (eds.), *Inclusão e exclusão na Europa urbana medieval*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2019, pp. 289-306.
- SILVA, Manuel Fialho da e ROCHA, Artur, “A génese da Judiaria Pequena de Lisboa no século XIV”, in João Luís Inglês FONTES *et alii* (eds.), *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, 2016, pp. 223-240.
- SILVA, Manuela Santos, “Óbidos, a sua Judiaria e os seus Judeus nos séculos XIII a XV”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 12-13 (2014), pp. 91-104.
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro, *As Judiarias de Portugal*. Lisboa, CTT, 2010.
- , “Entre a história e a lenda: A memória judaica em Portugal ou o desconhecido Portugal judaico”, in Carlos Guardado da SILVA (ed.), *Judiarias, Judeus e Judaísmo*. Lisboa, Edições Colibri, Câmara Municipal de Torres Vedras, Instituto Alexandre Herculano, 2013, pp. 229-267.
- , *Os Judeus em Portugal no século XIV*. Lisboa, Guimarães & C<sup>a</sup>., 1979.
- , *Os Judeus em Portugal no século XV*, 2 vols. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1982.
- TAVIM, José Alberto R. S. *et alii* (eds.), *Os Judeus na Península Ibérica durante a Idade Média. Análise das suas fontes*. Coimbra, Edições Almedina, 2018.
- TRIVELLATO, Francesca, *The Familiarity of Strangers. The Sephardic Diaspora, Livorno, and Cross-Cultural Trade in the Early Modern Period*. New Haven and London, Yale University Press, 2009.
- ROTHSCHILD FOUNDATION (HANADIV) EUROPE — Yerusha Data Set 4.0. Disponível em <<https://www.yerusha-search.eu/viewer/index/>> [Consultado em 3 de novembro de 2021].



**AINDA A PROPÓSITO DE UMA RECENSÃO  
CRÍTICA QUINHENTISTA DO LIVRO DE CARTAS  
MÉDICAS DE GARCIA LOPES<sup>1</sup>**

**STILL ON THE SUBJECT OF A 16<sup>TH</sup> CENTURY  
CRITICAL REVIEW OF GARCIA LOPES' BOOK  
OF MEDICAL LETTERS**

*Emília M. Rocha de Oliveira*

Universidade de Aveiro

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

*emilia.oliveira@ua.pt*

ORCID: 0000-0002-8433-9129

*António M. L. Andrade*

Universidade de Aveiro

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

*aandrade@ua.pt*

ORCID: 0000-0002-7456-6504

**Resumo:** Garcia Lopes, um médico cristão-novo natural de Portalegre, publicou um volume miscelânico, em forma epistolar, sobre diversos temas médicos, durante a sua curta estada no empório do Escalda, sob o título *Commentarii de uaria rei medicae lectione* (Antuérpia, 1564). Desconhecia-se até ao presente qual teria sido a receção deste livro nos meios académicos e científicos

---

<sup>1</sup> Este trabalho é financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04188/2020 e DL57/2016/CP1482/CT0039 (<https://doi.org/10.54499/DL57/2016/CP1482/CT0039>).

portugueses. Porém, Jorge Godines, um médico quase desconhecido dos reinados de D. João III e de D. Sebastião, acrescentou ao volume de *epistolae medicinales* que organizou uma pormenorizada recensão crítica ao livro do colega alentejano, intitulada *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Loppii*, isto é, «Súmula do que criticamos no livrinho de Garcia Lopes». Dá-se seguimento e complementa-se, no presente estudo, a análise deste texto *sui generis*, no quadro da relação próxima estabelecida com a obra recenseada, evidenciando a acesa controvérsia entre dois médicos contemporâneos, bem reveladora da riqueza, da acuidade e da atualidade do debate científico no Portugal de Quinhentos.

**Palavras-chave:** *epistolae medicinales* — correspondência erudita e científica, Humanismo Renascentista Português, Garcia Lopes, Jorge Godines, debate médico.

**Abstract:** During his short stay in the Scheldt emporium, Garcia Lopes, a New Christian doctor from Portalegre, published a miscellaneous volume, in epistolary form, dealing with various medical topics, entitled *Commentarii de uaria rei medicae lectione* (Antwerp, 1564). The reception of this book in Portuguese academic and scientific circles had not been established to date. However, Jorge Godines, an almost unknown physician, active during the reigns of King João III and King Sebastião, added a detailed critical review of his colleague's book to the volume of *epistolae medicinales* he had organised, entitled *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Loppii*, i.e. "Summary of what we criticised in Garcia Lopes' booklet". This study follows on from and complements the analysis of this *sui generis* text, in the context of the close relationship it established with the work under review, highlighting the heated controversy between the two contemporary doctors, which reveals the richness, acuity and topicality of the scientific debate in 16<sup>th</sup> century Portugal.

**Keywords:** *epistolae medicales* — learned and scientific correspondence, Portuguese Renaissance Humanism, Garcia Lopes, Jorge Godines, medical debate.

\*\*\*

Jorge Godines preparou para publicação um volume de *epistolae medicales*, um género narrativo muito apreciado pelos médicos humanistas, inaugurado no século XVI com a publicação do livro *Epistolae medicales in quibus multa recentiorum errata et antiquorum decreta reserantur* (Ferrara, 1521), de Giovanni Manardo.<sup>2</sup> O códice manuscrito deste médico lisboeta, cuja existência se desconhecia na investigação produzida no âmbito da história do Humanismo Renascentista e da Medicina portuguesas, constitui o melhor exemplo deste género até agora sem representação conhecida na literatura novilatina de autores portugueses,<sup>3</sup> a não ser que se considere, por aproximação,

---

2 Sobre as características deste género, veja-se Ian MACLEAN, “The Medical Republic of Letters before the Thirty Years War”: *Intellectual History Review* 18 (2008), pp. 15-30; I. MACLEAN, *Learning and the Market Place: Essays on the History of the Early Modern Book*. Leiden, Brill, 2009 (mormente o cap. 4, “The diffusion of Learned Medicine in the Sixteenth Century through the Printed Book”, pp. 59-86); Gianna POMATA, “«Observatio» ovvero «historia»: Note su empirismo e storia in età moderna”: *Quaderni Storici* 31 (1996), pp. 173-198; G. POMATA, “*Praxis Historialis*: The Uses of *Historia* in Early Modern Medicine”, in G. POMATA e Nancy G. SIRAISSI (eds.), *Historia: Empiricism and Erudition in Early Modern Europe*. Cambridge, MIT Press, 2005, pp. 105-146; N. G. SIRAISSI, *Communities of Learned Experience. Epistolary Medicine in the Renaissance*. Baltimore, Johns Hopkins, 2013; Bohdana DIVISOVÁ, *Medical Case Studies (Consilia medica) of the Early Modern Period*. Amsterdam, Amsterdam University Press, 2022.

3 Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 7198. Sobre Jorge Godines, leiam-se Bruno A. MARTINHO e António M. L. ANDRADE, “In Search of the Unicorn’s Virtue in a Rhino Horn Cup: Consumption of Rhino Horns and the Production of Knowledge in Early Modern Lisbon”: *Early Science and Medicine* 27.6 (2022), pp. 572-600; Emília M. Rocha de OLIVEIRA e A. M. L. ANDRADE, “Uma recensão crítica quinhentista do livro de cartas médicas de Garcia Lopes”: *Humanitas* 82 (2023), pp. 119-143. Tomamos a liberdade de referir o nosso trabalho aceite para publicação:

a obra de carácter miscelâneo sobre diversos temas de medicina de Garcia Lopes (Portalegre, ca. 1520 – Évora, 1572), dada à estampa em Antuérpia, em 1564, sob o título *Commentarii de uaria rei medicae lectione*.<sup>4</sup>

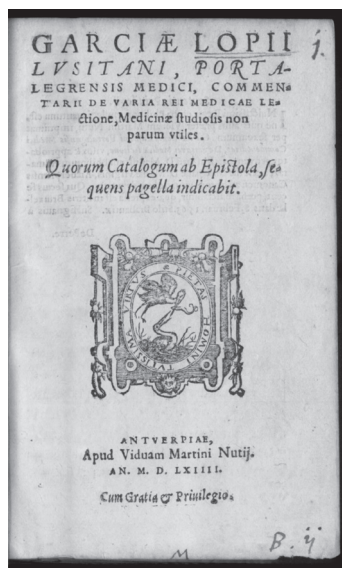


Fig. 1. Folha de rosto do livro de Garcia Lopes. Bayerische Staatsbibliothek, M.med. 284#Beibd.1.

Entre as cerca de oito dezenas de *epistolae medicinales* coligidas por Jorge Godines, encontra-se um texto deveras curioso, que é uma minuciosa resenha do livro de Garcia Lopes<sup>5</sup>, cuja publicação

E. M. R. OLIVEIRA (2024), “*Essetne cristallus aqua congelata ex impenso frigore dicta glacies uel lapis concretus instar adamantis*: tradición clásica, humanismo y medicina a propósito de un *consilium* sobre el cristal de roca”, que será publicado no volume J. M<sup>a</sup> MAESTRE MAESTRE, S. I. RAMOS MALDONADO, M. A. DÍAZ GITO *et alii*, *Elio Antonio de Nebrija. Humanismo y Poder*, Instituto de Estudios Humanísticos, Universidade de Lisboa, Universidad Nacional Autónoma de México, decorrente do congresso internacional ocorrido em julho de 2022, em Lebrija (Sevilha).

<sup>4</sup> G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione, medicinae studiosis non parum utiles. Quorum catalogum ab epistola sequens pagella indicabit*. Antuerpiae, apud uiduam Martini Nutij, 1564.

<sup>5</sup> Sobre a vida e obra de Garcia Lopes, vejam-se G. J. C. HENRIQUES (DA CARNOTA), *Inéditos Goesianos*, vol. 2. Lisboa, Typographia de Vicente da Silva, 1898, pp. 176-180; Augusto da Silva CARVALHO, “Notícia sobre Alguns Médicos Judeus

não se estranharia numa qualquer revista científica da atualidade. É realmente uma verdadeira recensão crítica, na qual se vivencia um debate acalorado, um questionamento dialogante e uma reflexão aprofundada sobre os capítulos do livro do médico portalegrense, apenas possível graças ao conhecimento e à experiência ímpares do autor da resenha. Os comentários manuscritos de Jorge Godines encontram-se numerados e alinhados de acordo com a ordem de publicação dos textos na miscelânea em análise. Naturalmente, o texto de Godines terá sido redigido depois da publicação do livro de Garcia Lopes (1564), o que condiz com a forma e o local em que o próprio texto foi disposto no volume.<sup>6</sup>

Na verdade, esta primeira parte das *epistolae medicinales* de Jorge Godines — onde está integrada a recensão — foi preparada em 1558, conforme é referido no colofão, pelo que as cartas médicas terão sido compostas ao longo da década de cinquenta, durante o pontificado de Júlio III. Apesar de o manuscrito das *epistolae*

---

do Alentejo” (Separata do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*). Lisboa, Tipografia do Comércio, 1930, pp. 8-15; Inês de Ornellas e CASTRO, “Prática Médica e Alimentação nos Textos Portugueses Seiscentistas”, in Palmira Fontes da COSTA e Adelino CARDOSO (coords.), *Percursos na História do Livro Médico.1450-1800*. Lisboa, Edições Colibri, 2011, pp. 73-91; Arlindo N. M. CORREIA, *A Inquisição Portuguesa em face dos Seus Processos*. Vol. 2. Lisboa, Edições Ex-Libris, 2018, pp. 47-60; J. C. MENDES, “O Livro *Commentarii de Varia Rei Medicae* (Antuérpia, 1564) de Garcia Lopes”, in *A Universidade e os Descobrimentos*. Colóquio promovido pela Universidade de Lisboa. Lisboa, CNCDP/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 267-290; M. J. PÉREZ IBÁÑEZ, *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*. Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid, 1997, pp. 69-70, 164-167; António Guimarães PINTO, “Achega para uma antologia de médicos latinistas portugueses: Garcia Lopes e D. Sebastião”, in António REBELO e Margarida MIRANDA, *O Mundo Clássico e a Universalidade dos seus Valores*, vol. II. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, pp. 139-149; A. G. PINTO, *Prefácios e dedicatórias de livros em latim de médicos portugueses (1520-1620)*. Tradução em latim, introdução e notas de António Guimarães Pinto. Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2023 (Coleção Usque, vol. 4), pp. 311-335.

6 A *Summa* terá sido redigida pela mão do próprio autor nos anos subseqüentes à preparação da primeira parte da colectânea de *epistolae medicinales*, mais precisamente, de 1564 em diante, e pode ser lida, por esta ordem, nos fólhos 125v, 110r-110v e 111r. O autor começou por ocupar o espaço sobrance no fol. 125v, para continuar a escrever nos fólhos 110r-110v (incluindo as margens, o topo e a base), que haviam ficado em branco, terminando na margem esquerda e no topo do fólio 111r.

*medicinales* aparentar estar preparado para ser levado ao prelo, não existe notícia de que isso alguma vez tenha acontecido, malgrado o poder e a influência do mecenas a quem a obra foi dedicada, ou seja, o reputado doutor João de Melo e Castro, à época, bispo do Algarve e um dos inquisidores mais temidos entre a comunidade cristã-nova.<sup>7</sup>

Após esta primeira redação, Jorge Godines continuou ao longo dos anos subsequentes a acrescentar novos textos nos fólios em branco ou nos espaços sobrantes em final de página ou mesmo nas margens, no topo e na base das folhas. Entre os vários acrescentos, encontram-se os comentários ao livro de Garcia Lopes, cuja análise pretendemos complementar nesta ocasião, depois de termos dedicado recentemente um primeiro estudo à análise das críticas apontadas pelo médico lisboeta aos capítulos iniciais do livro em análise.<sup>8</sup>

A recensão crítica do livro de Garcia Lopes, que está organizado em 27 capítulos com título próprio, está encimada pelo título esclarecedor de *Summa quaedam eorum quae aduertimus in libello Garciae Lopii*, ou seja, «Súmula do que criticamos no livrinho de Garcia Lopes». Godines elabora um comentário independente para cada capítulo, de acordo com a ordem pela qual surgem no livro, apresentando no início a indicação expressa da numeração do capítulo/carta (e.g. # *Singula primae epistolae...*; # *In secunda epistola tractat...*; # *In tertia epistola assumpsit...*, etc.).

---

7 Menciona-se o nosso trabalho conjunto, sob o título “O volume inédito de *epistolae medicinales* de Jorge Godines: a carta dedicatória a D. João de Melo e Castro, bispo do Algarve”, aceite para publicação em A. M. L. ANDRADE, S. A. GOMES e M. F. REIS (coords.), *Diálogos Luso-Sefarditas II*. Aveiro, UA Editora – Universidade de Aveiro (Suplemento n.º 7 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*).

8 Remetemos para E. M. R. OLIVEIRA e A. M. L. ANDRADE, “Uma recensão crítica quinhentista...”, op. cit., pp. 119-143.

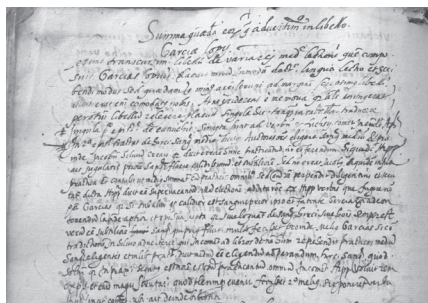


Fig. 2. Início da recensão de Jorge Godines ao livro de Garcia Lopes. Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 7198, fol. 125v.

No presente estudo, damos seguimento à análise da recensão crítica de Jorge Godines já apresentada anteriormente, mormente no que tange ao tratamento de alguns capítulos/cartas do livro do médico de Portalegre cuja abordagem não foi possível fazer no trabalho anterior devido a limitações de espaço (cap. 7-12, 15, 17, 18, 20, 25, 27).

Assim, o capítulo sétimo de Garcia Lopes, consagrado às propriedades alimentícias da carne de perdiz<sup>9</sup>, nasce de uma dúvida que a leitura de um passo de Avicena lhe suscitou. Principia o autor afirmando:

Há dias, enquanto lia o árabe Avicena, na *fen* 10 do livro 3, tratado 3, capítulo «Sobre o tratamento dos espútos de sangue», surgiu-me uma dúvida sobre a carne de perdiz. Diz o próprio, nesse passo, que aquela é de pouco sangue, embora, na verdade, seja do conhecimento geral que a carne de perdiz proporciona alimento bastante e de muito boa qualidade. Existem, de facto, alguns alimentos que, apesar de a sua substância ser de boa qualidade, são de pouco proveito; outros há, porém, que são bastante proveitosos e muito pouco desfavoráveis no que à nutrição diz respeito. É deste tipo a carne de perdiz, que,

---

9 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 21r-22r: *Expositio loci Auicennae de carne perdicis expositi per Galenum. Caput VII.*

de todas as aves, é a primeira, segundo Galeno, no livro 8 do *De morbis curandis*, capítulo 2: «De entre os animais alados, os melhores são as perdizes e todas as aves da montanha. Entre estas, os galináceos, os faisões e os pombos jovens.»

Será por nós demonstrado, mediante o testemunho claro de Galeno, que Avicena não se enganou, porém, neste passo. Deve entender-se assim, que a carne de perdiz é, pois, de pouco sangue, do mesmo modo que a de outras espécies de animais alados, de aves, se a comparares com a da espécie dos animais terrestres; deve interpretar-se que a perdiz é de pouco sangue, isto é, de pouco alimento. Quem não consegue perceber que o sangue é alimento? E que o alimento é sempre feito do mesmo? Estabelecida, deste modo, a comparação com a espécie dos animais quadrúpedes, a carne de perdiz é de pouco sangue. Galeno recorda-o no livro 3 do *De alimentorum facultatibus*, capítulo 19, com estas palavras: «A espécie das aves, aliás, de todos os animais alados, proporciona pouquíssimo alimento, quando comparada com a espécie dos animais quadrúpedes.» Julgamos que a opinião de Avicena deriva deste passo e que o mesmo entendeu por pouco sangue pouco alimento. E, na verdade, o sangue não é nenhuma outra coisa senão o alimento do nosso corpo, do qual vivemos e nos alimentamos, coisa que Galeno ensina a cada passo. Por conseguinte, a carne de perdiz, das rolas, dos restantes animais alados, das aves, se comparada com a espécie dos animais quadrúpedes, é de pouco sangue, isto é, de pouco alimento. Não se procure outra interpretação melhor do que esta. É este, de facto, o verdadeiro pensamento de Galeno e a legítima interpretação do passo de Avicena [...].<sup>10</sup>

---

10 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 21v-22r: *Legenti mihi praeteritis diebus Arabem Auicenam Fen. 10. 3 tractato 3 de Cura sputi sanguinis, occurrit difficultas, de perdicis carne, quam ipse fatetur eo loco, pauci*



Ora, no seu comentário a este capítulo, Godines começa por elogiar a habilidade demonstrada por Garcia Lopes na conciliação dos dois passos citados sobre a mui nobre carne de perdiz, para, logo depois, esvaziar de sentido o esforço empreendido pelo médico de Portalegre. Não importa discutir se a carne de perdiz é mais ou menos alimentícia; no tratamento dos esputos de sangue, Avicena optou pela carne de perdiz simplesmente por ser mais seca do que outras carnes, como a de galinha, e, por conseguinte, por gerar pouco sangue, e não por ser de pouco nutrimento:

Na sétima carta, trata da carne de perdiz; se é de pouco sangue, como disse Avicena, ou de muito nutrimento, como Galeno. Resolve razoavelmente a contradição: que Avicena [assim] considerou, se [a perdiz] for comparada com os animais pedestres. A conciliação é, todavia, inútil, porquanto Avicena elege a perdiz no esputo de sangue, em que não aprovaria o uso de galinha, por

---

*esse sanguis, cum in confesso sit apud omnes perdicis carnem multi et optimi esse nutrimenti. Sunt enim quaedam nutrimenta, quae licet bonni succi sint, utile tamen quod habent, exiguum est: alia uero, quae multum habent quod utile est, et minimum quod inutile est ad nutritionem: cuiusmodi est perdicis caro, quae omnium uolucrum prorsus primas habet, Galeno auctore libro 8 de Morbis curandis capite 2 in hunc modum: Ex uolatilibus autem, optimi sunt perdices, ac montani omnes passeres. Ab his gallinacei, et phasiani, et iuuenes columbae. In hoc tamen loco Auicennam non errasse Galeni etiam testimonio liquido, a nobis monstrabitur. Carnem igitur perdicis, pauci esse sanguinis, sicut uolucrum, alia auium genera; est ita intelligendum, si ad genus gressilium referas; perdicem pauci sanguinis esse, id est, pauci nutrimenti interpretandum est. Quis enim non uideat nutrimentum sanguinem esse? Et nutrimentum semper ab eodem fieri? Collatione ita facta, ad gressilium animalium genus: caro perdicis pauci sanguis est, cuius Galenus meminit libro de Alimentorum facultatibus 3 capite 19 his uerbis: Auium porro omnium uolucrum genus, paucissimum praestat alimentum, si ad genus gressilium conferatur. Ex quo loco Auicennae sententiam credimus emanasse, et per sanguinem, paucum alimentum intellexisse. Nec enim aliud sanguis est quam nostri corporis alimentum, quo uiuimus et nutrimur, quod passim Galenus tradit. Caro igitur perdicis, turturum, ac reliquarum uolucrum, auium, si ad animalium gressilium genus conferatur, pauci sanguis est, id est, pauci alimenti. Qua interpretatione non requiras aliam meliorem. Haec enim est uera Galeni mens, et genuina Auicennae loci interpretatio [...].* A edição e a tradução dos excertos latinos doravante apresentados são da nossa autoria. No estabelecimento dos textos latinos, procurámos uniformizar a ortografia e adotámos pontuação moderna.

ser esta mais quente e mais húmida, aquela, mais fria e seca e, desse modo, não geraria tanto sangue, embora o gerado a partir da perdiz seja mais consistente.<sup>11</sup>

A rapidez e a facilidade com que Godines deita por terra a argumentação de Garcia Lopes é perceptível na apreciação crítica que faz do capítulo seguinte, que tem por tema o tratamento dos cálculos renais,<sup>12</sup> ao afirmar:

Na oitava carta, discute o motivo pelo qual as crianças não sofrem de obstruções renais. Diz que é porque os seus corpos são moles, mas ainda que este argumento seja de Aécio, para mim, é irrelevante, já que, no caso de outras obstruções, elas ocorrem sobretudo por causa dos corpos moles das crianças. Mas lê aturadamente a argumentação em Galeno, no livro *De renum dignotione et medicatione*.<sup>13</sup>

Efetivamente, segundo Aécio, se é verdade que os cálculos renais são mais comuns em indivíduos de proecta idade, já os da bexiga são mais frequentes nas crianças. As pedras, quer dos rins quer da bexiga, resultam da deposição e agregação de matéria crua naqueles órgãos.<sup>14</sup> As crianças são mais vorazes e estão em constante

---

11 J. GODINES, fol. 125v: # *In septima epistola tractat de carne perdicis, pauci ne sit sanguis ut Auicenna dixit an multi nutrimenti ut Galenus. Soluit sane contradictionem intelixisse Auicennam si conferatur ad gressilia sed uana est conciliatio siquidem Auicenna eligit perdicem in sputo sanguinis ubi non probaret galinae usum quia haec calidior et humidior illa frigidior et siccior et proinde non generabit tantum sanguinis quamquam genitus sit magis consistens ex perdice.*

12 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 22r-28v: *Commentarius de calculi renum curatione ad humanissimum, et eruditissimum uirum, D. Rodericum Sancium. Caput VIII.*

13 J. GODINES, fol. 125v: *In octaua epistola agit quare pueri non patiuntur obstructiones renum. Dicit quod quia mollia sunt eorum corpora, sed quamquam haec ratio sit Aetii apud me nullius est momenti quia alii obstructionibus maxime sunt ob mollia puerorum corpora. Sed rationem latissime lege in Galeno, libro de renum dignotione et medicatione.*

14 AÉCIO DE AMIDA, *Aetii medici graeci Contractae ex ueteribus medicinae tetrabiblos, hoc est, quaternio, siue libri uniuersales quattuor, singuli quatuor sermones complectentes, ut sint in summa quatuor sermonum quaterniones, id est, Sermones*

movimento, comem alimentos nocivos, não observam as horas das refeições, ingerem alimentos antes mesmo de digerirem outros previamente consumidos, o que leva a que a a matéria crua, isto é, não sujeita à cocção pelo estômago, seja distribuída pelas veias. Os corpos pueris são moles, cedem facilmente e, conseqüentemente, não há lugar a obstrução renal. Todavia, quando a urina mais crassa é transportada para a ampla bexiga e aí se deposita — do mesmo modo que as fezes do vinho e o lodo da água —, acaba por se converter em cálculos, depois de seca pelo calor do lugar.<sup>15</sup> Por conseguinte, questiona Godines, que sentido faz Garcia Lopes argumentar que as crianças não sofrem de obstruções renais em virtude de os seus corpos serem moles, se, na verdade, outras obstruções, como as provocadas por cálculos vesicais, acontecem precisamente devido à sua condição? Mais avisado teria sido ler Galeno, segundo o qual a parte mais crassa dos humores que poderiam dar origem a cálculos renais se dissolve e flui mais facilmente dos rins até à bexiga nas crianças do que nos idosos pelo facto de a sua natureza ser quente e de as suas funções naturais serem válidas, ao contrário do que sucede nos mais idosos.<sup>16</sup>

---

*sedecim, per Ianum Cornarium Medicum Physicum Latine conscripti. Lugduni, ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum Fratrum, 1549, cap. 3.4, De calculosis renibus: Archigenis et Philagrii, p. 668: Renum calculis homines prouectae aetatis magis quam pueri apprehenduntur; quemadmodum uesicae calculis pueri frequentius quam aetate prouecti. Causae autem generationis horum calculorum assidue existunt cruditates, unde materiae incoctae ac crudae multitudo congregatur, et ardor circa renes et uesicam exoritur, qui humores adassans eos cogit, et in lapidem indurat [...].*

15 AÉCIO DE AMIDA, *Contractae ex ueteribus medicinae tetrabiblos*, cap. 3.10, *De calculo uesica*, pp. 672-673: *Generantur etiam in uesica lapides, pueris frequentius quam aetate prouectis. Voraces enim pueri sunt, et perpetui motus, et cibis utcumque oblati et nociuis utuntur, et neque horam cibum capiendi seruant ordinatam; quinetiam prius quam prior assumptus cibus concoquantur, alium ingerunt; et quum uehementius a cibo moueantur, crudus et incoctus in uenas cibus distribuitur. Mollia autem sunt ipsorum corpora, et quae facile cedant, eiusque rei gratia obturationem circa renes non perferunt. Quum uero crassissima lotia in uesicae amplitudinem perferantur, ibidem ueluti uini faex, et limus aquae subsistunt, ac postea ex loci caliditate dessicata lapidescunt.*

16 Cláudio GALENO, *Opera Omnia*. Editionem curauit D. Carolus Gottlob Kühn Professor Physiologiae et Pathologiae in Literarum Uniuersitate Lipsiensi

Outra crítica dirigida a Garcia Lopes diz respeito à parte do corpo na qual deveria ser aplicada a sangria com vista ao tratamento de cálculos renais. Apoiado em Hipócrates, o portalegrense defende que se deve seccionar a veia da perna no caso de a pedra nos rins provocar dores fortes e de abundar sangue crasso nas veias, para que essa abundância não provoque uma dor lancinante na parte acometida.<sup>17</sup> Escudado na autoridade de Galeno, afirma, ainda, que se deve cortar a veia da perna, não a cubital, em todas as doenças situadas abaixo do fígado e que exijam secção de veia.<sup>18</sup> Godines, porém, acusando-o de contradizer os preceitos galénicos (*pugnat cum Galeno*), remete-o para a leitura de dois passos em que o médico de Pérgamo advoga a secção de veia ora do braço ora da perna no tratamento de afeções dos rins. Efetivamente, no capítulo 18 do *De curandi ratione per uenae sectionem*, Galeno argumenta que os rins ocupam um lugar intermédio no corpo humano, isto é, entre a zona que se estende da cabeça ao tórax e a zona dos quadris, da bexiga e do útero, pelo que o sangue tanto pode ser extraído da veia do cúbito, no caso de uma inflamação recente ou de superabundância de sangue, como da perna ou do tornozelo,

---

Publicus Ordinarius etc. Lipsiae, prostat in Officina Libraria Car[rolum] Cnoblochii, 1821-1833, vol. 19, p. 651: *Quum enim in pueris functiones omnes naturales ualidae sunt, crassior humorum portio eis fusa ac dissoluta est. Ea uero contra aetate prouectis quum functiones imbecillae sunt, coacta sistitur. [...]* *Quum itaque pueri multum calidi innati ualidasque functiones habeant, fuis in eis materiae crassamentum in renes delabitur ob idque facile in uesicam detruditur, non parum etiam adiuuante ad traiectionis celeritatem ipso functionis robore.*

17 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 26r: *Caeterum, cum lapis in renibus latitans acerrimos dolores efficit, et sanguis multus, aut crassus in uenis abundauerit, iuxta Hippocratis decretum loco citato [libro Epidimiorum 6, sectione 1, sententia 6], poplitis uenam scindere oportet, ne forsan sanguinis multitudo maximo illo dolore in particulam affectam incumbat.*

18 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 26r-26v: [...] *in omni aegritudine, quae infra iecur est, et uenae sectione opus habet, secunda est uena cruris, non cubiti, quod magni Galeni praeceptum est, commentario 9, in libro Hippocratis de Morbis uulgaribus, ubi inquit: Alias didicisti membra supra iecur, cubiti uenae sectionem postulare, infra uero crurum; in poplitibus uenas nobis scindentibus, aut omnino saltem iuxta maleolos.*

em pacientes acometidos de nefrite.<sup>19</sup> Simultaneamente, no capítulo 4 do *De affectum renibus insidentium dignotione et curatione liber adscriptus*, acrescenta que o lugar a partir do qual o sangue pode ser tirado depende das circunstâncias. Na necessidade de evacuar a matéria crassa que dá origem à pedra renal para que esta não seja transportada para as partes superiores, e no caso de o afetado estar na plenitude das suas forças, convém seccionar a veia da perna ou do tornozelo; quebradas as suas forças, aconselha-se a abertura da veia do cúbito. É que nessas circunstâncias, se o sangue for evacuado por baixo, há o perigo de a matéria não ficar impedida de circular e de os humores se concentrarem na parte do corpo debilitada, ou seja, no rim.<sup>20</sup> Garcia Lopes não estava, por conseguinte, absolutamente enganado...

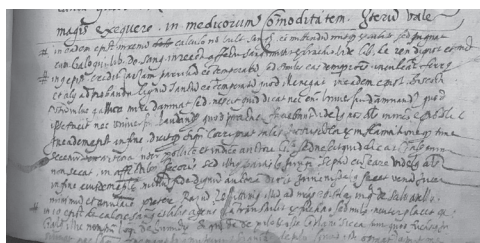


Fig. 3. Continuação da recensão ao livro de Garcia Lopes no espaço sobrance na base do fol. 110r, Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 7198.

19 C. GALENO, *Opera Omnia*, vol. 11, pp. 302-303: *Sunt autem dictis inferiores coendix, uterus, uesica. At renes cui parti adscribi debeant ambigunt, siquidem inferiores sunt iis quas prius recensuimus, superiores uero quam eas quas secundo loco. Itaque misso ex cubito sanguini interdum auscultant, ubi recens fuerit phlegmone copiaque sanguinis affuerit, quibus uero affectio inest, quam proprie nephritin nominant, eam quae in poplite est secare aut certe quae in malleolis est.*

20 C. GALENO, op. cit., vol. 19, pp. 664-665: *Quandoquidem affectus est nephriticus et crassa quae lapidem construit materia, ad partes superiores crassa materia reuelli non potest, sed ipsius impetum spectando deorsum uacuanda. Quod si ualidae sint uires, poplitis aut malleoli uena aperienda; si imbecilles, quae in cubito. Si namque fractis uiribus deorsum uauerimus, retentrix facultas ob suam imbecillitatem non retinebit, sed tota in praecipiti rapietur partemque assiduo defluxo impetet, humoribus in locum imbecillum procumbentibus. Quapropter si robur uirium adsit, uena poplitis incidenda est, si uires infirmae, ad superiora reuellendum. Quamobrem? Ne materiae plus in renes deriuetur.*

São quatro as observações feitas por Godines ao conteúdo da nona carta, consagrada às propriedades e ao uso terapêutico da salsaparrilha.<sup>21</sup> Afirma sobre a matéria:

Na nona carta, crê que a salsaparrilha é temperada, mas Ferri e outros, para provar que o pau-santo é temperado, insistem que as semelhantes são todas temperadas, coisa que aquele nega.<sup>22</sup>

Garcia Lopes considera, de facto, que a salsaparrilha é uma substância quente do segundo grau pelo facto de o seu decocto produzir pouca ou mesmo nenhuma alteração no corpo do paciente e de ser suave para o estômago. De acordo com o sistema de classificação estabelecido por Galeno, e que Lopes segue, as substâncias que aqueciam, arrefeciam, humedeciam ou secavam com evidência (*manifeste*) eram consideradas substâncias do segundo grau.<sup>23</sup> Já o pau-santo e a raiz-da-china, plantas igualmente usadas no tratamento da peste gálica, Lopes considera-as quentes do terceiro grau, por aquecerem veementemente (*uehementer*). A ingestão do seu decocto provoca queimadura nas fauces e no estômago, em virtude do seu excessivo calor.<sup>24</sup>

---

21 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 28v-33v: *De facultate Salsae Parrillae, et eius exhibitionis usu. Caput IX.*

22 J. GODINES, fol. 110r: # *In nona epistola credit sarsam parriliam esse temperatam sed similes eas temperatas omnes inculcant Ferrus et alii ad probandum lignum sanctum esse temperatum quod ille negat.*

23 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 29v: *Eam [i.e. Salsam Parrillam] esse calidam secundo ordine dicimus, quod eius decoctum nullam, aut paruam alterationem efficit in corporibus, quibus illud propinamus, imo lene ac suaue est uentriculo. Quae manifeste, aut calefacere, aut frigefacere, aut humectare, aut desiccare possunt, ea secundi ordinis esse dicuntur.*

24 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 29v-30r: *Quae tamen uehementer, non tamen summe, tertii sunt, ut Lignum Sanctum, Guaiacum dictum, et Radix Chynae, quae duo quidem tertii ordinis calida esse ille [i.e. Galenus] fatebitur. Qui experiri uelit, magnas iecoris inflammationes eorum decoctionem sumentibus efficere excitant enim gutturis et uentriculi incendium, nonnullis etiam morbo Gallico affectos, assumptione decoctionis Guaiaci in tabem incurrisse et experti sumus, et alios audiuius expertos fuisse, quod non ob aliam rem quidem, quam a nimio caloris excessu euenire certum est.*

A classificação da compleição das substâncias usadas no tratamento da sífilis (*Lues gallica*) não era, contudo, consensual. Conforme lembra Godines, Alfonso Ferri, de Nápoles, cirurgião-mor do papa Paulo III e autor de um tratado sobre o uso terapêutico do pau-santo e do vinho<sup>25</sup> considerara, cerca de trinta anos antes, que o pau-santo era temperado por natureza pelo facto de não acarretar qualquer prejuízo ou inconveniente para o corpo quando usado no tratamento de doenças.<sup>26</sup> O pau-santo era, ainda, uma substância cálida do segundo grau, por produzir efeito evidente sobre o corpo, sem ser nocivo, tal como Galeno, aliás, afirmara.<sup>27</sup> Ora, Lopes, que vem lembrar a classificação de Ferri, critica neste autor não apenas a indicação do pau-santo como substância quente do segundo grau, mas também a escolha das palavras galénicas que fundamentam essa sua opção. Conforme lembra o portalegrense, em verdade, Galeno afirmara que as substâncias quentes do segundo grau são as que aquecem com evidência (*manifeste*), e não aquelas que o fazem sem prejuízo ou inconveniente para o corpo (*sine corporis laesione, aut molestia*), consoante lera, erroneamente, Ferri.<sup>28</sup>

---

25 A. FERRI, *De ligni sancti multiplici medicina et uini exhibitione libri quatuor*. Basileae, Johannes Bebelius, 1538.

26 A. FERRI, cap. 4, *Cuius naturae et complexionis sit lignum sanctum*, p. 17: *Temperatissimum quidem esse natura lignum sanctum, apparet ex maxima ipsius uirtute atque operationibus, dum ea medicina ingentes et quam plurimi morbi curantur sine laesione uexationeue languentium.*

27 A. FERRI, op. cit., pp. 20-21: *Nos uero affirmamus ad secundum tantum gradum ascendere caliditatis, nec hanc metam caloris excedere illius naturam; idque probamus ex medicinae ratione in hunc modum. Quicquid manifeste operatur, neque inde nocumentum aliquod contingit in corpore, est in secundo gradu propriae complexionis lignum sanctum manifeste operatur nec tamen inde nocumentum aliquod corpori contingit; ergo lignum sanctum est in secundo gradu proprie complexionis. Maior assumptio confirmatur Galeni auctoritate quinto de simplici medicina, qui ait: Quae sunt in secundo gradu complexionis, haec fieri potest ut calefaciant uel refrigerent, aut humectent, aut exiccent sine corporis laesione aut molestia.*

28 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 29v-30r: *Ex quo notamus Alphonsum Ferreum, Lignum Sanctum multum admodum extulisse, qui temperatum esse ait in libro suo, de ligni sancti exhibitione, ubi profecto mirum est, quam inuerse locum Galeni 5 libro de Simplicium medicamentorum facultatibus citauerit, cum ita recitans Galeni lectionem: «Quae sunt in secundo gradu complexionis,*

Em segundo lugar, Godines critica sem piedade o facto de Lopes condenar o uso de biscoito na dieta dos doentes com sífilis (*lues gallica*), para, depois, assumindo-se, ele próprio como autoridade no assunto, remeter o leitor para outro texto que escrevera sobre o tema:<sup>29</sup>

Na mesma carta, condena veementemente o uso de biscoito na peste gálica, mas não sabe o que diz, pois nem se deve condenar o seu uso, coisa que ele faz, nem se deve louvá-lo em todas as circunstâncias, coisa que os práticos faziam. Vê o que nós [escrevemos] noutra ocasião nas minhas cartas.<sup>30</sup>

Godines censura também o colega pela falta de rigor nas afirmações que faz. Confiado na autoridade de Galeno, Lopes afirmara que se deveria cortar a veia entre o polegar e o indicador no caso de o decocto de salsaparrilha provocar dor ou inflamação do fígado.<sup>31</sup> Contudo, no entender de Godines, o procedimento preconizado pelo médico de Pérgamo, em rigor,

---

*baec, fieri potest ut calefaciant, uel refrigerent, aut humectent, aut exiccent, sine corporis laesione, aut molestia.» Quae cum his, quae legeram apud eundem Galenum longe aliter habere uisa sunt, quae in hunc modo habent: «Quae uero manifeste, aut calefacere, aut frigefacere, aut humectare, aut dessicare possunt, ea secundi ordinis dicuntur.» Cf. Kühn 11, 787: Quae uero manifeste aut calefacere, aut frigefacere, aut humectare, aut exsiccare possunt, ea secundi esse ordinis dicuntur. At quae iam uebementis quidem, non tamen summe, tertii.*

29 Vide J. GODINES, fols. 131r-131v (carta incorporada depois de 1558 na coletânea, sobre o uso do biscoito no tratamento da sífilis).

30 J. GODINES, fol. 110r: *In eadem epistola biscociti usum in lue gallica mire damnat sed nescit quid dicat; nec enim huius usus damnandus quod ipse facit nec uniuersis laudandus quod practici faciebant. Vide quae nos alias in meis epistolis.*

31 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 33r: *Si tamen aliquis iecoris dolor, aut inflammatio, quae non raro solet euenire decoctum nostrum sumentibus [...] non parum iuuabuntur, si illis arteriam dextrae manus, quae inter indicem et pollicem sita est, secuuerimus. Quod in dolore iecoris non parum uelere Galenus auctor est, in fine libri de Ratione curandi per sanguinis missionem, ubi se monitum fuisse somno quodam ait, his uerbis: «Monitus per quaedam insomnia, quorum duo praecipue mihi uisa sunt, accessi ad dextrae manus arteriam, inter indicem et pollicem sitam, sinique fluere donec sponte sanguis resisteret, nam ita somnium praeceperat. Effluxit autem non tota libra. Subito itaque diuturnus extinctus dolor est in illa maxime parte fixus, qua iecur septo transuerso committitur.»*



deveria ser aplicado no tratamento de doenças não do fígado, mas de uma parte mais específica:

Na mesma carta, no final, diz que, se acometer a tal dor do fígado provocada por inflamação, então que se seccione a artéria direita entre o polegar e o indicador, consoante afirma Galeno, mas não sabe o que diz. Com efeito, Galeno não secciona [a artéria direita entre o polegar e o indicador] nas afeções do fígado,<sup>32</sup> mas [nas afeções] daquela parte por meio da qual o septo se junta com o fígado. Vê o que [afirma] noutro momento no final da mesma carta: que não encontrou nenhum autor digno de credibilidade que corte a veia entre o mínimo e o anelar, exceto Razes. Remetêmo-lo para as minhas cartas sobre a [veia] salvatela.<sup>33</sup>

No décimo capítulo, Garcia Lopes procura conciliar dois passos galénicos aparentemente contraditórios sobre a calidez do sangue e da bÍlis.<sup>34</sup> Afirma:

Por conseguinte, Galeno, no livro *De inaequali intemperie*, capítulo 5, disse, por estas palavras, que a bÍlis amarela é a mais cálida, o sangue, porém, depois daquela, é o mais cálido: «A bÍlis amarela, com razão, é a mais cálida por natureza. E a pituíta é a mais fria; dos restantes humores, o sangue, depois da bÍlis amarela, é o mais cálido.» Este passo parece opor-se diametralmente

---

32 Leiam-se, na nota anterior, as últimas palavras da citação de Galeno.

33 J. GODINES, fol. 110r: *In eadem epistola in fine dicit quod siquando corripit talis iecoris dolor ex inflammatione quod tunc secetur dextra arteria inter pollicem et indicem auctore Galeno, sed nescit quid dicat. Galenus enim non secat in affectibus iecoris sed illius partis qua iungitur septum cum iecore. Vide quae alias in fine eiusdem epistolae nullum fide dignum auctorem dicit inuenisse qui secet uenam inter minimum et annularem praeter Razum. Remittimus illum ad meas epistolas in quibus de saluatella.* Cf. fol. 53r, carta em que Godines discute o corte da veia salvatela, que parte da face dorsal da mão (entre o dedo mínimo e o anelar) e sobe até ao antebraço.

34 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 33v-35r: *Conciliatio locorum Galeni pugnantium de calore sanguinis, et bilis. Caput X.*

a outro que se pode ler no livro 1 do *De temperamentis*, no último capítulo, escrito, deste modo, por Galeno: «A pituíta é o mais húmido e frio [dos humores] no corpo, o sangue é o mais cáldo.»<sup>35</sup>

Perante tal contradição, urge perguntar: qual dos humores é, afinal, o mais quente? O sangue ou a bÍlis amarela?

Nos seus comentários aos tratados *De inaequali intemperie* (Paris, 1550) e *De temperamentis* (Paris, 1554), Leonhart Fuchs, a fim de conciliar os dois passos, afirmara que Galeno, no primeiro passo, se refere, simplesmente, aos quatro humores e ensina qual deles é mais quente (a bÍlis amarela) ou mais frio (a pituíta). Já no livro *De temperamentis*, não se refere tão-somente ao mais quente e ao mais frio dos humores do corpo humano, mas aos que são, além de quentes, húmidos. Ora, entre os que são húmidos, o sangue é o mais quente, razão pela qual Galeno o apresenta, justamente, como o mais quente.<sup>36</sup>

---

35 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 34r: *Galenus igitur, libro de Inaequali intemperie, capite 5, calidissimam flauam bilem sanguinem uero post illam maxime esse calidam, his uerbis pronuntiauit: Calidissima natura merito est flaua bilis. At frigidissima pituita est, reliquorum humorum sanguis post flauam bilem maxime est calidus. Qui locus ex diametro pugnare uidetur cum alio, qui a Galeno in hunc modum scriptum legitur libro 1 de Temperamentis, capite ultimo: Humidissimum, frigidissimumque in corpore pituita est, calidissimum sanguis.*

36 L. FUCHS, *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, aliquot opera, a Leonhart Fuchsio Tubingensis scholae professore medicinae publico, Latinitate donata, et Commentariis illustrata. De inaequali intemperie Liber. De differentiis et causis morborum, symptomatumque Libri. De iudiciis Libri. De Curatione per sanguinis missonem Liber*. Parisiis, apud Arnoldum Birckman, et Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae, 1550, *De inaequali intemperie*, cap. 5, p. 6r: *Facilis autem est horum duorum locorum quae prima facie ex diametro pugnare uidentur conciliatio, modo quis utrumque locum recte expendat. Hoc siquidem loco simpliciter de humoribus quattuor Galenus loquitur, ac quis illorum altero sit calidior acfrigidior docet. In libro de temperamentis primo, Galenus non simpliciter de calidissimo et frigidissimo in corpore nostro loquitur, sed de iis quae simul humida sunt. Hac itaque ratione sanguis merito calidissimus dicitur. Inter ea enim quae humida sunt, sanguis calidissimus existit. Nihil itaque repugnat quod hic calidiorem sanguine flauam bilem esse dicit, utpote quae nequaquam humida, sed natura sicca sit. Atque haec est baud dubie germana horum locorum explicatio. Inter humores autem*

Quanto a Garcia Lopes, propõe uma conciliação semelhante, embora em termos ligeiramente diferentes: Galeno, no segundo passo, não refere a bÍlis amarela como sendo o mais quente dos humores, porque as partes do corpo não se alimentam dela; refere apenas os humores do corpo de que se alimentam as partes, sendo que o sangue é o mais quente, não, simplesmente, o mais quente de todos os que existem no corpo humano, mas de todos os que são húmidos (e que alimentam as partes do corpo).<sup>37</sup>

Godines, por sua vez, não apenas acusa Lopes de basear inteiramente o seu discurso em Fuchs — o que em parte parece ser verdade —, como afirma, categoricamente, que nenhuma das conciliações lhe agrada, propondo a sua:

Na décima carta, ao discutir a calidez do sangue e da bÍlis, transcreve tudo de Fuchs, mas nenhum dos dois me agrada, porque Galeno, nesse passo, não fala das partes húmidas (mas do pelo e do osso, que são bastante secos), coisa que Fuchs insinua, nem fala das

---

*post flauam bilem, sanguis calidus est; nigra autem post pituitam frigida.* Cf. L. FUCHS, *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, de Temperamentis libri tres, De differentiis febrium libri duo a Leonharto Fuchsio in Tubingensi schola professore medicinae publico, latinitate donati, et commentariis illustrati. Tomus secundus.* Parisiis, apud Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae, 1554, *De temperamentis*, 1.10, p. 28v: *Compositas autem partium temperaturas particulatim Galenus enumerat. Omnium autem quae sunt in corpore, humidissimam et frigidissimam pituitam esse tradit. Calidissimum autem sanguinem, non tamen perinde ut pituitam humidum. [...]* *Et capite quinto libri de Inaequali intemperie, diserte inquit: «Calidissima natura est flaua bilis, at frigidissima pituita.» Sed facilis este responsio, nempe Galenum hoc in loco loqui de calidissimo, quod simul est humidum, sicuti antea est locutus de eo quod frigidissimum est simul ac humidum, nempe de pituitam. Et paulo post de frigidissimo, quod simul siccum est uerba faciet. Eius autem quod in corpore est calidissimum et siccissimum, ut est, flaua bilis, hic nullam prorsus facit mentionem. Non igitur simpliciter sanguinem esse in corpore calidissimum asserit, sed inter ea quae sunt humida. Id quod uerum esse nemo ibit inscias.*

37 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 34v: *Dicimus Galenum loco 1 libri de Temperamentis iam citato, ob id flauae bilis non meminisse, quod partes corporis illa non nutriantur; meminit nanque solum corporis partium et humorum, quibus partes nutriuntur, sanguinem itaque calidissimum astruit, non simpliciter omnium quae sunt in nostro corpore, sed omnium quae simul humida sunt.*

partes que nutrem, já que opina sobre o pelo humano. Nos meus escritos, noutra ocasião, [os dois passos] eram assim conciliados: que entendeu por sangue a massa de sangue dentro das veias, por pituíta a que se gera nas veias.<sup>38</sup>

Sobre o capítulo dedicado ao uso terapêutico da maçã,<sup>39</sup> também há críticas a fazer. Em tom sobranceiro e com algum desprezo, Godines dá a entender que Garcia Lopes foi, uma vez mais, superficial na sua análise, ao contrapor:

Na décima primeira [carta], adverte não sei para que coisa sobre as maçãs, mas esta advertência é inútil, porque era necessário coligir as seguintes proposições: que as maçãs doces, como as *regia* e as *camusia*, são de suco aprovado e que as desse tipo podem ser dadas aos febricitantes, a não ser que a calidez a isso obste, sobretudo quando é possível oferecer um alimento igualmente benéfico que, todavia, por causa do frio, seja mais apropriado; 2.<sup>a</sup> [proposição]: as maçãs insípidas ou ásperas são temperadoras, mas têm um suco espesso e desarranjam o estômago. Por isso, de que modo são convenientes nas febres? 3.<sup>a</sup> [proposição]: as amargas, ácidas e acerbadas são verdadeiramente mais frias, contudo, ao mesmo tempo, têm um suco terroso, de acordo Galeno no livro dos alimentos, e pior, se forem colhidas imaturas. Em que febres poderão elas ser úteis? 4.<sup>a</sup> proposição: embora sejam convenientes em muitas outras doenças,

---

38 J. GODINES, fols. 110r-110v: # *In decima epistola de calore sanguis et bilis agens omnia transtulit ex Fuchsio sed mihi neuter placet quia Galenus illic non tamen loquitur de humidis siquidem de pilo et osse quae plane sicca sunt quod Fuchsius insinuat nec loquitur enim de partibus quae nutriunt siquidem de pilo hominis iste opinat. Apud me alias sic conciliabantur quod per sanguinem intellexit massam sanguinis intra uenas per pituitam eam quae in uenis gignitur.*

39 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 35r-41r: *Annotationes in capite XXI libro II Galeni de Alimentorum facultatibus ubi commendatur malorum esus contra nonnullos. Caput XI.*

como na melancolia, na disenteria e na diarreia, nas febres, porém, o uso de maçãs é inapropriado, segundo Avicena, Rabi Moisés,<sup>40</sup> Nicollò<sup>41</sup> e de Gordon<sup>42</sup> (os quais instituíram este uso insensato de oferecer maçãs aos febricitantes, como que em vez de uma dieta apropriada),<sup>43</sup> mas não sem razão, porque, se são doces, são um alimento inapropriado por causa da calidez, porque, se são ásperas, por causa da sua crassitude e por relaxarem a boca do estômago, se são ácidas, não são convenientes por causa da qualidade do suco terroso, a não ser que se tornem acerbas. Nós, porém, usamos, sem distinção, todas as maçãs, como alimento preparado para os febricitantes.<sup>44</sup>

---

40 Mais conhecido por Moisés Maimónides, nascido em Córdoba (1135-1204), filósofo, jurista e médico judeu, figura intelectual proeminente do judaísmo medieval.

41 Niccolò Falcucci (ou Niccolò Fiorentino ou Nicolaus de Florentia, ?-1411 ou 1412), médico italiano em Florença. Alcançou a notoriedade com a composição dos *Sermones medicinales septem*. Venetiis, Bernardino Stagnino, 1491, durante anos referência obrigatória para os estudantes de medicina, súmula da ciência médica da época.

42 Gordon, Bernard de (ou Bernardus de Gordonio ou Bernardus Gordonius, 1283-1320), médico francês, professor na Universidade de Montpellier (em 1285), autor do *Opus Lilium medicinae inscriptum de morborum prope omnium curatione, septem particulis distributum, una cum aliquot aliis eius libellis...* Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1550.

43 Embora o uso de maçãs nas febres não fosse consensual, os médicos ofereciam-nas aos seus pacientes. Niccolò Falcucci, por exemplo, afirma ter por hábito oferecer maçãs aos febricitantes, seguindo um mau costume. Vide Serm. 2, tract. 1, cap. 18, *De cibis febricitantium sumptis ex fructibus*, p. 14: *Verum apud Italicos a multis annis consuetudo cucurrit exhibere ea [scilicet mala et pira]; et praecipue mala pro tenui diaeta quemadmodum procedunt et olera; et ista consuetudo est mala et proposse non seruanda et praecipue in morbi principio. In processu autem non sic nocerent*. Cf. AVICENA, *Liber canonis totius medicinae ab Auicenna Arabum doctissimo excussus, a Gerardo Cremonensi ab Arabica lingua in Latinam reductus...* Lugduni, Opera Jacobi Myt, 1522, lib. 2, tract. 2, cap. 569, *De pomis*, p. 117: *Quamquam gignantur ab illis quae sunt immatura febres optime pro proprietate sui humoris*.

44 J. GODINES, fol. 110v: # *In undecima aduertit nescio quae de malis sed ista animaduersio uana est quoniam oportebat colligere has propositiones: quod poma dulcia qualia regia et camusia sunt probati succi et talia possunt febricitantibus concedi nisi obstaret caliditas maxime cum possit cibus aequae bonae praebere qui tamen ob frigiditatem magis conueniret. 2<sup>a</sup> poma insipida siue aspera temperadora sunt sed succum crassum obtinent et stomachum subuertunt; ob quae febribus quo pacto conuenient? 3<sup>a</sup> austeras, acidas et acerbas frigidiores quidem sunt interim tamen succum habent terreum auctore Galeno libro alimentorum et peiorem si immatura colligantur; quare febribus quem usum praestare poterunt? 4<sup>a</sup> propositio licet multis*

No comentário ao décimo segundo capítulo,<sup>45</sup> afirma Godines:

Na décima segunda carta, trata o uso de clister. Segue o paradoxo de Alderete, o qual nós repudiámos anteriormente, quando respondemos a todos os argumentos que aquele aduzia e este, de novo, recorda.<sup>46</sup>

Para compreendermos o alcance das palavras de Godines, importa explicar em que consistia o referido *paradoxum*. Lorenzo Alderete, que fora mestre de Garcia Lopes em Salamanca, defendia que o clister não deveria ser aplicado no tratamento de doenças antes da secção de veia, a não ser em circunstâncias muito especiais. Na senda do mestre, Lopes defende que se deve dar primazia à sangria em todas as doenças que exijam secção de veia e que requeiram tratamento, para, só depois, se aplicar o clister. Os autores defensores do uso de clister antes da flebotomia (como Avenzoar, Avicena e Averróis) referiam-se, na opinião de Lopes, não ao tratamento da doença já em curso, mas à sua prevenção, isto é, o clister seria usado não com fins terapêuticos, mas profiláticos.<sup>47</sup> Godines, claro está, também aqui diverge do autor do livro recenseado. Na carta em que afirma ter

---

*aliis morbis conueniant ut melancholiae dysenteriae diarrhoeae febribus tamen impertinens est usus pomorum auctore Auicenna, Raby Moysi, Nicolo et Gordonio, qui immodicum istum usum propinandi febrientibus poma quasi pro debita diaeta incobarunt, nec sine ratione quia si dulcia ob calorem impertinens est cibus si aspera ob crassitiem et quia laxant os uentriculi si accida ob terrei succi qualitatem non conueniunt nisi acerbentur. Nos autem citra delectum omnibus pommis utimur quasi parato cibo ad febrientes.*

45 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 41r-44r: *Paradoxum medicum de Clysteris usu, quod non scilicet in morbis uenae sectionem praecedere debeat, ut uulgares medici stulte faciunt. Caput XII.*

46 J. GODINES, fol. 110v: *In duodecima epistola agit de clysteris usu. Sequitur paradoxo Aldereti quod nos antes impugnauimus ubi omnibus rationibus quas ille adducebat et iste denouo reminiscitur respondimus.*

47 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 44r: *Ex quibus luce clarius ostenditur in omnibus morbis, qui auxilio uenae sectionis indigente, quique de praesenti, quod dicitur, curationem requirunt, semper uenae sectionem clysteri praeferendam esse, et post illam clysterem esse iniiciendum. Quod si offerantur aliquot Abenzoaris, Auicennae, et Auerrois auctoritates, quibus iubent ante phlebotomiam*

rebatido a tese defendida por Alderete, na qual cita até as palavras do mestre de Salamanca,<sup>48</sup> afirma que a proposta daquele reputado mestre contraria o costume largamente aceite e profundamente arreigado entre hispanos, franceses e italianos de aplicar o clister antes da sangria.<sup>49</sup>

O tema de discussão da décima quinta carta é o uso de purgas minorativas,<sup>50</sup> isto é, de substâncias capazes de diminuir levemente os humores, sem copiosa evacuação. Afirma Godines sobre a reflexão de Lopes:

Na décima quinta carta, trata daquela mui discutida questão sobre se é vantajoso usar fármacos minorativos no início das doenças; e, nesta matéria, por razão alguma era necessário corroborar com autoridades e argumentos a sua opinião contra aqueles que os usam. Manardo tratou anteriormente esta [questão].<sup>51</sup>

---

*clysterem esse exhibendum, dicimus illorum sententiam esse interpretandam de cura, non praesentis morbi, sed illius praeseruandi et cauendi gratia.*

48 J. GODINES, fols. 139r-142v, em que Godines usa o mesmo termo, *paradoxum*, para se referir a esta teoria contraditória de Alderete, citando até as suas palavras: ... *suum paradoxon, ut ita dicam, insinuans in haec prorumpens uerba: «Et pro corpore habitu et annii tempore et aetate et colore sanguinem detrahere utque copiosior sit purgatio. Si dolor fuerit acutus ad animi defectionem ducere. Postea clysterem exhibere.»* (fol. 139v).

49 Para Alderete, e segundo Godines, o clister poderia ser aplicado antes da sangria apenas no caso de as fezes do paciente estarem demasiado duras. Cf. J. GODINES, fol. 140r: ... *putabat uir hic doctus quidem sed ambiciosus posterius esse iniiciendum clysterem nisi ubi faeces ita sunt indurata quae uergant in figuram scybalorum. In istis enim praecedere inquit oportet clysteris inmissio. Qua opinio nobis ideo non arridet quia uanum sit uelle nouissime emmendare usum adeo rectissimum apud Hispanos, Gallos et Italos quoniam omnes consulunt ut prius inmittatur clyster quam uena seceatur.*

50 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 48v-52r: *Animaduersiones in quosdam locos epistolarum Ioannis Langii, ubi de lotionepedum, de minoratiuis phar macis et de aliis agitur. Caput XV.*

51 J. GODINES, fol. 110v: *In quintadecima epistola tratat celebratissimam illam quaetionem an sit ex uso uti phar macis minoratiuis in morborum initio et nulla de causa in re hac aduersus eos qui utuntur illis oportebat ut suam opinionem auctoritatibus et rationibus roboraret. Ista tractauit antea Manardus.*

Garcia Lopes tanto é acusado de não fundamentar devidamente o seu raciocínio, como é criticado por aduzir a autoridade e os argumentos de outros autores para corroborar a sua opinião. Neste caso, não valia a pena ter-se empenhado tanto em fazê-lo, porque, afinal, já outras figuras importantes da medicina, como Giovanni Manardo, haviam dissecado o assunto.<sup>52</sup> Não satisfeito com este ataque, Godines desfere novo golpe, trazendo ao debate a incontestável opinião de Amato Lusitano sobre o assunto e, previsivelmente, remetendo novamente o leitor para os seus próprios escritos, assumindo-se como autoridade a ser levada em conta:

No final da carta, louva um médico que, a partir de comprovadíssimos argumentos, conclui ser este uso alheio à razão. Eu, porém, creio que o douto varão Amato, com base em ótimos e melhores argumentos, demonstrou ser benéfico o uso de minorativos nas doenças quando intumescem. Vê o que [escrevemos] noutra ocasião na nossa recapitulação de *concocta mederi*.<sup>53</sup>

---

52 G. MANARDO, *Ioannis Manardi Medici Ferrariensis, omnium sua tempestate Medicorum, citra controuersiam, Doctoris eminentissimi, Epistolarum Medicinalium Libri XX. Eiusdem in Ioan. Mesue Simplicia et Composita Annotationes et Censurae, omnibus practicae studiosis summe necessariae*. Lugduni, ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum fratrum, 1549, lib. 13. epist.1, *Ad Bartholomaeum Charandinum medicum Mutinensem: quod plerunque purganda materia non turgens ante concoctionem*, pp. 361-372.

53 J. GODINES, fol. 110v: *In fine epistolae laudat medicum qui ex probatissimis rationibus colligit usum hunc esse alienum a ratione. Ego tamen credo quod doctus uir Amatus ex optimis et melioribus rationibus probauit bonum esse usum minoratiuis in morbis quando turgent. Vide quae nos alias in repetitione nostra concocta mederi*. No final desta observação, Godines recupera as primeiras palavras do Aforismo 2.22 (vide C. GALENO, *Opera Omnia*, vol. 17b, pp. 441-443): *Concocta medicamentis educenda ac mouenda sunt, non cruda, neque per initia, nisi turgeant; sed plerumque non turgent*. «Deve-se purgar e movimentar com medicamentos os humores já cozidos, não os crus; mas não no início, a não ser que haja turgência — mas geralmente não há.» Por conseguinte, já Galeno havia defendido que não se fizessem purgas na fase incipiente da doença.



Amato, de facto, havia dissertado sobre o assunto nas *Centúrias*. Recuperando o mesmo aforismo de Hipócrates, afirmara:

Há uma velha questão, e hodiernamente muito discutida nas escolas pelos mais modernos: se é permitido, no começo das doenças e sem a turgescência da matéria, usar medicamentos purgativos. Na verdade, de acordo com a opinião de Hipócrates, admite-se, com matéria túrgida ou pruriente, que se deve purgar imediatamente, sem qualquer demora, como se lê naquele *Aforismo*: «tratar e ativar a matéria cocta [i. e. digerida], não crua, mas não no princípio, a não ser que turgesça, embora, o mais das vezes, não turgesça». Mas, na ausência de matéria túrgida, o médico poderá oferecer ao doente um medicamento purgante no princípio da doença, sem a esperada concocção, aqui é que reside a dificuldade.<sup>54</sup>

A animosidade de Godines contra Garcia Lopes facilmente se reconhece no comentário ao capítulo 17, em que se discute o uso da sangria no tratamento da supressão da menstruação.<sup>55</sup> Neste capítulo, Lopes acusa muitos médicos salmantinos e olissiponenses de cometerem o erro de prescreverem, prioritariamente, para a retenção dos mênstruos, a secção da veia basílica (na zona do cotovelo), contrariando, desse modo, os preceitos de Galeno,

---

54 AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani medici physici praestantis. Curationum Medicinalium, Centuriae II Priores, quibus praemittitur Commentatio de introitu medici ad aegrotantem, de Crisi, et diebus Decretoriis, cum indice rerum memorabilium copiosissimo*. Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1567, *Cent.* 1.16, p. 133: *Vetus quaestio est, et a recentioribus hodie in scholis disputata, utrum inchoantibus morbis, et non turgente materia, liceat medicamento purgante uti. Nam receptum est Hippocratis decreto, quod turgente siue pruriente materia, illico nulla interposita mora purgandum sit, ut Aphorismo illo legitur: Concocta medicari, atque mouere non cruda, nec in principiis, nisi turgeant, ut plurimum uero non turgent. Sed utrum non turgente materia, purgans medicamentum in principio morbi, non spectat concoctione medicus aegrotanti exhibere poterit, hoc opus et hic labor est.*

55 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 53r-55v: *Admonitio in obseruatione uenae sectionis, in mensium suppressione, contra scripta medici cuiusdam Salmanticensis et aliorum opinionem. Caput XVII.*

o qual, em diferentes passos da sua extensa obra, defendia o corte das veias das pernas, para evitar que o sangue subisse do útero às partes superiores e que as purgações menstruais ficassem, desse modo, retidas.<sup>56</sup> Segundo Garcia Lopes, o argumento aventado pelos médicos na defesa do corte da veia basílica para tratar a retenção do fluxo menstrual era o facto de o mesmo método ser usado no tratamento da provocação de hemorroidas, algo, aliás, defendido pelos médicos da Antiguidade, incluindo Galeno. A este argumento, contrapõe, no entanto, o portalegrense que, não obstante as veias das partes inferiores (das pernas, portanto) alimentarem os mesmos locais afetados (isto é, a zona anal e o útero), as purgações menstruais são naturais e instituídas pela natureza para purgar o corpo das mulheres; a sua interrupção (mediante o corte de veia das pernas) é vista como algo natural. Já as hemorroidas, se fluírem mais imoderadamente, o que, ao contrário da menstruação, não é obra da natureza, poderão deixar o corpo excessivamente frio, em virtude de uma evacuação imoderada, razão pela qual, por vezes, no seu tratamento, se deva ordenar o corte da veia do cotovelo, evitando-se, assim, provocar, com a secção das veias das pernas, um fluxo excessivo.<sup>57</sup> Godines, ao comentar o conteúdo

---

56 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 54r: *Quod non solum Salmanticenses fere omnes resuandum consulunt, uerum et Olissiponenses medici non pauci, qui citra ullum discrimen, nec examen, in menstruorum retentionem priorem uenae sectionem ex basilica faciendam iubent. Qua in re, illos non citra erroris notam culpandos esse, facile iudicabit qui Galenum legerit, qui in libro de Curandi ratione per sanguinis missionem ita inquit: «Vacuationibus enim, quae in gibbero fiunt, aliud etiam quoddam accidit malum, quippe menstruas purgationes supprimunt, eo quod sanguinem ad superiora corporis reuellunt. Quae uero ex cruribus fiunt, non solum reuellunt et menses euocare solent.» Qua sententia docet in uteri inflammatione perpetuo uenas quae in cruribus sunt, esse secandas, quod per id auxilii genus sanguis deriuetur, et menses procentur, quod et Galenus etiam docet esse faciendum libro 2 Artis curatiuae ad Glaucum, capite 2, ita inquit: «Deriuabis, si quae in poplite sunt uenas diuiseris. Contra tamen fit in uena sectione, quae fit in gibber, quod scilicet haec, ab utero tantum ad superiora retrahat, et non deriuet, immo menstruas purgationes retinet.»*

57 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fol. 54v: *Non desunt etiam, ut audio, alii, qui hac ratione argumentantur. In haemorrhoidum prouocationis*

deste capítulo, acusa, uma vez mais, Garcia Lopes não apenas de ser impreciso na sua exposição, mas, ainda, de se apropriar do raciocínio de Amato, que também abordou o assunto nas *Centúrias*:

Na décima sétima carta, não compreendo o que observa sobre a secção de veia na supressão da menstruação, e usa este argumento: porque no tratamento das hemorroidas usamos secção de veia no braço, entre outras coisas. Mas o argumento é frívolo, assim como a exposição. É certo, de facto, que seccionamos as veias das pernas para provocar hemorroidas, mas, para curar o seu fluxo, [seccionamos] as veias do braço. Assim, para reter o fluxo menstrual, usamos as veias do braço, mas, para promover a sua evacuação, usamos a secção das pernas. Ao longo da referida carta, nada mais aduz do que as palavras de Amato, do qual tomou tudo, mas a exposição de Amato é mais credível e quadra-se mais com Aécio e Paulo [de Egina].<sup>58</sup>

Efetivamente, a exposição de Garcia Lopes recupera parte do conteúdo da cura 1.15, em que Amato discute a supressão

---

*curatione brachii uena scinditur, ex sententia antiquorum medicorum, Galeni etiam: cur igitur in mensium suppressione eadem non scindetur, cum uenae partium inferiorum, eosdem locos passos nutriant? Quibus respondemos, quia scilicet menstruae purgationes naturales sunt, et ad feminarum corpus expurgandum a natura institutae, quas si prohibeamus, rem naturae facessere uidebimur. Haemorrhoides tamen, quia si immoderatus fluant, quod a natura sicut menstrua, non fiant, corpus immoderate refrigeratum reddere possunt, propter immoderatam uacuationem; rationi consentaneum est, ut aliquando in haemorrhoidum curatione uenam gibberi scindendam iubeamus, ne forsitan ex crurum uenarum sectione immoderatam fluxionem prouocemus.*

58 J. GODINES, fol. 110v: *In septimadecima epistola nescio quae obseruiat de sectione uenae in mensium suppressione utiturque hac ratione: quia in haemorrhoidum curatione utimur uenarum sectione in brachio et caetera sed friuola est ratio ac etiam expositio. Constat siquidem quod ad prouocandum haemorrhoides secamus uenas crurum sed ad sanandum fluxum earum uenas brachii. Ita ad retinendum fluxum mensale utimur uenis brachii sed ad promouendam illam euacuationem utimur sectione crurum.*

*Per ditam epistolam nihil aliud addicit quam uerba Amati ex quo sumpsit omnia primo Centuriarum 15 sed expositio Amati uerior est et quadrat magis cum Aetio et Paulo.*

dos mênstruos como causa de exantemas e as vantagens da sangria no seu tratamento.<sup>59</sup> Contudo, ao invés do médico de Portalegre, e apoiado em Paulo de Egina e Aécio de Amida, e não em Galeno, advoga a utilidade do corte da veia do braço na retenção menstrual com origem na pletora.<sup>60</sup>

No décimo oitavo capítulo, Garcia Lopes discute e critica o hábito de alguns médicos exporem ao ar livre o soro do leite antes de o darem aos doentes.<sup>61</sup> Godines, uma vez mais, acusa o colega portalegrense de ignorância:

Na décima oitava carta, trata aquela contradição comum sobre o soro. Sobre esta contradição discorreram anteriormente muitos médicos, e, entre eles, nós fizemos uma aturadíssima investigação sobre a questão em que não apenas Árabes mas também Gregos discordam.<sup>62</sup>

---

59 AMATO LUSITANO, *Curationum Medicinalium, Centuriae II Priores, Cent. 1.15, Curatio decimaquinta de menstruorum suppressione, et exanthematibus per uniuersum corpus apparentibus*, pp. 123-132.

60 AMATO LUSITANO, op. cit., p. 128: *Sed forte in hac curatione non sic Galeno astricti esse deberemus, quando plethora praesente, deficientibus menstruis, sanguinis missio prima ex brachii interna uena fieri deberet, non uero ex safena, ut uoluit Aetius, sermone 17 suae medicinae capite 57, ubi ita tradit: «Quae ob plenitudinem non purgantur. Cubiti itaque ac tali uenas secare oportet», et caetera. In quibus ut legitis, cubiti uenam secare iubet; cui astipulari uidetur Paulus libro 3 suae medicinae capite 61 in quo de mensium agit [...]». O próprio G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 54v-55r, recorda que Paulo de Egina defendia, além da sangria da veia do braço (cúbito), a sangria das veias das pernas, nunca do cotovelo, no caso de a causa da retenção dos mênstruos ser a pletora das veias que alimentam o útero: *Verum, Paulus libro 3 capite 60 ubi de suppressione mensium agit, ita inquit: «Menstrualem purgationem interdum supprimi affecto toto corpo, cui uniuersali totius corporis affectui non negamus cubiti uenae sectionem utilem admodum esse. Quod si ob uenarum uterum nutrientium plenitudinem menstrua retinentur, sicut ex multis causis aliis fieri solet, perpetuo, et sine ullo discrimine, ex crurum uenis sanguinis missio facienda est, nunquam tamen ex gibberi uenis.»**

61 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 55v-58r: *De malo communi medicorum usu, in exhibitione seri (quam aquam lactis appellant) quod scilicet sub Diuo illam exponendam iubeant, antequam sumatur. Caput XVIII.*

62 De facto, J. GODINES dedica uma das suas cartas à discussão deste assunto (fols. 87r-88v), descrevendo aturadamente os diferentes modos e fases de separar o soro do leite. No final, acrescenta um comentário sobre Garcia Lopes e a sua perspectiva do assunto: *Iunior quidam medicus Garcia Lopijs nomine detestatus in*

Repreende na mesma carta aqueles que expõem o soro ao ar livre, mas não sabe o que diz, porque os que arrefecem [o soro] ao ar livre fazem-no quando querem que fique mais temperado, não para que expurgue mais livremente a sua faculdade. No final afirma que a água [nele] misturada aumenta a faculdade purgativa ao soro, mas é néscio, porque a faculdade purgativa antes diminui, porquanto diminui a acrimónia por meio da qual o leite purga, e, de facto, não entendeu bem as palavras no livro 3.º dos alimentos.<sup>63</sup>

No vigésimo capítulo, baseado na sua própria experiência e na *auctoritas* galénica, o médico de Portalegre revela uma opinião contrária à que o milanês Girolamo Cardano, no livro que dedicou ao comentário de alguns erros cometidos pelos médicos, expressara sobre o uso terapêutico dos ovos:<sup>64</sup>

---

*suo libello usum nostratum medicorum qui serum sub diuo exponunt antequam bibendum propinent non laudat modum separandi serum ui coaguli quia Galenus et Hippocrates non separarunt nisi per oximellitis immixtionem et immersionem in frigida sed nec tollit hoc optimum esse modum iuuentum a iunioribus et antiquis [...].* (fol. 88v).

63 J. GODINES, fol. 110v: *In octauadecima epistola tractat contradictionem illam communem de sero. De qua contradictione prius multi medici tractarunt et nos inter eos fecimus de ea re latissimam quaestionem ubi non solum Arabes sed Graeci dissident. Reprehendit in eadem epistola eos qui serum sub diuo exponunt sed nescit quid dicat quoniam qui infrigidant sub diuo faciunt id cum uolunt ut magis temperet non huius uim liberalius expurget. In fine ait quod aqua immixta sero adauget uim purgandi sed nescit quia potius remittit uim purgatiuam siquidem remittit acrimoniam ex qua purgat lac nec enim bene intellexit uerba quae libro 3º alimentorum.* Efetivamente, G. LOPES, op. cit., fols. 57v-58r, citando o passo em questão, afirma que a água misturada no leite para a separação do soro aumenta a faculdade purgativa do mesmo: *Nec tamen mirandum est si hoc loco Galenus iubeat aquam immiscendam esse, quae fortassis sua frigiditate et humiditate nocere poterit, ea tamen non solum non nocet, uerum sero multo purgandi uim adauget, quod Galenus ut ille solet, elegantissime tradit libro 3 de Alimentorum facultatibus capite 15 in hunc modo: «Quin et aquam etiam affundere, securius fuerit, ut plerique medicorum factitant. Neque mirum tibi uideatur, quod sero consumpto, rursus aquam infundant. Non enim seri humiditas est, quam fugiunt, sed acrimonia; cuius occasione lac aluum subducit, ex substantiis contrariis mistum, sero, scilicet, et caseo.»* Cf. GALENO, *Opera Omnia*, vol. 6, cap. 3.15, *De lacte*, pp. 681-689.

64 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 59v-60v: *Contra Hieronymum Cardanum Mediolanensem medicum, quod oua possint dari febrientibus. Caput XX.*

«E quando leio o que escreveram aqueles que granjearam notoriedade com os seus estudos, leio-o uma e outra vez, e examino-o aturadamente, até encontrar algo digno de louvor ou de nota; comprometo-me a discorrer imediatamente sobre o que observei, sobre o que penso, coisa que aconteceu ao ler o livrinho do médico de Milão Girolamo Cardano sobre a má prática médica, no qual critica livremente alguns erros — como lhes chama — dos médicos. O meu juízo sobre este assunto não lhe será favorável, já que não aprovo inteiramente algumas coisas que ele mesmo escreve, entre as quais defendo, pelos meus altares e pelos meus lares, o terceiro erro, segundo o qual afirma que não se deve dar ovos aos febricitantes. O próprio certamente não o teria afirmado se não tivesse ignorado o que escreveu o magno Galeno [...] sobre os ovos, no livro 12 do *De morbis curandi*, capítulo 6: “De quando em vez, dar-lhes-ás, pois, ovos, e sobretudo as suas gemas.”<sup>65</sup>

Godines, na sua recensão, afirma discordar desta interpretação das palavras de Cardano. Segundo o médico de Lisboa, Garcia Lopes fora superficial na sua análise:

Na vigésima carta, opõe-se a Cardano porque apenas diz que não se deve dar [ovos] nas doenças agudas, mas ele, nas terças, não dizia que não, como se pode ver no 99.º erro.<sup>66</sup>

---

65 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 59v-60r: *At, quando illorum lego scripta, qui suis studiis praeclarum nomen acquisiuerunt, illa iterum ac iterum lego, et pensiculatim excutio, donec inueniam aliquid aut laudatu, aut notatu dignum; polliceor statim me dicturum de re notaueram, quod sentio, quod mihi Hieronymi Cardani Mediolanensis medici, libellum legenti de malo medicorum usu obtigit, ubi quosdam, ut ille appellat, medicorum errores libere reprehendit. Cui meum hac de re molestum erit iudicium, quod non nulla quae ipse scribit parum probem, inter quae tertium errorem pro aris et focus defendo, quo negat febrientibus oua danda esse. Quod profecto non ipse affirmasset, si non ita obliuione traderet, quae magnus scripsit Galenus [...] de ouis libro 12 De morbis curandis, cap. 6: Dabis, inquit, uero aliquando iis oua, praecipueque illorum uitellos.*

66 J. GODINES, fol. 110v, *ad marginem: In epistola uicesima imponit Cardano quia solum ait non esse dandum in acutis sed in tertianis non negaret ut patet in 99º errore.*

Efetivamente, no capítulo 3, Cardano considera preferível oferecer pão ou arroz no caso das doenças graves e agudas, e não dar nada de carne ou de ovos nos primeiros dois dias da avaliação da doença. Admite, no entanto, que possa ser oferecido aos pacientes um regime mais crasso (ou pingue) em doenças prolongadas ou intermitentes, como a terçã ou a duplo-terçã, de acordo com a duração da doença.<sup>67</sup> Já no capítulo 99, critica os médicos que evitam o leite e os ovos, como alimentos perniciosos em febres pútridas, salientando que nos seus *Contradidentium medicorum libri* os considera ótimos alimentos.<sup>68</sup> A evicção de ovos dependia, por conseguinte, das circunstâncias, conforme deixa antever Jorge Godines.

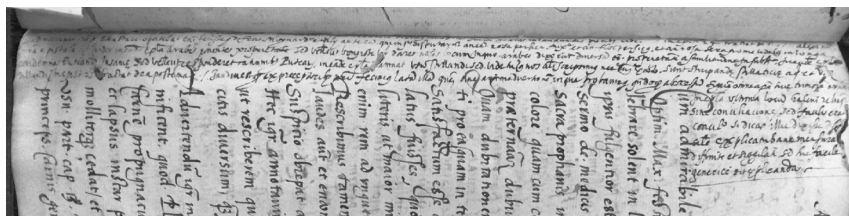


Fig. 4. Conclusão da recensão no espaço sobrance na margem esquerda e no topo do fol. 111r, Biblioteca Nacional de Portugal, Cód. 7198.

67 G. CARDANO, *De malo recentiorum medicorum medendi usu libellus, centum errores illorum continens. Eiusdem libellus de simplicium medicinarum noxa*. Venetiis, apud Hieronymum Scotum, 1545, pp. 8v-9r, cap. 3, *Quod nimium pingui utuntur dando carnes et oua: Tertius usus malus est, cum febrientibus carnes et oua exhibent dicentes nostri temporis aegri antiquorum uictum non posse, consuetudinemque multum ualere. [...] Praestat igitur ptisana aut pane cocto, aut panico, aut riza aegros alere nil ex carnibus aut ouis dare donec morbi iudicatio pertransierit ad duos dies, in grauibus acutisque morbis. [...] In morbis autem longis, aut intercidentibus ut tertiana, aut duplex tertiana parumper crassiore uictu utendum est, secundum morbi magnitudinem.*

68 G. CARDANO, op. cit., p. 66r, cap. 99, *Quod frustra timent lac et oua in febribus...: Nonagesimusnonus abusus est, cum lac et oua tanquam pernicioza in febribus putridis fugiunt. Nam lac et oua optimi esse alimenti in libris contradidentium medicorum plane docuimus.* A título de exemplo, veja-se G. CARDANO, *Hieronymi Cardani medici Mediolanensis Contradidentium Medicorum Liber Secundus, continens Contradictiones centum et octo. Hieronymo Cardano medico Mediolanensi Authore*. Lugduni, apud Seb. Gryphium, 1548, tract. 4, contr. 1, *Lac an febrientibus utile*, pp.187-208.

No antepenúltimo capítulo, Garcia Lopes reflete sobre a natureza do apostema,<sup>69</sup> partindo de um erro comumente cometido por médicos e cirurgiões, que, por infantilidade ou senilidade — afirma o médico —, confundem o *apostema* (ou *abscessus*) com o *pblegmone*.<sup>70</sup> Godines, de novo, desvaloriza o problema levantado pelo colega, acrescentando que ele próprio já havia refletido sobre a questão:

Na vigésima quinta carta, trata do apostema. Na verdade, há já algum tempo que nós, baseados nos mestres, empreendemos uma ampla investigação, sem nenhuma advertência, na qual comprovámos que, por vezes, ‘abcesso’ significa todo o apostema ou todo o tumor.<sup>71</sup>

O último capítulo do livro de Garcia Lopes, dedicado a Tomás Rodrigues da Veiga, lente de prima de Medicina da Universidade de Coimbra, consiste, tal como o próprio título indica, num breve comentário ao opúsculo de Galeno sobre o exercício do jogo da bola.<sup>72</sup> A única crítica que Godines dirige ao colega de Portalegre é a de não ter sido capaz de resolver a aparente contradição entre dois passos galénicos citados. Efetivamente, segundo Garcia Lopes, o médico de Pérgamo afirma no referido opúsculo sobre o exercício do jogo da bola que é impossível escrever

---

69 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 73r-74v: *De errore uulgarium in apostematis definitione. Caput XXV.*

70 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 73v-74r: *Reliqui uero imperiti non solum in morbis curandis quam peruersissime cecutiunt, uerum etiam in illorum essentia, cognitioneque, ut praespiciue ostendit error uulgaris medicorum, ac chirurgiorum, qui ignorata apostematis definitione, illud confundunt cum pblegmone, existimantes apostema genus esse ad pblegmonem, et ad reliquos tumores praeter naturam, quod ex his quae sequuntur falsum esse ostendemus, ut imperitos medicos doceamus, ne posthac cum infantibus balbutiant, aut cum senibus delirent.*

71 J. GODINES, fol. 111r, *ad marginem*: *In epistola uicesima quinta tractat de apostemate. Iam diu est quod ex praeceptoribus uerum fecimus latam illam quaestionem sine animaduersione in qua probamus quandoque abscessum significare omne apostema siue tumorem omnem.*

72 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 80r-86v: *Commentariolus in libellum Galeni de paruae Pilae exercitio, ad Thomam de Vega Conimbricensis studii archiatrum. Caput XXVI.*



quanto tempo se deve dedicar a cada exercício, não obstante no livro 5 do tratado *De sanitate tuenda* ter afirmado ser possível adaptar o tipo e a quantidade dos exercícios às necessidades de cada um. Assumindo a sua incapacidade para entender esta contradição, o médico prefere deixar aos que incansavelmente se dedicam ao estudo da obra galénica a conciliação dos passos.<sup>73</sup> Jorge Godines, por seu turno, menosprezando a observação do colega, defende que a conciliação teria sido fácil de alcançar, bastando, para tal, compreender as palavras de Galeno no seu contexto:

Na última carta, deixa o passo de Galeno sem conciliação, mas a conciliação era fácil, se disseses que naquele passo disse que esta quantidade era difícil de explicar de forma precisa e individual, mas que neste passo é fácil, [já que] deve ser explicada de forma genérica.<sup>74</sup>

As observações feitas por Jorge Godines ao livro de Garcia Lopes são muito variadas, ainda que redundem quase invariavelmente em críticas ou acusações mais ou menos acentuadas, exprimindo

---

73 G. LOPES, *Commentarii de uaria rei medicae lectione*, fols. 85v-86r: «*Quousque autem pro singulo quoque usu intendenda, aut remittenda sit exercitatio scribere quidem impossibile.*» *Quamuis haec Galeni oratio uera sit, quod impossibile sit scribere, quousque intendi et remitti possit pro singulo quoque usu exercitatio. Nec enim uniuscuiusque quantitas explicari potest, tamen nonnihil difficultatis habet, quam sententiae huic Gelenus uidetur contradicere, qui libro 5 de Sanitate tuenda ita inquit: «Finge corpus aliquod ex his, quae ad huc augescunt, gracilibus esse cruribus, huic picari crurae conducit, et modice fricari, et cursu uti potius quam alia quauis exercitatione. Porro praefici ei quempiam oportet, qui modum in motu praescribat: quo nec infra quam expedit exercitetur; nec adeo ultra, ut lassitudinem sentiat. Id tametsi non in exercitationibus modo, uerum etiam in aliis omnibus intellectu difficile sit; nos certe facile esse ostendimus, in his saltem quae ad salubrem uictus rationem spectant. Nec enim in his praiceps occasio est, sicut in morbis; immo ubi a tutissima in singulis mensura inceperis, et simul quod ex ea secutum est, aestimaueris, licet uel addas aliquid quotidie uel detrabas ac quod omissum est, corrigas.» Hactenus ille cuius loci conciliationem illis relinquo, quorum studia indefessa sunt in Galeni scriptis. Cf. GALENO, *Opera Omnia*, vol. 5, cap. 4, p. 909; vol. 6, cap. 3, pp. 326-327.*

74 J. GODINES, fol. 111r, *ad marginem*: *In epistola ultima locum Galeni relinquit sine conciliatione sed facillius erat conciliatio si dicas illic dixisse difficile explicatu hanc mensuram definite et singillatim sed hic facillie [quia?] generice sit explicanda.*

concordância apenas uma única vez. De seguida, apresenta-se um quadro sinótico que permite obter uma visão global das razões subjacentes às diversas críticas apontadas por Godines às cartas/capítulos do livro do médico de Portalegre:

<b>Críticas de J. Godines</b>	<b>Carta/Capítulo de G. Lopes</b>
1. Cópia/reprodução do tema/pensamento de outros autores («Tomou tudo de...»).	Eps. 1, 10 (Fuchs) Eps. 4, 17 (Amato) Ep. 6 (Brachelius)
2. O foco da discussão deveria ser outro.	Eps. 2, 7
3. Desviou-se do objetivo traçado (desenvolve tema diferente daquele que se propôs tratar).	Ep. 3
4. Falta de rigor na análise empreendida, estuda superficialmente os problemas, não investiga devidamente as fontes disponíveis.	Eps. 4, 8, 9, 11, 12, 15, 17, 24, 27
5. Interpreta errada ou abusivamente algumas fontes.	Eps. 2, 4, 10, 16, 18, 20
6. Defende ideias sem as fundamentar devidamente.	Ep. 4
7. Inutilidade/frivolidade de algumas reflexões e argumentos:	
– porque não interessam, simplesmente;	Eps. 5, 7, 8,14 Ep. 15, 25
– porque já foram tratados/dissecados por autoridades na matéria;	Ep. 17
– porque são demasiado óbvios.	
<b>Concorda apenas uma vez com Garcia Lopes.</b>	Ep. 14 (sobre a importância terapêutica do vinho branco: robustece o estômago)

## Considerações finais

A análise da minuciosa recensão do livro de Garcia Lopes comprova a excelência da produção, circulação e atualização

de saber entre a elite dos médicos portugueses em meados do século XVI, oferecendo um retrato genuíno de como era travado, na prática, o debate entre médicos humanistas, eivado, não raras vezes, de laivos de rivalidade pessoal e científica. A própria natureza do texto propicia a expressão das discordâncias, que podem ater-se simplesmente ao domínio científico ou adentrar-se mesmo em considerações de ordem diversa, deixando perceber, num ou noutro caso, motivações de ordem pessoal.

Por outro lado, a publicação, em Antuérpia, do livro impresso de Garcia Lopes face à existência unicamente da versão manuscrita, em Portugal, das *epistolae medicinales* de Jorge Godines, onde se inclui a recensão objeto deste estudo, constitui a manifestação evidente das dificuldades que os médicos portugueses tinham em publicar e divulgar as suas obras em letra de forma, devido à reduzida dimensão e importância do mercado editorial português no contexto europeu. A isto acresce, ainda, o condicionamento da atividade científica dos médicos portugueses, em particular dos cristãos-novos, por ação direta ou indireta do Santo Ofício, o que, no caso de Garcia Lopes, viria mesmo a redundar na sua própria morte em auto da fé celebrado em Évora (1572),<sup>75</sup> poucos anos volvidos após o seu regresso de Flandres a Portugal.

Em suma, sublinha-se o enorme valor documental da recensão crítica de Jorge Godines às cartas/capítulos do livro de Garcia Lopes, não só por revelar informações preciosas sobre os interesses e a atividade profissional de ambos, como por dar conta do diferente posicionamento perante as matérias em discussão à época, evidenciando a acesa controvérsia entre dois médicos contemporâneos, bem reveladora da riqueza, da acuidade e da atualidade do debate científico no Portugal de Quinhentos.

---

75 Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Inquisição de Évora*, Proc. n.º 171.

## Referências bibliográficas

### Fontes documentais

Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Inquisição de Évora*, Proc. n.º 171. <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2362211>

Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 7198.

### Fontes impressas

AÉCIO DE AMIDA, *Aetii medici graeci Contractae ex ueteribus medicinae tetrabiblos, hoc est, quaternio, siue libri uniuersales quattuor, singuli quatuor sermones complectentes, ut sint in summa quatuor sermonum quaterniones, id est, Sermones sedecim, per Ianum Cornarium Medicum Physicum Latine conscripti*. Lugduni, ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum Fratrum, 1549.

AMATO LUSITANO, *Amati Lusitani medici physici praestantis. Curationum Medicinalium, Centuriae II Priores, quibus praemittitur Commentatio de introitu medici ad aegrotantem, de Crisi, et diebus Decretoriis, cum indice rerum memorabilium copiosissimo*. Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1567.

AVICENA, *Liber canonis totius medicinae ab Auicenna Arabum doctissimo excussus, a Gerardo Cremonensi ab Arabica lingua in Latinam reductus...* Lugduni, Opera Jacobi Myt, 1522.

CARDANO, Girolamo, *Hieronymi Cardani medici Mediolanensis Contradictentium Medicorum Liber Secundus, continens Contradictiones centum et octo. Hieronymo Cardano medico Mediolanensi Authore*. Lugduni, apud Seb. Gryphium, 1548.

—, *De malo recentiorum medicorum medendi usu libellus, centum errores illorum continens. Eiusdem libellus de simplicium medicinarum noxa*. Venetiis, apud Hieronymum Scotum, 1545.

FALCUCCI, Niccolò, *Sermones medicinales septem*. Venetiis, Bernardino Stagnino, 1491.

FERRI, Alfonso, *Alfonsi Ferri Neapolitani medici eminentissimi, Pauli III Pont. Maximi chirurgi primarii, De ligni sancti multiplici medicina et uini exhibitione libri quatuor*. Basileae, Johannes Bebelius, 1538.

FUCHS, Leonhart, *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, aliquot opera, a Leonhart Fuchsio Tubingensis scholae professore medicinae publico, Latinitate donata, et Commentariis illustrata. De inaequali intemperie Liber. De differentiis et causis morborum, symptomatumque Libri. De iudiciis Libri. De Curatione per sanguinis missionem Liber*. Parisiis, apud Arnoldum Birckman, et Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae, 1550.

—, *Claudii Galeni Pergameni, medicorum facile principis, de Temperamentis libri tres, De differentiis febrium libri duo a Leonharto Fuchsio in Tubingensi schola professore medicinae publico, latinitate donati, et commentariis illustrati. Tomus*

- secundus*. Parisiis, apud Iacobum Dupuys, uia ad D. Ioannem Lateranensem, e regione collegii Cameracensis, sub signo Samaritanae, 1554.
- GALENO, Cláudio, *Claudii Galeni Opera Omnia*. Editionem curauit D. Carolus Gottlob Kühn Professor Physiologiae et Pathologiae in Literarum Uniuersitate Lipsiensi Publicus Ordinarius etc. Lipsiae, prostat in Officina Libraria Car[rolum] Knoblochii, 1821-1833.
- GORDON, Bernard de, *Bern. Gordonii Opus Liliu[m] medicinae inscriptum de morborum prope omnium curatione, septem particulis distributum, una cum aliquot aliis eius libellis...* Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, sub scuto Veneto, 1550.
- LOPES, Garcia, *Garciae Lopii Commentarii de uaria rei medicae lectione, Medicinae Studiosis non parum utiles. Quorum Catalogum ab Epistola sequens pagella indicabit*. Antuerpiae, apud Viduam Martini Nutii, Cum Gratia et Priuilegio, 1564.
- MANARDO, Giovanni, *Ioannis Manardi Medici Ferrariensis, omnium sua tempestate Medicorum, citra controuersiam, Doctoris eminentissimi, Epistolarum Medicinalium Libri XX. Eiusdem in Ioan. Mesue Simplicia et Composita Annotationes et Censurae, omnibus practicae studiosis summe necessariae*. Lugduni, ex officina Godefridi et Marcelli Beringorum fratrum, 1549.

## Estudos

- CARVALHO, Augusto da Silva, “Notícia sobre Alguns Médicos Judeus do Alentejo” (Separata do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*). Lisboa, Tipografia do Comércio, 1930.
- CASTRO, Inês de Ornellas, “Prática Médica e Alimentação nos Textos Portugueses Seiscentistas”, in P. F. COSTA e A. CARDOSO (coords.), *Percursos na História do Livro Médico. 1450-1800*. Lisboa, Edições Colibri, 2011, pp. 73-91.
- CORREIA, Arlindo N. M., *A Inquisição Portuguesa em face dos Seus Processos*. Vol. 2. Lisboa, Edições Ex-Libris, 2018.
- DIVISOVÁ, Bohdana, *Medical Case Studies (Consilia medica) of the Early Modern Period*. Amsterdam, Amsterdam University Press, 2022.
- HENRIQUES (DA CARNOTA), G. J. C., *Inéditos Goesianos*, vol. 2. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva, 1898.
- MACLEAN, Ian, “The Medical Republic of Letters before the Thirty Years War”: *Intellectual History Review* 18 (2018), pp. 15-30.
- , *Learning and the Market Place: Essays on the History of the Early Modern Book*. Leiden, Brill, 2009.
- MARTINHO, Bruno A., ANDRADE, António M. L., “In Search of the Unicorn’s Virtue in a Rhino Horn Cup: Consumption of Rhino Horns and the Production of Knowledge in Early Modern Lisbon”: *Early Science and Medicine* 27.6 (2022), pp. 572-600.
- MENDES, José Caria, “O Livro *Commentarii de Varia Rei Medicae* (Antuérpia, 1564) de Garcia Lopes”, in *A Universidade e os Descobrimentos*. Colóquio promovido pela Universidade de Lisboa. Lisboa, CNCDP/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 267-290.

- OLIVEIRA, E. M. R. de, “A prescrição de alimentos de origem animal e vegetal nos comentários médicos de Garcia Lopes”, in J. A. R. S. TAVIM, H. MARTINS, A. P. FERREIRA, A. S. B. COUTINHO e M. ANDRADE, *As diásporas dos judeus e cristãos-novos de origem ibérica entre o mar mediterrânico e o oceano atlântico. Estudos*. Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2020, pp. 95-116.
- , “Amato Lusitano, Garcia Lopes e as propriedades terapêuticas da romã”, in A. M. L. ANDRADE, S. A. GOMES e M. de F. REIS (coords.), *Diálogos luso-sefarditas* (Suplemento n.º 6 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*). Aveiro, UA Editora – Universidade de Aveiro, 2022, pp. 108-132. <http://hdl.handle.net/10773/34036>
- OLIVEIRA, E. M. R. DE, ANDRADE, A. M. L., “Uma recensão crítica quinhentista do livro de cartas médicas de Garcia Lopes”: *Humanitas* 82 (2023), pp. 119-143.
- POMATA, Gianna, “«Observatio» ovvero «historia» Note su empirismo e storia in età moderna”: *Quaderni Storici* 31 (1996), pp. 173-98.
- “*Praxis Historialis*: The Uses of *Historia* in Early Modern Medicine”, in G. POMATA e N. G. SIRAISSI (eds.), *Historia: Empiricism and Erudition in Early Modern Europe*. Cambridge, MIT Press, 2005, pp. 105-146.
- PÉREZ IBÁÑEZ, M. J. (1997), *El humanismo médico del siglo XVI en la Universidad de Salamanca*. Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid, 1997.
- PINTO, António Guimarães, “Achega para uma antologia de médicos latinistas portugueses: Garcia Lopes e D. Sebastião”, in A. REBELO e M. MIRANDA, *O Mundo Clássico e a Universalidade dos seus Valores*, vol. II. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, pp. 139-149.
- *Prefácios e dedicatórias de livros em latim de médicos portugueses (1520-1620)*. Tradução em latim, introdução e notas de António Guimarães Pinto. Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2023 (Coleção Usque, vol. 4).
- SIRAISSI, Nancy G., *Communities of Learned Experience. Epistolary Medicine in the Renaissance*. Baltimore, Johns Hopkins, 2013.

**PROCESSOS EDITORIAIS E PERCURSOS  
CURATORIAIS DE UMA COLEÇÃO  
BIBLIOGRÁFICA DIGITAL: A BIBLIOTECA  
BÁSICA DE CULTURA COLOMBIANA**

**EDITORIAL PROCESSES AND CURATORIAL  
PATHS FOR A DIGITAL BIBLIOGRAPHIC  
SERIES: THE BIBLIOTECA BÁSICA DE CULTURA  
COLOMBIANA**

*Felipe Cammaert*

Universidade de Aveiro

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas

cammaertfelipe@ua.pt

ORCID: 0000-0001-6918-7473

**Resumo:** O presente texto apresenta uma descrição dos processos editoriais e dos percursos curatoriais associados a uma coleção bibliográfica digital, publicada na Colômbia entre 2015 e 2018 pela Biblioteca Nacional da Colômbia. Pela sua natureza digital, a implementação da Biblioteca Básica de Cultura Colombiana (BBCC) implicou, para a equipa de investigadores e editores deste projeto, toda uma série de desafios editoriais que, de certo modo, contribuíram para uma reflexão de fundo sobre o cânone literário colombiano. Serão aqui comentados os diferentes aspetos do processo que permitiu a transformação do livro impresso em livro eletrónico.

**Palavras-chave:** coleções bibliográficas, livros digitais, Colômbia, Biblioteca Básica de Cultura Colombiana.

**Abstract:** The present text provides a description of the editorial processes and curatorial paths associated with a digital bibliographic collection, published in Colombia between 2015 and 2018 by the National Library of Colombia. Due to its digital nature, the implementation of the Biblioteca Básica de Cultura Colombiana (BBCC) has determined a series of editorial challenges for the team of researchers and editors of this project that, in a certain way, contributed to an in-depth reflection on the Colombian literary canon. The different aspects of the process that enabled the transformation of the printed book into an electronic book will be discussed here.

**Keywords:** bibliographical series, digital books, Colombia, Biblioteca Básica de Cultura Colombiana.



## 1. Introdução

A Biblioteca Básica de Cultura Colombiana é uma coleção bibliográfica digital, cujas características, assim como os processos editoriais que marcaram a sua emergência no panorama editorial colombiano, podem levantar algumas questões relevantes para a história do livro e da edição, tanto numa perspectiva comparada como para o contexto português. Em poucas palavras, a Biblioteca Básica de Cultura Colombiana (que doravante será referida pelas suas siglas, BBCC) é um projeto bibliográfico e editorial do Ministério da Cultura da Colômbia, desenvolvido pela Biblioteca Nacional da Colômbia, e cujo objetivo é a divulgação de uma seleção de obras consideradas «essenciais» do património bibliográfico colombiano, através de uma coleção em formato digital destinada ao público geral.<sup>1</sup> No âmbito das minhas funções como investigador contratado na Biblioteca Nacional da Colômbia (2015-2016), tive a oportunidade de coordenar, nos seus inícios, este projeto editorial que, pela sua natureza e objetivos, poderia vir a ocupar no futuro um lugar importante na história da edição nesse país. No seu primeiro ano de vida (2015-2016), a BBCC publicou 25 títulos, correspondentes a 25 obras preponderantes da literatura colombiana. Posteriormente, entre 2016 e até à data, a coleção da BBCC conta com mais de 100 títulos publicados sobre temas relacionados com a cultura colombiana. Tratou-se, assim, de um projeto inovador na sua origem, não só pelos conteúdos publicados, isto é, uma escolha de obras clássicas da cultura, mas sobretudo pela natureza digital das obras editadas, situação que veio, também, acompanhada de vários desafios de índole editorial.

A implementação da BBCC não só implicou um minucioso trabalho curatorial por parte da comissão editorial, mas também

---

<sup>1</sup> Para aceder ao catálogo da BBCC, ver: <https://bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/biblioteca-digital/bbcc>.

um conjunto de responsabilidades relacionadas com a execução dos processos editoriais e administrativos necessários para a criação de uma coleção bibliográfica digital. Neste texto, a minha intenção é dar conta de como, da minha perspectiva de investigador e editor, decorreu esta iniciativa até se constituir como um projeto editorial de destaque no universo das publicações digitais colombianas. Para este efeito, em primeiro lugar salientarei brevemente alguns aspetos contextuais da tradição editorial colombiana no que diz respeito às coleções bibliográficas populares. Num segundo momento, descreverei os principais aspetos relacionados com a conceção, realização e publicação dos primeiros volumes da BBCC, em 2016, com o intuito de apresentar um roteiro desta experiência, assinalando os principais desafios relacionados com a criação de uma série bibliográfica digital. Em síntese, será aqui exposto o percurso seguido desde os manuscritos até aos livros eletrónicos, insistindo nos vários desafios e obstáculos que a equipa editorial da BBCC teve de enfrentar durante o processo de edição destas obras fundamentais da cultura colombiana.

Antes de passar à exposição dos referidos pontos, considero pertinente transcrever aqui um excerto do texto de apresentação da BBCC que, na minha opinião, constitui uma síntese muito esclarecedora do espírito desta coleção bibliográfica colombiana:

Desde 2015, inspirados en todas las bibliotecas básicas y populares de nuestra tradición, hemos querido entregarle a nuestro país una biblioteca digital que reúne lo más representativo de la cultura colombiana en diversas áreas temáticas, los textos que expresan el alma de un país. [...] Con este proyecto queremos llegar al mayor número posible de lectores colombianos a través de formatos digitales dinámicos, para que esta Biblioteca sea un lugar en el que los lectores dialoguen y se apropien de los contenidos que estas ediciones cuidadas ofrecen, de tal manera

que también los estudiosos y eruditos encuentren en ellas referentes confiables.<sup>2</sup>

Este texto, que foi publicado no *website* da BBCC em 2017, dá conta da essência desta coleção digital, ao mesmo tempo que aponta para as suas principais características, que desenvolverei nas seções seguintes, procurando assinalar tanto os processos editoriais como os percursos curatoriais desta coleção bibliográfica digital da Colômbia.

## **2. As coleções bibliográficas populares na Colômbia: uma tradição estabelecida na história da edição**

Na história da Colômbia, a tradição das coleções bibliográficas populares é relativamente longa. De facto, a existência destas séries bibliográficas tem acompanhado, de certo modo, o percurso político desta nação sul-americana, constituindo assim um caso significativo na tradição cultural colombiana. Desde os inícios da República, em meados do século XIX, surgiram várias iniciativas deste género, com o objetivo de apresentar aos leitores um conjunto de obras representativas da cultura e das letras nacionais e internacionais.<sup>3</sup> Numa nação relativamente jovem como é a colombiana, compreende-se que estas iniciativas de divulgação da cultura através da criação de coleções bibliográficas tenham beneficiado de uma grande aceitação por parte do público leitor, ávido de receber novos conhecimentos vindos tanto do estrangeiro como do próprio país.

De entre as principais iniciativas desta natureza, mencionarei sinteticamente os exemplos mais representativos deste tipo de coleções, insistindo na evolução ao longo do tempo das

---

2 Biblioteca Básica de Cultura Colombiana, 2017.

3 Miguel Ángel PINEDA CUPA, “Colecciones colombianas de la primera mitad del siglo XX: una revisión bibliográfica y editorial”, in Diana Paola GUZMÁN, *et alii* [eds.], *Lectores, editores y cultura impresa en Colombia: siglos XVI-XXI*. Bogotá, Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano — CERLALC, 2018, pp. 279-310.

características gerais das coleções bibliográficas. Mais do que um comentário pormenorizado sobre os conteúdos específicos, a minha intenção é apresentar aqui uma visão panorâmica deste fenómeno, com o intuito de contextualizar o caso da BBCC na história da edição na Colômbia. O primeiro caso relevante, a Biblioteca Popular — Colección de grandes escritores nacionales y extranjeros, que existiu entre 1893 e 1910, continha mais de 300 obras num enfoque interdisciplinar, com predominância de obras de Literatura. Por outro lado, a Selección Samper Ortega de literatura colombiana (1928-1937), inspirada na Biblioteca de Autores Españoles de Ribadeneira publicada em Espanha, é considerada como a referência em matéria de coleções bibliográficas na Colômbia. Coordenada pelo diretor da Biblioteca Nacional da Colômbia (Daniel Samper Ortega), esta coleção de 100 títulos procurou reivindicar a literatura nacional, mantendo porém a diversidade temática numa coleção de volumes curtos, publicados, na altura, pela editora Minerva de Bogotá.<sup>4</sup> A Colección Biblioteca Popular de Cultura Colombiana (1942-1952), que publicou um total de 161 obras, maioritariamente nas áreas da História e da Literatura, é reconhecida por ter alargado o leque de leitores no país, assim como por ter modernizado o «objeto-livro» numa altura em que os artefactos culturais eram escassos nesse país.<sup>5</sup> Igualmente, a Biblioteca de Cultura Colombiana-Colección Popular (1971-1975) é uma das coleções mais representativas nesse âmbito já que, para além do amplo leque de títulos que oferecia (maioritariamente relacionados com a Literatura Universal), esta série se destacou por apresentar um *design* editorial único e chamativo, que o

---

<sup>4</sup> Miguel Ángel PINEDA CUPA, *Editar en Colombia en el siglo XX. La selección de Samper Ortega de Literatura Colombiana, 1928-1937*. Bogotá, Ediciones Uniandes y Editorial UTadeo, 2019, p. 34.

<sup>5</sup> Paula Andrea MARÍN COLORADO, “La colección Biblioteca Popular de Cultura Colombiana (1942-1952). Ampliación del público lector y fortalecimiento del campo editorial colombianos”: *Información, cultura y sociedad* 36 (2017), p. 75.

público leitor identificou durante anos. Finalmente, vale ainda a pena destacar a Biblioteca Familiar Colombiana (1996-1998), uma iniciativa da Presidência da República que, embora mais limitada no tempo, chegou a publicar na altura 30 títulos de Literatura e Ciências Sociais.<sup>6</sup>

Assim sendo, a tradição das coleções bibliográficas afigura-se como um elemento constitutivo da história editorial da Colômbia, até ao ponto de a vulgarização das obras mais representativas da cultura ocidental ter sido levada a cabo essencialmente através destas iniciativas públicas de cariz popular.<sup>7</sup> Nesse sentido, uma das primeiras tarefas da BBCC foi a de coordenar um trabalho de pesquisa sobre a história das coleções bibliográficas na Colômbia, a fim de estudar os antecedentes deste tipo de projetos, não unicamente no que diz respeito aos conteúdos publicados ao longo dos anos, mas também no que se relaciona com a noção de «cultura colombiana» na história da edição nesse país. Estas pesquisas sobre a história das coleções bibliográficas permitiram, por um lado, identificar o cânone em relação à literatura colombiana e, por outro, verificar as principais características destas coleções, com o intuito de ter presentes alguns critérios editoriais para a configuração da BBCC. Seja como for, o projeto da BBCC inscreve-se numa importante tradição editorial que faz das coleções bibliográficas populares um instrumento idóneo de divulgação das culturas nacional e estrangeira, num país como a Colômbia, cuja história política e editorial é bem mais recente do que a europeia.

---

6 Em Portugal, a Biblioteca Cosmos, dirigida pelo docente e intelectual comunista Bento de Jesus Caraça, e que chegou a publicar 145 títulos de divulgação científica e cultural entre 1941 e 1948, constitui um caso semelhante em termos de uma iniciativa de divulgação do conhecimento na sociedade. Aliás, e tal como acontece com a Biblioteca Cosmos, as principais coleções bibliográficas colombianas aqui citadas partilham também o facto de terem sido lideradas por figuras públicas, sejam elas intelectuais ou políticas.

7 M. Á. PINEDA CUPA, “Colecciones colombianas...”, op. cit., p. 282.

Na secção seguinte, tenciono comentar alguns aspetos editoriais que fazem com que esta coleção bibliográfica se situe na senda dos principais antecedentes editoriais em matéria de divulgação estatal do património bibliográfico.

### **3. A Biblioteca Básica de Cultura Colombiana: um desafio de curadoria e de produção editoriais**

No seu primeiro ano de funcionamento, a BBCC teve como principais encargos não só a produção e publicação dos primeiros títulos que compunham a coleção, mas também a implementação dos diversos processos editoriais, administrativos e gráficos destinados a assegurar a continuidade deste projeto nos anos seguintes. Comentarei a seguir algumas destas ações na minha perspetiva de coordenador editorial da coleção bibliográfica, no seu primeiro ano de existência. Para tal, distinguirei duas categorias independentes que, no entanto, se confundiram no decorrer do processo de edição. Por um lado, abordarei as atividades de natureza eminentemente curatorial, isto é, as escolhas e os critérios científicos na constituição de uma coleção bibliográfica e, por outro, as atividades específicas de produção editorial. Procurarei expor, portanto, os múltiplos desafios que se apresentaram durante o primeiro ano de vida da BBCC, com o objetivo de comentar a génese de um projeto editorial particular como é o da BBCC.

#### **3.1. A curadoria editorial**

Num primeiro momento, o processo de construção de um projeto bibliográfico como a BBCC implicou, naturalmente, a identificação e escolha dos primeiros títulos que viriam integrar a coleção. Por decisão da direção da Biblioteca Nacional da Colômbia e da coordenação da BBCC, a decisão mais importante estava relacionada com as áreas da cultura que deveriam estar

representadas nos primeiros títulos da coleção. Nessa altura, por motivos orçamentais e práticos, foi decidido que os primeiros títulos da coleção fossem obras de Literatura que se encontrassem no domínio público. Para esse efeito, com a ajuda de peritos internos e externos à instituição, foi estabelecida uma lista de 25 obras que iriam conformar os primeiros títulos da BBCC, tendo também em conta os antecedentes nesta matéria referidos anteriormente. Sobre este ponto, é importante mencionar o facto de estas primeiras obras reeditadas não serem todas elas unicamente reproduções de títulos anteriores. Isto é, das 25 obras que marcaram o início da BBCC, 14 correspondiam ao que poderíamos chamar «edições integrais», enquanto as 11 restantes foram, de certo modo, novos títulos, no sentido de constituírem antologias e coletâneas de textos cuja conceção editorial coube à BBCC. Por outras palavras, a equipa da BBCC preferiu editar alguns fragmentos escolhidos das obras, ou criar antologias temáticas a partir dos textos disponíveis (no domínio público), procurando suscitar o interesse dos leitores com estas novas edições. De certo modo, a reedição destas obras clássicas sob novas formas equivaleu a criar novos textos a partir dos já existentes. Mais adiante voltarei a este aspeto de curadoria editorial, por forma a ressaltar o papel concomitante dos paratextos na constituição destas «novas obras» da série bibliográfica.

Os 25 títulos inaugurais da coleção BBCC retomam, a grandes traços, o cânone dos clássicos da literatura colombiana que, de facto, já tinha sido reproduzido pela grande maioria das coleções bibliográficas que a antecederam. Mais do que entrar nos pormenores dos títulos escolhidos (aspeto que, em minha opinião, não é de especial relevância para o leitor em português), a minha intenção é apresentar, aqui, as linhas gerais da coleção do ponto de vista temático. A escolha de autores para as 25 primeiras obras vai desde os cronistas da conquista e colonização da América (Juan de Castellanos, Juan Rodríguez Freyle) até aos mais importantes

«romances da selva» (José Eustasio Rivera), passando pelas obras de escritores realistas (Tomás Carrasquilla) ou românticos (Jorge Isaacs), ou ainda pelo costumbrismo em prosa ou verso (José María Cordovez Moure, José Manuel Marroquín, José Asunción Silva). Deste modo, no seu primeiro ano, a BBCC não se focou tanto na inovação temática, mas sim em retomar a tradição das coleções bibliográficas colombianas ao longo da sua história, aportando, contudo, um olhar novador relativamente ao passado. Desta forma, poderia dizer-se que a BBCC reproduz o cânone da literatura colombiana tal como aparece nos exemplos que lhe antecederam. Contudo, e pelas razões que desenvolverei ulteriormente, não se tratou apenas de um trabalho de reedição, mas sim de um exercício de reinterpretação do legado bibliográfico, adaptado ao contexto da publicação de obras em formato digital.

Em segundo lugar, desde a sua génese, os livros da BBCC foram pensados como edições de referência destinadas a um público leitor alargado. Nesse sentido, e tendo em conta que — pelas razões acima expostas — muitas das obras a serem publicadas eram obras clássicas da literatura colombiana, estimou-se indispensável que cada um dos títulos contivesse um breve texto de apresentação, ou prefácio, da autoria de um especialista na matéria. O propósito destas apresentações foi o de aproximar a obra em questão do leitor contemporâneo, procurando assim revitalizar o património bibliográfico colombiano. Por indicação da BBCC, os textos de apresentação, num estilo simples e ao alcance do leitor comum, deveriam ter como objetivo principal ressaltar a atualidade da obra em questão ou, pelo menos, propor novas leituras dos clássicos à luz do contexto contemporâneo. O resultado desta prática foi muito gratificante, dada a disponibilidade dos apresentadores (escritores e académicos, principalmente) para colaborar nesta iniciativa. Assim, os 25 textos que inauguraram a coleção BBCC contêm outras tantas breves apresentações que, no meu entender, introduzem uma



nova leitura das obras clássicas da literatura colombiana graças à participação de reconhecidos especialistas. Para além disso, para a maioria dos 11 títulos «novos» que referi anteriormente (isto é, as coletâneas e antologias inéditas a partir de textos clássicos) foi solicitada uma participação adicional dos apresentadores, no sentido de levarem a cabo o estabelecimento e a seleção dos textos que, em sua opinião, deveriam integrar a mencionada antologia. Assim, (e para mencionar apenas um exemplo) no caso das *Elegías de Varones Ilustres de Indias*, um extenso poema épico do século XVI sobre a colonização da América escrito pelo cronista espanhol Juan de Castellanos, os dois volumes publicados pela BBCC baseiam-se numa seleção de textos elaborada pela Professora Betty Osorio, uma das maiores especialistas desta obra na Colômbia, e cuja justificação aparece referida no próprio texto de apresentação. As últimas palavras do preâmbulo de Betty Osorio constituem um bom exemplo da maneira como uma especialista na matéria tenta reatualizar a valoração sobre uma obra clássica da literatura colombiana através de uma seleção de textos cuja atualidade reside, em parte, no olhar dos leitores contemporâneos:

Para finalizar, se puede afirmar que *Elegías* configura una matriz fundacional que debe ser estudiada cuidadosamente; el lector actual debe considerar sus implicaciones como versión triunfalista de la Conquista de América. Esta selección de textos muestra cómo la épica participa en la construcción simbólica del Nuevo Reino de Granada y de las gobernaciones de Cartagena, Santa Marta, Antioquia y el Chocó que forman parte hoy de Colombia. Con esta publicación se busca despertar el interés por explorar las *Elegías* como un documento polifacético y dinámico,

donde la literatura y la historia son impregnadas constantemente por otros saberes y disciplinas.<sup>8</sup>

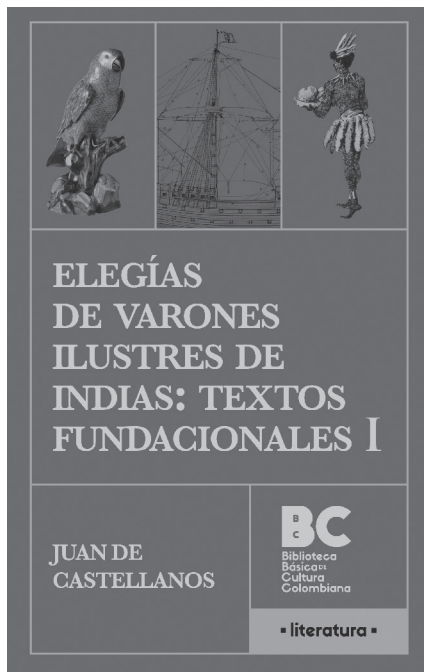


Fig. 1: Juan de Castellanos, *Elegías de varones ilustres de Indias*. Capa. Licença Pública Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

Para encerrar esta questão da intenção explícita de acrescentar um olhar inovador aos clássicos da literatura colombiana, mencionarei ainda que, no âmbito das atividades da BBCC durante o seu primeiro ano de existência, foram desenhadas e implementadas algumas ações de (re)apropriação do património bibliográfico, cuja finalidade foi, uma vez mais, aproximar o público leitor deste conjunto de obras que muitos desconheciam ou com as quais não estavam familiarizados. A BBCC levou a cabo três ações nesse sentido, que passarei a descrever brevemente, para melhor contextualizar os processos curatoriais associados à divulgação da coleção bibliográfica. Em

---

8 Juan de CASTELLANOS, *Elegías de varones ilustres de Indias: textos fundacionales* [Compilação e introdução de Betty Osorio]. Bogotá, Ministerio de Cultura, Biblioteca Nacional de Colombia, 2015, p. 16.

primeiro lugar, a oficina de escrita criativa «Remixencias 2091», levada a cabo na Biblioteca Nacional sob a coordenação do escritor Juan Álvarez, que tinha como objetivo a produção, por parte dos participantes, de relatos urbanos de ciência-ficção a partir da leitura — e reinterpretação — da obra *Reminiscencias escogidas de Santa Fe y Bogotá*, um texto clássico de crónicas urbanas sobre a capital colombiana, datado do século XIX. Em segundo lugar, através de um vídeo realizado por uma empresa externa, a BBCC documentou a história da reapropriação, por parte de uma banda de rock da cidade de Medellín, de uma escolha de versos do referido poema épico *Elegías de Varones Ilustres de Indias* nas suas músicas. Finalmente, com a participação de estruturas comunitárias locais, a BBCC apoiou o processo de criação musical por parte de duas associações de *rap* e *hip-hop* das regiões atlântica e pacífica colombiana, a partir dos poemas da obra *Cantos Populares de mi Tierra*, do autor afro-colombiano Candelario Obeso. O resultado foi um vídeo que recolheu a memória do processo criativo destes dois coletivos de artistas, assim como uma apresentação ao vivo no espaço da Biblioteca Nacional da Colômbia.<sup>9</sup> Estas três ações (que, para não me afastar dos meus propósitos, referi aqui muito brevemente) implicaram, para a direção da BBCC, um trabalho explícito de curadoria, consistente em criar, conjuntamente com o departamento de comunicação e imagem da Biblioteca Nacional da Colômbia, novas dinâmicas à volta das obras, com o objetivo de revitalizar o património bibliográfico da Colômbia através de iniciativas artísticas que se servem de linguagens e expressões atuais.

Estas ações que denominei de «curadoria» editorial mostram, afinal, que, tratando-se de uma coleção bibliográfica de obras clássicas da literatura colombiana como a BBCC, o trabalho de edição

---

<sup>9</sup> O vídeo que recolhe o processo criativo do projeto está disponível em <<https://youtu.be/Djm6VHhVHNg>>. [Consultado a 15.06.2022.]

foi além da simples escolha e publicação de uma seleção de obras. Pelo contrário, a direção da BBCC desenvolveu uma estratégia de coordenação e articulação das distintas componentes de divulgação e promoção associadas aos 25 títulos. Contrariamente ao que se verificou para as coleções bibliográficas anteriores aqui citadas, a proposta da BBCC pressupôs uma articulação do trabalho editorial que fez com que, para além de reproduzir umas obras do cânone, a proposta acrescentasse uma nova dimensão às obras essenciais da literatura colombiana.

### **3.2. A produção editorial**

A implementação de uma coleção bibliográfica como a BBCC implicou, para além das escolhas editoriais sobre os conteúdos, toda uma série de tarefas relacionadas não só com a produção dos livros, mas também com a identidade gráfica da BBCC, assim como com a plataforma de visualização e *download* dos títulos nos seus diferentes formatos digitais. Comentarei aqui alguns dos principais processos editoriais, para melhor salientar os desafios relacionados com a criação de uma coleção bibliográfica digital por parte de uma instituição pública da área da cultura, como é a Biblioteca Nacional da Colômbia.

Por um lado, e tratando-se de uma coleção 100% digital de conteúdos literários pertencentes ao domínio público, o método de produção dos livros seguiu de certo modo um percurso invulgar: não se tratou do método mais comum que vai do manuscrito ao livro impresso ou eletrónico, mas sim de um caminho que foi dos livros impressos para os livros eletrónicos. Num primeiro momento, procedeu-se à digitalização das obras em papel do espólio da Biblioteca Nacional da Colômbia, tendo em conta as edições de referência para cada texto. Aliás, a determinação das edições de referência para as obras clássicas

implicou também um ato de curadoria editorial, realizado pela equipa da BBCC com a colaboração de peritos em cada uma das áreas. Este processo de digitalização e harmonização dos textos, realizado internamente na Biblioteca Nacional da Colômbia, revelou-se bastante dispendioso, dadas as especificidades técnicas da tarefa. Posteriormente, e com o apoio de um fornecedor externo (um grupo de revisores e revisoras sob a direção de uma editora), os ficheiros digitalizados foram transformados em ficheiros de texto, e procedeu-se a uma minuciosa revisão tipográfica e de cotejo com os originais, até chegar a um texto estabilizado após um segundo cuidadoso trabalho de revisão. A partir deste texto, a BBCC realizou a montagem dos livros, inserindo os paratextos (isto é, as apresentações) e aplicando o *layout* gráfico e o manual de estilo da coleção, assim como acrescentando as respetivas páginas de créditos. Após revisão, estes ficheiros completos foram enviados para um segundo fornecedor externo (uma empresa de soluções informáticas), para a conversão para os formatos PDF, ePub e HTML5, sempre sob a orientação da equipa da BBCC. A disponibilização dos títulos já finalizados na plataforma da BBCC esteve a cargo da Biblioteca Nacional da Colômbia. Todas as etapas da transformação de um livro já impresso (mas do qual não existem, na maioria dos casos, ficheiros informatizados dos textos) para um livro eletrónico necessitaram de um grande trabalho de coordenação e verificação por parte da BBCC, dado que todas as vezes que se fazia a passagem de um formato para outro existia o risco de surgirem erros e inconsistências que afetariam o conteúdo dos textos.

A propósito da interface informática, caberia acrescentar que, na altura da implementação da BBCC, a conceção da plataforma foi um dos encargos mais complexos, dada a natureza da informação a ser disponibilizada (isto é, 25 livros em três formatos digitais), e tendo em conta os condicionamentos

técnicos, nessa altura, na Biblioteca Nacional da Colômbia. A intenção inicial foi a de criar uma plataforma que, para além de disponibilizar os títulos nos três formatos (HTML5, PDF e ePub), permitisse uma interação com os leitores, por meio de uma funcionalidade de registo de usuários, que pretendia criar um espaço de comentários e anotações (na versão *online* HTML5) com moderação da BBCC. No entanto, por razões tanto técnicas como de disponibilidade orçamental e de recursos humanos, não foi possível implementar esta ideia, e as funções básicas da plataforma acabaram sendo limitadas à visualização e descarga do universo dos títulos da BBCC, como aliás é ainda o caso na atualidade.

O último aspeto que queria mencionar relaciona-se com a identidade gráfica da coleção BBCC, um elemento que se revelou prioritário desde o início do projeto. Tendo em conta a natureza digital dos livros, a intenção foi que a BBCC dispusesse de uma identidade gráfica forte, isto é, de uma imagem que constituísse um elemento distintivo da coleção. Para tal, e como resultado de um concurso público, a BBCC escolheu um *designer* com experiência em produtos digitais e projetos editoriais. Vale a pena referir que a proposta ganhadora, da autoria de Adán Farías, se distinguiu das outras candidaturas não só pela sua qualidade e coerência, mas também pelo facto de o *designer* ser uma pessoa jovem, com uma linguagem artística muito próxima da comunicação própria das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), o que contribuiu para reforçar a imagem inovadora da coleção.

Para além do logótipo da BBCC, o *designer* apresentou uma proposta integral muito singular, consistente na reprodução de um esquema de capa baseado numa grelha, que se desdobra na contracapa e nas secções interiores em todos os livros. Este modelo foi personalizado para cada uma das obras publicadas. O *design* da grelha faz com que, no espaço da capa, surjam seis espaços em que serão colocados os diferentes elementos

gráficos segundo a obra em questão. Assim, para além das informações básicas transversais (logótipo da BBCC) e individuais (título, autor), a estes quadros vêm juntar-se duas categorias de elementos próprios de cada uma das obras: por um lado, a indicação da área temática a que pertence o livro (no caso dos 25 livros publicados em 2016, esta área foi, para todos eles, a Literatura) identificada com uma cor predefinida. Por outro lado, nos restantes quadros estão dispostas três imagens que, de certo modo, fazem alusão aos elementos temáticos mais representativos de cada uma das obras, e que funcionam como verdadeiros ícones em termos gráficos. Sobre este aspeto, em meu entender, o trabalho de *design* gráfico foi muito rico e estimulante, já que o artista leu antecipadamente (parcial ou integralmente) cada uma das obras com o objetivo de identificar aquilo que, segundo a sua interpretação, constituíam símbolos da mesma. Esta iniciativa pessoal do *designer* pode ser vista como mais um exemplo de apropriação do património bibliográfico da BBCC, desta vez numa perspetiva inter-artes que envolve os diferentes processos do trabalho editorial (texto, conteúdos e imagem gráfica). Adicionalmente, os três ícones que servem de símbolos na capa são reproduzidos na contracapa



e (quando aplicável) nas secções interiores do livro, fazendo com que o objeto bibliográfico apresente um jogo de correspondências entre texto e imagem muito significativo ao longo das páginas.

Fig. 2: Luis Vargas Tejada, *Las convulsiones*. Capa. Licença Pública Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

Em síntese, as diferentes ações de produção editorial desta coleção revelam o intrincado percurso que, do ponto de vista técnico e administrativo, teve de percorrer a BBCC no seu primeiro ano até ao lançamento dos primeiros títulos, em março de 2016. No caso da BBCC, a tarefa de reeditar obras já publicadas resultou num processo bastante complexo, ainda mais tratando-se da passagem do papel para formatos digitais. Sobre este ponto, cabe ressaltar que o principal desafio da BBCC consistiu em respeitar, em todas as fases do processo, a fidelidade dos originais, acrescentando ao resultado as funcionalidades próprias do livro eletrónico.

#### **4. Algumas reflexões práticas seis anos depois do lançamento da BBCC**

Em jeito de conclusão, queria aduzir uma série de reflexões que, com a passagem do tempo, me têm surgido após esta experiência editorial em que participei, entre 2015 e 2016. A minha intenção, mais do que assinalar inconvenientes pontuais associados a esta experiência, é a de alargar as minhas considerações a uma perspetiva mais ampla, refletindo sobre a publicação de coleções bibliográficas de referência no âmbito da realidade editorial colombiana. Assinalarei, num primeiro momento, algumas questões de natureza técnica relacionadas com os livros eletrónicos no contexto editorial colombiano, apontando para as principais complexidades na implementação do projeto BBCC. A seguir, mencionarei alguns aspetos de cariz editorial atinentes à própria natureza das coleções bibliográficas como a BBCC, a fim de refletir, numa perspetiva mais global, sobre a atividade de edição das obras clássicas de uma literatura nacional.

A primeira observação prende-se com o impacto real dos livros eletrónicos em formatos digitais, num contexto como o da



Colômbia onde, em 2019, apenas 51,9% dos agregados familiares possuía ligação à internet em casa, sendo que a desigualdade entre os centros urbanos e as zonas rurais é considerável.<sup>10</sup> De facto, as estatísticas mostram que, para as zonas não urbanas (isto é, longe das grandes aglomerações), estes números só atingiam 20,7% dos agregados familiares em 2019. Para além da questão mais abrangente da conectividade, apresenta-se também uma situação de acessibilidade relacionada com a visibilidade deste tipo de iniciativas, isto é, com o impacto real nos potenciais utentes. Um dos objetivos do projeto BBCC foi, para além da conservação do património bibliográfico colombiano, o estímulo à leitura através da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, que compreende mais de 100 bibliotecas espalhadas pelo país e que está sob coordenação da Biblioteca Nacional da Colômbia. Desde o início, as equipas da BBCC e da Biblioteca Nacional da Colômbia estavam conscientes do facto de a visibilidade dos livros eletrónicos ser (em teoria) menor do que a dos livros em papel. No entanto, a estratégia de divulgação através da rede de bibliotecas públicas, assim como a questão do acesso aberto destes títulos em três formatos distintos, foram argumentos de peso para promover, nessa altura, uma coleção 100% digital. Apesar dos esforços realizados para divulgar as obras que fazem parte da coleção BBCC, a realidade mostra que a repercussão deste tipo de iniciativas se verificou principalmente nas principais cidades, e junto do público leitor mais capacitado para integrar as novas linguagens digitais. Nas zonas rurais, para além do espaço das bibliotecas públicas em que é possível consultar *online* a coleção BBCC, foi bastante difícil medir o impacto real deste tipo de iniciativas. Contudo, passados uns

---

10 Os dados específicos mais fiáveis datam de 2019. Para 2016, as estatísticas são infelizmente muito gerais. Ver: DANE. *Boletín Técnico Indicadores básicos de tenencia y uso de Tecnologías de la Información y las Comunicaciones — TIC en hogares y personas de 5 y más años de edad*. Bogotá, [s.n.], 2019, pp. 14-16.

anos desde a criação da BBCC, a Biblioteca Nacional da Colômbia pôde constatar que os livros da coleção são utilizados pelos estudantes das principais universidades das cidades colombianas. Ora, tratando-se de uma coleção de natureza digital e cujo objetivo é o de contribuir para a preservação do património bibliográfico, parece-me fundamental que o Estado, através das entidades públicas relacionadas com a cultura, seja capaz de garantir o real impacto destas iniciativas no público leitor aos níveis territorial e nacional. Caso contrário, os esforços por parte de instituições, como a Biblioteca Nacional da Colômbia, correm o risco de ter uma repercussão muito reduzida e, aliás, circunscrita ao âmbito urbano das principais cidades do país.

Para além disso, houve um aspeto que, na altura do lançamento da coleção BBCC, se revelou esclarecedor dos obstáculos associados ao impacto de uma coleção bibliográfica digital. Tratando-se de uma coleção de livros eletrónicos, a apresentação da BBCC teve de adaptar-se à imaterialidade dos livros, razão pela qual o lançamento (realizado na Feira do Livro de Bogotá, em abril de 2016) se focou principalmente nas ações de apropriação patrimonial antes descritas, associadas à coleção bibliográfica, assim como na divulgação dos canais de comunicação em que se encontra esta coleção. Dito de outra forma, para o Ministério da Cultura e a Biblioteca Nacional da Colômbia, o facto de apresentar uma coleção 100% digital ao público leitor constituiu um grande desafio em termos de comunicação, tendo em conta os formatos dos títulos disponibilizados para consulta em 2016. Mais uma vez, no contexto de uma coleção bibliográfica digital, parece-me imprescindível que os materiais bibliográficos eletrónicos possam usufruir de uma estratégia de comunicações sólida, cuja continuidade no tempo faça com que o interesse pelos livros eletrónicos seja constantemente renovado.

Um último aspecto relacionado com a efetividade na divulgação deste tipo de ações prende-se com a questão das políticas públicas para a cultura, numa perspectiva nacional mais abrangente. Embora a Biblioteca Nacional da Colômbia tenha contado, em todas as etapas da implementação do projeto da BBCC, com o apoio do Ministério da Cultura, verifica-se que todas as iniciativas culturais desta natureza se encontram numa situação de excessiva dependência dos governos, assim como das suas políticas públicas e prioridades orçamentais. Isto é, as mudanças de governo próprias do sistema político colombiano determinaram, de certo modo, a continuidade da BBCC, dado que as prioridades para a cultura nem sempre são as mesmas consoante o governo. Assim, em 2018, com a tomada de posse do novo governo na Colômbia, que implicou — entre outras — a mudança na direção do Ministério da Cultura e da Biblioteca Nacional, o projeto BBCC foi interrompido, tendo, no entanto, conseguido publicar 113 livros *online* até esse momento. Num cenário ideal, projetos como a BBCC deveriam poder existir independentemente do regime político, dado que constituem uma iniciativa transversal à sociedade colombiana que busca preservar e difundir o património bibliográfico e cultural da nação pelo viés de uma ação editorial e pedagógica.

Em segundo lugar, esta experiência editorial fez com que, na altura da produção dos livros, a equipa da BBCC se interrogasse profundamente sobre a questão da publicação (ou, se se preferir, reedição) de obras que poderiam ser consideradas, em várias perspetivas, como parte integrante do cânone da literatura colombiana (para o caso das 25 primeiras obras, publicadas em 2016). Como foi referido anteriormente, os primeiros títulos da BBCC retomam uma escolha dos títulos «essenciais» na história da literatura colombiana, sem introduzir grandes alterações no que diz respeito à composição desta lista de obras

«imprescindíveis» da literatura colombiana. Lembre-se que, dos 25 livros digitais publicados, 14 deles são reedições integrais das obras de referência nesse contexto. Porém, a BBCC também quis inovar, de certo modo, ao publicar igualmente 11 obras «novas», não por serem novidades bibliográficas, mas (como comentei) no sentido de constituírem novas edições de obras clássicas, organizadas em antologias e coletâneas cuja concepção editorial coube à BBCC. A meu ver, este labor curatorial por parte da BBCC poderá vir a renovar, não propriamente o cânone, mas sim a maneira de olharmos para ele do ponto de vista dos processos editoriais. Num texto sobre esta questão específica, Miguel Tamen afirma:

Um cânone literário é uma lista retrospectiva: uma lista de autores e livros que os vários, muitos, e muitas vezes anónimos, autores da lista identificam como importantes. É por isso que, como observaram várias pessoas, um cânone é constituído por costumes repetidos ao longo do tempo. No entanto, como os costumes, os conteúdos de um cânone literário são muitas vezes alterados.<sup>11</sup>

À margem do debate sobre a própria noção de cânone, particularmente candente nos Estados Unidos, o que me interessa aqui é assinalar a maneira como às coleções bibliográficas, como é o caso da BBCC, cabe necessariamente uma função que poderíamos chamar de «manutenção» do cânone literário. Ou melhor, uma tarefa de «abastecimento» desse cânone. Assim, o trabalho da BBCC em termos de curadoria editorial consistiu em retomar os costumes repetidos ao longo do tempo, mas introduzindo também pequenas variações nos seus conteúdos, como tentei mostrar com a referência ao trabalho curatorial

---

11 Miguel TAMEN, “Cânone 4”, in António M. FEIJÓ, João R. FIGUEIREDO e Miguel TAMEN (eds.), *O Cânone*. Lisboa, Tinta da China — Fundação Cupertino de Miranda, 2020, p. 523.

e às ações de reapropriação do património bibliográfico colombiano. Em síntese, o projeto editorial da BBCC constituiu um exemplo muito significativo — pelo menos para a área dos estudos editoriais — de um percurso que se iniciou com edições clássicas dos livros impressos, e que culminou com a publicação, em 2016, de 25 livros eletrónicos que recolhiam o cânone literário da Colômbia sob uma perspetiva inovadora.

## Referências bibliográficas

- CASTELLANOS, Juan de, *Elegías de varones ilustres de Indias: textos fundacionales* [Compilação e introdução de Betty Osorio]. Bogotá, Ministerio de Cultura, Biblioteca Nacional de Colombia, 2015. Disponível em <<https://bibliotecanacional.gov.co/es-co/colecciones/biblioteca-digital/bbcc>>. [Consultado a 15.06.2022.]
- DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (DANE), *Boletín Técnico Indicadores básicos de tenencia y uso de Tecnologías de la Información y las Comunicaciones — TIC en hogares y personas de 5 y más años de edad*. Bogotá, [s.n.], 2019, pp. 14-16. Disponível em <[https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/tic/bol\\_tic\\_hogares\\_2019.pdf](https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/tic/bol_tic_hogares_2019.pdf)>.
- MARÍN, Paula Andrea, “La colección Biblioteca Popular de Cultura Colombiana (1942-1952). Ampliación del público lector y fortalecimiento del campo editorial colombianos”: *Información, cultura y sociedad* 36 (2017), pp. 65-82.
- PINEDA CUPA, Miguel Ángel, “Colecciones colombianas de la primera mitad de siglo XX: una revisión bibliográfica y editorial”, in Diana Paola GUZMÁN MÉNDEZ *et alii* [eds.], *Lectores, editores y cultura impresa en Colombia: siglos XVI-XXI*. Bogotá, Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano — CERLALC, 2018, pp. 279-310.
- , *Editar en Colombia en el siglo XX: la Selección Samper Ortega de literatura colombiana, 1928-1937*. Bogotá, Ediciones Uniandes y Editorial UTadeo, 2019.
- TAMEN, Miguel, “Cânone 4”, in António M. FEIJÓ, João R. FIGUEIREDO e Miguel TAMEN (eds.), *O Cânone*. Lisboa, Tinta da China — Fundação Cupertino de Miranda, 2020, pp. 523-526.

**DA PALAVRA DITA À PALAVRA IMPRESSA:  
OS SERMONÁRIOS «UM RIQUESSIMO TESOURO»  
(SÉCULOS XVI-XVII) — ESTUDO DE CASOS**

**FROM THE SPOKEN TO THE PRINTED WORDS:  
THE SERMONARIES «A VERY RICH TREASURE»  
(16<sup>TH</sup>-17<sup>TH</sup> CENTURY) — CASE STUDIES**

*Fernanda Maria Guedes de Campos*

Universidade NOVA de Lisboa

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

fmgcampos@netcabo.pt

ORCID: 0000-0001-7509-3078

**Resumo:** A utilização da imprensa no período pós-Trento constituiu o processo por excelência de garantir e controlar a difusão dos princípios doutrinários do catolicismo reformado. Um elemento fundamental para assegurar a apropriação destas obras por um público-leitor diverso, mas abundante, resulta do facto de muitas serem publicações escritas em línguas vernáculas. É neste contexto que se situa a vasta produção tipográfica dos sermões. Apesar de serem, tipicamente, textos preparados para uma transmissão oral, os seus autores desejavam passar assim à posteridade e existia um público desejoso de os adquirir. Em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII, autores e impressores vão trabalhar em conjunto, contribuindo para o aumento do número de sermões impressos, consagrando normas e modelos de apresentação gráfica que permaneceram ao longo dos tempos. Neste artigo pretendemos mostrar alguns desses modelos e normas, utilizando a informação fornecida pela

análise paratextual, incluindo o rosto, a dedicatória, as licenças de impressão, os prefácios e os índices, e escolhendo, como casos de estudo, alguns sermonários. No limite, pretendemos contribuir para uma visão mais informada do que foram as compilações de sermões, organizadas pelos seus autores ou patrocinadores, as quais continham índices muito minuciosos, para facilitar a pesquisa dos conteúdos pelos prospectivos leitores e assim tornar-se úteis para outros pregadores do clero secular e regular.

**Palavras-chave:** pregação, sermões portugueses impressos, modelos e normas, público-leitor.

**Abstract:** The use of the press in the post-Trent period was the process par excellence of guaranteeing and controlling the dissemination of the doctrinal principles of Reformed Catholicism. A key element in ensuring the appropriation of these works by a diverse but abundant readership was the fact that many of them were written in vernacular languages. It is in this context that the vast typographical production of sermons is situated. Although they were typically texts prepared for oral transmission, their authors wished to pass them on to posterity and there was a public eager to acquire them. In Portugal, between the 16<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries, authors and printers worked together, contributing to the increase in the number of printed sermons, establishing rules and models of graphic presentation that have remained over time. In this article, we intend to show some of those models and norms, using the information provided by paratextual analysis, including the title page, the dedication, the printing licenses, the prefaces and the indexes, and choosing, as case studies, some sermon collections. Ultimately, we aim to contribute to a more informed view of what sermon compilations, organized by their authors or sponsors, which contained very detailed indexes, were like, to facilitate content research by prospective readers and thus become useful for other preachers of the secular and regular clergy.

**Keywords:** preaching, Portuguese printed sermons, models and standards, reading public.



## Introdução

No contexto religioso cristão, o sermão configura um momento único de encontro entre o pregador e a comunidade de fiéis, tendo como fim o ensino da doutrina, bem como a orientação e modelação de comportamentos e atitudes morais e sociais. Esse momento em que o padre (ou membro de uma ordem religiosa) se dirigia, em língua vernácula, à assistência, voltando-se para ela, significava a ocasião, por excelência, para transmitir uma mensagem que se pretendia simples e direta, informativa, formativa e afetiva num tempo em que não existiam muitos outros meios de divulgação, e, sobretudo, com a influência e o peso que a palavra religiosa tinha na sociedade em geral.

A consagração do papel do pregador e da utilidade do sermão reforça-se, entre os países católicos, após as determinações do Concílio de Trento (1545-1563), e a utilização da imprensa vai ser primordial na difusão das mensagens ditas. É certo que, por um lado, a imprensa já era uma ferramenta consolidada na divulgação de textos religiosos, em regra mais expressivos numericamente do que os de natureza literária, histórica, política, jurídica ou científica. Por outro lado, é naquele período e nos séculos XVII e em boa parte do XVIII, que vemos multiplicarem-se nos prelos portugueses não apenas os sermões, mas ainda outros textos da mão de religiosos seculares e regulares de carácter doutrinal e moral, como os catecismos, os manuais de confessores e obras essencialmente destinadas à formação e orientação da ação do clero. No que respeita à literatura de exemplo, visando um público mais vasto, vão surgir os guias para bem viver e bem morrer, os «espelhos» e «cartas» que estabeleciam modelos comportamentais e que se complementavam na edição de múltiplas «vidas» exemplares,<sup>1</sup> nos livros de devoção,

---

1 Sobre esta matéria v. Paula Almeida MENDES, *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos e «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*.

de meditação e de exercícios preparados para conduzir o leitor e a leitora no caminho para a perfeição.<sup>2</sup>

Os sermões impressos têm, porém, características especiais face a outras obras da divulgação religiosa contrarreformista. Trata-se, essencialmente, de textos preparados para uma transmissão oral que, ao passarem à posteridade através do recurso aos prelos, vão, por um lado, consagrar modelos de apresentação gráfica e, por outro, proporcionar modalidades de leitura e de utilidade distintas. O texto que se imprime mantém a estrutura própria da comunicação oral. Assim, «Lê-se como se ouve», pois o pregador/autor escreve na primeira pessoa, utiliza as figuras de retórica e os modelos de oratória consagrados pela Igreja (mas que remontavam aos textos da oratória clássica, nomeadamente de Cícero) e interpela o público que ouve e que lê. No limite, o sermão assenta num discurso que visa apresentar um «problema», discorrer sobre ele recorrendo a exemplos e dirimir o contraditório para, no final, apresentar a súpula da mensagem principal que se pretendia passar ao auditório, apontando-lhe as faltas que deveria evitar e o caminho virtuoso que deveria seguir. Não é por acaso que este esforço de modelação comportamental que marca a trajetória social do sermão ficou indelevelmente ligado a ditos populares, em que sermão é sinal certo de uma admoestação ou de um discurso muito longo.<sup>3</sup>

Por sua vez, o sermão impresso apresenta-se ao leitor com um aparato crítico que inclui, em glosas marginais, a identificação das fontes utilizadas e uma composição gráfica que os paratextos<sup>4</sup>

---

Porto, CITCEM, 2017.

2 Sobre esta matéria v. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.

3 Cf. Jean CROIZAT-VIALLET, “Cómo se escribían los sermones en el Siglo de Oro: apuntamientos en algunas homilías de la Circuncisión de Nuestro Señor”: *Criticón* 84-85 (2002), pp. 101-122.

4 Na categorização de «paratextos» seguimos Gérard GENETTE, *Paratextos editoriais*. S. Paulo, Ateliê Editorial, 2009, que neles inclui o aparato que acompanha o texto de

ilustram, onde surgem elementos que a oralidade não comportava. Assim, no rosto o autor identifica-se com um currículo mais ou menos extenso, com o objetivo de obter o reconhecimento das suas qualificações por parte dos leitores. O título revela muitas vezes a circunstância em que se pregou o sermão. A menção do eventual mecenas que torna possível a edição pode constar no rosto para conferir estatuto ao sermão, sendo que, não raro, pode constar em dedicatória autónoma, subscrita pelo pregador. Nos casos que escolhemos, os sermonários, ou seja, as compilações de sermões, procuraremos apresentar as circunstâncias que rodeiam a edição através da análise dos paratextos. Para além dos óbvios rosto, dedicatória (optativa) e licenças comuns a todas as obras que se imprimiam, neles se inclui um conjunto de índices minuciosos sobre o conteúdo dos sermões. Veremos que se trata de uma verdadeira «norma» que todos os autores e impressores utilizam, embora permitisse alguma liberdade e invenção que vemos plasmada em diferentes abordagens da apresentação gráfica. Assim se marcava a identidade da obra e, ao mesmo tempo, se influenciava, num meio de tanta competição, a escolha da obra por parte dos potenciais leitores.

## **O sermão e o seu contexto**

Tendo em conta que entre os séculos XVII e XVIII se editaram em Portugal mais de um milhar de sermões individuais ou incluídos em coletâneas<sup>5</sup> e que muitos mereceram reedições

---

uma obra como a folha de rosto, o prefácio, a dedicatória, mas também as licenças, os privilégios e ainda as citações, os poemas e as gravuras, notas marginais e de rodapé, etc. A sua análise permite entender o texto em relação com a estrutura envolvente, dando-lhe sentido e tornando evidente as circunstâncias de quem o escreveu e deu à estampa, e perspetivando a sua receção e consumo.

<sup>5</sup> A propósito dos sermões, sua conceção e contextos, são especialmente relevantes as obras de João Francisco MARQUES, “Pregação”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *História religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. II, pp. 393-417 e João Francisco MARQUES, “Oratória sacra ou Parenética”, in Carlos

(não raro contrafeitas...), estamos, sem dúvida, na presença do género que mais dinamizou a atividade tipográfica portuguesa, especialmente no século XVII e ainda no século XVIII, com novas influências vindas sobretudo de França. Especialmente ativa em tempos mais difíceis, a impressão de sermões acompanha a vivência da sociedade. É o caso, por exemplo, dos designados «sermões da Restauração»,<sup>6</sup> que serviram, de forma inequívoca, o movimento de legitimação da dinastia de Bragança. Não esqueçamos também que, para além dos sermões saídos do génio dos nossos pregadores e dos prelos portugueses, circulavam no país muitos sermões impressos em Espanha, os quais vieram a ser, progressivamente, substituídos pela sermonária francesa, mais expressiva nos finais do século XVII e ao longo do século XVIII, mantendo-se sempre uma presença mais discreta dos sermões italianos.

Para justificar este sucesso editorial (aliás não específico de Portugal, antes documentável também em outros países) temos de compreender melhor o contexto e as circunstâncias que rodeiam o ato de pregar, colocando em evidência a figura do pregador e a existência de um público-alvo que ouvia/comprava o sermão.

Com efeito, na organização da Igreja cristã sobressai a função prosélita do clero e o uso da oratória para converter os povos, consolidar o ideário dos crentes, a fim de evitar desvios e combater heresias, ao mesmo tempo que se procurava guiar os cristãos, de forma sistemática, estabelecendo normas e boas práticas tendentes à salvação da alma e à ordem social.

A pregação e, conseqüentemente, o pregador cumpriam uma função ímpar no contexto religioso, pois o sermão era o único

---

Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *Dicionário da História religiosa em Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, vol. IV-Apêndices, pp. 470-510.

<sup>6</sup> V. a este propósito as obras de João Francisco MARQUES, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto, Centro de História da Universidade, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986 e *A parenética portuguesa e a Restauração, 1640-1668: a revolta e a mentalidade*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, IN-CM, 2010.

momento em que, como antes dissemos, o sacerdote comunicava em língua vernácula, o que tornava o seu discurso e a sua mensagem entendíveis por todos os que o escutavam.

Quanto ao modo de pregar, diz-nos Antonio Castillo Gómez:<sup>7</sup>

Una vez en el púlpito, ante los feligreses, la predicación representa una auténtica *performance*. Un acto sustancialmente oral con muchos elementos teatrales orientados a la movilización piadosa del auditorio. Enseñar, deleitar y mover eran los tres pilares que sustentaban la arquitectura del sermón barroco. Éste, en efecto, estaba pensado para instruir deleitando y con la suficiente capacidad persuasiva como para que los oyentes sintieran en carne propia los consejos, advertencias y recomendaciones expuestas por el predicador.

Na verdade, as manifestações de oratória sacra decorriam de acordo com duas linhas temporais, a ordinária e a extraordinária. Afirma João Francisco Marques:<sup>8</sup>

a existência de uma *pregação ordinária*, confinada, no calendário litúrgico, é própria do tempo desde o Advento ao último domingo depois do Pentecostes, com as celebrações dos mistérios de Cristo e da Virgem, e as festas obrigatórias do santoral, em dia fixo, no decorrer do ano; e a *pregação extraordinária* de sermões ltuosos, gratulatórios, deprecatórios, penitenciais e outros.

De conteúdo doutrinário, panegírico, moralista e apologético, os sermões pontificam em todas as ocasiões relevantes, quer no âmbito religioso, como as canonizações, entradas em religião,

---

7 Antonio CASTILLO GÓMEZ, “El taller del predicador: lectura y escritura en el sermón barroco”: *Via Spiritus* 11 (2004), p. 7.

8 João Francisco MARQUES, “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos: a pregação seiscentista do *Domingo das Verdades*”: *Via Spiritus* 11 (2004), p. 111.

consagração de igrejas, procissões e devoções várias quer no âmbito sociopolítico, por exemplo, por ocasião de aniversários, casamentos, nascimentos, em ação de graças por motivos diversos, como sucessos bélicos, recuperação de saúde, salvação de naufrágios, fenómenos meteorológicos dominados, eliminação de pestes, enfim, como remata aquele autor: «O catequético e o ascético, o emotivo e o ético constituem os mares em que navega esta pregação barroca, a partir de Trento normativamente pautada ou, ao menos, recomendada.»<sup>9</sup>

Fosse ordinária ou extraordinária, a pregação na igreja era o momento que os fiéis esperavam, ainda que nem sempre o sermão satisfizesse quem o fora ouvir. Socialmente, a audiência era heterogênea quando decorria em templo aberto ao público e abrangia do fidalgo ao magistrado, do eclesiástico ao burguês e ainda a criadagem, os membros do povo em geral e também os escravos. De notar que, entre o público, se registava uma expressiva assistência feminina.

Naturalmente, a primeira questão que se levanta quando se intenta estudar a produção tipográfica dos sermões tem a ver com a constatação da existência de um público interessado na sua leitura a ponto de justificar a grande produção e circulação deste género de impressos. Podemos considerar, num primeiro momento, que seriam aqueles que, tendo assistido à pregação, queriam guardar a memória das palavras ditas através das palavras escritas. O contrário também sucederia, isto é, na impossibilidade de se ter assistido a determinada prédica, ficava o impresso a suprir essa falta. Pela sua singularidade na transmissão de uma mensagem a um público ouvinte, o sermão tornava-se «um instrumento de utilidade catequética ou política» especialmente em épocas conturbadas: «e era um importante meio de propaganda e de ataque, daí o interesse em

---

<sup>9</sup> J. F. MARQUES, “O púlpito barroco...”, op. cit., p. 112.

ser publicado, pois assim chegava também aos que o não tinham ouvido. O conteúdo dos sermões continuava, deste modo, a ser objeto de discussão por parte dos leitores cultos». <sup>10</sup>

Existia, porém, um outro tipo de leitores atentos e fiéis: os próprios membros do clero regular e secular que habitualmente pregavam e que, através da leitura dos sermões impressos, obtinham inspiração (quando não mesmo cópia...) para futuros atos predicativos. Leriam, sem dúvida, muitos sermões editados individualmente, e os fundos das bibliotecas de conventos e mosteiros mostram-nos, quer nos catálogos que neles se prepararam quer em exemplares que estão hoje em bibliotecas patrimoniais, a forma como foram colecionados em miscelâneas organizadas principalmente por assuntos, datas ou origem do autor e editor. <sup>11</sup>

Para além da edição individual, prepararam-se compilações de sermões pregados ou de «letra morta» (como adiante vamos apresentar) que podiam ser organizadas pelo próprio pregador ou por um diligente editor, com um aparato gráfico que comportava, normalmente, um conjunto de índices muito minuciosos e, não raro, o recurso a imagens. O sermonário, enquanto modelo, alcançou grande êxito editorial não apenas nos países de matriz católica, mas também nos protestantes. O nome do autor e a sua fama no púlpito originavam múltiplas edições para satisfazer um mercado que ainda era significativo no século XIX. Por outro lado, a regularidade da prédica ordinária e a tipificação da extraordinária, garantiam uma linha temporal contínua e relativamente imutável que muito facilitava a produção destas úteis edições.

---

10 Cf. Isabel Drummond BRAGA, “Entre religião, ciência e política: a parénese seiscentista de Fr. Amador da Conceição”: *Revista Territórios & Fronteiras* 9.1 (jan.-jun. 2016), pp. 131-146.

11 Cf. Fernanda Maria Guedes de CAMPOS, *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso (séc. XVIII)*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015, pp. 253-255.

Na análise dos casos que se seguem, procuraremos ilustrar a funcionalidade exemplar do sermão enquanto lição e inspiração para futuras prédicas de leitores/pregadores. Nos exemplos escolhidos, entre os séculos XVI e XVII, podemos também revelar alguns contextos que facilitaram a passagem do manuscrito ao impresso e, com recurso aos paratextos, apresentar aspetos da conceção gráfica no seu aparato editorial e na organização dos conteúdos.

### **Os sermonários «de letra morta»: instruir o pregador, formar o público**

Como atrás referimos, as determinações tridentinas obrigaram a uma mudança de paradigma no respeitante à catequética e à pregação enquanto formas, por excelência, da comunicação da doutrina católica. Na senda do Concílio, onde aliás participou o arcebispo de Braga D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), da Ordem dos Pregadores, juntamente com outros confrades como Frei Luís de Granada (1505-1588), protagonizou um vasto e consolidado programa no domínio da doutrinação e da pregação que abriu caminho ao movimento editorial deste tipo de obras. Nelas se incluíam escritos próprios ou em tradução que se destinavam à preparação do clero, matéria onde avultou Frei Luís de Granada, especialmente no tocante à formação do pregador e à forma como devia exercer o seu múnus, para ensinar a doutrina e modelar comportamentos. Essas obras conheceram grande divulgação editorial, principalmente em Portugal e Espanha.<sup>12</sup>

Em 1559, não tendo ainda terminado os trabalhos conciliares, já Frei Luís de Granada promovia a edição de um *Compendio de doctrina christãa recopilado de diuersos autores que desta*

---

12 V. a propósito Alfonso MARTIN-JIMÉNEZ, “La retórica clásica al servicio de la predicación: *los seis libros de la retórica eclesiástica* de Fray Luis de Granada”, in Isabel PARAÍSO (coord.), *Retóricas y poéticas españolas (siglos XVI-XIX)*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2000, pp. 11-46.



*materia escreuerão[...]* Acrescentarãose ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo autor. Saiu dos prelos de «Joannes Blavio de Agripina Colonia, Impressor delrey nosso senhor» e, como se lê no rosto, terminava com uma seleção de treze sermões.<sup>13</sup> A colação da obra revela que esse «acrescento» tem rosto, assinaturas, pé de imprensa e foliação próprios. Não foi intenção editorial que tivesse autonomia, antes se procurou conciliar a importância do conhecimento da doutrina cristã com a prática formativa e informativa que se atribuía à prédica.<sup>14</sup>

A composição do rosto dos Sermões inclui uma componente iconográfica onde se distinguem, em cercadura, pequenas imagens dos mais conhecidos santos da Igreja, com seus atributos, estando os evangelistas a enquadrar, lateralmente, o título, a menção de autoria e o pé de imprensa. Quanto à intenção editorial, diz-nos Frei Luís de Granada, na Dedicatória «Ao christam leitor», que escolheu escrever pequenos sermões relativos à celebração das principais festas do ano litúrgico, reconhecendo que, na inexistência «comumente» de sermão nas celebrações dominicais e de festas específicas, serviria este livro «pera que aa falta da voz viva servisse a letra morta que, todavia, podia obrar algũa coisa nos corações dos piadosos ouvintes» (f. [2]). Estamos perante um público-alvo indistinto, constituído por cristãos leitores e piedosos ouvintes e, conquanto sejam sermões, o autor preparou-os de forma simples para não demorar mais de meia hora, e verifica-se, ao examiná-los, que não contêm, por exemplo, citações apenas em latim, pois a intenção é a «edificaçam & proveyto da gente sem letras» (*ibid*).

---

13 O exemplar consultado tem a cota BNP. RES. 173 V. Disponível em <<http://purl.pt/14808>> (última consulta: 2021.10.20).

14 V. a propósito o estudo de Maria Idalina Resina RODRIGUES, “Frei Luís de Granada: sermões para o povo português”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 27-44.

Mais esclarece o autor que

nam se teve respyto a fazer sermões fundados,<sup>15</sup> se nam devotos & doctrinaes quaes cõvinha q. fossem pera este proposito. E assí nam totalas vezes levã themas, nem prosseguem hũa mesma materia: senã vam apontadas algũas cousas spirituaes & devotas em q. possam occupar seu pensamento aquelle dia os Christãos fiees (*ibid*).

O foco está, pois, nos destinatários, e a forma de comunicar não é mencionada como pregação, até pela simplicidade expositiva que caracteriza a escrita, mas sim como leitura. No limite, o livro podia vir a interessar os membros do clero, obviamente, sobretudo os menos instruídos e mais isolados, mas parece evidente que Granada alargava a utilidade dos seus sermões «de letra morta», evidenciando o poder que advinha da sua leitura e mitigando a necessidade da comunicação oral formal. De notar, ainda, o «Privilegio Real» obtido para esta obra pelo prazo de dez anos e que vem indicado no rosto.

Na publicação do *Cathecismo ou doutrina christã & praticas spirituaes[...] pera se ler nas parrochias deste nosso Arcebispado onde não ha pregacam*, editado em Braga, «por Antonio de Maris», em 1564,<sup>16</sup> D. Frei Bartolomeu dos Mártires segue idêntica metodologia, se bem que o público-alvo sejam os párocos do seu Arcebispado, conforme podemos ler na transcrição do rosto da obra. Procura, na generalidade, mitigar os danos causados pela falta de conhecimentos e até pelo desinteresse dos párocos, acudindo com um conjunto de leituras que lhes permitiriam exercer o seu ofício

---

15 Entenda-se: sem citações e aparato crítico nas glosas ou no texto.

16 O exemplar consultado tem a cota BNP. RES. 965 P. Disponível em <<https://purl.pt/23030>> (última consulta: 2021.10.20).

com a dignidade e competência necessárias.<sup>17</sup> O livro dividia-se em duas partes, na primeira constava a doutrina cristã, explicando o autor, no «Proêmio», que a forma como a apresentava era «pera se dizer aa gente popular, pera os trazer a algum conhecimento & amor de Deus. E por isso nam quis multiplicar autoridades, nem trazer doutrinas de Theologia escuras & difficiles de entender, somente escolhi aquillo que me pareceo mais conueniente a este proposito» (f. [5v-6]).

Na segunda parte, onde se seguem os mesmos princípios de simplicidade, dá-nos D. Frei Bartolomeu dos Mártires um minucioso conjunto de práticas doutriniais e espirituais, avultando nelas os sermões para se dizerem em determinadas missas e festas. Inicia-se na f. [CXIII], mas não tem rosto com pé de imprensa próprio nem foliação autónoma, como na obra de Frei Luís de Granada que vimos antes. Porém, a matéria desta segunda parte tem uma página de título ilustrada com duas pequenas xilogravuras, uma representando Cristo crucificado entre a Virgem Maria e S. João Evangelista, e outra com a Virgem e Jesus ao colo. Dentro de uma cercadura de decoração vegetalista, lembrando as que se usavam nos livros manuscritos iluminados, lê-se o seguinte título: *Libro segundo no qual se cõtthẽ hũas breves colações espirituais & practicas doutrinaes q. os Rectores & capellães das parochias hão de leer aos seus fregueses na estaçam ã algũs domingos & festas principaes. E a doutrina Christaã do primeyro Livro, se leraa nos domingos ou festas pera as quaes nã se achar neste livro particular sermão.*

Colaçon ou sermão simplificado, D. Frei Bartolomeu dos Mártires que, no Proêmio, já descrevera a situação de ignorância e,

---

17 V. a propósito David Sampaio BARBOSA, “Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582)”: *Lusitania Sacra* 2.<sup>a</sup> S., 23 (2011), pp. 59-76.

sobretudo, desinteresse em que encontrara o clero do seu arcebispado, antecipa-lhes a reação quando afirma:

E os Rectores & Capellães nã leterados, não se escusem dizendo que nam sabem declarar ao povo a doutrina que a Igreja traz na Missa: porque lendo elles ao povo em cada domingo & festa o sermanzinho & santa practica que pera tal dia aqui vay escrita, comprirão com sua obrigaçam & o povo ficará consolado & edificado. (f. [6-6v]).

Mais uma vez se verifica a circunstância de os sermões dados à estampa nesta obra não terem sido previamente «ouvidos». São protótipos escolhidos para corrigir, ensinar e deleitar os prospectivos destinatários, evitando os erros de uma deficiente (quando não inexistente) pregação. A obra teve muito boa recepção e registou várias edições, mas é evidente que nunca saberemos se os sermões foram verdadeiramente pregados ou se, na melhor das hipóteses, serviram de inspiração a escritos próprios.

### **Os sermões pregados e impressos em coletânea — um estudo de casos**

Os sermonários ou compilação de sermões que foram pregados e que a passagem à imprensa consagrou revelam-se, igualmente, como uma fonte de conhecimentos, instrução e inspiração para outros pregadores. Numa atividade de matriz quotidiana e espalhada por todo o território, inclusive o ultramarino, a procura devia ser muita e a oferta, respaldada pela qualidade do pregador, intentava suprir essa necessidade. Vejamos os casos:

#### **Frei João de Ceita (1578-1633), OFM PA**

De entre os exemplos que explicitam a relevância dos sermões impressos para o público-alvo constituído pelos pregadores,

referimos uma compilação de sermões da autoria de Frei João de Ceita, Franciscano da Província dos Algarves, com vasta obra predicativa publicada, alguma até traduzida e editada em Espanha. Nascido em Lisboa, foi Guardião do colégio de Coimbra da sua Província e confessor do bispo de Évora D. José de Melo. A sua obra, como diz Barbosa Machado, «mereceo universaes aplausos ou fosse pela multiplicidade de textos com que exornava os seus discursos ou pela veemente energia com que os representava e proferia».<sup>18</sup> De entre as coletâneas que editou, escolhemos os *Sermões das festas da Virgem Santissima*, e de *Christo Senhor Nosso: com oito do Sacramento, & de algũs Santos, & oito de diffuntos* [...], que foi editada em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck, no ano de 1634.<sup>19</sup> O autor morrera em 1633, e a compilação e revisão dos textos manuscritos foi ordenada pela sua Província, atendendo ao mérito que se lhes atribuía e, nas palavras do Provincial que assina a Licença da Ordem, porque «a muitos Padres desta prouincia pareceo que pera proueito commum dos Prêgadores era bem que se imprimissem» e, deste modo, se promovia o processo editorial, «dando o favor e a ajuda compativeis» (f. [2v]) com os recursos disponíveis e incluindo na obra quer sermões que haviam sido publicados individualmente quer outros de muita importância que, apesar de pregados, não tinham sido dados à estampa. Já na Aprovação da Ordem a coletânea era referida como um «riquissimo thesouro» [f. 2].

Esta situação fazia sentido, pois as Ordens eram organizações interessadas na promoção dos seus pregadores, quer pelas esmolas que auferiam pelo seu trabalho quer pela grande competição entre institutos religiosos e suas instituições,

---

18 Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...* Lisboa Occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, vol. II, pp. 634-635.

19 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 5452 P. Disponível em <<http://purl.pt/21958>> (última consulta: 2021.10.23).

no acesso a outros púlpitos que não os das suas próprias igrejas. Neste caso, celebrava-se um pregador muito conhecido e com obra publicada, situação de que nos apercebemos quando no «Prologo ao Leytor» se afirma:

[...] saem a lume estes 39 [sermões] a rogos de curiosos & sendo aceitos do modo com que o author foy publicandoos: em gratificação iraõ outros de muyta importancia que se ficão continuando; onde se deixa bẽ ver o talento que teve de Deos pera as letras & pulpito, em que estas duas cousas andaraõ tanto a enveja, que não pode prègar sem mostrarse tam letrado, nem ler sem parecer prègador (f. [5v]).

A obra é dedicada a Santo António, representado em gravura no rosto, e o nome do autor aparece, como era de estilo, acompanhado de um resumo curricular. Após as Licenças, o Prólogo e a Dedicatória, figuram ainda dois sonetos dedicados ao autor escritos «por hum religioso Prègador da mesma Ordem» (f. [8-8v]).

Os sermonários não consistiam apenas num conjunto de sermões; o trabalho editorial pressupunha a preparação de índices, esses sim verdadeiros auxiliares de pesquisa para os leitores/pregadores encontrarem os conteúdos mais adequados às suas pregações. A estrutura típica compreende dois índices, para além do índice geral ou Tabuada que remete para a página ou fólio de início de cada sermão. São eles o «Index» para os «lugares da Sagrada Escritura», que agregava as citações dela retiradas e se apresentava organizado de acordo com os diversos livros que compunham as Escrituras, começando, naturalmente, pelo «Génesis», e remetendo para o número do sermão e respetiva página ou fólio. O outro «Index» apresentava os «conceitos» ou «cousas mais notáveis» indicados por ordem alfabética e que abrangiam também nomes de personagens e de santos. É variada a forma de apresentar este índice, mas o esquema de

indexação procura ser muito fino, proporcionando, a quem buscava determinado assunto, uma explicação detalhada sobre as diversas situações em que o tema ou a figura ocorriam no discurso e, naturalmente, remetendo para o sermão ou sermões em que se encontrava(m), sempre também com indicação da respetiva página ou fólho.

### **Padre Francisco do Amaral (1593-1647), SJ**

O Padre Francisco do Amaral nasceu em Lisboa, de família nobre, e entrou na Companhia de Jesus em 1608. Foi professor nos colégios de Évora e Lisboa, tendo também dirigido o colégio e seminário de S. Patrício de Jesuítas Irlandeses, bem como os colégios de Braga e Lisboa. Faleceu na capital quando era reitor do colégio de Santo Antão. Figura destacada dentro da Companhia, senhor de avultada herança que, de acordo com Barbosa Machado,<sup>20</sup> terá aplicado em obras piedosas, organizou e mandou dar à estampa a coletânea intitulada *Primeiro tomo dos sermoens do PM Francisco d'Amaral*, editada em Braga, por Gonçalo de Basto, em 1641.<sup>21</sup> O rosto é inteiramente constituído por uma gravura aberta a buril por Agostinho Soares Floriano (fl. 1619-1642), onde se vê Santo Inácio de Loyola abençoando três padres jesuítas ajoelhados, a quem oferece um livro. O título e a apresentação curricular do autor constam, de forma discreta e em letra cursiva, no topo da página, reconhecendo-se que era, ao tempo, reitor do colégio de Braga «& Lente q. foy de Prima de Teologia em Lisboa, &c, &c». Foi o único tomo que publicou, ainda que refira no prólogo «Ao pio leitor» ter outro em preparação e

---

20 D. B. MACHADO, op. cit., vol. II, p. 103.

21 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 14343 V. Disponível em <<http://purl.pt/14059>> (última consulta 2021.11.06).

pretender editar um terceiro, caso o primeiro agradasse e houvesse saúde para o fazer (f. [4]).

Trata-se de um volume *in 2º*, com mais de 500 páginas, concebido com grande aparato gráfico, onde se destaca a gravura que preenche toda a folha de rosto e uma disposição do texto na página dentro de esquadria. Constitui um modelo original dentro da produção dos sermonários, demonstrativo das capacidades financeiras do seu autor, mas, ao mesmo tempo, mantendo na gravura e no texto dedicado a Santo Inácio de Loyola a fidelidade ao seu estatuto de religioso da Companhia de Jesus.

Nas licenças destacamos o reconhecimento por parte de alguns censores de que era obra «mui Proveitosa aos pregadores & ao povo christão» (f. [2v]). Quanto à organização da obra, segue-se ao prólogo um «Cathalogo dos Sermoes» (f. [5]), nome que deu ao índice geral. Conforme explicado no prólogo, neste volume o autor incluiu os sermões consagrados a «todas as festas de Christo; do Spirito Santo; da Santissima Trindade; da vida de Nossa Senhora; dos Apostolos; de S. Joseph: do Baptista; dos Anjos & de todos os Santos» (f. [4v]). No «Cathalogo» apenas se refere o nome do sermão e a página onde se encontra, sem qualquer resumo ou breve indicativo do conteúdo. No final estão o «Index locorum Sacrae Scriptura quae in hoc volumine continentur» (pp. 532-543) e o «Index das cousas mais notaveis que neste volume se contem» (pp. 544-556), ambos a duas colunas.

### **Frei Simão da Graça (1600-1682), OESA**

Frei Simão da Graça, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, nasceu em Ciudad Rodrigo, mas de pais portugueses, e daí viajou para o Oriente, tendo entrado na Ordem no convento de Nossa Senhora da Graça, em Goa, em 1621. Desempenhou vários cargos, inclusive de Reitor do colégio e de Prior daquele convento e



destacou-se pela sua atividade predicativa, que o levou a outros lugares da Índia. Faleceu em Goa sem nunca ter vindo a Portugal.<sup>22</sup>

A compilação intitula-se *Panegiricos em as festas de varios santos / pregados pello P. Presentado Fr. Simão da Graça religioso do Patriarcha S. Augustinho da Congregaçam da India Oriental: dedicados ao muito R.P. Presentado Fr. Ioseph Sotto Mayor, Cõmissario géral da nossa Provincia de Portugal, & desta Congregaçam da India* e foi publicada em Lisboa, por João da Costa, no ano de 1672.<sup>23</sup> A organização é muito original: contém 13 sermões, mas todos com rosto, ornato tipográfico e pé de imprensa próprios, sempre do mesmo editor e com a mesma data de 1672, como se a compilação fosse uma miscelânea de impressos autónomos. Os Índices no início reportam-se ao conjunto, identificando as «couzas mais notaveis» e os «lugares da Sagrada Escritura» de acordo com a paginação, que é contínua, apesar da aparente individualidade dos sermões. O apoio da Ordem, que já tínhamos visto no caso de Frei João de Ceita, terá ditado as oportunidades de dar à estampa os sermões, que pregara como se deduz na Dedicatória feita por Frei Simão da Graça ao mais importante responsável dos Agostinhos em Portugal e na Índia, o Padre presentado Frei José de Sottomayor:

He costume antigo de todos os que cõpoem fazerem grandes Panegyricos das qualidades & virtudes em que resplandecem os sojeitos a quem dedicam suas obras [...] O que digo he, que vai este meu primeiro tomo dos Sanctos buscar a melhor sombra, & o mayor emparo em hum sotto mayor ou hum mayor sotto. Se minha fortuna alcançar de V.P. a que o

---

22 Cf. D. B. MACHADO, op. cit., vol. III, p. 717.

23 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 15109 P. Disponível em <<https://purl.pt/30323>> (última consulta 2021.11.04).

emparo, ja d'aqui prometo grandes felicidades aos mais tomos em que fico trabalhando & que espero acabar [...] (f. [2-2v]).

Relevado o trocadilho do nome, prática retórica muito comum à época, vemos que o autor não só pretende o apoio para o manuscrito que envia, mas também antevê que o mesmo apoio possa existir para os futuros volumes em que, como diz, estava trabalhando. O processo foi moroso, pois a Dedicatória está datada de 4 de janeiro de 1668, as datas das Licenças são apenas de 1671, a primeira do mês de maio e assinada pelo então Provincial, Frei João de Sahagun, que substituíra o dedicatário, e as últimas licenças relativas ao «Pode correr», já datam de dezembro.

Neste exemplo pretendemos chamar a atenção para o procedimento editorial quando o pregador estava distante. Comportava prazos muito grandes que, nem por isso, impediram que os sermões viessem a ser dados à estampa. Conhecem-se muitos pregados no Brasil que foram editados em Portugal,<sup>24</sup> evidentemente com atraso, ainda que não tão grande como acontecia com os que vinham da Índia. Por outro lado, dar um sermão com uma ou duas dezenas de páginas para imprimir não era, de forma alguma, o mesmo que sucedia com as compilações, de maior complexidade na preparação e requerendo cuidados específicos na impressão.

### **Antônio Lopes Cabral (1634-1698), OMCristo**

A coletânea que vamos ver de seguida tem o título de *Pancarpia ou capella florida, matizada & odorifera: tecida com dezoito sermões diferentes & intitulados: guarneçada com flores panegyricas, moraes*

---

<sup>24</sup> Cf. Maria Renata da Cruz DURAN, *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados, 1656-1864*. Niterói, Ed. Universidade Federal Fluminense, 2012.

*& metaphoricas dedicada ao Taumaturgo Lusitano S. Antonio.*<sup>25</sup>

Foi organizada por António Lopes Cabral (1634-1698), que escreveu e pregou os sermões que nela constam, e editada em Lisboa por Miguel Deslandes no ano de 1694. De acordo com Barbosa Machado,<sup>26</sup> este autor, hoje caído no esquecimento, nascera na capital e fora Freire da Ordem Militar de Cristo, membro ativo da Academia dos Singulares, se bem que o seu nome tenha ficado mais ligado à Capela Real, onde serviu como Capelão, Cantor e Mestre de Canto, nos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II. O seu currículo vem, aliás, enunciado no rosto da obra. Deixou várias obras impressas, principalmente panegíricos, poesia jocos-séria, utilizando pseudónimos, mas também compôs uma *Vida de S. João Baptista*. A *Pancarpia* foi publicada quando tinha já 60 anos (como aliás nos elucida), tendo o seu falecimento ocorrido em 1698. A razão do especioso título é dada pelo autor no seu prólogo «A quem ler». Numa composição que se pretendia de grande erudição e onde os habituais protestos de humildade se diluem na exaltação das suas capacidades, António Lopes Cabral justifica a edição dos seus sermões com o desejo de ombrear com o que de melhor faziam, noutros países, alguns reputados pregadores:

As ideas foraõ proprias, & architectadas pelo meu engenho tal, ou qual, porque nestas consiste a novidade do artefacto. Libei como solicita abelha as matérias, para seguir as metaphoras, & revestir os discursos de Padres orthodoxos, & Expositores Latinos, Italianos & Francezes, illustrandolhe o contexto com varias humanidades, que são os esmaltes do ouro, inda que de vidro (f. [11v]).

---

25 O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 23231 P. Disponível em <<http://purl.pt/14242>> (última consulta: 2021.10.23).

26 D. B. MACHADO, op. cit., vol. i, p. 309.

Porém, deixa-nos também um testemunho pessoal quando afirma que, por motivos de saúde, deixara o ofício «molestado com os cuidados de Prêgador que nam são pequenos para quem procura honra & vive no seculo» (f. 12]). Os «pobres papeis» que tinha e que classifica de «cousa mà, pelo tedio que tenho às minhas obras» motivaram o interesse «de pessoas doudas, de quem por obediencia devia observar o conselho como ley» (*ibid.*) as quais, como escreve «me persuadiraõ contra minha vontade, que os desse a luz, ou a estampa, para evitar que depois de minha morte, algumas pessoas que costumam meter a mã na seara alhea, se nam aproveitassem do que me custou o meu estudo» (*ibid.*). No final do Prólogo, quando declara a idade de 60 anos, sugere a aspiração à «gloria eterna» por ter feito «na tragedia deste seculo commodamente o meu papel, como Deus quis» (f. [12v]).

A *Pancarpia* não revela a existência de um eventual mecenato, mas apresenta-se com um aparato gráfico que procurava marcar a diferença em relação a outros sermões que se editavam em compilação. Compreende uma gravura de página inteira, antecedendo o rosto, aberta por Clemente Belingue, que deixou vasta obra gráfica em Portugal. Nela se vê ao centro uma estilização da cruz de Cristo, evocando a pertença do autor, inscrita numa moldura ornamental de inspiração barroca.

O Índice dos sermões segue-se ao Prólogo e nele se apresenta o assunto do sermão com um pequeno resumo. Destacamos pela curiosidade das temáticas o Sermão V, «A Musica», na festa de Santa Cecília, o XII, «A Inundaçaõ», que invoca as «Lagrimas da Madalena» e o XVII, «Os Retratos», consagrado a S. Lucas:

Medico soberano, Pintor peritissimo & Evangelista sacro, em tres discursos. No primeiro se verà como S. Lucas, sendo Medico, se retratou nos seus enfermos a Oleo; no segundo, como sendo Pintor retratou a Maria SS. a Tempera &

no Terceiro, como sendo Evangelista, retratou a Christo a Fresco, para com estes tres retratos adornar os tres Escudos em branco das suas Armas (f. [15]).

Estamos perante um exemplo da construção barroca dos sermões, em que se pretende cativar o público pela novidade na forma de enunciar o assunto do sermão e pela complexa sintaxe e metafórico vocabulário, em detrimento da simplicidade do discurso e da mensagem afetiva e apelativa que pautara as recomendações tridentinas. Lembramos, pela oportunidade, as palavras de João Francisco Marques<sup>27</sup> acerca dos excessos estilísticos dos sermões barrocos:

Acusava o discurso parenético a tessitura e os modismos barrocos que imperavam na oratória portuguesa, sempre dificultosos desafios para os oradores menos dotados de qualidades naturais e de tendências auto-críticas. E, se assim acontecia, não se mostravam capazes de evitarem as imitações medíocres de conceitismos rebuscados e empolamentos verbalistas confrangedoramente ocos pelo abuso de uma retórica recorrente ao conceito predicável, usado até à exaustão. Cheios de quiasmos, paralogismos, antíteses, metáforas, alegorias, apólogos e aforismos, os sermões estiolavam-se num barroquismo decadentista e auto-destruidor, tornando a exposição obstrusa e soporativa nos meandros das agudezas pretensiosas.

Um pormenor interessante: António Lopes Cabral viu um dos seus sermões censurado no manuscrito que entregou, pelo que nas Licenças se determina: «Podemse imprimir os Sermoens de que a petição faz menção, menos o que vay riscado, & depois tornaraõ para se conferirem, & se ver se se não imprimio o que vay riscado,

---

27 J. F. MARQUES, “O púlpito barroco português...”, op. cit., p. 116.

& se dar licença para correrem, & sem ella não correrão» (f. [15v]). No «Pode correr» já não se faz menção da circunstância (*ibid.*).

### **Padre Rafael Bluteau (1638-1734), CR**

Foi, sem dúvida, um dos homens mais notáveis do seu tempo, pelos múltiplos saberes e erudição que estão patentes nas obras que nos legou.<sup>28</sup> O Padre Rafael Bluteau era Clérigo Regular Teatino da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, em Lisboa, viajou por vários países, manteve continuada atenção ao que se ia publicando no estrangeiro e ficou conhecido e celebrado pelo *Vocabulario Portuguez e Latino...* (1712-1728, 8 vol.), obra ainda hoje de consulta indispensável e muitas vezes citada, como verdadeira enciclopédia que é. Para além dos contributos literários resultantes da sua participação nas academias, teve atividade nos púlpitos e deixou vários sermões individuais impressos. Da compilação dos sermões que organizou e deu à estampa, escolhemos o 2.º volume, que tem por título *Primicias evangelicas ou sermoens, e panegyricos / do P. D. Rafael Bluteau [...]* e foi publicado em Lisboa, na oficina de Miguel Deslandes em 1685.<sup>29</sup>

Do rosto, para além do título e qualificações curriculares do autor, como era prática, consta uma dedicatória sem identificação específica, referindo-se apenas «huma doutissima, poderosissima e virtuosissima princeza». Logo, porém, na f. [2] fica esclarecido o anonimato, quando nos apercebemos que a «princeza» era, nem mais nem menos, do que a biblioteca do Arcebispo e depois Cardeal de Lisboa, D. Luís de Sousa (1630-1702). Trata-se de uma originalidade, sem dúvida, que suscitaria a curiosidade de quem, pela primeira

---

28 Cf. Pedro CALAFATE, “Rafael Bluteau”, in *Filosofia portuguesa*. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ilu1.html>> (última consulta: 2021.10.24).

29 O 1.º volume fora publicado em Lisboa, 1676, e o 3.º volume seria editado em Paris, 1698. O exemplar consultado tem a cota BNP. R. 5549 P. Disponível em <<http://purl.pt/13982>> (última consulta: 2021.11.06).

vez e sem aviso, pensasse tratar-se de uma verdadeira princesa e mecenas eventual das *Primicias*. O extenso texto da dedicatória vai até à f. [24v] e constitui um contributo de grande erudição sobre a função do Livro e das Bibliotecas ao longo da História. Nele se vai realçando, naturalmente, a importância da livraria de D. Luís de Sousa, que o Padre Bluteau pudera consultar, como nos indica, ao mesmo tempo que se louvam as qualidades do Arcebispo. Quanto à «princesa», o autor apresenta uma interessante explicação para o atributo que lhe concedera, descrevendo, deste modo, o objeto principal, que era o Livro:

Naõ estranhará o titulo de Princeza, com que meu respeyto vos venera, quem souber que illustre & antiga he a origem dos livros. O saber, he a luz do Entendimento, & esta fecunda luz he a mãy, de que todos os livros são filhos. Nacem os livros como os homens: Primeiramente com idéas confusas se começa a delinear nos borradores, o Embriaõ, que com o calor da imaginação se anima, & com solidas especulaçoens se alimenta, & vai crescendo, distingue o juizo as partes, & com erudita proporção as organiza. Formado pois, & acabado o livro, sahe a luz, tendo por cabeça o frontispicio; por corpo, a materia de que trata, & por alma, a verdade. As regras, são as veas, a tinta, he o sangue, a Imprensa, he o berço, & as folhas são as mantilhas. As noticias, que encerra, são os seus olhos; a doutrina, he o seu leite [...] falla, sabe & ensina, desde a infancia, & ainda que velho, não caduca. Naõ espera, que lhe fação perguntas; responde primeiro que o consultem. Sempre diz o mesmo em todo o tempo & por muito que o importunem, não se molesta; a todos abre igualmente o peito, & he taõ sincero, que nelle se fazem visiveis os pensamentos. (f. [2v])

Na organização e apresentação dos sermões e dos respetivos índices, o Padre Bluteau mostra os seus conhecimentos e engenho. Quanto à matéria predicativa, vemos que também se foca em

questões ligadas ao quotidiano, revelando, assim, a intenção primeira da pregação, que consistia em fixar a atenção do público e, ao mesmo tempo que se ensinava a doutrina, contribuía-se para modelar comportamentos. O «Index dos sermoens [...]» (f. [26]) apresenta cada um de acordo com a circunstância em que foi pregado, fosse na prédica ordinária, como os sermões do Mandato ou os consagrados a determinados santos, fosse na extraordinária, por celebrar momentos específicos. Destacamos, como exemplo, os dois últimos sermões: «XIV No Passo dos Açoutes do Senhor, em que se mostra, que a lingua maledica, he o açoute do Mundo (p. 262)»; «XV No Passo do Ecce Homo, em que se ensina o modo, com que cada hum ha de responder aos seus maldizentes (p. 282)», por ambos focarem o tema da maledicência. De notar que já António Lopes Cabral abordara o mesmo assunto. Seria, ao que parece, um comportamento social frequente em que o pregador devia insistir para o corrigir. Citando, mais uma vez, João Francisco Marques: «Importava que se ensinasse sobretudo o que todo o cristão necessitava conhecer para salvação da alma, explicando em poucas palavras e termos fáceis os vícios a evitar e as virtudes a praticar para se livrarem das penas eternas e alcançarem a felicidade celeste.»<sup>30</sup>

Continuando a análise dos paratextos, seguem-se no «Index» «As Tardes dos Tardes», que são cinco, todas contra «os que tardaõ», respetivamente, em cumprir promessas, pagar as dívidas, fazer testamento, satisfazer legados de defuntos e fazer penitência. Estamos, inequivocamente, num percurso de admoestação e modelação de comportamentos sociais muito específicos que competia ao pregador abordar e a que o Padre Rafael Bluteau não se furtou, emprestando originalidade, erudição e cultura aos seus textos. Os índices tradicionais em compilações, o das « cousas notaveis » e

---

30 J. F. MARQUES, “Oratória sacra...”, op. cit., p. 484.



o dos «lugares da Sagrada Escritura», estão compostos segundo o modelo comum. Porém, curiosamente, o índice das « cousas notáveis » inclui também as matérias da « Epistola Dedicatória » atribuindo-lhes, assim, uma invulgar autonomia como parte integrante do sermonário. Nesse índice encontramos, também, diversas chamadas de atenção para práticas erradas e carecidas de correção e ainda curiosas alusões às Letras e Ciências e à sua importância para a felicidade dos povos, pertencendo a Adão, de acordo com o Padre Bluteau, o feito de ser delas « o primeiro inventor » (p. 417).

### **Considerações finais**

Os sermonários barrocos revelam-nos facetas de uma complexa rede de interesses e de atores, quando analisados através dos paratextos. Na organização interna, na disposição do texto na página e no aparato gráfico repetem-se modelos que os impressores seguiam para dar à estampa estes textos, os quais, sendo individuais, se pretendia ganhassem uma forma comum quando editados em conjunto.

Existia, certamente, uma « oferta » de pregadores interessados em registar os seus sermões para a posteridade, de forma mais segura, ainda que fosse maior o trabalho de preparação da obra, dada a existência dos minuciosos índices. Havia igualmente um movimento de « procura » por parte de um vasto público composto por membros do clero regular e secular. Vestígios do uso particular que foi feito de sermões impressos estão visíveis em exemplares que compulsámos. Utilizavam-se, sobretudo, as folhas de guarda para elaborar comentários ou fazer um índice rápido dos conteúdos, como acontece no exemplar dos *Sermões* de Frei João de Ceita que nos serviu neste estudo, mas também, numa forma menos vulgar, podia colar-se esse índice na própria

encadernação, como se verifica no exemplar da *Pancarpia* que aqui analisámos.

Sendo o sermão uma prática corrente no quotidiano religioso e também no social, que ocorria em todo o país, incluindo nos territórios ultramarinos, este equilíbrio entre a oferta e a procura consubstanciava-se num expressivo movimento editorial. O pagamento estava assegurado por mecenas, nomeados (ou não) no rosto e/ou na dedicatória do sermonário, mas também pela organização religiosa a que pertencia o autor, por ele próprio, por um seu confrade ou familiar e, nalguns casos, por livreiros que anteviam a oportunidade comercial. Apostava-se em «valores seguros» fosse porque o autor era pregador de nomeada, fosse porque estava afeto a individualidades civis ou religiosas, ordens, nobreza, instituições. Em suma, procurava-se a garantia de um sucesso na produção e comercialização dos sermões impressos.

Quisemos assinalar nestes casos, todos do século XVII, e ainda nos quinhentistas sermões «de letra morta» de Frei Luís de Granada e nas «colações» de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, as circunstâncias que rodearam a edição, umas expressamente indicadas nos paratextos da obra, outras intuídas através dos Prólogos, das Licenças ou dos Índices.

Aos impressores coube a arte de apresentar os sermões segundo a vontade do autor e/ou daqueles que, em seu nome, se encarregaram da edição. Com maior ou menor aparato, vemos que as compilações seguem um modelo que pode matizar-se conforme o gosto do autor e as eventuais influências trazidas também por sermonários publicados noutros países. A manutenção de um modelo que conhece poucas alterações corresponde, no limite, à linha retórica do próprio sermão e obedece à expectativa do público leitor. O sucesso do sermão pregado e o sucesso do sermão impresso no Antigo Regime não podem dissociar-se do que foi a sua função social. Na oportuna síntese de João Francisco Marques:

Os textos bíblicos, próprios da celebração eucarística, condensavam potencialmente vasta matéria para se escolherem temáticas, motivarem desenvolvimentos, legitimarem hermenêuticas e acomodações aplicáveis às necessidades do auditório, à actualidade de acontecimentos e conjunturas. Constituía assim o sermão, sobretudo, em tempos mais recuados e de generalizada carência de alfabetização, um *mass media* poderoso, de enorme eficácia colectiva. Reflexo de doutrinas, ideologias e mentalidades, torna-se também barómetro e directório da consciência religiosa e da conduta moral dos fiéis. Na cadência ritmada dos ciclos litúrgicos, não escasseavam ao pregador ensejos para insistir em certas exposições analíticas em que a denúncia de vícios e a proposta de virtudes eram pertinentes e podiam ser concretizadas através de referências à vida quotidiana e oportunas admoestações de acordo com a especificidade do auditório.<sup>31</sup>

---

31 J. F. MARQUES, “O púlpito barroco...”, op. cit., p. 114.

## Referências bibliográficas

### Fontes

- AMARAL, Francisco do, 1593-1647, SJ, *Primeiro tomo dos Sermoens do P.M. Francisco d'Amaral da Comp.<sup>a</sup> de Jesu, R.<sup>or</sup> do Collegio de Braga, lente q. foy de Prima de Theologia em Lisboa, etc...* Em Braga, por Gonçalo de Basto, 1641.
- BLUTEAU, Rafael, 1638-1734, CR, *Primicias evangelicas ou sermoens, e panegyricos / do P. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, Doutor na sagrada Theologia, Prêgador da Magestade da Rainha Mãe de Inglaterra, & Calificador do Santo Officio no Reyno de Portugal. Parte Segunda...* Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, na rua da Figueira, 1685.
- CABRAL, António Lopes, 1634-1698, OM Cristo, *Pancarpia ou capella florida matizada & odorifica, tecida com dezoito Sermões diferentes & Intitulados, guarnecida com flores panegyricas, moraes & metaphoricas, dedicada ao Taumaturgo Lusitano S. Antonio...* Em Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Majestade, 1694.
- CEITA, João de, 1578-1633, OFM PA, *Sermões das festas da Virgem Santissima, e de Christo Senhor Nosso: com oito do Sacramento, & de algüs Santos, & oito de diffuntos...* Em Lisboa, por Lourenço Craesbeeck Impressor del Rey, 1634.
- GRAÇA, Simão da, 1600-1682, OESA, *Panegyricos em as festas de varios santos: pregados pello P. Presentado Fr. Simão da Graça religioso do Patriarcha S. Augustinho da Congregaçam da Índia Oriental.* Em Lisboa, na officina de Ioam da Costa, 1672.
- LUIS, de Granada, 1504-1588, OP, *Compendio de doctrina christãa recopilado de diuersos autores que desta materia escreuerão, pelo R.P.F. Luys de Granada... Acrescentarãose ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo autor.* Em Lixboa, em casa de Ioannes Blauio de Agripina Colonia, 25 Dabril 1559.
- MÁRTIRES, Bartolomeu dos, 1514-1590, OP, *Catbecismo ou Doutrina christãa & praticas spirituaes ordenado por Dom Frey Bartholameu dos Martyres Arcebispo & senhor de Braga Primas das Espanbas &c....* Em Braga, por Antonio de Maris Impressor do Senhor Arcebispo, 1564.

### Bibliografia

- BARBOSA, David Sampaio, “Arquétipo de pároco na vida e na obra de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga (1559-1582)”: *Lusitania Sacra*, 2.<sup>a</sup> S., 23 (2011), pp. 59-76.
- BRAGA, Isabel Drummond, “Entre religião, ciência e política: a parênese seiscentista de Fr. Amador da Conceição”: *Revista Territórios & Fronteiras* 9,1 (jan.-jun. 2016), pp. 131-146.
- CALAFATE, Pedro, “Rafael Bluteau”, in *Filosofia portuguesa*. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/ilu1.html>.

- CAMPOS, Fernanda Maria Guedes de, *Para se achar facilmente o que se busca: bibliotecas, catálogos e leitores no ambiente religioso* (séc. XVIII). Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2015.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio, “El taller del predicador: lectura y escritura en el sermón barroco”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 7-26.
- CROIZAT-VIALLET, Jean, “Cómo se escribían los sermones en el Siglo de Oro: apuntamientos en algunas homilias de la Circuncisión de Nuestro Señor”: *Crítico* 84-85 (2002), pp. 101-122.
- DURAN, Maria Renata da Cruz, *Triunfos da eloquência: sermões reunidos e comentados, 1656-1864*. Niterói, Ed. Universidade Federal Fluminense, 2012.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, *Espelbos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica, 1450-1700*. Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.
- GENETTE, Gérard, *Paratextos editoriais*. S. Paulo, Ateliê Editorial, 2009.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana...* Lisboa Occidental, na officina de António Isidoro da Fonseca, 1741-1759. 4 vol.
- MARQUES, João Francisco, “Oratória sacra ou Parenética”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *Dicionário da História religiosa em Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, vol. IV-Apêndices, pp. 470-510.
- , *A parenética portuguesa e a dominação filipina*. Porto, Centro de História da Universidade: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
- , *A parenética portuguesa e a Restauração, 1640-1668: a revolta e a mentalidade*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa, IN-CM, 2010.
- , “Pregação”, in Carlos Moreira AZEVEDO (ed. lit.), *História religiosa de Portugal*. Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, vol. II, pp. 393-417.
- , “O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos: a pregação seiscentista do Domingo das Verdades”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 111-148.
- MARTIN-JIMÉNEZ, Alfonso, “La retórica clásica al servicio de la predicación: “Los seis libros de la retórica eclesiástica” de Fray Luis de Granada”, In Isabel PARAÍSO (coord.), *Retóricas y poéticas españolas (siglos XVI-XIX)*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2000, pp. 11-46.
- MENDES, Paula Almeida, *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de «vidas» de santos e «vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto, CITCEM, 2017.
- PALOMO, Federico, “Anaqueles de sacra erudición: libros y lecturas de un pregador en el Portugal de mediados del siglo XVII”: *Lusitania Sacra* 18 (2006), pp. 117-146.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina, “Frei Luís de Granada: sermões para o povo português”: *Via Spiritus* 11 (2004), pp. 27-44.

(Página deixada propositadamente em branco)

**O LIVRO COMO ARMA POLÍTICA:  
EDITORAS MAOISTAS EM PORTUGAL  
NOS ANOS 1970<sup>1</sup>**

**THE BOOK AS A POLITICAL WEAPON:  
MAOIST PUBLISHING HOUSES IN PORTUGAL  
IN THE 1970S**

*Flamarion Maués*

Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa

flamaues@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8831-0518

**Resumo:** No amplo panorama das editoras políticas em Portugal nos anos 1960-70, destacam-se as editoras de livros ligadas a grupos maoistas (marxistas-leninistas). Desde 1964, com o surgimento do Comité Marxista-Leninista Português (CMLP) e da Frente de Acção Popular (FAP) como dissidências do Partido Comunista Português (PCP) vinculadas ao maoismo, iniciou-se no país uma proliferação de grupos de esquerda radical. Estes grupos deram grande importância à imprensa e à edição de livros, sendo responsáveis pela criação de dezenas de editoras e periódicos. Este artigo pretende mostrar quais eram estas editoras e a quais grupos se ligavam. Procuramos também analisar o papel do livro como arma no

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de projeto de pós-doutorado financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2013/08668-0). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

combate político, tendo como referência ideias de Jean-Yves Mollier, e mostrar a inserção dessas editoras na edição política (François Valloton e Julien Hage). Buscamos, ainda, analisar a inserção das editoras maoistas num período de enorme agitação política em Portugal, ou seja, imediatamente após o 25 de Abril de 1974, quando esses livros ajudaram a suprir uma grande demanda por informação e formação política. Acredito que os editores políticos atuavam para que tais obras tivessem um papel de intervenção na realidade do país, o que era expresso na fórmula do livro como «arma» política. **Palavras-chave:** Editoras e livros políticos, Maoísmo, edição política, livros no 25 de Abril.

**Abstract:** In the broad panorama of political publishing in Portugal in the 1960s-70s, the book publishers linked to Maoist (Marxist-Leninist) groups stand out. Since 1964, with the emergence of the Portuguese Marxist-Leninist Committee (CMLP) and of the Popular Action Front (FAP) as dissidents of the Portuguese Communist Party (PCP) linked to Maoism, a proliferation of radical left-wing groups has emerged in the country. These groups gave much importance to the press and book publishing, being responsible for the creation of dozens of publishing houses and journals. This article aims to show which were these publishers and to which groups they were linked. We also seek to analyse the role of books as a weapon in political struggle, with reference to the ideas of Jean-Yves Mollier, and to show the insertion of these publishers in political publishing (François Valloton and Julien Hage). Furthermore we seek to analyse the insertion of Maoist publishers in a period of enormous political turmoil in Portugal, that is, immediately after the 25th of April 1974, when these books helped to meet a great demand for information and political education. I believe that the political publishers acted in such a way that these works had an intervening role in the country's reality, which was expressed in the formula of the book as a political «weapon».

**Keywords:** Publishers and political books, Maoism, political editing, books on April 25<sup>th</sup>.



## Introdução

Este artigo tratará da edição política em Portugal no período 1968-80, ou seja, terá como foco as editoras de livros políticos e seus editores desde o período do governo de Marcelo Caetano — sucessor de Salazar —, passando pelo momento fundamental que foi o 25 de Abril de 1974 e chegando até o final da década de 1970. Aqui, farei apenas uma breve menção ao conceito de edição política e centrarei minha atenção na atuação das editoras ligadas aos grupos maoistas em Portugal nesse período e na ideia de livros como armas de combate político.

No período imediatamente anterior ao 25 de Abril, e nos dois anos que se seguiram, as editoras de livros de caráter político tiveram destacada atuação em Portugal, com intensa atividade editorial. Ocorreu um verdadeiro surto de edição de livros políticos, com destaque para obras vinculadas ao pensamento de esquerda — principalmente após o fim da ditadura salazarista —, de dimensões consideráveis se comparado a qualquer outro país, mas especialmente significativo para Portugal, que nesses anos tinha cerca de oito milhões de habitantes, dos quais, pelo menos, um quarto era de pessoas sem alfabetização.<sup>2</sup>

Entre 1968 e 1980 existiram 138 editoras que publicaram livros de caráter político em Portugal, das quais 102 podem ser caracterizadas como editoras políticas.<sup>3</sup> Nesse período foram editados cerca de 4600 títulos políticos. Muitas dessas editoras tinham cunho claramente

---

2 António BARRETO, “Mudança social em Portugal, 1960-2000”, in António Costa PINTO (coord.), *Portugal contemporâneo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005, pp. 137-162.

3 Isto porque nem todas as editoras que publicaram livros de caráter político eram, necessariamente, editoras políticas. Entre elas havia também algumas editoras que, apesar de terem publicado tais obras, não tinham na política o centro de sua atuação e caracterizavam-se como editoras em que os fins comerciais se sobrepunham aos demais objetivos. Algumas dessas editoras passaram a publicar tais livros em função da boa aceitação que eles começaram a ter na nova conjuntura portuguesa. O estudo completo e detalhado destas editoras está disponível em Flamarion

político-ideológico, em vários casos com vinculações a partidos ou grupos políticos.

A maior parte dessas editoras realizava o que podemos chamar de «edição política», ou seja, um tipo de trabalho editorial que vinculava de modo direto engajamento político e ação editorial, conforme definição de François Valloton e Julien Hage.<sup>4</sup>

Em Portugal, no período aqui enfocado, os vínculos entre engajamento e edição desenvolveram-se em função, principalmente, da oposição ao salazarismo. Também o contexto da guerra colonial e de transformações na esquerda em âmbito internacional, que vinham desde o começo dos anos 1960, foram elementos importantes. Nesse quadro, a possibilidade de associar engajamento político e atuação editorial aparece como uma das opções de ação política para setores ligados aos meios universitários, aos grupos de extrema esquerda que proliferam a partir de meados de 1964, aos emergentes grupos de «católicos progressistas» que passam a questionar de modo cada vez mais direto o projeto colonial português e a outros setores ligados à chamada oposição democrática.

Num país em que o governo ainda cerceava a existência de partidos políticos, sindicatos e associações civis independentes, a edição de livros que promovessem a denúncia da ditadura e o debate sobre temas políticos, apesar da censura e das diversas

---

MAUÉS, *Livros que tomam partido: Edição e revolução em Portugal, 1968-80*. Lisboa, Parsifal/Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, 2019.

<sup>4</sup> François VALLOTON, “Edition et militantisme: le catalogue de ‘La Cité Editeur’ (1958-1967)”, in Léonard BURNAND, Damien CARRON e Pierre JEANNERET (orgs.), *Livre et militantisme. La Cité Editeur, 1958-1967*. Lausanne, Éditions d’en bas, 2007; Julien HAGE, “Collections politiques et effets de sens: Littérature et politique dans les nouvelles maisons d’édition politique d’extrême gauche au cours des années 1960 et 1970”: *Cahiers du CRHQ (Centre de Recherche d’Histoire Quantitative)* 2 (2010), pp. 1-20.

formas de coerção e repressão utilizadas pelo Estado, ganhava relevância como forma de intervenção pública na sociedade.<sup>5</sup>

É nesse quadro, a partir de fins da década de 1960, que se inicia um período em que as editoras políticas vão ter uma forte atuação em Portugal, até ao final dos anos 1970. Entre estas editoras, destacam-se editoras de livros ligadas a grupos maoistas, ou, como eram chamados estes grupos em Portugal, M-L (marxistas-leninistas).

Desde 1964, com o surgimento do Comitê Marxista-Leninista Português (CMLP) e da Frente de Acção Popular (FAP) como dissidências do Partido Comunista Português (PCP) vinculadas ao maoísmo, iniciou-se no país uma proliferação de grupos de esquerda radical, boa parte deles maoistas. Com forte inserção nos meios estudantis, mas também com atuação em setores da emigração portuguesa e em determinados meios operários, estes grupos, de forte caráter sectário, sempre deram grande importância à imprensa e à edição de livros, sendo responsáveis pela criação de dezenas de editoras e periódicos.<sup>6</sup>

---

5 Além das editoras, também as cooperativas culturais e livreiras que surgiram nos anos 1960 representaram uma forma de pôr em prática essa participação.

6 Os trabalhos referenciais sobre o maoísmo em Portugal são: José Manuel Lopes CORDEIRO, [Verbetes] “Extrema-Esquerda”, “Maoísmo”, “Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP)”, “Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa (OCMLP)” e “Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) (PCP M-L)”, in António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplementos)*. Porto, Livraria Figueirinhas, vols. 7, 8 e 9, 1999-2000; Miguel CARDINA, *Margem de certa maneira: o maoísmo em Portugal: 1964-1974*. Tese de Doutoramento. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010; Miguel CARDINA, *A esquerda radical*. Coimbra, Angelus Novus, 2010; José Pacheco PEREIRA, *O um dividiu-se em dois: origens e enquadramento internacional dos movimentos pró-chineses e albaneses nos países ocidentais e em Portugal (1960-65)*. Lisboa, Alêtheia Editores, 2008. Ver também: Hélder Manuel Bento CORREIA, *Comitê Marxista-Leninista Português. Breve história de uma organização política (1964-1975)*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portimão, 2000; Página eletrônica Ephemera, Biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, disponível em <<http://ephemerajpp.wordpress.com/indice-geral/editoras-revolucionarias/>>; José Pacheco PEREIRA, *As armas de papel: publicações periódicas*

Este trabalho pretende mostrar quais eram estas editoras e a quais grupos se ligavam, e analisar o papel que desempenharam nos diversos grupos maoistas que surgiram a partir da dissidência político-ideológica sino-soviética pós-1964 em Portugal.

Procuramos também analisar o papel do livro como arma no combate político, seguindo algumas indicações de Jean-Yves Mollier em seu trabalho “Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX”.<sup>7</sup> Desse modo, analisamos a possível influência das editoras maoistas na formação da opinião pública num período de enorme agitação política em Portugal, ou seja, o período pós-25 de Abril, quando esses livros ajudaram a suprimir uma grande demanda por informação e formação política.

Acredito que parte dos editores políticos atuava para que os títulos que publicavam tivessem um papel efetivo na realidade do país, um papel interveniente e mobilizador, o que era expresso na fórmula do livro como «arma» política, como instrumento de luta.

## **As editoras maoistas**

A investigação que deu origem a este trabalho mostrou que as editoras maoistas representavam um quarto das editoras políticas atuantes no país entre 1968 e 1980, totalizando 26 editoras. No entanto, devemos lembrar que muitas das editoras ligadas aos grupos maoistas eram de pequeno porte e publicaram poucos títulos. Boa parte delas teve vida efêmera.

---

*clandestinas e do exílio ligadas a movimentos radicais de esquerda cultural e política (1963-1974)*. Lisboa, Temas e Debates, 2013.

<sup>7</sup> Jean-Yves MOLLIER, “Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX”, in Eliana Freitas DUTRA e Jean-Yves MOLLIER (orgs.), *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo, Annablume Editora, vol. 1, 2006, pp. 259-274.

De acordo com o levantamento que realizei, as editoras maoistas atuantes em Portugal entre 1968 e 1980 eram as seguintes:

### **Quadro sinótico das editoras maoistas em Portugal, 1968-80<sup>8</sup>**

<b>Editora</b>	<b>Início</b>	<b>Sede</b>	<b>Grupo/ partido</b>	<b>Editor/ responsável</b>	<b>Títulos</b>
<b>1</b> A Causa Operária	1975	Lisboa	ORPC(m-l)	Sem informação	<b>11</b>
<b>2</b> A Verdade	1974/75	Lisboa	PCP(ml)- Mendes	Sem informação	<b>5</b>
<b>3</b> AAPA Ass. Amiz. Portugal-Albânia	1976	Lisboa	MRPP	Luís Borges, João Camacho	<b>5</b>
<b>4</b> Bandeira Vermelha /MRPP	1975	Lisboa	MRPP/	Sem informação	<b>8</b>
<b>5</b> Bandeira Vermelha /PCP(R)	1976	Lisboa	PCP(R)	Sem informação	<b>50</b>
<b>6</b> Cultura Proletária	1975	Lisboa	MRPP	Sem informação	<b>9</b>
<b>7</b> Edições do Partido	1970	Sintra	PCP(ml)-Vilar	Maria do Rosário Luís	<b>45</b>
<b>8</b> Edições do Povo	1971	Porto	Não identificado	F. Dinis e A. Pereira	<b>7</b>
<b>9</b> Edições Militão Ribeiro	1975	Sem inf.	PCP(m-l)- Mendes	Sem informação	<b>6</b>
<b>10</b> Estrela Vermelha	1974	Porto	MRPP	António José Fonseca	<b>8</b>
<b>11</b> Germinal	1974	Lisboa	MRPP	José Manuel Ferreira	<b>20</b>
<b>12</b> Maria da Fonte	1973	Lisboa	UDP	Manuel Quirós e M. Isabel Ventura	<b>80</b>
<b>13</b> Movimento Operário	1974	Lisboa	Não identificado	Sem informação	<b>4</b>
<b>14</b> Nova Aurora	1974	Lisboa	MRPP	João Camacho e Sílvio Conde	<b>35</b>
<b>15</b> O Grito do Povo	1973	Lisboa/ Porto	OCMLP	Sem informação	<b>36</b>
<b>16</b> O Proletário Vermelho	1974	Lisboa	CMLdeP	Bento Vintém	<b>20</b>

<sup>8</sup> Sobre as editoras maoistas, agradeço especialmente as informações fornecidas por José Manuel Lopes Cordeiro.

<b>17</b>	Pensamento e Acção	1975	Lisboa	Não identificado	Sem informação	<b>5</b>
<b>18</b>	Povo e Cultura	1971	Baixa da Banheira	UDP	Manuel Miranda	<b>20</b>
<b>19</b>	Revolução Proletária	1975	Lisboa	ORPC(m-l)	“A. J. M. A.”	<b>3</b>
<b>20</b>	Seara Vermelha	1974	Lisboa	PCP(m-l)-Vilar	Sem informação	<b>45</b>
<b>21</b>	Sementes	1974	Porto	MRPP	António José Fonseca	<b>20</b>
<b>22</b>	Spartacus OCMLP	1974	Lisboa	OCMLP	Sem informação	<b>5</b>
<b>23</b>	Textos da Revolução	1974	Porto	Não identificado	Fernando Osório	<b>12</b>
<b>24</b>	Unidade Popular	1974	Lisboa	PCP(m-l)-Mendes	Beatriz Oliveira M.	<b>4</b>
<b>25</b>	Vento de Leste	1974	Lisboa	MRPP	A. Telo, J. Camacho, A. Barros Baptista, J. Pinto e Castro	<b>70</b>
<b>26</b>	Voz do Povo	1974	Lisboa	UDP	Sem informação	<b>5</b>
<b>Total de Títulos</b>						<b>538</b>

### **Siglas**

CMLP – Comité Marxista-Leninista Português

CMLdeP – Comité Marxista-Leninista de Portugal

MRPP – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado

OCMLP – Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa

ORPC (m-l) – Organização para a Reconstrução do Partido Comunista (marxista-leninista)

PCP (m-l) – Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista)

PCP (R) – Partido Comunista Português (Reconstruído)

UDP – União Democrática Popular

Individualmente, o grupo que mais criou editoras foi o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), com oito editoras, seguido da União Democrática Popular (UDP) e do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista)-Mendes, com três editoras cada um.

O MRPP foi criado em setembro de 1970 e se caracterizava por um forte ativismo político de extrema-esquerda e por uma militância muito jovem. Em muitos momentos de sua atuação parecia que o grupo considerava que o principal inimigo a ser vencido era o Partido Comunista Português, tal o grau de radicalismo do MRPP. Daí surgirem, após o 25 de Abril, convergências políticas do grupo com o Partido Socialista e até com o Partido Popular Democrático, de centro-direita.<sup>9</sup> No final de dezembro de 1976 o MRPP adotou o nome de Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses (PCTP). O partido existe até os dias de hoje. As editoras ligadas ao grupo eram: Vento de Leste, Nova Aurora, Sementes, Estrela Vermelha, Germinal, Bandeira Vermelha (PCTP/MRPP), Cultura Proletária e Edições da Associação de Amizade Portugal-Albânia.

Já a UDP era um partido político criado para participar das eleições constituintes de abril de 1975, fruto da união de três grupos marxistas-leninistas: CARP(m-l) — Comité de Apoio à Reconstrução do Partido (marxista-leninista), CCR(m-l) — Comités Comunistas Revolucionários (marxistas-leninistas) e URML (Unidade Revolucionária Marxista-Leninista). Em maio de 1975, estes três grupos se fundiram e deram origem à Organização para a Reconstrução do Partido Comunista (marxista-leninista)/ORPC(m-l). A partir de fins de 1975, com a criação do PCP(R), a UDP torna-se a organização frentista desse partido.<sup>10</sup>

---

9 Sobre o MRPP ver: José Manuel Lopes CORDEIRO, “Glossário dos anos do PREC... e de alguns mais”, in José FREITAS (coord.), *A guerra dos cartazes*. Guimarães, Lembrabril, 2009, pp. 105-133; J. M. L. CORDEIRO, [Verbetes] “MRPP”, op. cit., pp. 559-560; M. CARDINA, *Margem de certa maneira...*, op. cit.; M. CARDINA, *A esquerda radical*, op. cit.; Página eletrônica Ephemera, Biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, disponível em <<http://ephemerajpp.wordpress.com/indice-geral/editoras-revolucionarias/>>.

10 CORDEIRO, “Glossário dos anos do PREC...”, op. cit, pp. 131 e 121.

As editoras ligadas à UDP eram: Edições Maria da Fonte, Edições Voz do Povo e Edições Povo e Cultura.

O PCP(m-l)-Mendes é fruto de uma dissidência no PCP (m-l), criado clandestinamente em 1970 a partir do CMLP. Em março/abril de 1974 houve uma cisão no PCP(m-l), em virtude de divergências políticas que vinham desde 1972.<sup>11</sup> Passam, então, a existir dois PCP(m-l), um liderado por «Vilar» (Heduíno Gomes), e outro por «Mendes» (Carlos Janeiro). Durante cerca de um ano manteve-se essa singular situação, com os dois grupos usando a mesma denominação de PCP(m-l) e editando jornais e boletins também homônimos. As editoras ligadas ao PCP(m-l)-Mendes eram: Edições Unidade Popular, Edições Militão Ribeiro e Edições A Verdade.

Vale destacar também as duas editoras ligadas ao PCP(m-l)-Vilar — Edições do Partido e Seara Vermelha —, pois foram editoras com um número importante de títulos publicados (45 cada uma), representando mais de 16% dos títulos lançados pelas editoras maoistas.

O quadro abaixo mostra as relações entre as editoras maoistas e os grupos políticos maoistas:

---

11 CORDEIRO, “Glossário dos anos do PREC...”, op. cit, pp. 121-122.



## Editoras maoistas e os grupos aos quais eram ligadas, 1968-1980

Partido/Grupo	Editoras	%
PCP(m-l)-Vilar/CMLP	2	7,7
PCP(m-l)-Mendes	3	11,5
OCMLP	2	7,7
CMLdeP	1	3,9
UDP	3	11,4
ORPC(m-l)	2	7,7
PCP(R)/PC(R)	1	3,9
MRPP	8	30,8
Não identificado	4	15,4
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Os títulos publicados por essas editoras — que totalizaram mais de 530 neste período — se enquadram na linha política e ideológica dos grupos marxistas-leninistas (m-l)/maoistas, de defesa do que chamavam de democracia popular, da ditadura do proletariado, de crítica à União Soviética («revisionista», «social-fascista», «social-imperialista») e ao seu principal representante português, o PCP. A atuação dessas editoras era sempre estreitamente vinculada aos grupos aos quais estavam ligadas, e os livros editados visavam ser instrumentos de combate político direto e de formação de sua militância. Assim, são editoras em que o fator político é primordial e se sobrepõe aos demais, o que as caracteriza como editoras políticas militantes.

Nelas predominava de modo absoluto a publicação de obras teóricas e históricas sobre o comunismo e o socialismo, e os princípios filosóficos, políticos e ideológicos dessas correntes de pensamento, por meio principalmente de livros dos autores mais

representativos dessas linhas de pensamento, como Marx, Engels, Lenin, Stalin, Mao Tsé-tung, Enver Hoxha e alguns outros autores.

### **Características das editoras maoistas**

O grande número de editoras ligadas aos grupos maoistas reforça a ideia de que a esquerda privilegia os livros e a imprensa como instrumentos fundamentais da sua atuação política, o que se confirma quando constatamos que também o PCP sempre deu importância ao trabalho editorial, seja por meio da edição de livros, seja por meio de jornais e periódicos. Parece real a observação sobre a importância da leitura para os militantes de esquerda, particularmente os comunistas: «[...] quaisquer que sejam suas origens e suas escolhas, o comunista tem sempre um livro à mão».<sup>12</sup>

Verificamos, a partir do levantamento mais amplo que realizamos sobre as editoras políticas em Portugal, que os setores ligados ao pensamento de esquerda davam, no período em foco, maior importância à área cultural, à divulgação e ao debate público de suas ideias, se comparados aos setores de centro e de direita. Além disso, após o 25 de Abril, os grupos de esquerda demonstraram maior capacidade de ação diante do novo quadro político.

Vitoriosa em 1974, a esquerda queria mostrar-se e expor suas propostas — após mais de quatro décadas de clandestinidade —, enquanto a direita recolhia-se,<sup>13</sup> temerosa pelo que poderia acontecer.

---

12 Marisa Midori DEAECTO, “A batalha do livro”, in Marisa Midori DEAECTO e Jean-Yves MOLLIER (orgs.), *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Ateliê Editorial, 2013, p. 15.

13 «Após o 25 de Abril e até o final dos anos 1970 foram criadas 68 editoras que publicaram livros políticos, 49 das quais podemos caracterizar como *editoras da revolução*, por terem como fator principal de seu surgimento e de sua atuação o processo revolucionário iniciado em 1974. Destas [49 editoras], apenas três não eram de esquerda». Nesse mesmo período, surgiram apenas nove editoras ligadas às ideias de direita. Cf. F. MAUÉS, op. cit., pp. 72-73.

A discussão dos temas da conjuntura política foi uma das características marcantes da edição política a partir do 25 de Abril. Promover o amplo debate sobre as questões que mais afligiam a sociedade, intervir na realidade e influenciar os rumos do país eram metas de muitos editores.

Por isso, não deixa de ser surpreendente que, quando analisamos os livros publicados pelas editoras ligadas a grupos de extrema esquerda, em particular as maoistas, verificamos que editaram pouquíssimos títulos de autores portugueses. Como exemplo disso, menciono o caso da editora Vento de Leste, do MRPP, que teve forte atuação a partir do segundo semestre de 1974 até 1977. Nesse período editou cerca de 70 títulos, sendo a segunda em número de títulos publicados entre as editoras que fazem parte deste estudo. Com exceção de dois títulos, todos os demais livros editados pela Vento de Leste eram de autores estrangeiros, incluindo alguns clássicos do pensamento socialista e muitas obras oriundas dos partidos «irmãos» da China e da Albânia.

Parece que nestes casos, alguns desses grupos julgavam que as obras clássicas ou programáticas que editavam supririam as necessidades de informação e formação política que seus simpatizantes e militantes buscavam nos livros —, sendo os temas diretamente relacionados ao dia a dia do país supridos por seus jornais, já que todos estes grupos possuíam veículos periódicos, além de editoras de livros. Deve-se destacar que muitos dos livros editados pelas editoras maoistas traziam textos introdutórios (prefácios e notas dos editores, por exemplo) de responsabilidade da editora, que buscavam contextualizar a obra editada e procuravam situá-la no quadro político e nas disputas que se davam na sociedade portuguesa.

Assim, algumas dessas editoras inseriam nos livros dos autores estrangeiros textos de autores portugueses de claro viés prescritivo, explicando como se devia ler aquela obra e como relacioná-la à

realidade portuguesa que se vivia então. Era um modo de reafirmar e explicitar o seu posicionamento político. Estas editoras, por tais características, eram em geral fortemente panfletárias, emprestando aos livros que publicavam um aspecto instrumental muito saliente.

Outro aspecto que marca estas editoras maoistas — e que relaciona-se com pontos antes indicados — é a valorização de algumas características gráficas em suas edições. Uma delas é a valorização do livro de bolso, ou melhor, do livro em pequeno formato e de baixo preço de venda ao público. Isso parece ligar-se à ideia de que estes livros pudessem circular de forma ampla e entre um público com poucos recursos financeiros. O seu preço não deveria se colocar como um obstáculo para que mesmo pessoas com menos recursos pudessem ter acesso às obras. Além disso, tais edições visavam ser facilmente transportadas por seu usuário, podendo estar sempre à mão para consulta.

Mais um ponto a destacar é a parte artística de muitas das obras lançadas pelas editoras maoistas, em particular as capas das edições. Era comum o uso de uma estética «chinesa», algo como um «realismo socialista chinês», que reproduzia características de obras produzidas na China comunista — obras de arte, pinturas, painéis, murais, etc. Em alguns casos, reproduziam-se mesmo imagens chinesas, com pessoas com traços orientais ilustrando as capas de alguns livros. Em menor escala, o mesmo fenômeno existiu em relação à influência estética albanesa nessas editoras.

Nesse sentido, saliento a importância de valorizar o livro, enquanto materialidade, suporte físico e objeto final em que se materializa o trabalho editorial, destacando não apenas seu conteúdo escrito, visual e tipográfico, mas também sua dimensão como documento físico, com suas informações materiais, editoriais e paratextuais. Na verdade, trata-se de analisar como conteúdo e como informação esta materialidade, verificando o que ela pode revelar de informações sobre o trabalho criativo envolvido no processo

editorial que levou ao surgimento daquele volume, acrescentando, dessa forma, novos elementos ao livro, que vão além do conteúdo autoral e textual normalmente analisados.<sup>14</sup>

## A edição política

Jean-Yves Mollier, ao analisar o papel do impresso como arma no combate político na França, em um amplo período que vai do século XV ao século XX,<sup>15</sup> aponta para algumas questões que nos podem ser úteis para o estudo da edição e do livro político.

O autor sugere que o impresso é uma das bases para a formação de uma opinião pública,<sup>16</sup> com especial força nos períodos de agitação política. E indica que é quando as lutas políticas se acentuam — e o impresso político ocupa um lugar estratégico nestas lutas, contribuindo fortemente «para fazer a política descer às ruas» — que aumenta o vigor do sistema editorial, «peça essencial na produção e difusão da literatura política». E «a multiplicação desses escritos sediciosos são o signo que pressagia uma mudança importante». No caso da França pré-revolucionária, afirma ele,

---

14 Desse modo, seguimos as ideias de D. F. McKenzie sobre «a dimensão material do livro como variável necessária à restituição dos sentidos investidos num texto». O que significa que «a encadernação e o aspecto gráfico do livro, o formato da página impressa e as suas divisões internas, ou a articulação entre texto e paratexto — índices, ilustrações, notas, tabelas — são instâncias atuantes nos significados interpretáveis, interferindo na leitura do objeto impresso». Roger Chartier ressalta, neste sentido, que «Uma realidade textual não deve ser entendida unicamente em sua dimensão literária, pois também arraiga-se profundamente em sua realidade material, que é a forma do livro em que se abarcava o texto». D. F. MCKENZIE, *Bibliography and the Sociology of Texts*. London, The British Library, 1986; Nuno MEDEIROS, «Objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição»: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP* 22.2 (2010), p. 248; Roger CHARTIER, *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre, Artmed, 2001, p. 43.

15 J.-Y. MOLLIER, op. cit.

16 No que converge com Jürgen Habermas na ideia geral de que o impresso desempenhou um papel determinante na constituição de um espaço público a partir das discussões e tertúlias que, essencialmente no século XIX, começaram a surgir em espaços como os cafés, nos quais se foi engendrando a noção que mais tarde se veio a designar de opinião pública. Ver Jürgen HABERMAS, *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

o impresso «teve um papel excepcional para solapar as bases do regime».<sup>17</sup>

Evidentemente, ao tratar do impresso, Mollier abarca um universo bem mais amplo do que o do livro, pois inclui também a imprensa, o panfleto, o folheto, os cartazes, etc. Mas podemos transpor e adaptar algumas de suas sugestões para o período do nosso estudo e para o campo mais restrito da edição de livros políticos. Particularmente interessante me parece a ideia de que os momentos de maior agitação e lutas políticas propiciam condições para o fortalecimento do sistema editorial e, podemos inferir, dentro dele dos setores que buscam dar à edição um sentido de intervenção política. Desse modo, a edição política liga-se estreitamente às lutas políticas que se travam na sociedade em que ela se insere.

Outra referência importante para meu estudo, no que diz respeito à conceituação do que é a edição política e das características de uma editora política, é a investigação de Julien Hage sobre três editoras políticas que ele classifica como de extrema esquerda, surgidas entre 1955 e 1964: a Feltrinelli, na Itália; a Maspero, na França; e a Wagenbach, na Alemanha.<sup>18</sup> Tais editoras são de certa forma continuadoras de um tipo de editora política cujo «modelo e paradigma»<sup>19</sup> seria a francesa Les éditions de Minuit, criada clandestinamente na França ocupada em 1942.<sup>20</sup>

Para Hage, as editoras sobre as quais se debruçou constituíram uma «tribuna das vanguardas intelectuais e estéticas de seu tempo». E mesmo sujeitas a censura, «repercutiram a emergência de uma

---

17 J.-Y. MOLLIER, op. cit.

18 Julien HAGE, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: une nouvelle génération d'éditeurs politiques d'extrême gauche en Europe Occidentale 1955-1982*. Tese de Doutorado. Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines Batiment D'Alembert, 2010.

19 J. HAGE, "Collections politiques et effets de sens...", op. cit.

20 Anne SIMONIN, *Les éditions de Minuit, 1942-1955. Le devoir d'insoumission*. Paris, I.M.E.C. Éditions, 1994.

nova esquerda nutrida pelo anti-imperialismo e à margem dos partidos comunistas e social-democratas» e foram «as precursoras do desenvolvimento do livro político» na Europa ocidental.<sup>21</sup>

Elas utilizaram o livro para «difundir uma mensagem política à luz do terceiro-mundismo e do renovado movimento operário, e para promover o casamento entre edição e política de uma maneira criativa e militante».<sup>22</sup>

São editoras «engajadas politicamente, e nas quais esta orientação constitui a sua razão de ser e estrutura o seu catálogo».<sup>23</sup> Por isso, em alguns casos, a literatura «ficou em segundo plano em benefício de uma produção mais diretamente política e pragmática, imediatamente relacionada com a atualidade».<sup>24</sup> As editoras maoistas, ao meu ver, se enquadram nesse perfil.

Hage conclui que estas editoras «contribuíram para a renovação da oferta editorial, para a promoção do documento político e dos textos teóricos, para novas formas de paraliteratura, e de ciências sociais e militantes», em um contexto «de um compromisso resolutivo na promoção do livro a custo acessível».<sup>25</sup>

Ao analisar de forma mais ampla a edição política, Hage destaca a forte determinação simbólica e política das obras publicadas pelas editoras políticas como uma das bases de identidade destas editoras, «forjadas tanto por suas estratégias editoriais como por seus engajamentos militantes».<sup>26</sup> E afirma que a valorização dos elementos paratextuais é uma das suas características principais, particularmente por meio de recursos como os prefácios e o

---

21 J. HAGE, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach...*, op. cit.

22 J. HAGE, “François Maspero, éditeur partisan”: *Contretemps* 15 (2006), p. 104. Disponível em <<http://www.contretemps.eu/sites/default/files/Contretemps%2015.pdf>>. (Consultado em 24.10.2012).

23 J. HAGE, “François Maspero, éditeur partisan”, op. cit., p. 104.

24 J. HAGE, “Collections politiques...”, op. cit.

25 Ibidem.

26 Ibidem.

aparelho crítico (notas explicativas, por exemplo): «A multiplicação e enriquecimento destes paratextos [...] sublinham uma politização crescente da oferta editorial, assim como um alargamento dos públicos visados, que resultam em uma complexificação das estratégias editoriais».27

Outra experiência editorial importante em meu quadro de referências, por suas características particulares, é a da La Cité Éditeur — editora militante suíça criada por Nils Andersson em 1958. François Valloton relaciona o surgimento da La Cité à emergência de «uma nova geração de editores europeus que, no contexto da descolonização e das transformações na extrema esquerda internacional, vão *associar de modo estreito engajamento político e editorial*».28 Entre estes editores estariam, além de Andersson, François Maspero e Jérôme Lindon (Éditions du Minuit) na França, Giangiacomo Feltrinelli na Itália, e, alguns anos depois, Klaus Wagenbach na Alemanha. Eles levaram adiante «o mesmo combate pela liberdade de expressão contra a razão de Estado, um interesse pelo terceiro-mundismo e pelos debates que agitavam a ‘nova esquerda’ nestes anos».29

A partir dessa amálgama de sugestões, como podemos definir a edição política? A «edição política» pode ser definida como aquela que vincula de modo direto engajamento político e ação editorial, o que significa dizer que é a edição feita com intenção política de intervenção social, ou seja, que parte de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, cujo objetivo é promover a divulgação e o debate de determinadas ideias políticas publicamente na sociedade, posicionando-se em defesa dessas ideias. Assim, a «editora política» caracteriza-se pelo engajamento político, que estrutura o seu catálogo.

---

27 Ibidem.

28 F. VALLOTON, “Edition et militantisme...”, op. cit., p. 20. [Grifos meus].

29 Ibidem.



A casa editorial que realiza a edição política poderá, em certos casos, manter vínculos orgânicos com instituições políticas, como por exemplo partidos e associações cívicas. Mas poderá também ser iniciativa de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, que a título pessoal (ou do grupo) empenha-se no ramo editorial e busca que esta atividade reflita, em alguma medida, a sua forma de ver e interpretar o mundo. Em ambos os casos o engajamento se dá pela defesa de certos princípios, ideias e causas, e se materializa nos livros editados, como resultado da íntima ligação entre edição e engajamento.

Principalmente nas editoras políticas que tinham vínculos com grupos ou partidos, era marcante a militância de editores, autores e colaboradores em torno das ideias que as animavam. Por isso, estas editoras podem também ser caracterizadas como «editoras políticas militantes».

## **O livro como arma política**

Não era incomum, nos livros publicados pelas editoras maoistas, a inserção de textos introdutórios que contextualizavam o modo como aquela obra se inseria no momento político então vivido e as orientações e lições que ela poderia trazer para a atuação política concreta. Alguns desses textos introdutórios mencionavam explicitamente o desejo de que o livro fosse «uma arma nas mãos de todos os camaradas», como ocorre na «Introdução» do livro *Dez questões sobre a China*, da Editora Vento de Leste,<sup>30</sup> do MRPP.

A ideia do livro como arma política também aparece numa matéria do jornal *Unidade Popular*, do PCP(m-l)/Vilar, sobre o livro *Proclamação-Programa dos comunistas (Bolcheviques) revolucionários soviéticos*, publicado pelas Edições Seara Vermelha, editora ligada ao grupo. No texto, a obra foi assim recomendada:

---

30 “Introdução”, in *Dez questões sobre a China*. Lisboa, Vento de Leste, 1975.

«Este livro deve ser lido por todos os comunistas e divulgado no seio da classe operária pois ele é [...] uma arma acerada contra os revisionistas de [Álvaro] Cunhal [...]».<sup>31</sup> Parece claro que a editora ambicionava que suas obras fossem úteis para os embates políticos do momento.

Também as Edições O Grito do Povo, ligadas à Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa (OCMLP), via os livros que publicava como veículos de divulgação de um tipo de conhecimento que poderia ser uma arma na luta dos trabalhadores. É o que fica claro em um anúncio, feito em 1974, da coleção Textos Marxistas, a principal coleção da editora, no qual há uma declaração de princípios e de intenções dos editores em relação aos livros que publicam:

A classe operária tem hoje uma arma poderosa para combater a burguesia: as experiências de luta de milhões de trabalhadores teorizadas pelos mais destacados dirigentes do proletariado — Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao-Tsetung. O marxismo-leninismo é uma ciência que explica as leis de funcionamento da sociedade, e pela qual nos devemos guiar para lutar vitoriosamente contra o capitalismo. TEXTOS MARXISTAS são pequenas brochuras que abordam os problemas que neste momento são mais importantes para a luta dos trabalhadores. UM TRABALHADOR ARMADO DO CONHECIMENTO DO MARXISMO-LENINISMO É MAIS SÁBIO QUE UMA CARRADA DE DOUTORES.<sup>32</sup>

A «Introdução» de uma obra editada em maio de 1975, da coleção Textos de Sindicalismo Revolucionário, também das

---

31 “Biblioteca marxista”: *Unidade Popular*. Lisboa, n.º 30, outubro, 1974, p. 5.

32 Texto de anúncio da coleção Textos Marxistas publicado na revista *Spartacus* — *Revista dos Trabalhadores Portugueses* 1.2 (1974), p. 29. Grifos do original. O mesmo texto foi publicado em anúncios da coleção em outras edições da mesma revista.

Edições O Grito do Povo, reforça a ideia de que os livros eram vistos como instrumentos diretamente voltados para a luta concreta a ser travada: «Esta pequena brochura é primeiro que tudo um manual de combate para os trabalhadores que nos seus locais de trabalho se lançam na luta contra a burguesia»<sup>33</sup>.

De acordo com esta visão, os livros políticos deveriam ser uma espécie de guia orientador para os militantes e simpatizantes do partido, como fica expresso no texto de apresentação do livro *A questão do poder na luta antifascista de libertação nacional do povo albanês*, publicado em 1975 pela Editora A Causa Operária, ligada à ORPC(m-l): «[...] os marxistas-leninistas, os operários e demais trabalhadores de vanguarda, todos os simpatizantes do comunismo, devem estudar os textos que agora começamos a editar, discutindo-os com os seus camaradas e extraindo deles as lições que permitam fortalecer as nossas fileiras [...]».<sup>34</sup>

Tal concepção não era exclusiva das editoras maoistas. Aparece também em outras editoras de esquerda, como é o caso da Prelo, ligada ao PCP. Na apresentação do quarto volume do *Pequeno Dicionário de Economia* (março, 1976, coordenado por Sérgio Ribeiro), há uma breve mas direta definição das intenções que parecem ter norteado a atuação da Prelo na edição política: que seus livros fossem «como um instrumento de trabalho, como arma para uma luta» na «procura de intervir, de ser instrumento útil e arma oportuna»<sup>35</sup> para a transformação social e política.

Principalmente após o 25 de Abril, houve uma intensa partidarização da edição política, pois foram muitos os partidos

---

33 “Introdução”, in *A tática de greve na época actual (Resolução da Conferência de Strasburgo da Internacional Sindical Vermelha - 1929)*. Porto, O Grito do Povo, 1975, p. 2.

34 Texto do editor publicado nas pp. 7-8 de: Luan OMARI, *A questão do poder na luta antifascista de libertação nacional do povo albanês* [Relatório]. Lisboa, A Causa Operária, 1975.

35 RIBEIRO, Sergio (coord.). *Pequeno Dicionário de Economia*. Vol. IV. Lisboa, Prelo, 1976, p. 7.

que surgiram então — ou que passaram a atuar legalmente — e que criaram suas próprias editoras (ou que viram militantes seus criarem editoras que atuavam em consonância com o partido). Concretamente, esta partidarização significou a sectarização de boa parte das editoras ligadas a grupos políticos que tinham esta característica — em particular alguns da extrema esquerda, com destaque para as editoras maoistas.

Assim, se por um lado esse surto editorial político em que se inseriam as editoras maoistas proporcionou um grande debate e a ampliação das perspectivas políticas em discussão, por outro foi marcado por forte sectarismo, levando, muitas vezes, ao empobrecimento dos debates possíveis, limitados que eram pelas posturas pouco afeitas ao diálogo de alguns desses grupos e partidos. Isso se refletia na produção de suas editoras, que parecem, em grande medida, voltadas apenas para os seus próprios militantes, além de extremamente panfletárias, em certos casos.

Mas talvez devesse ser assim mesmo, ou seja, essa era a marca de alguns desses grupos, era a marca de um certo tipo de esquerda da época. E assim como boa parte dessa esquerda que não se reciclou e não ampliou as suas perspectivas perdeu significância política a partir dos anos 1980, as editoras a elas vinculadas também deixaram de existir. Mas ressalte-se que o sectarismo não era exclusividade da esquerda ou da extrema esquerda. A direita e a extrema direita não ficavam atrás.

Num balanço mais amplo, é inegável que o período analisado marca uma grande ampliação nas possibilidades editoriais em Portugal — e não apenas na área política. E as editoras maoistas foram parte desse movimento editorial que levou à abertura de novos horizontes políticos e ideológicos. A ampliação da oferta de obras políticas e culturais, com mercado teor contestador, que já se fazia sentir antes do 25 de Abril, acentuou-se fortemente com

o fim da ditadura e abriu o país a virtualmente todas as correntes de pensamento e campos de ação cultural, inclusive àqueles nem sempre muito bem aceitos por certos setores, como foi o caso das publicações eróticas ou pornográficas.

Enfim, Portugal sai de uma ditadura para uma democracia plena, no campo editorial ao menos. Haverá ainda casos de censura, mesmo depois do 25 de Abril, mas tais eventos não serão suficientes para que se questione de modo conclusivo a liberdade de expressão como um direito básico da sociedade portuguesa pós-25 de Abril.

## **Conclusões**

Acredito que o breve quadro aqui traçado sobre a atuação das editoras maoistas nos anos 1970 em Portugal permite corroborar, em grande medida, as assertivas de Jean-Yves Mollier sobre o papel do impresso como arma no combate político, sua influência na formação de uma opinião pública em períodos de agitação política, potencializando mudanças sociais importantes. Em Portugal, parece se aplicar a sua ideia de que o impresso político — com destaque para o livro político — foi um dos fatores que colaboraram, após o 25 de Abril, «para fazer a política descer às ruas», suprimindo uma enorme demanda por informação e formação política.

No caso das considerações de Julien Hage sobre editoras de extrema esquerda, algumas podem ser verificadas no grupo mais restrito das editoras maoistas aqui abordadas, como, por exemplo, a prevalência de uma produção mais diretamente política e pragmática em detrimento da literatura, a sua ligação a setores de esquerda que buscavam se diferenciar, ou mesmo se opor, aos partidos comunistas e social-democratas tradicionais, e a valorização de elementos paratextuais, como os prefácios e notas explicativas.

Hage faz ainda uma observação que pode se aplicar a muitas das editoras maoistas e de extrema-esquerda em Portugal nos anos 1970. Ele afirma que editoras vinculadas a partidos muitas vezes carecem de autonomia, e que, portanto, «Algumas casas editoras, dedicadas unicamente à formação de militantes e à *agitprop*, se reduzem assim a correias de transmissão da direção de seu partido. Simples ‘birôs de edição’, dirigidos por pessoal permanente, eles não precisam de editores propriamente ditos, como as editoras comunistas do entreguerras [na Europa] (Bouju, 2010) ou os seus herdeiros maoistas de 1968».<sup>36</sup>

No que diz respeito especificamente às editoras maoistas portuguesas aqui abordadas, esta observação é em grande medida correta, ou seja, em parte delas, de fato, a direção foi delegada a militantes da agremiação. Mas houve também casos em que pessoas que já eram ligadas ao setor editorial — e que eram também militantes daquele grupo — assumiram as responsabilidades pela edição de livros do seu grupo político. Este é o caso, por exemplo, de João Camacho e Manuel Quirós. O primeiro, militante do MRPP, trabalhava no meio editorial e livreiro desde finais dos anos 1960, e foi responsável por algumas das editoras do grupo, em particular pela Nova Aurora. Quirós, um dos criadores das Edições Maria da Fonte (ligada à UDP), também já atuava no setor editorial e livreiro desde os anos 1960.

Em relação a parte das editoras maoistas portuguesas, certamente se aplica também uma das características que François Valloton apontou na editora suíça La Cité, a saber, a ausência de um projeto editorial a longo prazo. O criador da La Cité, Nils Andersson, assim caracterizou a sua editora: «La Cité era um instrumento, não uma

---

<sup>36</sup> Julien HAGE, “La génération des éditeurs protagonistes de la décolonisation : radicalités, richesses et rigueurs de l’engagement editorial”: *Bibliodiversity: l’édition dans la mondialisation* 4 (2016), p. 13.

empresa a ser sustentada». <sup>37</sup> Essa sem dúvida é uma característica que pode ser encontrada na maior parte — senão na totalidade — das editoras maoistas lusas.

Como conclui Valloton, esta escolha certamente limitou a envergadura da editora, mas foi fundamental para «a grande coerência de um catálogo ao serviço de ideias e não do lucro». <sup>38</sup> Tais conclusões podem ser aplicadas a muitas das editoras militantes portuguesas, especialmente às editoras maoistas.

Para a maior parte das editoras maoistas portuguesas do período, parece ser válida a afirmação de Hage de que uma das bases de identidade destas editoras decorria da estreita relação entre suas estratégias editoriais e seus engajamentos militantes. <sup>39</sup> Ou, como diria o editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, em carta de 1957: «[...] para nós, opiniões políticas e ação editorial são inseparáveis». <sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> F. VALLOTON, op. cit., p. 21.

<sup>38</sup> Ibidem, pp. 21-22.

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Carlo FELTRINELLI, *Feltrinelli — editor, aristocrata e subversivo*. São Paulo, Conrad, 2006, p. 120.

## Referências bibliográficas

- BARRETO, António, “Mudança social em Portugal, 1960-2000”, in António Costa PINTO (coord.), *Portugal contemporâneo*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005, pp.137-162.
- “Biblioteca marxista”. *Unidade Popular*, Lisboa, n.º 30, outubro, 1974.
- CARDINA, Miguel, *A esquerda radical*. Coimbra, Angelus Novus, 2010.
- , *Margem de certa maneira: o maoísmo em Portugal (1964-1974)*. Tese de Doutoramento. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.<sup>41</sup>
- CHARTIER, Roger, *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- CORDEIRO, José Manuel Lopes, “Glossário dos anos do PREC... e de alguns mais”, in José FREITAS (coord.), *A guerra dos cartazes*. Guimarães, Lembrabril, 2009, pp. 105-133.
- , “Extrema-Esquerda”, “Maoísmo”, “Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP)”, “Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa (OCMLP)” e “Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) (PCP M-L)” [Verbetes], in António BARRETO e Maria Filomena MÓNICA (coords.), *Dicionário de História de Portugal (Suplementos)*. Porto, Livraria Figueirinhas, vols. 7, 8 e 9, 1999-2000.
- CORREIA, Hélder Manuel Bento, *Comité Marxista-Leninista Português. Breve história de uma organização política (1964-1975)*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portimão, 2000.
- DEAECTO, Marisa Midori, “A batalha do livro”, in Marisa Midori DEAECTO e Jean-Yves MOLLIER (orgs.), *Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França*. Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Ateliê Editorial, 2013.
- Ephemera, Biblioteca e arquivo de José Pacheco Pereira, disponível em <<http://ephemerajpp.wordpress.com/indice-geral/editoras-revolucionarias/>>.
- FELTRINELLI, Carlo, *Feltrinelli — editor, aristocrata e subversivo*. São Paulo, Conrad, 2006.
- HABERMAS, Jürgen, *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- HAGE, Julien, “Collections politiques et effets de sens: Littérature et politique dans les nouvelles maisons d’édition politique d’extrême gauche au cours des années 1960 et 1970”: *Cahiers du CRHQ* (Centre de Recherche d’Histoire Quantitative) 2 (2010), pp. 1-20.
- , *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: une nouvelle génération d’éditeurs politiques d’extrême gauche en Europe Occidentale 1955-1982*. Tese de Doutoramento. Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines Batiment D’Alembert, 2010.
- , “François Maspero, éditeur partisan”: *Contretemps* 15 (2006), p. 104. Disponível em <<http://www.contretemps.eu/sites/default/files/Contretemps%2015.pdf>>. (Acesso Consultado em 24/10/2012).
- , “La génération des éditeurs protagonistes de la décolonisation: radicalités, richesses et rigueurs de l’engagement éditorial”: *Bibliodiversity: l’édition dans*

---

41 Editado para livro em 2011, com o mesmo título, pela editora Tinta da China.



- la mondialisation* 4 (2016). Paris/ Joinville-le-Pont, Alliance internationale des éditeurs indépendants/ Double Ponctuation.
- “Introdução”, in *A tática de greve na época actual (Resolução da Conferência de Strasburgo da Internacional Sindical Vermelha – 1929)*. Porto, O Grito do Povo, 1975.
- “Introdução”, in *Dez questões sobre a China*. Lisboa, Vento de Leste, 1975.
- MAUÉS, Flamarion, *Livros que tomam partido: edição e revolução em Portugal, 1968-80*. Lisboa, Parsifal/Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, 2019.
- MCKENZIE, D. F., *Bibliography and the Sociology of Texts*. London, The British Library, 1986.
- MEDEIROS, Nuno, “O objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição”: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP* 22.2 (2010), pp. 241-261.
- MOLLIER, Jean-Yves, “Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX” in Eliana Freitas DUTRA e Jean-Yves MOLLIER (orgs.). *Política, nação e edição. o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo, Annablume Editora, vol. 1, 2006, pp. 259-274.
- OMARI, Luan, *A questão do poder na luta antifascista de libertação nacional do povo albanês* [Relatório]. Lisboa, A Causa Operária, 1975.
- PEREIRA, José Pacheco, *As armas de papel: publicações periódicas clandestinas e do exílio ligadas a movimentos radicais de esquerda cultural política (1963-1974)*. Lisboa, Temas e Debates, 2013.
- , *O um dividiu-se em dois: origens e enquadramento internacional dos movimentos pró-chineses e albaneses nos países ocidentais e em Portugal (1960-65)*. Lisboa, Alêtheia Editores, 2008.
- RIBEIRO, Sérgio (coord.). *Pequeno Dicionário de Economia*. Vol. IV. Lisboa, Prelo, 1976.
- SIMONIN, Anne, *Les éditions de Minuit, 1942-1955. Le devoir d'insoumission*. Paris, I.M.E.C. Éditions, 1994.
- “Textos Marxistas”: *Spartacus – Revista dos Trabalhadores Portugueses* 1.2 (1974).
- VALLOTON, François, “Edition et militantisme: le catalogue de ‘La Cité: Editeur’ (1958-1967)”, in Léonard BURNAND, Damien CARRON e Pierre JEANNERET (orgs.), *Livre et militantisme. La Cité Editeur, 1958-1967*. Lausanne, Éditions d'en bas, 2007.

(Página deixada propositadamente em branco)

**AS MULHERES NÃO SABEM FAZER NADA?  
O ANTIFEMINISMO NA IMPRENSA PORTUGUESA  
(1885-1914)<sup>1</sup>**

**DO WOMEN NOT KNOW HOW TO DO ANYTHING?  
THE ANTIFEMINISM IN THE PORTUGUESE  
PRESS (1885-1914)**

*Gabriela Mota Marques*  
Museus de Aveiro  
mgabi\_marques@hotmail.com

**Resumo:** O distanciamento entre os paradigmas e as representações social e moralmente convencionadas para as mulheres e os seus comportamentos, atitudes e atributos tidos como transgressores da norma está na origem de ideias, de (pre)conceitos e de imagens nem sempre favoráveis sobre o «ser feminino», do mesmo modo que coloca em causa os papéis de género. É esse o território propício para o antifeminismo. Ultrapassando o sentido restrito do termo que o identifica como a oposição ao feminismo e às intenções de emancipação e de reivindicação de direitos, o antifeminismo engloba, também, as interpretações, os estereótipos e as tradições enraizadas sobre a natureza imperfeita e a inferioridade femininas. A imprensa, enquanto veículo privilegiado de difusão e de formação de conceitos e de opiniões, detém, na transição do século XIX para

---

<sup>1</sup> Este texto tem na sua origem a tese de doutoramento apresentada pela autora, em 2013, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulada *Demónios aperfeiçoados. O antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914)*.

o século XX, um papel central na questão, consubstanciando os discursos oficiais dos vários pilares que estruturam a sociedade portuguesa. A ênfase é colocada no registo humorístico, escrito e gráfico, explorando os significados diretos e implícitos que o riso e o objeto risível proporcionam e avaliando as tendências no que respeita aos assuntos tratados e aos agentes desses discursos.

**Palavras-chave:** antifeminismo, mulheres, género, imprensa periódica.

**Abstract:** The gap between the socially and morally conventional paradigms and representations of women and their behaviors, attitudes and attributes perceived as transgressing the norm is at the origin of ideas, (pre)conceptions and images that are not always favorable about 'being feminine', while also questioning gender roles. This is the privileged territory for anti-feminism. Going beyond the narrow meaning of the term, which identifies it as opposition to feminism and its intentions of emancipation and claiming rights, anti-feminism also encompasses interpretations, stereotypes and deeply rooted traditions about the imperfect nature and inferiority of women. The press, as a privileged vehicle for the dissemination and formation of concepts and opinions, played a central role in the transition from the 19th to the 20th century, embodying the official discourses of the various pillars that structured Portuguese society. Emphasis is placed on the humorous register, written and graphic, exploring the direct and implicit meanings that laughter and the laughable object provide and evaluating the trends regarding the subjects treated and the agents of those discourses.

**Keywords:** anti-feminism, women, gender, press.

## Introdução

“— As mulheres não sabem fazer nada? Não arremendam a roupa dos maridos? Não talham nem cosem os vestidos dos filhos? Não vão ellas mesmas embarrelar a roupa aos lavadouros? E poucas sabem cosinhar e manter uma casa economica e limpamente?

— Bem. Em vez de se subsidiarem por ahi escolas com secções de bordados a ouro, e bujigangas, annexem-lhes officinas de labor doméstico; tirem-lhes as prendas, e ponham em seu logar estas prosaicas noções de vida pobre”.

In *Pontos nos ii*, 17.07.1890, p. 226.

Será que as mulheres não sabem mesmo fazer nada como questiona o artigo da revista *Pontos nos ii*, em 1890? A pergunta enquadra-se numa argumentação orientada no sentido de mostrar o desvio às convenções sociais e a falta de uma educação feminina devidamente orientada para cumprir a missão que lhe foi confiada de esposa, mãe e dona de casa. Se, por um lado, se lança um olhar depreciativo sobre o universo feminino e o que move os seus interesses e a sua atuação, por outro, revela-se aquele que deve ser o papel da mulher na sociedade.

A imprensa periódica, de maior acesso se comparada com o livro e com um discurso fácil, contribui, indelevelmente, para a transmissão de mensagens e para formar imagens distintas das mulheres (e dos homens), as quais ganham maior importância quando atribuídas a personalidades reconhecidas e assumem outros sentidos quando retiradas do seu contexto original.

Não constituindo as atitudes antifemininas uma novidade, a maior visibilidade feminina que se vivencia entre os finais do século XIX e início do século XX, acompanhada pela crescente difusão

de ideias, de conhecimento e dos acontecimentos proporcionada pela imprensa, projeta o assunto para um patamar diferente do habitual, o que lhe confere um maior destaque.

O caráter mediático e a linguagem jornalística da imprensa globalizam as opiniões e difundem-nas dentro de grupos mais alargados de leitores, fazendo dos assuntos que, até então, tinham uma repercussão limitada no espaço e no tempo, temas de discussão geral, para além de darem voz a realidades pouco evidenciadas, contribuindo para a criação de uma consciência do todo social. A imprensa, entre ela, a de cariz humorístico é, assim, um instrumento de veiculação de ideias e uma fonte privilegiada para estudar o antifeminismo, no sentido em que contribui para a construção dos papéis de género e das representações «que visam a manutenção do *status quo*, ou seja, a inferioridade feminina».<sup>2</sup>

## 1. As dimensões e os sentidos do antifeminismo

A investigação histórica em torno do tema do antifeminismo tem-se centrado nas questões de reação ao feminismo, deixando para segundo plano uma análise sobre a mulher, enquanto ser social e parte de uma relação de géneros construída, segundo Gisela Bock, como uma rede complexa.<sup>3</sup> Christine Bard, por exemplo, ao explicitar o conceito de antifeminismo, refere que, em sentido restrito, ele expressa a oposição aos movimentos feministas e que, num sentido mais lato, expressa a hostilidade à emancipação feminina<sup>4</sup>, evidenciando que, em causa, está sempre um desejo de

---

2 Irene VAQUINHAS, “História das mulheres e de género em Portugal: horizontes temáticos e desafios atuais”: *Faces de Eva* (2019), p. 42

3 Gisela BOCK, “História, História das Mulheres, História do Género”: *Penélope: revista de história e ciências sociais* 4 (1989), p. 170.

4 Christine BARD (coord.), *Un siècle d'antiféminisme*. Paris, Fayard, 1999, p. 22.

conquista de novos espaços e lugares da mulher na sociedade e de uma melhoria na sua condição social.

Esta perspetiva afasta o antifeminismo das manifestações de crítica sobre os comportamentos femininos associados a aspetos tão banais como o quotidiano, a moda, a aparência, a condição física e perfil intelectual, ou a capacidade de sedução e persuasão face aos homens. Quando focados, estes são utilizados, essencialmente, para reforçar o perfil psicológico feminino num contexto de emancipação e de reivindicação de poderes que refletem uma hierarquização de género.<sup>5</sup> Contudo, a mesma Christine Bard reconhece a existência de uma dualidade de sentidos do conceito, que engloba as questões de emancipação e da forma de ser femininas, o que traduz, no seu entender, dois níveis de antifeminismo: por um lado, o explícito e, por outro, o ordinário ou vulgar «qui doit sa banalité à l'ancienneté des préjugés hostiles aux femmes (voir les dictons populaires) et à son médium privilégié: l'humour, la blague, la caricature, le comique».<sup>6</sup> Para Ana Vicente, este segundo nível configura um antifeminismo passivo e secundário.<sup>7</sup>

A centralização dos discursos e da produção historiográfica acerca da mulher na condição feminina e nos combates feministas, «em detrimento da problematização das relações entre homens e mulheres no processo histórico»,<sup>8</sup> vem reforçar esta disposição para se interpretar o antifeminismo num sentido restrito. Essa tendência direciona a investigação numa ótica da *História das*

---

5 Françoise THÉBAUD, “Genre et Histoire”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 197.

6 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

7 Ana VICENTE, “Antifeminismo”, in António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.

8 Irene VAQUINHAS, “Mulheres, economia e sociedade em Portugal na segunda metade do século XIX (1850-1900)”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES, (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 230.

*Mulheres* e não tanto da *História do Gênero*, muito embora, como reconhece Françoise Thébaud, tal orientação comporte o risco de se isolar a mulher como sujeito histórico<sup>9</sup> e não entendido num universo de relações e de interações, que constroem a sua existência e definem a sua representação social. A relação homem-mulher deve, pois, constituir o cerne da questão.<sup>10</sup>

Analisar o antifeminismo é, portanto, estudar o universo das relações entre o homem e a mulher, isto é, as relações de poder,<sup>11</sup> tendo em conta que as questões da feminilidade e da masculinidade se entrecruzam com as diretrizes sociais do momento. É, assim, um estudo que se integra no campo da história do gênero, mais do que no da história das mulheres, porque o objeto de análise deve ser avaliado numa perspectiva não meramente do feminino, da sua imagem e concepção teórica, mas sim sob o ponto de vista da sua identidade e da relação com o universo masculino, considerando os padrões predefinidos da sociedade, da tradição e da mentalidade. No fundo, analisar o antifeminismo é estudar a reação a determinados comportamentos femininos por parte dos dois sexos, uma vez que as atitudes antifeministas não podem ser, apenas, imputadas ao homem. Também a mulher demonstra reações negativas para com as suas congêneres, perpetua a ordem instituída e condena os desvios à norma. Também ela é profundamente crítica face às mulheres, ainda que a expressividade desta realidade na imprensa seja, ainda, pouco evidente na transição do século XIX para o século XX.<sup>12</sup> Advém-lhe essa quota-parte de responsabilidade e de participação no antifeminismo tanto no seu papel central na estrutura familiar, como transmissora privilegiada de valores, de tradições e de regras,

---

9 F. THÉBAUD, op. cit., p. 195.

10 Michelle PERROT, *Uma história das mulheres*. Porto, Edições ASA, 2007, p. 163.

11 Laura Lee DOWNS, *Writing gender history*. London, Hodder Arnold, 2004, p. 93.

12 A maior representatividade de articulistas e jornalistas masculinos no período em questão ajuda a compreender o motivo pelo qual se atribui ao homem um papel, quase exclusivo, na crítica antifeminina



como no seu espírito reivindicativo e desejoso de mudança de paradigma.

A atitude antifeminista por partes das mulheres pressupõe, de certo modo, uma perda das próprias características femininas e uma interiorização de uma figura dominante masculina, entendida como o arquétipo de conduta e reflexo de um padrão androcêntrico de valores que corroboram as normas instituídas.

Nesta oposição e crítica ao universo feminino, tanto os homens como as mulheres têm, por isso, um papel ativo. Como refere Valerie Sanders, o/a antifeminista define-se «as a person hostile to specific items in women's rights campaigns»<sup>13</sup> e, nessa perspetiva, há que incluir todas as mulheres para quem os papéis de género tradicionalmente definidos eram consentâneos com a sua forma de vida e inquestionáveis num quadro dominante dos valores masculinos. Exemplifica-o Elisabeth Wolstenholmes Elmy (1834-1918), defensora da igualdade de ensino e do direito de voto, mas para quem a maternidade constituía «the essence of femininity» e, portanto, «the highest function of a woman».<sup>14</sup> Numa personificação mais extremista do antifeminismo no feminino, Christine Bard referencia as mulheres que expressam desconforto face às suas congéneres como «les masculinettes» ou mulheres antifeministas<sup>15</sup>, que, na sua perspetiva, se aproximam de uma vertente andrógina do ser feminino.

A oposição a determinadas atitudes femininas não vem, portanto, apenas de fora.<sup>16</sup> Aliás, as próprias feministas são um dos agentes da ação em prol ou contra as mulheres. Criticam duramente

---

13 Tamara WAGNER, *Antifeminism and the Victorian novel: rereading nineteenth-century women writers*. New York, Cambria Press, 2009, pp. 4-5.

14 Martine FARAUT, "Women resisting the vote: a case of anti-feminism": *Women's History Review* 12.4 (2003), pp. 605-621.

15 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

16 António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009, p. 24.

aquelas que conservam uma atitude passiva ou cuja existência, no seu entender, se pauta por valores secundários e futilidades, isto é, as mulheres para quem o universo se desenvolve em torno da vida social e da aparência, bem como aquelas que, assumindo-se como feministas, o fazem num sentido e com objetivos distintos, como sucede relativamente à maternidade, sobre a qual «cada militante tem a sua própria concepção».<sup>17</sup> Por este facto, como refere Christinne Bard,

(...) Plus paradoxales à première vue, des féministes expriment parfois un certain antiféminisme et même une certaine misogynie: antiféminisme, parce qu'elles peuvent critiquer les orientations du féminisme dominant de leur temps; misogynie, dans le sens où elles tiennent à se dissocier d'un genre féminin qu'elles contestent et à se distinguer de la masse des femmes victimes de leur aliénation.<sup>18</sup>

Corroboram esta noção as palavras de Florence Rochefort, para quem «les frontières ne sont, en effet, pas toujours si claires entre antiféminisme et féminisme».<sup>19</sup>

A própria discussão em torno da diferença entre sexos leva a que a misoginia seja entendida e confundida com o antifeminismo. Historiadoras, como Annelise Mauge e Christine Bard, veiculam a proeminência da misoginia como uma das imagens de referência nos finais da centúria de Oitocentos, estabelecendo, de certa forma, uma associação entre os dois conceitos, considerando que ambos refletem discursos negativos em torno das mulheres e da sua atuação. No entanto, como refere Florence Rochefort, «(...) le antiféminisme

---

17 Anne COVA, “Feminismos e maternidade entre as duas guerras em França. As ambiguidades e as divergências das feministas do passado”: *Faces de Eva* 3 (2000), p. 35.

18 C. BARD (coord.), op. cit., p. 24.

19 Florence ROCHEFORT, “L’antiféminisme: un nouveau champ de recherche”: *Vingtième Siècle. Revue d’histoire* 57 (1998), pp. 146-147.

se nourrit souvent de misogynie mais il désigne plus explicitement l'opposition au féminisme et à toute idée d'égalité des sexes». <sup>20</sup> Na perspectiva desta autora, o antifeminismo tem um âmbito específico que corresponde às atitudes e ideias misóginas que se prendem com a contestação e oposição ao feminismo, evidenciando, uma vez mais, um entendimento do conceito no seu sentido restrito.

O termo antifeminismo pode, então, surgir associado e a par com a ideia de misoginia atribuída àqueles que não gostam das mulheres, <sup>21</sup> que menosprezam a sua forma de ser ou de agir, como sucede em relação às feministas, ou que as consideram as causadoras dos males do mundo. Mais do que a proximidade do conceito, segundo Michelle Perrot, o antifeminismo utiliza os recursos e as representações da misoginia. <sup>22</sup> Maria Bernardete Flores, por seu lado, considera que o antifeminismo se revela mais racional e articulado que a misoginia, <sup>23</sup> que mescla valores e atitudes com um maior extremismo, os quais se prendem com inseguranças relativas à desejada dominação masculina e com o desconhecido que representa o universo feminino, o qual é definido por Paula Morão como o «enigmático continente negro, inibidor e ameaçador». <sup>24</sup>

No extremo, a reação antifeminina, a par com a misoginia, entendida por Christine Bard como o ódio e desprezo das mulheres, <sup>25</sup> pode, ainda, aproximar-se da noção de medo e de uma reação patológica contra a mulher que se encontra na ginecofobia. <sup>26</sup>

---

20 F. ROCHEFORT, op. cit., p. 146.

21 C. BARD (coord.), op. cit., p. 20.

22 Michelle PERROT, *Les femmes ou les silences de L'Histoire*. Paris, Flammarion, 1998, p. 8.

23 Maria Bernardete FLORES, "O pensamento antifeminista. A querela dos sexos": *Faces de Eva* 14 (2005), p. 52.

24 Paula MORÃO, *Salomé e outros mitos. O feminino perverso em poetas portuguesas entre o Fim-de-Século e Orpheu*. Lisboa, Edições Cosmos, 2001, p. 47.

25 C. BARD (coord.), op. cit., p. 21

26 C. BARD (coord.), op. cit., p. 22. Este conceito tem correspondência, no que concerne ao universo masculino, ao conceito de androfobia que se associa ao receio

José Franco identifica-a como uma «mentalidade femininofóbica» ao referir-se à posição dos pregadores contemporâneos do Padre António Vieira, no século XVII, sobre as mulheres.<sup>27</sup>

Ainda que sejam próximos, todos estes conceitos representam manifestações distintas que devem ser bem destrinçadas, sob pena de um entendimento incorreto da sua natureza e repercussão. Geram-se, assim, diversos níveis de oposição que se traduzem, também, em formas diferentes de ação e de expressão. Da simples maledicência com contornos humorísticos e satíricos expressos por palavras e imagens, passando pelos artigos de opinião, os debates e os discursos institucionais e de impacto comportamental e cultural, várias são as facetas do antifeminismo que a imprensa espelha.

As interpretações da crítica e de perceção do universo feminino, tanto pelas atitudes como pelas características que a mulher pode assumir e que lhe são atribuídas, induzem, ainda, a uma leitura no âmbito dos estereótipos de género. Aliás, como afirma Michael Pickering, o tema «mulher», a par com outros centrados em etnias e raças, é um dos que gera estereótipos que mais perduram no tempo e sofrem mutações,<sup>28</sup> refletindo resistência, estabilidade e reprodutibilidade.<sup>29</sup>

Não obstante, há que estabelecer uma divisão entre os estereótipos de género<sup>30</sup> utilizados num sentido satírico, centrados

---

sobre os homens, um termo que, segundo Christine Bard, se deve a Maurice Duron, em 1967, aquando da difusão de uma nova vaga do feminismo.

27 José Eduardo FRANCO, “O mito da mulher em Vieira. Teologia, representação e profecia”, in Zília Osório de CASTRO e João ESTEVES (dirs.) *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 54.

28 Michael PICKERING, “The inescapably social concept of stereotyping”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, p. 22.

29 Luís Machado de ABREU, “Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 71.

30 Fátima Rezende MATIAS, “Estereótipos de género no imaginário infantil: a escolha de profissão”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 119.

nos traços de género e reproduzidos em forma de pequenos textos e imagens expressivas de representações sociais, e os que são instrumento de discursos institucionais e normativos, como os que são veiculados pela Igreja e pela Ciência e que funcionam como fortes instrumentos ideológicos.<sup>31</sup> Estes últimos inscrevem-se no âmbito dos estereótipos de papéis de género, uma vez que assentam nas funções e missões atribuídas aos homens e às mulheres na sociedade.<sup>32</sup> No fundo, estes estereótipos de papéis de género coincidem com as normas e os modelos aceites e instituídos.

O grande poder do estereótipo reside no facto de transformar uma ideia ou um conceito, baseados num saber simplista e empírico, numa força que pode acabar por consubstanciar ou por originar alterações políticas e ideológicas<sup>33</sup> resultantes da sua aceção como «crença excessiva»<sup>34</sup> e como fruto da necessidade de ordem e de controlo social.<sup>35</sup> Esta necessidade de ordem e de controlo que se associa à difusão dos estereótipos explicará a multiplicação do seu uso em momentos de crise e de mudanças profundas.<sup>36</sup> É esse, precisamente, o ambiente vivenciado na transição do século XIX para o século XX e que permite compreender melhor as atitudes e as manifestações antifeministas que se registam.

O desenvolvimento da ciência e a crença desmedida na perfeição e numa verdade absoluta com fundamento positivista, que se vive na época, junta-se a este leque de fatores, gerando um contexto de análise privilegiado. Acresce-lhe um paulatino sentido de patriotismo e de nacionalismo associados a um ambiente belicista,

---

31 M. PICKERING, op. cit., pp. 22-23.

32 F. R. MATIAS, op. cit., p. 119.

33 M. PICKERING, op. cit., p. 23.

34 L. M. ABREU, “Os estereótipos na prática discursiva...”, op. cit., p. 72.

35 M. PICKERING, op. cit., p. 23.

36 Christine VOGEL, “Des Stéréotypes religieux à la pensée conspirationniste – l'exemple des jésuites”, in Anthony BARKER (coord.), op. cit., p. 51.

que recrudescer até ao eclodir da Grande Guerra, o que contribuiu para reafirmar a figura e o género masculinos como a referência.<sup>37</sup> Este reforço da masculinidade é entendido como a reacção a uma ameaça real que se traduz na visibilidade crescente do ser feminino e que leva Annelise Maugue a abordar a questão no sentido da «nova Eva e o velho Adão».<sup>38</sup> A este contexto, não é alheia a difusão da leitura, fruto da maior literacia da população<sup>39</sup> e da disseminação dos títulos de imprensa e das obras impressas.<sup>40</sup>

## 2. 1885-1914 — Trinta anos de ideias antifeministas na imprensa: metodologia e linhas de investigação

O século XIX é «indiscutivelmente o “século dos periódicos”»,<sup>41</sup> motivo que se deve à proliferação de títulos, dispersos entre os grandes centros urbanos e as localidades de província.<sup>42</sup>

---

37 Paul PASTEUR, “Le sémur, la semence et le fidèle combattant de l’avenir ou la masculinité dans la social-démocratie autrichienne (1888-1934)”: *Le Mouvement Social* 198 (2000), p. 38.

38 Annelise MAUGUE, “A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise”, in George DUBY e Michelle PERROT (dir.), *História das mulheres: o século XIX*, vol. 4. Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp. 581-601.

39 Tendo em conta a estrutura social definida e apesar da crescente escolaridade feminina, o seu conhecimento funcionava como complemento da autoridade intelectual masculina do qual as mulheres eram colaboradoras. In Anne EPSTEIN, “Gender and the rise of the female expert during the Belle Époque”: *Histoire@Politique. Politique, culture, société* 14 (2011), pp. 84-96.

40 Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual”, in José MATTOSO (dir.) e Rui RAMOS (coord.), *História de Portugal. A Segunda Fundação*, vol. 6. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 43.

41 Luís Reis TORGAL e Isabel VARGUES, “Produção e reprodução cultural”, in José MATTOSO (dir.), Luís Reis TORGAL e João ROQUE (coords.), *História de Portugal, O Liberalismo*, vol. 5. Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 685-696.

42 Apesar de existirem títulos editados anteriormente, entre os quais alguns destinados especificamente à mulher, como a *Gazeta das damas*, de 1822, a imprensa periódica ganha maior projecção na segunda metade do século XIX, incluindo nos meios rurais, o que, segundo Irene Vaquinhas, se compreende num «processo de modernização da sociedade portuguesa». In Irene VAQUINHAS, *Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo. As mulheres portuguesas sob o olhar da História (séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 85. Rui Ramos reforça esta noção ao referenciar o crescente número de jornais e revistas, contabilizando cerca de 416 títulos, em 1900, e 543 títulos, em 1910. Entre estes, cerca de 42%

A liberdade de imprensa proporcionada pelo Liberalismo, a par com o desenvolvimento técnico e tecnológico da era industrial, que permite a reprodução dos jornais e revistas com maior qualidade, em maior número e que mais rapidamente chegam a um público alargado, são dois grandes fatores impulsionadores dessa realidade. Apesar de apresentar valores ainda bastante limitados, no início do século XX,<sup>43</sup> refere-se, também, a paulatina escolaridade da população, que garante o progressivo número de leitores e de recetores da informação. Concomitantemente, assiste-se ao desenvolvimento de uma cultura de matriz urbana, mais informada. Por estes factos, Rui Ramos designa a imprensa como «o quinto poder do estado»,<sup>44</sup> considerando o seu papel relevante na circulação e na veiculação de ideias, que tanto consolidam a norma e os preceitos estabelecidos, como promovem as mutações sociais.

Neste contexto, um tema com um forte cunho e impacto social como é o do antifeminismo e das ideias antifemininas repercute-se nos atos e nos registos da atuação da sociedade que a imprensa faz transparecer nas suas páginas. Como refere Marie-Ève Thérénty, a imprensa faz circular as representações dos géneros e, simultaneamente, contribui para a construção da diferença entre estes,<sup>45</sup> motivo que reforça a sua relevância no estudo do antifeminismo.

---

das edições encontrava-se em Lisboa e Porto. In Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual...”, op. cit., p. 48.

<sup>43</sup> Os índices de literacia, ainda que crescentes, concentram-se nos centros urbanos e associam-se à burguesia. Não obstante, como refere Rui Cascão, em 1878, a percentagem de iletrados ascendia a, aproximadamente, 80% da população, percentagem que pouco se altera nos alvares do século XX. Veja-se Rui CASCÃO, “O quadro doméstico: «em família». Em casa. O quotidiano familiar”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, *Temas e debates | Círculo de Leitores*, 2011, p. 228.

<sup>44</sup> Rui RAMOS, “O Fim do século. A nação intelectual...”, op. cit., p. 52.

<sup>45</sup> Marie-Ève THÉRENTY, “Pour une histoire genrée des médias”: *Pathologies sociales de la communication* 15 (2009), pp. 247-249.

Perante um elevado número de títulos disponíveis, a primeira questão passou pela seleção dos exemplares a consultar. A opção recaiu sobre os periódicos cuja filosofia se prende com assuntos de cariz social, bem como os de natureza científica e, ainda, os de carácter político, uma vez que em todos se abordam o tema da mulher e das questões em torno do género feminino. Acrescenta-se a este cenário a imprensa feminina cujos assuntos projetam as próprias imagens das mulheres. Deste modo, procurou-se que a panóplia de títulos de imprensa representasse os diferentes discursos que moldam a sociedade desde o limiar do século XIX ao século XX. À imprensa de cunho «sério» associaram-se os periódicos humorísticos, cuja natureza e forma de abordar os temas femininos constituíram parte relevante da investigação, mostrando a importância do riso como instrumento de difusão e de controlo social e, na perspetiva de Bourdieu, como expressão de uma violência simbólica.<sup>46</sup>

Atendendo a esta aceção, o universo de artigos consultados, num total de 1154, divide-se entre os de cariz humorístico e as notícias, os comentários, os artigos de opinião e as narrativas. Entre os registos satíricos encontram-se escritos e caricaturas num total de 582 artigos. As notícias, artigos de opinião e narrativas representam 522 registos.

De salientar que os artigos tratados numa perspetiva humorística não provêm, unicamente, das publicações com uma natureza editorial satírica, encontrando-se, também, referências nos periódicos de cariz social, feminino, político ou artístico. Da mesma forma, as publicações humorísticas abordam nas suas páginas assuntos da feminilidade num discurso que tem na sua origem as preocupações com a condição feminina. Por esse facto, o maior volume de artigos analisados resulta destas publicações, as quais contabilizam cerca de 635 artigos.

---

<sup>46</sup> Irene VAQUINHAS, “História das mulheres...”, op. cit., p. 42.



Em segundo lugar, surge a imprensa de cariz social com 223 artigos e, em terceiro, os periódicos de cunho político com 141 artigos. A imprensa feminina ocupa a posição seguinte com cerca de 77 artigos, após a qual surgem os periódicos de ciência e arte com 52 artigos e, por fim, as publicações de índole religiosa com 26 artigos.

Com o intuito de aferir melhor a representatividade dos assuntos e de avaliar a sua expressão ao longo das três décadas, a informação foi agrupada em períodos de cinco anos permitindo, desta forma, verificar a persistência ou a mutação das temáticas abordadas e dos assuntos que, em cada momento, despertam maior interesse à imprensa. Uma análise quinquenal permite, também, criar maior equilíbrio entre o volume de informação recolhida e a coerência de análise, uma vez que a quantidade de artigos, por ano, é bastante distinta.

Paralelamente à estruturação da imprensa em áreas temáticas, de acordo com os seus conteúdos e a filosofia das publicações, procedeu-se a uma organização dos assuntos quanto à sua natureza, dando origem a quatro grupos: assuntos sobre a condição e vida feminina, humorismo, caricatura e vida masculina.

A diversidade e a riqueza dos conteúdos dos artigos consultados conduziram, ainda, à sua estruturação de acordo com o assunto abordado. Assim, para além da sua ordenação quanto à natureza das publicações e às formas de expressão da sua crítica ao universo da feminilidade, estabeleceu-se um conjunto de parâmetros que permitem representar as diferentes vertentes dessa mesma crítica e aos quais se associam termos e adjetivos caracterizadores da mulher, tendo por elemento de comparação o modelo do ideal feminino:<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> No cômputo geral, todas as facetas criticáveis têm na sua essência e como referência a imagem da mulher ideal, que deve ser meiga e inocente, recatada e

**Atitude e comportamento** — Contrariamente à imagem da mulher desejável e de comportamento exemplar, a maioria do gênero feminino revela-se muito diferente nas suas atitudes e comportamentos, gerando motivos para ser criticada e apontada como forma de alerta e, simultaneamente, como estratégia para garantir a manutenção da ordem social. Entre os adjetivos que consubstanciam esta realidade destacam-se: ambiciosa, atrevida, controladora, destemida, emancipada, fútil, infiel e imoral, insubmissa, má e pérfida, materialista, calculista e interesseira, pretensiosa, provocadora, sedutora, teimosa, marimacho e virago.

**Atributos psicológicos e qualidades morais** — Os princípios que definem e condicionam o ser e a atuação feminina expressam a sua essência frágil e imperfeita. Neste sentido, são realçados os adjetivos utilizados para caracterizar a forma de ser feminina e a sua personalidade, bem como para identificar a ausência de princípios e os desvios registados, dando corpo a atitudes reprimíveis e reprováveis na mulher: dissimulada, emotiva e sensorial, de fraca inteligência e inocente, fútil, maquiavélica e má, pretensiosa, teimosa ou sábia.

**Atributos físicos e aparência** — O corpo feminino é um dos motivos principais da crítica. O determinismo biológico estabelece, por um lado, a sua natureza imperfeita e, por outro, concede à mulher uma arma que ela usa para conquistar os seus objetivos. Assim se compreende o interesse e o investimento feito na aparência para seduzir o marido ideal e rivalizar com as suas congéneres, levando aos exageros. O elevado número de artigos sobre a temática, correspondendo a 15,68% do total dos artigos consultados, traduz essa preocupação feminina com a constituição física (magra, gorda,

---

atenciosa, delicada e prendada, com elevado espírito maternal e intensamente devotada à família, para além de submissa ao esposo ou pai.

tísica, alta, baixa, robusta e frágil), a idade (nova e velha) e os pormenores do corpo (cabelos, boca, rosto, cores da face, nádegas).

**Funções e trabalho feminino** — As funções inerentes à mulher como dona de casa, esposa e mãe, com um papel importante na educação e formação dos filhos, são as primeiras a desencadear reações e críticas quando não são cumpridas de acordo com as normas estabelecidas. No entanto, além destas, é crescente a referência a outras funções que associam a mulher a novos papéis e que pressupõem uma vida fora da esfera privada e doméstica. Se no campo e nos grupos sociais menos favorecidos é natural a mulher trabalhar como mão-de-obra que contribui para o rendimento familiar, no espaço urbano e burguês, o aparecimento de médicas, de advogadas e de professoras desencadeia comentários e contestação. As religiosas são um outro alvo privilegiado de comentário, tendo em conta o ambiente anticlerical que marca o início do século XX.

As funções e profissões femininas que merecem um maior interesse da imprensa e que são motivo dos comentários são: artista (artes de palco e artes plásticas), camponesa, criada de servir e dona de casa, beata e burguesa, bombeira, médica e advogada.

**Feminismo e emancipação feminina** — O crescimento do movimento feminista português, na primeira década de 1900, apoiado pela difusão das ideias republicanas, vem dar maior expressão à crítica dirigida às suas seguidoras e ativistas, como Adelaide Cabete, Ana de Castro Osório ou Carolina Beatriz Ângelo. Porém, ainda que os exemplos principais da crítica feita aos desejos de igualdade de oportunidades e da promoção da instrução feminina se concentrem nos inícios de Novecentos, as ideias de emancipação feminina surgem, pontualmente, já na década de 1890.

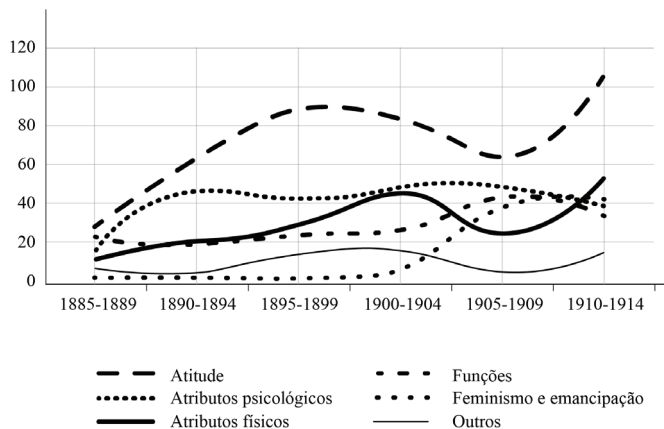
Os comentários que se prendem com esta temática concentram-se nos receios perante as atitudes assumidas pelas

mulheres, entendidas como transgressoras e de afronta à ordem social. Em causa estão assuntos como o ativismo político, a educação feminina, a emancipação, a reivindicação da igualdade de direitos e a insubmissão, a que se associa o receio da inversão de papéis e, em última instância, o temor da masculinização feminina, ou seja, do universo das mulheres-homem, das virago, e o surgimento de um terceiro sexo, andrógino.

**Outros** — As formas de diversão e de lazer constituem meios importantes para criticar atitudes e comportamentos femininos. Lugares, hábitos sociais, tendências da moda, questões políticas e de índole religiosa que se refletem na mulher e que não correspondem aos anteriores parâmetros são integradas neste item.

Em termos globais, a evolução dos assuntos femininos, segundo os parâmetros de análise, traduz-se no seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Evolução e expressividade dos parâmetros de artigos de imprensa sobre o género feminino (1885-1914)



Fonte | Imprensa portuguesa (1885-1914)

### 3. Os temas femininos na imprensa portuguesa

A crescente literacia feminina e o desejo de adequar os discursos e assuntos às verdadeiras necessidades e interesses femininos justificam a divulgação de jornais e de revistas centrados na mulher. O facto de contar com diretoras e articulistas dá-lhe um cunho mais aceitável e credível para a leitora, que se revê nas palavras e nas ideias que se veiculam.<sup>48</sup> Como refere Maria Alice Guimarães, «os conteúdos dominantes vão, em princípio, ao encontro dos interesses das mulheres, o que, desde logo, distingue esta imprensa das suas congéneres».<sup>49</sup>

O jornalismo feminino, como afirma Irene Vaquinhas, revelou «um desenvolvimento significativo a partir de 1850, não obstante restringir-se a temáticas femininas e feministas»,<sup>50</sup> uma vez que «escrever num jornal era identificado como um ato transgressor, viril, e uma usurpação de uma atividade exercida, desde tempos longínquos, pelos homens, dado o poder da palavra pública ser considerado uma prerrogativa masculina».<sup>51</sup> Essa condição levava muitas das jornalistas a optar por um pseudónimo ou a assinar os seus artigos com uma inicial ou um anagrama, de forma a dissimular a sua identificação.

Ainda que possam ser distintas as filosofias editoriais da imprensa feminina que contribuam para a afirmação de novas funções e papéis

---

48 Seguindo a perspetiva de Maria Alice Guimarães, a imprensa feminina é «toda a imprensa que se publica com regularidade (mensal, semanal...) e que é, predominantemente escrita por mulheres, sendo também estas o seu principal destinatário.», in Maria Alice Pinto GUIMARÃES, *Saberes, modas e pó de arroz*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, p. 10.

49 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 10.

50 Como refere Irene Vaquinhas, os costumes e as normas sociais impediam as mulheres de seguir a área do jornalismo de reportagem ou «de rua», «sob pena de caírem no ridículo ou de serem conotadas com o mundo da prostituição», in I. VAQUINHAS, «Mulheres, economia e sociedade...», op. cit., p. 226.

51 I. VAQUINHAS, «Mulheres, economia e sociedade...», op. cit., p. 227.

da mulher ou que se identifiquem como uma «imprensa militante»,<sup>52</sup> como sucede em *A Mulher livre* (1912) e *Alma Feminina* (1907-1908), é constante o realce dado à missão maternal e doméstica, sendo frequentes os artigos sobre economia doméstica, a educação dos filhos e o modo de se relacionar com o esposo. Desta realidade são exemplos os periódicos *Jornal das Damas* (1894), o *Jornal das Senhoras* (1896) e o *Jornal da Mulher* (1910).

Muito embora grande parte da imprensa feminina (e da imprensa no geral), possa ser apolítica, e não militante, ela não poderá ser considerada «não-ideológica», uma vez que transmite sempre uma mensagem que representa «uma ideologia ou melhor, um sistema de ideias/opiniões que tem na base um determinado sistema de valores e que, em última instância, pretende determinar, ou pelo menos influenciar, as atitudes e comportamentos dos leitores».<sup>53</sup>

No período finissecular, a função influenciadora da imprensa feminina, para além de veicular comportamentos apropriados à mulher ou de defender os seus direitos, como sucede nas publicações com um cunho feminista, procura desmistificar algumas imagens que se difundem sobre a mulher e que a entendem como um ser que se viriliza e age de forma contranatura, num sinal da decadência dos tempos modernos, passando «d'une féminité sur la défensive à une féminité plus affirmative».<sup>54</sup>

A imprensa de cariz social, vocacionada para dar a conhecer os assuntos que lideram o momento em termos sociais, aborda os temas femininos, em grande parte, a partir dos conselhos de beleza, dos apontamentos da vida social e elegante e das tendências da moda. São comuns, também, as respostas a solicitações das leitoras

---

52 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 11.

53 M. A. P. GUIMARÃES, op. cit., p. 13.

54 Pinson citado por M-E. THÉRENTY, “Pour une histoire ...”, op. cit., p. 251.

que procuram conselhos sentimentais e de cuidados estéticos. Não obstante, é frequente encontrar nas suas páginas artigos que reforçam a missão feminina votada ao lar e à família ou que revelam a faceta artística de algumas personalidades e que questionam as novas funções femininas, bem como a sua educação. Congregando uma tão grande diversidade de assuntos, a imprensa de cariz social contribui para potenciar os diferentes papéis femininos.<sup>55</sup> A revista *Ilustração Portuguesa* é um desses exemplos, reunindo artigos sobre diferentes vertentes femininas que abordam tanto assuntos relacionados com as criadas de servir, como com a postura das meninas<sup>56</sup> ou a nova profissão de telefonista.

Juntamente com as notícias sobre a vida feminina, também os folhetins e os contos exploram o universo das mulheres, funcionando como instrumentos de consolidação das normas sociais. Deste modo, reiterando os comportamentos aceitáveis, refutam-se aqueles que são julgados inapropriados e vistos como fugas à norma e que revelam uma conduta feminina distinta da socialmente instituída.

A imprensa científica e artística tem subjacente um cariz especializado e como objetivo primeiro a divulgação da ciência e de conhecimento ou dos movimentos artísticos. Todavia, através dos seus artigos é possível avaliar discursos inerentes às condutas sociais e aos papéis de género. A crescente importância da ciência na definição de normas sociais e no entendimento da própria organização social transparece em artigos que tratam questões de saúde e de bem-estar e que se prendem com a higiene entendida como um problema e uma causa pública e social. Reflete, ainda, a crescente relevância que o discurso dos cientistas, em particular dos médicos, detém na orientação da sociedade e no seu paulatino melhoramento e progresso, corroborando as diretrizes político-sociais. Nos finais

---

55 M-E. THÉRENTY, "Pour une histoire ...", op. cit., p. 253.

56 *Ilustração Portuguesa*, 10.12.1906, pp. 578-580.

do século XIX, a ciência procura ocupar o lugar que, até à data, pertencera à religião, ditando, segundo pressupostos positivistas, os comportamentos socialmente aceitáveis e os que são reprováveis e contribuindo para a crescente laicização do pensamento e das atitudes.

No que concerne às questões femininas na imprensa científica, assiste-se a um crescente número de artigos sobre cuidados puerperais e de saúde feminina. A mesma tendência se verifica no número de teses apresentadas, anualmente, à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e às escolas médico-cirúrgicas de Lisboa e do Porto, que têm como tema a mulher, em particular as dissertações associadas à maternidade e sobre as patologias ginecológicas resultantes dos comportamentos íntimos femininos.

Os artigos sobre arte são, também, um bom indicador sobre a perceção do lugar da mulher enquanto artista e criativa. Se a referência e o reconhecimento da qualidade artística feminina associada às artes de palco são um dado adquirido, realçando-se a grandeza de atrizes, dançarinas e instrumentistas, no que concerne à criação artística feminina, a situação é diferente.

A perceção da mulher como um ser reprodutor, tendo na origem a matriz biológica feminina, dificulta a sua identificação como produtora de arte com verdadeira qualidade técnica. O ato criador é um atributo masculino, pelo que à mulher se reserva a possibilidade de imitar, mas sem conseguir atingir a genialidade e a criatividade da verdadeira produção artística. São inúmeros os artigos sobre os trabalhos de senhoras em exposições, contudo, descritos como menores, como o resultado de uma atividade lúdica e como uma *prenda* feminina que se aprende no ateliê de um mestre afamado. Além dessa constatação, também as temáticas abordadas nas obras de arte produzidas pela mão das mulheres diferem das masculinas, centrando-se nas representações de temas florais e de ambientes domésticos (pintura de género), num reflexo daquela que é a existência feminina e o seu círculo de movimentação.



A imprensa com um cunho religioso transmite os princípios morais que conduzem à manutenção das normas e à harmonia social de acordo com os dogmas da Igreja, enquanto procura impedir que o domínio da razão invada e se sobreponha ao da revelação.<sup>57</sup> Por isso, os seus artigos apresentam um discurso com intuito moralizador e de reforço da ordem instituída, insistindo-se no papel de mãe e de esposa, que tem na Virgem Maria o arquétipo das qualidades morais da feminilidade.

Os exemplos edificantes e a recriminação dos comportamentos e das ideias que não são adequados à mulher constituem parte importante do discurso. No fundo, a Igreja procura reforçar o seu papel na definição da conduta social, revelando, em simultâneo, que o ser humano é predisposto a deixar-se tentar, pelo que a ação clerical funciona como um alerta para as consequências nefastas dos atos impróprios. Os artigos sobre a vida familiar e a educação dos filhos revelam os receios de fuga e provam, de certo modo, a crescente laicização das atitudes e dos comportamentos da sociedade.

O facto de a Igreja, no período em análise, ser um dos alvos privilegiados de crítica por vários setores da sociedade (de cariz republicano e anárquico, em especial) coloca-a numa posição difícil e exige maior vigor na sua atuação. Deste modo, reconhecendo na mulher a sua fiel seguidora e consciente de que ela é a grande educadora e formadora das gerações seguintes, além de conselheira do esposo, a Igreja procura exaltar as suas qualidades como forma de garantir o seu apoio e de reforçar a sua ação missionária no seio familiar e na própria sociedade laica.

---

57 Manuel Augusto RODRIGUES, “Prefácio”, in Jorge SEABRA, António Rafael AMARO e João Avelãs NUNES, *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*. Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 12-13.

Com uma forte atuação sobre a sociedade e com o intuito de consolidar ideais surge a imprensa de conteúdo político e ideológico. A conturbada situação política portuguesa, fomentada pelo constante digladiar entre monárquicos e republicanos, bem como pela disputa interpartidária, e os constantes escândalos e problemas financeiros nacionais alimentam um grande número de títulos que exploram as decisões governamentais internas e os factos e as repercussões da política externa sobre Portugal. É nesta imprensa especializada em questões económicas e políticas que se encontram registos quanto às mudanças de funções e dos papéis femininos. Mais do que o acesso à instrução, abordam-se as reivindicações femininas e o desempenho de novas profissões. Em regra, ainda que alguns títulos apontem no sentido de apoiar os novos papéis femininos, a imprensa especializada continua a veicular a missão doméstica e maternal da mulher como a sua primeira incumbência e forma de realização pessoal e na sociedade.

### **3.1. O poder da imprensa humorística**

A imprensa com cariz humorístico desempenha o importante papel de perscrutar a sociedade, abordando os assuntos que estão em destaque num determinado momento. Em tom jocoso, ou até de ironia, são divulgados temas sensíveis e focam-se personalidades, instituições e tipos sociais, revelando as suas fragilidades e contestando as suas formas de agir e as consequências dos seus atos. O poder da imprensa humorística é, deste modo, de grande relevância na sociedade pela sua capacidade de fazer rir e, por outro lado, de irritar e de espicaçar, desencadeando respostas. É o jogo entre o rir do outro e a capacidade de rir de si.

No período entre 1885 e 1914, o número de títulos de imprensa humorística é considerável,<sup>58</sup> centrando o seu discurso nos temas políticos, por um lado, e nas questões sociais e de mundanismo, por outro. Não obstante, verifica-se que a vigência de alguns desses títulos é efêmera, resumindo-se a poucas edições (menos de dez números) e nem sempre com uma periodicidade regular. Além disso, é frequente encontrar os mesmos articulistas, e sobretudo os caricaturistas, a colaborar e a publicar, simultaneamente, em vários periódicos. Exemplifica-o o caricaturista Joaquim Guerreiro (1886-1941) que, em 1911, publica em *A Sátira*, da qual foi diretor, e em *A Garra* (1911). Aliás, os caricaturistas constituem um grupo que detém um crescente poder social, fazendo chegar a sua mensagem de um modo que vai do subtil e alegre ao corrosivo e irónico e que funciona como aviso para assuntos estruturais, tornando-se numa voz ativa da contestação.

Apesar da tendência para as questões políticas de parte da imprensa humorística, é possível encontrar, entre os seus artigos, referências ao universo feminino e às transformações nos papéis de género. As atitudes, os atributos psicológicos femininos e as funções desempenhadas pela mulher são as principais questões abordadas nestes jornais. Porém, há que considerar que, não sendo a mulher um tema central dos jornais políticos, ela marca uma presença constante na caricatura enquanto símbolo e por analogia a conceitos como a *república* e a *monarquia*, a *justiça* e a *pátria*, as *finanças* e a *dívida pública* ou a *igreja*. Os atributos físicos e até as atitudes femininas são um recurso apropriado para representar, por exemplo, a decadência do regime monárquico, visível numa velha enrugada e seca, ou opulenta e

---

58 Como refere Michel Winock, a Belle Époque é também «la grande période des humoristes», in Michel WINOCK, *La Belle Époque: la France de 1900 à 1914*. (S.l.), Perrin, 2003, p. 311.

obesa, por oposição ao vigor de uma república incarnada numa jovem, em regra, de peitos fartos e formas generosas.

Face à riqueza da informação contida na imprensa humorística, em especial pelo facto de conciliar mensagem escrita com a mensagem gráfica, esta assume um papel central da abordagem do antifeminismo e das atitudes antifemininas. Contudo, uma interpretação dos assuntos femininos numa perspetiva do riso e da sátira não se restringe à imprensa humorística, antes se estende às restantes tipologias de jornais e revistas. Assuntos como a educação e o casamento, ou a maternidade, o adultério e a saúde ressaltam, em jeito de crítica, das pequenas citações proferidas por figuras conhecidas, das piadas, das anedotas e das caricaturas, tal como surgem nos artigos de fundo, nos contos, nas crónicas e folhetins, fazendo da mulher uma personagem constante na imprensa. Aliás, mesmo quando os intervenientes nas narrativas são homens, o assunto anda frequentemente em torno do género feminino. A exceção vai para os temas da política e de determinados problemas sociais, como o alcoolismo, o jogo e o crime, ou sobre o mundo dos negócios e das fraudes comerciais e financeiras, os quais se centram na atuação do género masculino, sobre as «pestes» do homem.<sup>59</sup>

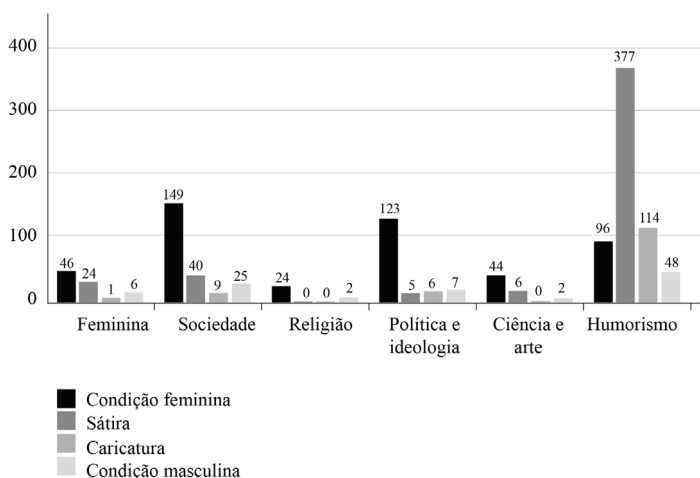
#### **4. A representatividade e a expressão do antifeminismo na imprensa portuguesa: alguns exemplos**

A aferição das manifestações antifemininas na imprensa, tendo como referência as diferentes fontes consultadas, resulta, como é visível no gráfico seguinte, numa preponderância dos artigos provenientes das publicações humorísticas ou cujos conteúdos femininos são abordados numa perspetiva satírica.

---

<sup>59</sup> *A Carantonba*, 26.08.1899, p. 4, e 02.09.1899, p. 4.

Gráfico 2 - Artigos de imprensa por tipologia de assunto



Fonte | Imprensa portuguesa (1885-1914)

A leitura do gráfico permite verificar que a imprensa com cariz religioso concentra as suas abordagens dos temas femininos e da relação entre os géneros num discurso moralizador, não tendo sido identificados artigos de conteúdo humorístico. Nos periódicos *O Amigo da religião* (1907-1908), *Mensageiro de Maria* (1907-1909) e *Leituras Christãs* (1914), por exemplo, os assuntos remetem para os comportamentos desejáveis e para a condenação dos desvios, vistos como problemas a evitar, com o intuito de perpetuar a coesão e a força da estrutura familiar.

A promulgação do dogma da Imaculada Conceição, em 1854, e as seguintes manifestações religiosas, como a realização de congressos internacionais, bem como a divulgação de celebrações marianas, na segunda metade do século XIX, reforçaram esta tendência para utilizar a figura da Virgem Maria como o paradigma feminino e familiar.<sup>60</sup>

<sup>60</sup> Segundo Alberto Pimentel, a devoção do mês de Maria torna-se conhecida no século XIX «quando a Igreja a indulgenciou», após a definição do Dogma da

A imprensa religiosa, a de cariz científico e a vocacionada para as artes, revelam um maior interesse pela mulher em artigos de opinião e de divulgação científica, como forma para justificar a sua subalternidade e inferioridade face ao homem. Através do pressuposto biológico define-se o lugar de cada género na sociedade e estabelecem-se as suas capacidades e limitações. Esta ideia da diferença e da inferioridade feminina face ao homem resultante do determinismo biológico está bem vincada na sociedade, como o demonstra o conjunto de respostas dadas ao plebiscito lançado pelo Jornal *A Chacota* sobre «— Qual a diferença que há, / Entre o homem e a mulher?». <sup>61</sup> Segundo os nove leitores que responderam ao desafio, a distinção resume-se à diferença entre os órgãos sexuais feminino e masculino, não sendo feita qualquer alusão às qualidades intelectuais de cada um dos géneros. <sup>62</sup>

No que concerne à imprensa de cariz político e ideológico, em especial no que se refere à realidade da vida feminina, o elevado número de informação é explicado pela série de artigos de opinião publicados no jornal *Povo de Aveiro*, entre 1908 e 1909. Versam esses artigos sobre a questão da educação feminina e do desenvolvimento do feminismo em Portugal, num reflexo do que sucede no estrangeiro. A educação feminina e o crescente desenvolvimento das ideias e dos movimentos feministas, temas pouco expressivos até à entrada do século XX, tornam-se frequentes nos finais da década de 1900, o que se ficará a dever à criação da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesa*, em 1909, e à ação de grupos femininos em prol da implantação de um regime republicano.

---

Imaculada Conceição (1854). In Alberto PIMENTEL, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Guimarães, Libanio & C.ia, 1900, pp. 364-368.

<sup>61</sup> *A Chacota*, 10.05.1900, p. 2.

<sup>62</sup> *A Chacota*, 10.05.1900, p. 2.

Na globalidade, o cruzamento entre os artigos de imprensa, independentemente da sua natureza e da abordagem seguida, mostra um discurso tendente à consolidação dos papéis de género vigentes. As tipologias de artigos assentes na condição e vida femininas e no humorismo consubstanciam este *status quo*.

#### **4.1. As tipologias de artigos sobre o antifeminismo**

Ainda que a imprensa humorística seja um elemento central na análise, revelou-se fundamental conciliá-la com a informação que resulta de artigos que comentam as questões femininas com seriedade ou revelando um sentido de dever com vista à manutenção da ordem social e à denúncia dos desvios. Esta articulação de perspetivas permite verificar se os assuntos abordados nestes diferentes textos são coincidentes ou se se regista uma distinção face às temáticas satirizadas.

##### **4.1.1. Assuntos sobre a condição e vida femininas**

Os artigos sobre a condição e vida femininas são, na sua grande parte, provenientes da imprensa feminina, social, de cariz religioso, político e científico. Contudo, é possível encontrar alguns artigos com um cunho «sério» nos periódicos humorísticos, que revelam uma profunda noção de responsabilidade na discussão dos temas. Questões como a educação, o trabalho e as funções femininas integram-se nesta vertente. A revista *Pontos nos ii* exemplifica-o no artigo “Lisboa Pórca”, que comenta a proliferação de uma epidemia de cólera na cidade, que se fica a dever à falta de higiene e aos poucos conhecimentos femininos para cuidar da família.<sup>63</sup> No fundo, o artigo faz uma crítica profunda à educação burguesa, que não

---

<sup>63</sup> “Lisboa Pórca”: *Pontos nos ii*, 17.07.1890, p. 226.

prepara a mulher para a vida doméstica, e mostra como a higiene privada influi na salubridade pública e na higiene social.

No cômputo global, os artigos que detêm a supremacia na abordagem da condição feminina são os oriundos das revistas dedicadas a assuntos sociais, representando cerca de 482 artigos. O seu âmbito editorial alargado, no que respeita aos temas e à possibilidade de chegar a um público generalizado, no qual se inclui a mulher como leitora, transforma estes periódicos de assuntos sociais em veículos privilegiados para comentar situações e transmitir conceitos acerca do socialmente aceitável ou reprovável. A pretensão de conquistar a mulher como público-alvo explicará, ainda, o interesse em apresentar artigos em que ela é a protagonista e com os quais se poderá identificar.

No período entre 1905 e 1909 é notória uma grande expressão dos artigos em periódicos de índole política e ideológica (72 artigos correspondendo a 52,94% do total desse quinquénio), coincidindo com os momentos de afirmação dos movimentos feministas em Portugal, os quais despertam o interesse pelas questões da condição feminina e levam a repensar a missão e o lugar da mulher na sociedade. As propostas republicanas que defendem uma participação mais ativa da mulher e a necessidade de uma instrução melhorada da mesma, de modo a prepará-la para as modernas exigências da vida e da família, contribuem para o interesse manifestado e refletem-se no número de artigos publicados. Este é o quinquénio em que se regista um maior número de artigos sobre o feminismo, cujo conceito é ainda novo para a maioria da população e a necessitar de explicação e de interiorização.

A distribuição dos artigos por períodos de cinco anos revela um maior volume de informação a partir de 1900, correspondendo a 322 artigos, com uma preponderância das questões em torno das atitudes femininas, registando-se, em particular, crítica e condenação de aspetos que contrariam a sua imagem ideal e



o seu comportamento recatado e votado ao lar. Além disso, os discursos são, maioritariamente, construídos num contexto de relação entre homem e mulher e de definição dos papéis de género, ou seja, os elementos fundamentais de debate são o casamento e os relacionamentos amorosos, bem como a infidelidade feminina. A revista *Risos Lisos* no artigo “Mulheres e romances” refere-se aos namoros, criticando as meninas que se deixam levar pelos «romancelhos, ôcos de ideal, sem gramática, com sentimentalismo usual, de olheiras, descrente, que falla em morrer de amor, por uma mórbida de fanicos (...)», pensando que é assim a vida real, o que motiva o desregramento familiar e social. Segundo o autor do artigo, Mário Grave, o romance deveria educar em vez de criar imagens irreais e deturpadas da vida.<sup>64</sup>

Esta noção de que a mulher é o reflexo da sociedade está também presente no relato da revista *A Farça* sobre o julgamento de madame Steinheil, em Paris (1909). Acusada do assassinio do seu marido e da sua mãe, e com uma vida pautada por infidelidades e jogos de sedução, madame Steinheil é apresentada no artigo como um exemplo do mundanismo da cidade e dos seus excessos.<sup>65</sup> A revista ilustra o artigo com uma caricatura da protagonista em que se salienta o seu gosto pela aparência, pela vida fútil e pelos homens.

As funções femininas, nomeadamente a maternidade e o papel educador da mulher, também são alvo de comentário, tanto num sentido de crítica à má atuação feminina como de alerta para a sua verdadeira missão. O jornal *Terra Livre* dedica um artigo, precisamente, ao papel importante da mulher como educadora, o qual poderá ser fundamental para mudar a mentalidade belicista masculina e o «flagelo do militarismo».<sup>66</sup> São as mulheres quem deve

---

64 “Mulheres e romances”: *Risos Lisos* 17.05.1897, p. 32.

65 *A Farça*, 20.12.1909, pp. ii-iii.

66 *Terra Livre*, 20.03.1913, p. 4.

conduzir à paz, não através de ligas ou de associações de apoio, mas como mães, já que «os homens são, em toda a parte, aquilo que as mães fizeram deles» e «desde as fêmeas das cavernas às senhorinhas e às radiosas senhoras do concurso hípico, a mulher tem a maior responsabilidade na cabotinagem guerreira dos machos».67 Como complemento ao texto, é apresentada uma pequena nota sobre o amor livre, entendido como um sinal de modernidade. Na perspetiva deste periódico, o feminismo associado à burguesia não é mais que uma pseudoconquista de direitos políticos.

Os artigos sobre os atributos psicológicos e as qualidades femininas, que condicionam e definem todo o comportamento da mulher, expressam preocupações profundas com a educação, que consideram ser responsável, em boa parte, pela sua forma de ser. A crítica apresentada pelo *Jornal das Damas* às lacunas na formação e na instrução das mulheres, que fazem delas perfeitas ignorantes e inúteis, apenas preocupadas em saber estar socialmente, em saber dançar e tendo como único objetivo o casamento, revela uma apreciação pouco benévola sobre as capacidades e intenções femininas. Tal como o jornal *Terra Livre* evocará anos mais tarde, também este periódico alerta para a necessidade de haver uma preocupação com a formação da mulher por parte dos educadores, tendo em conta que é ela quem educa as crianças.68

O discurso vigente que a imprensa apresenta assenta, portanto, numa necessidade de educação adequada, mas também de controlo constante sobre as mulheres e a sua vida, como forma de garantir que cumprem devidamente a sua importante função no seio da família. Trata-se de um discurso que se baseia na noção da propensão da mulher para o desregramento e as suas limitações, que são fruto da sua inferioridade física e psicológica. A necessidade de

---

67 *Terra Livre*, 20.03.1913, p. 4.

68 *Jornal das Damas*, 15.02.1894, p. 25.

vigilância, mas também de lhe conferir maior formação são os meios considerados certos para que a mulher possa fazer face aos desafios e aos perigos que a sociedade dos alvares do século XX apresenta.

#### **4.1.2. Os artigos humorísticos e de crítica satírica ao universo feminino**

O discurso humorístico na imprensa assume diferentes formas com o objetivo comum de criticar e satirizar um determinado facto ou uma personagem. Neste universo podem incluir-se as pequenas notícias que deixam a curiosidade no ar ou que revelam parte de uma questão, expressando-se de modo cifrado e indireto. Constata-se esta situação, por exemplo, nos artigos sobre a família real e a vida pessoal do rei D. Manuel, nos anos que se seguem à implantação da República.<sup>69</sup> Os comentários denunciam a imagem de um governante frágil e imaturo, o que faz dele um alvo fácil e revela uma figura que se deixa dominar, até pela esposa. Questiona-se o seu poder e masculinidade, ao mesmo tempo que se passa uma imagem de uma esposa controladora e de difícil trato.

Para além do comentário indireto, a sátira pode surgir sob a forma de citações como a publicada em *Charivari* sobre «as lágrimas nas mulheres (que) são, em muitos casos, um meio como qualquer outro de lavar os olhos»,<sup>70</sup> insinuando-se assim a frieza e a falta de sentimento femininas associadas a uma natureza dissimulada que desvaloriza o ato e o significado do chorar.

São também comuns as piadas e as anedotas, estas últimas, frequentemente sob a forma de um diálogo, como o demonstra a conversa entre duas amigas sobre as eleições e a intenção de voto do esposo de uma delas, que espelha a constante rotatividade na

---

69 *O Zé*, 18.12.1813, p. 6.

70 *Charivari*, 20.08.1898, p. 310.

governança e, indiretamente, os comportamentos da intimidade do casal.<sup>71</sup>

Os textos em verso que narram uma história são outro dos mecanismos usados pela sátira. Exemplifica-o *Poesia sem poesia*, publicada em *O Zé* sobre a falta de cuidados de higiene da mulher: «Minha grande porcalhona, / (...) Não sejas desmaselada; / Lava a roupa, cata os bichos / D'essa trunfa emaranhada.»<sup>72</sup>

A falta de higiene evocada no poema evidencia o caráter descuidado da mulher que não sabe cuidar devidamente de si e da família. Além disso, enuncia aquela que é uma das preocupações principais da sociedade da época: os cuidados de asseio e a salubridade, tanto pública como a nível individual, com o intuito de «prevenir doenças e conservar a saúde».<sup>73</sup>

O desenvolvimento de estudos e de métodos de análise laboratorial reforçam esta necessidade de garantir o bem-estar individual e coletivo. Isto torna premente a preocupação — face à sociedade no geral e à mulher em particular, enquanto educadora e gestora do lar —, na melhoria das condições de saúde e na implementação do hábito diário da lavagem do corpo. Neste contexto, é reprovado o desmazelo feminino, tal como descrito nos versos, e justifica-se a relevância da difusão de publicações como *A mulher médica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*, de Anna Fischer-Duckelman.<sup>74</sup>

Em prosa são publicados contos e pequenas histórias que evidenciam os defeitos femininos e relatam a relação entre casais.

---

71 *O Gaiato*, 06.11.1898, p. 1.

72 *O Zé*, 17.07.1913, p. 3.

73 Ana Leonor PEREIRA e João Rui PITA, “A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011, p. 92.

74 Anna FISCHER-DUCKELMAN, *A mulher médica de sua casa. Livro de hygiene e medicina familiar*. Lisboa, Bertrand, 1907.

É esse o caso do conto em tom humorístico sobre adultério feminino intitulado “A Prova”. Simeão, o marido, vai desconfiando, cada vez mais, da esposa e do seu primo, que surge em todo o lado em que ela está. Para fazer prova da traição compra uma câmara fotográfica Kodak e fotografa-os em flagrante. A imagem irá ser apresentada como prova do pedido de divórcio em tribunal.<sup>75</sup> Para além da comum menção à infidelidade feminina, a história evoca um dos avanços tecnológicos em voga na época como um mecanismo muito útil para comprovar o adultério.

Um outro artigo com o título “Às mulheres” é dedicado ao uso inadequado dos chapéus femininos, cujas dimensões os transformam num «adorno gigantesco que pousa nas estonteantes cabeças das mulheres *chics*». Mais do que os incómodos que causam aos que «por infelicidade não ficam à vossa frente» (em particular nos teatros), os exagerados chapéus são um verdadeiro «pesadelo na cabeça, talqualmente, como se estivésseis aguentando, em difícil equilíbrio, uma santa canastrinha d’ovos».<sup>76</sup>

A limitada representatividade de artigos humorísticos sobre o ser feminino na imprensa de natureza política,<sup>77</sup> num total de cinco notícias, justifica-se pelo facto de o seu alvo de interesse editorial se centrar nos assuntos da vida partidária e de governação de Portugal, a qual, nos 30 anos investigados, sofreu grandes mutações e foi palco de numerosos episódios que preencheram as páginas dos jornais e das revistas. Aliás, parte considerável da imprensa humorística da época está, precisamente, vocacionada para a sátira política, confirmando

---

75 “A Prova”, in *O Moscardo*, 10.06.1913, p. 3.

76 “Às mulheres”: *O Diabo Júnior*, 01.02.1902, p. 5.

77 Os artigos provenientes da imprensa política resultam da consulta dos periódicos: *O Povo de Aveiro* (1889-1890); *A Marselheza* (1898); *O Radical* (1907); *Meio dia* (1907-1908); *O Democrata* (1908); *Almanach d’O Mundo* (1908-1909); *Amanhã* (1909); *Nova Lucta* (1909) e *O Rebate* (1909).

a profusão de assuntos e a riqueza de acontecimentos que alimentam a sua publicação e a proliferação de títulos. Neste contexto, as referências ao universo feminino prendem-se, em especial, com questões relacionadas com as atitudes e comportamentos.

As alusões diretas ao universo feminino na imprensa de cariz político surgem sobre a forma de pequenas anedotas e de histórias que, em geral, realçam os atributos e atitudes da mulher ou que envolvem o relacionamento entre cônjuges. Disso é exemplo o artigo publicado na rubrica “A rir”, do periódico *Povo de Aveiro*,<sup>78</sup> em que o poder masculino se faz sentir pela força:

O homem só deve bater em sua mulher duas vezes.

A primeira por fôrma a que Nosso Senhor lhe venha fazer uma visita, e a segunda por fôrma que ella vá pagar a visita a Nosso Senhor.

Se por um lado o texto mostra a superioridade do marido sobre a esposa e a necessária submissão desta, por outro traduz a violência no relacionamento e na gestão do lar, o que não abona em favor da imagem dos homens.

Os artigos provenientes da imprensa feminina,<sup>79</sup> tal como os da restante imprensa, focam-se nas atitudes femininas e nos seus comportamentos, seguindo-se os assuntos relacionados com os atributos físicos e os ideais de beleza feminina para sua satisfação e para agradar aos homens. “Onde irá isto parar?” é o título de umas quadras que abordam os subterfúgios femininos para realçar

---

78 “A rir”: *O Povo de Aveiro*, 22.12.1889, p. 3.

79 Os artigos em questão foram obtidos em: *Jornal das Damas* (1894), *Estação de Paris* (1895), *Livro da Mulher* (1900), *Almanaque das Donas de Casa* (1908) e *Jornal da Mulher* (1910).

os seus dotes físicos e enganar os olhos masculinos,<sup>80</sup> destacando o seu espírito fútil e interesseiro.

O ambiente de vida doméstica burguesa e da ambição feminina é, também, assunto privilegiado em outras revistas femininas. *O Jornal das Damas*, por exemplo, aborda o relacionamento entre a criada e a patroa, expressando a ignorância e a falta de educação da serviçal.<sup>81</sup> Da mesma forma revela a intimidade entre um casal<sup>82</sup> e mostra a audácia feminina na escolha do esposo, espelhando a ideia do casamento por interesse e não por sentimento: «(...) — Porque tive de optar entre um homem grande com pequeno rendimento, e um homem pequeno com rendimento grande».<sup>83</sup>

De referir que é notório um crescente número de artigos a partir de 1895, quando comparado com os valores da década anterior. É fruto da maior visibilidade feminina e da discussão em torno das novas funções e das expectativas das mulheres numa mais completa cidadania feminina, que se promovem com os alvares do século XX e com a afirmação dos movimentos feministas, alargando o leque de assuntos relacionados com a vida e a conduta das mulheres. Contudo, grande parte dos artigos não foca, diretamente, o feminismo como assunto, o qual representa apenas 3,98% do total e se concentra, maioritariamente, no período entre 1905 e 1914. Antes sim, verifica-se o conservar da tendência geral para realçar as atitudes e os comportamentos das mulheres (193 artigos), a par com os seus atributos psicológicos, que influenciam, modelam e condicionam a sua atuação (105 artigos). Uma anedota que o *Almanach illustrado* do jornal *A Chacota* publica, em 1902, vive da caricatura da mulher imoderada e irrefletida, que não consegue controlar os seus desejos:

---

80 “Onde irá isto parar?»: *A Chalaça*, 13.11.1904, p. 2.

81 *Jornal das Damas*, 01.02.1894, p. 24.

82 *Jornal das Damas*, 15.02.1894, p. 32.

83 *Jornal das Damas*, 07.04.1894, p. 56.

é uma consumidora compulsiva, que não resiste a vestuário novo, o que a leva a gastar excessivamente e a ter as modistas a exigir o pagamento.<sup>84</sup>

A transversalidade do humorismo às diferentes tipologias de imprensa reflete a consciência do papel do riso na veiculação de ideias e na abordagem de assuntos com impacto na sociedade, como o é o mundo feminino. A tabela seguinte mostra as diferentes abordagens:

	Forma da crítica	Objetivo e conteúdo	Alvos e motivos da crítica
Subtil	Brincadeira e gozo Comentário simplista e ingênuo Atrevimento	Realçar os temas em voga no momento; Defender normas instituídas; Evidenciar os defeitos e imperfeições femininos;	O arquétipo da mulher ideal é inatingível por oposição à mulher real, imperfeita por natureza (realce das suas falhas e defeitos); O impacto das lacunas da educação no desempenho feminino; As novas funções femininas; Atitudes femininas inadequadas (interesseira, calculista, infiel, frágil, fútil, maquiavélica, com pouca inteligência).
Acutilante	Reprovação Corrosividade Acusação	Defender as normas instituídas; Manter a ordem social; Promover uma autoanálise da sociedade; Gerar a controvérsia e a polémica; Alertar para as atitudes que fogem ao paradigma do feminino.	As ambições “modernas” da mulher que pretende desempenhar profissões masculinas e deter os mesmos direitos; O incumprimento da tripla missão feminina: mãe, esposa e dona de casa; A fraqueza feminina perante a influência dos poderes instituídos: Igreja; Uma educação desajustada dos papéis femininos; As atitudes femininas inadequadas ao género.

Fonte | Listagem de imprensa consultada (1885-1914)

84 *Almanach Illustrado do jornal A Chacota*, 1902, p. 53.



#### 4.1.3. A caricatura

A caricatura explora a linguagem visual como veículo privilegiado de transmissão de uma ideia ou informação. Articula a imagem e o texto, gerando mecanismos de discurso para acentuar o lado incorreto ou satírico da realidade representada, por vezes levado ao extremo com expressões do ridículo e da negação. Com o título “A Duse”, alusivo à atriz italiana Eleonora Duse (1858-1924), conhecida por toda a Europa e que também atuou em Portugal, o jornal *A Marselbeza* traduz sob a forma de uma sequência de figuras espiraladas, em jeito de uma mola que salta e se contorce, a vivacidade da artista nas suas atuações<sup>85</sup>. Uma das características que se lhe reconhecia era, precisamente, a sua capacidade para, através do gesto, dos movimentos corporais e das expressões, transmitir sensações e estados de espírito que conferiam grande carga dramática e intensidade às suas personagens.

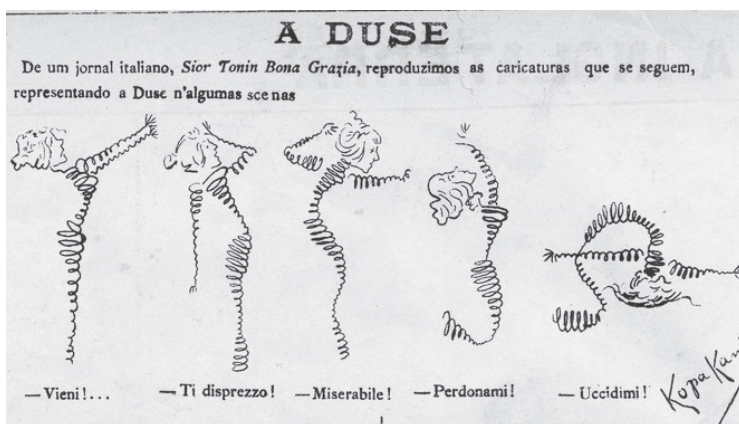


Fig. 1. Caricatura sobre a artista italiana Duse, famosa pela intensidade e vigor das suas representações

(*A Marselbeza*, 01.05.1898: 4 | <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>)

<sup>85</sup> “A Duse”: *A Marselbeza*, 01.05.1898, p. 4.

A imagem pode, ainda, desconstruir a própria mensagem se induzir num sentido inverso ao do texto, pelo que o significado sociocultural pode contradizer ou corroborar as expressões e conteúdos da cena caricaturada. Sob o título de “O «Garden-Party» da Estrella”, a revista *A Sátira* aborda a questão das assimetrias sociais personificadas numa mulher sem grandes recursos e pobremente vestida, que caminha com duas crianças e que responde à questão «— Você não vae ao garden-party?» com um «Não tenho vontade. Almocei tarde [...]».<sup>86</sup> Também o tríptico de caricaturas que o jornal *Terra Livre* apresenta sobre o tema “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”, no que respeita à condição feminina, mostra uma situação em que o discurso escrito é contrariado pelo discurso gráfico, detendo este último uma maior presença no sentido de criticar e de emitir uma posição de contestação e de confronto entre um conceito teórico e a sua expressão vivencial.<sup>87</sup> Evidencia o distanciamento entre o ideal e a realidade social feminina, onde a profunda diferença social marca a desigualdade na qualidade de vida, assim como transforma a mulher em escrava, acorrentada ao lar e às tarefas femininas. Indiretamente questiona o regime republicano incapaz de concretizar os ideais pelos quais pautou a sua orientação ideológica.<sup>88</sup>

Neste sentido, poderá referir-se que a imagem e a ideia que ela transmite correspondem a um paradigma social vigente e aceite ou, numa perspetiva oposta, a um modelo reprovado e criticado. A imagem ajuda a criar ou a reforçar os estereótipos sociais, traduzindo o conceito e o contexto histórico dos mesmos,<sup>89</sup> uma vez que os estereótipos circulam e difundem-se de forma privilegiada

---

86 “O «Garden-Party» da Estrella”: *A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, 01.06.1911, p. 33.

87 “Igualdade, Fraternidade e Liberdade”: *Terra Livre*, 05.06.1913, pp. 4-5.

88 João ESTEVES, *As origens do sufragismo português*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998, p. 62.

89 L. M. ABREU, “Os estereótipos na prática...”, op. cit., p. 71.

através da representação gráfica. Sob a forma de um desenho ou de uma caricatura, a imagem resulta numa construção influenciada pela conduta, pelos valores, e pelas emoções de quem a produz. Deste modo, a leitura da imagem pelos diferentes recetores poderá não corresponder a uma mesma ideia. Como refere o periódico *A Carantonha* no editorial do seu primeiro número, em 1899: «(...) A caricatura é, positivamente, de todos os processos de critica estabelecidos e seguidos até hoje, o que resultados melhores tem dado no sentido da correção dos costumes».<sup>90</sup>

Com a entrada no século XX, e face a novos valores estéticos, os caricaturistas tornam-se, principalmente, em humoristas, refletindo uma maior abrangência da sua área de atuação. O seu alvo deixa de estar centralizado na luta política e estende-se a outras abordagens com um cunho eminentemente social, visando perscrutar a sociedade, as suas práticas quotidianas, os seus valores, normas e costumes.<sup>91</sup> A caricatura assume, assim, um papel relevante no discurso da norma social. Como refere a revista *A Sátira* em artigo dedicado à criação da Sociedade de Humoristas Portugueses, em 1911, a caricatura «é o fiscal da virtude contra o vicio, do mérito contra o cretinismo, do bom senso contra o ridículo (...)».<sup>92</sup> É neste universo que, a partir de 1900, o volume de caricaturas e do humor sobre a vida feminina ganha maior expressão.

A inclusão maioritária da caricatura sobre a vida feminina surge, naturalmente, na imprensa de cariz humorístico, correspondendo a 114 das 130 caricaturas registadas. Em segundo lugar, a caricatura

---

90 *A Carantonha*, 29.07.1899, p. 2.

91 Apesar desta constatação, que revela um alargamento do espetro das temáticas caricaturáveis com o início do século XX, há que ter em consideração o papel das publicações humorísticas de Rafael Bordalo Pinheiro, ainda nos finais do século XIX, na difusão de ideias e de normas sobre as vivências e a sociabilidade portuguesa. Artigos e mensagens caricaturadas sobre espetáculos, hábitos sociais do quotidiano e personalidades femininas são frequentes nas páginas dessas publicações, a par com a crítica política.

92 *A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, 01.06.1911, p. 46.

está presente nos periódicos de âmbito social (nove caricaturas), seguindo-se a imprensa de natureza política, com seis caricaturas.

A imprensa religiosa não inclui a caricatura como meio de difusão de ideias, tal como já se verificara na análise dos artigos humorísticos. Também a imprensa dedicada à ciência e à arte não inclui caricaturas sobre a vida feminina nas publicações consultadas. Esta aceção deve, no entanto, ser avaliada, tendo presente o facto de a arte de caricaturar constituir uma forma de manifestação artística em voga e de os caricaturistas, ou humoristas, serem vistos como figuras de relevo no meio artístico e na comunicação social da época. A constituição da associação de humoristas, em 1911, e a realização dos Salões de Humoristas Portugueses, a partir de 1912, numa expressão da difusão do gosto modernista em Portugal, confirmam a projecção que a crítica gráfica detém enquanto veiculadora de discursos e forma de expressão artística. Aliás, tomando como referência o catálogo da exposição de 1912, realizada no Grémio Literário de Lisboa, constata-se que os temas femininos não são excluídos da caricatura, ainda que sejam apenas passíveis de identificar através dos títulos das obras apresentadas no catálogo.<sup>93</sup>

Das cerca de 330 obras listadas no referido catálogo, 25 dos títulos apresentam de forma explícita referências à mulher e às suas vivências. Refira-se, por exemplo, as caricaturas das atrizes Palmira Bastos, Lucília Simões e Adelina Abranches, da autoria de Amarelhe, ou a obras “Mulheres de Lisboa”, de Alfredo Cândido, “A Hespanhola” e “A Severa”, de Nunes Ribeiro ou “Entre costureiras”, de Stuart Carvalhais.

---

<sup>93</sup> O *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, de 1912, em Lisboa, identifica apenas os artistas, ordenados alfabeticamente, e os títulos das suas obras, bem como o valor de venda de cada uma delas. Nenhuma das caricaturas é reproduzida, pelo que a inferência quanto aos assuntos advém dos títulos. *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, Lisboa, 1912.

Para além destas obras que identificam, diretamente, personalidades e tipos femininos, as restantes apresentam assuntos que reportam às atitudes frívolas femininas, ao seu gosto pelas modas, ao desejo de estar na rua, à sua vida doméstica e às relações familiares. É ainda feita referência à sua tendência para a infidelidade e para ter vários homens. Os exemplos são vários, como “Uma inglesa excursionista”, de Sanches de Castro, “O Marido Ideal”, de Rocha Vieira, “Lidar com Mulheres”, de Christiano Cruz, “Olhando uma rival” e “Coquetismo”, de Faria e Maya, ou “Sogra de cabelinho” e “Os Jantares da cachopa”, de Alfredo Cândido.

Outras 25 caricaturas aludem, também, ao mundo feminino, ainda que de um modo ambíguo, o que exige alguma prudência de análise, uma vez que as obras enunciadas podem, na realidade, corresponder a temas distintos: “Em família”, de Oliveira, “Amor a valer”, de Rocha Vieira, “À saída do baile”, “Moda Italiana” e “Casal de peruas”, de Almada Negreiros, “Um casamento auspicioso”, de Menezes Ferreira, “Flirt”, “Passeiando o cão” e “Passeiando de braço”, de Faria e Maya, “Regime alimentar (A dieta)” e “No Loreto, sahída da missa da uma hora”, de Jorge Barradas ou “Leitura proibida”, “Uma família portuguesa”, “Geração moderna” e “Elegância e economia”, de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Esta última caricatura, também intitulada “As calças do papá”, ilustra o artigo que a revista *Ilustração Portuguesa* dedica ao evento.<sup>94</sup>

Parte das obras apresentadas no salão por Jorge Nicholson Barradas é complementada com diálogos em que a figura feminina é um dos intervenientes. Tratar-se-á de caricaturas que associam a imagem ao texto e que espelham uma das formas comuns de

---

<sup>94</sup> *Ilustração Portuguesa*, 01.01.1912, p. 648.

satirizar as relações sociais e de caracterizar os géneros. Veja-se um exemplo revelador da leviandade feminina:<sup>95</sup>

- Também, nunca tive ninguém que gostasse de mim...
- Ora pois sim, já tiveste o Sousa, o Mota, o Costa...
- E agora, nem os três tenho...

Na imprensa feminina, a representatividade da caricatura entre os periódicos consultados tem carácter pontual. O artigo com o título “Os chapéus maravilhosos de 1908. Phantasias americanas por Gordon Grant” surge publicado na revista *Os Serões das Senhoras* e explora, uma vez mais, os incómodos causados pelo uso dos grandes chapéus que estão na moda. Os comentários que acompanham cada um dos modelos reforçam a crítica e a sátira à situação.<sup>96</sup>

A presença residual de caricaturas na imprensa feminina faz antever que este é um domínio essencialmente masculino de abordagem das questões sociais e que a mulher não se revê nas representações caricaturais que dela são feitas. O facto de os caricaturistas serem, por norma, homens ajudará também a compreender a questão. Tomando como referência os participantes nos salões de humoristas, esse domínio comprova-se, uma vez que, na sua primeira edição, em 1912, os 27 artistas presentes são todos homens. Na edição do ano seguinte assiste-se, contudo, a uma participação feminina com a artista Mily Possoz (1888-1968), a qual sendo uma ilustradora por natureza, fez, pontualmente, algumas incursões no universo do humorismo gráfico.<sup>97</sup>

---

95 *Catálogo do Salão de Humoristas Portugueses*, 1912, p. 5.

96 “Os chapéus maravilhosos de 1908. Phantasias americanas por Gordon Grant”: *Os Serões das Senhoras*, 1908, pp. 44-45.

97 Maria Pilar Antunes MENDES, *Mily Possoz 1888-1968: Percurso e afirmação de uma artista no modernismo português*, vol. 1. Lisboa, (s.n.), 2010, p. 2.

Em termos temporais, a distribuição das caricaturas mantém grande constância ao longo do período estudado, à exceção do quinquênio de 1885 a 1889, no qual não foram identificados exemplares entre as edições consultadas, uma vez que as várias alusões à figura de *Maria da Paciência* que Rafael Bordalo Pinheiro apresenta em *António Maria*, neste período, surgem como pormenores decorativos que complementam as suas caricaturas.

A distribuição dos artigos por temáticas revela o interesse acentuado nas atitudes e nos comportamentos femininos (60 caricaturas), em consonância com o registado nos artigos humorísticos e sobre a condição feminina. As principais temáticas prendem-se com a relação entre marido e mulher, em especial no que respeita à infidelidade e ao divórcio, as relações pré-nupciais e ilegítimas, bem como com os receios de inversão dos papéis de género; a par com a ambição feminina pelos bens materiais, que a levam a procurar e a seduzir um pretendente endinheirado;<sup>98</sup> ou sobre a sua vida mundana e que se desvia da sua missão enquanto mulher.

A grande proximidade entre a Igreja e a mulher é outro dos assuntos frequentes nas caricaturas sobre os comportamentos femininos. Os anos imediatos à implantação da República registam o maior número de artigos, como se verifica em *A Sátira*, onde as caricaturas registadas sobre a relação entre a mulher e a Igreja se centram, em particular, na sua intimidade com os padres e os religiosos. A edição de 11 de fevereiro de 1911 dedica três caricaturas ao assunto: “Um casamento de sachristia”;

---

98 A caricatura intitulada “Novembro”, que *Pontos nos ii* publica (20.11.1890, p. 274), mostra a ambição feminina e o seu desejo de encontrar um marido que a sustente:

Elle: procuras então uma casa?

Ella: Não meu amigo. Francamente, francamente o que eu procuro é um senhorio.

“Casamento dos Padres”; “Surpresas do divórcio. A minha mulher noiva d’outro”.<sup>99</sup>

Na caricatura “São mais as vozes...”, publicada em *A Farça*, o tema volta a ser abordado, surgindo uma mulher elegante e moderna acompanhada por um religioso, apesar do que se diz sobre a crescente emancipação e fuga da mulher aos preceitos católicos.<sup>100</sup> Já na caricatura “Jejum” aborda-se o relacionamento entre um pároco e a sua criada de casa que induz grande intimidade entre os dois.<sup>101</sup>

Justificam esta realidade os receios republicanos sobre a nefasta influência que os religiosos detêm sobre a frágil consciência e a conduta femininas, em particular perante os perigos resultantes da confissão auricular e do fanatismo. O assunto, alvo de debate acalorado da opinião pública e no meio político, será um dos fundamentos da não concessão do direito de voto às mulheres, mesmo que restrito às diplomadas.<sup>102</sup>

No segundo lugar, entre os temas abordados na caricatura, surgem os atributos físicos femininos, a que correspondem 36 caricaturas. A relevância dada ao tema representa uma particularidade da crítica ao feminino através da caricatura, uma vez que nas restantes tipologias de artigos, esta temática detém menor representatividade. Através do desenho e do traço, mais ou menos exagerado, expressam-se ideias e, neste âmbito, os pormenores físicos são um elemento fundamental que permite leituras imediatas. Por isso, no discurso antifeminino revela-se eficaz apresentar um corpo feminino exagerado em termos gráficos, de modo a focar atributos como o peito, o rosto e os cabelos ou a elegância corporal. Exemplifica-o a caricatura “Nos toucadores” que *A Comédia Portuguesa* publica, em 1902,

---

99 “Um casamento de sachristia”; “Casamento dos Padres”; “Surpresas do divórcio. Minha mulher noiva d’outro!!!”: *A Sátira*, 11.02.1911, pp. 6, 10 e 26.

100 “São mais as vozes...”: *A Farça*, 20.12.1909, contracapa.

101 “Jejum”: *A Farça*, 13.03.1910, capa.

102 J. ESTEVES, *As origens do sufragismo...*, op. cit., pp. 68 e 74.



a satirizar o uso de cabeleiras postiças.<sup>103</sup> Para além da carga satírica do desenho, esta caricatura enuncia uma questão vital para o universo feminino: a busca da vitalidade e da jovialidade e as estratégias de combate aos sinais do envelhecimento.

As caricaturas sobre as funções femininas e o desempenho de profissões detêm o terceiro lugar, representando 18 caricaturas. Correspondem, em regra, a referências a atrizes e aos dotes artísticos femininos, como mostra a caricatura “Por esses salões”.<sup>104</sup> Exibe uma senhora que anima, com os seus dotes vocais, o salão. A seleção dos convidados e a presença de figuras de relevo social faziam destes eventos, como refere Rui Cascão, «uma vertente importante da vida privada em espaço público».<sup>105</sup>

As novas profissões da mulher são também motivo de discussão. É esse o caso da caricatura sobre as bombeiras inglesas ou sobre uma mulher toureira espanhola que dá pelo nome de “Reverte” e que a revista *A Comédia Portuguesa* publica.<sup>106</sup>

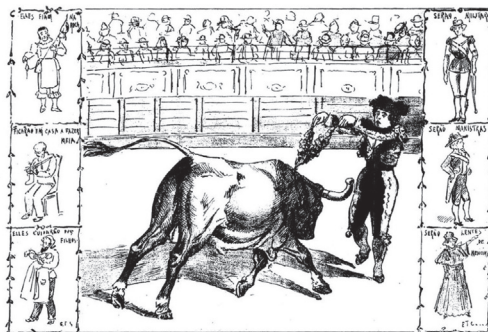


Fig. 2. “D. Reverte, a toureira”. Caricatura sobre a inversão dos papéis de género (*A Comédia Portuguesa*, 16.06.1902, (s.p.) | Disponível em <<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>)

103 “Nos toucadores”: *A Comédia Portuguesa*, 25.02.1902, p. 29.

104 “Por esses salões”: *A Comédia Portuguesa*, 10.03.1902, p. 13.

105 R. CASCÃO, “O quadro doméstico...”, op. cit., p. 247.

106 “A Reverte”: *A Comédia Portuguesa*, 28.07.1902, p. 27 e 16.06.1902, (s.p.).

Tal como no caso das mulheres bombeiras, o periódico dedicou um poema e uma caricatura à toureira “Reverte”, mas, neste assunto, o discurso assume-se mais ativo quanto à necessidade de os homens se precaverem perante a crescente conquista feminina de novas funções e profissões na vida militar, da política e do ensino superior relacionado com as ciências (medicina), que os levarão a ficar em casa a fiar, a coser meias e a tomar conta dos filhos.

O despertar para novas funções entendidas como formas de emancipação e resultados da influência das ideias feministas articula-se, aliás, com a temática do feminismo. Por esse facto, da mesma forma que os registos sobre as novas funções femininas se concentram no período compreendido entre 1905 e 1914, o mesmo sucede com as caricaturas sobre o feminismo. O uso de vestuário masculino (as calças) ou o sair para trabalhar, deixando o marido em casa a cuidar dos filhos e a cozinhar são os principais exemplos. Essa realidade é mostrada na caricatura “Ingenuidade” que materializa, nas dúvidas e incompreensões de uma criança, a sensível questão social sobre os novos comportamentos da mulher. Como se depreende da caricatura, o tema da inversão de papéis é de tal modo incongruente que até a uma criança suscita dúvidas e perguntas:<sup>107</sup>

- Oh! Mamã, o papá hoje sae com as saias da mamã?
- Porque é que o menino pergunta isso?
- Porque a vejo com as calças do papá...



Fig. 3. “Ingenuidade”. Caricatura alusiva a novos comportamentos da mulher  
(*A Sátira*, 01.05.1911, p. 25 | Disponível em <<https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>>)

107 “Ingenuidade”: *A Sátira*, 01.05.1911, p. 25.

A expressão das diferentes temáticas por quinquénio torna evidente a prevalência das atitudes e dos atributos físicos como assuntos com maior representatividade na caricatura. Esta aceção permite concluir que, mais do que as *modernidades* e os temas com projeção social num determinado momento, como é o caso do feminismo e da emancipação feminina, é sobre as características intrínsecas à mulher que incide a crítica. O comentário recai, maioritariamente, sobre a mulher em si, ou seja, sobre os seus atributos e qualidades, os quais vão delinear os seus comportamentos e atitudes, e não tanto sobre os factos resultantes das mutações políticas e sociais registadas num período específico. Esta sua essência que pode recair numa ideia de maldade inata é bem representada pela caricatura de um demónio a «criar» as mulheres apresentada na revista *Ilustração Portuguesa* (Fig. 4).



Fig. 4. “O Diabo a pintar as mulheres para seduzirem”.  
(*Ilustração Portuguesa*, 01.09.1913, p. 271 | <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>)

Os resultados referentes à temática generalista “Outros”, com um total de 5 caricaturas, correspondem à abordagem de assuntos da vida quotidiana, em particular sobre a diversão e o mundo do espetáculo, e que não se enquadram nas temáticas anteriores, registando-se uma maior incidência desta temática no quinquénio

1910-1914. Exemplificam essa realidade a caricatura “Batota livre” sobre os perigos dos jogos de fortuna e azar<sup>108</sup> ou o artigo sobre a “Exposição Nacional de Belas Artes”, em 1911<sup>109</sup> e o artigo sobre a “Exposição dos Humoristas Portugueses”, em 1913.<sup>110</sup> É neste capítulo que se enquadram as críticas à condição masculina.

## Conclusão

O antifeminismo, enquanto conceito e prática social adversa à mulher, nas suas diferentes vertentes, insere-se neste jogo de identidades e de manifestações em torno das imagens e da realidade do universo feminino, num determinado momento. Por este facto, não pode ser reduzido ao seu significado restrito, enquanto opositor do feminismo e das ideias feministas, mas, pelo contrário, englobar os discursos e as imagens negativas, de censura e reparo, sobre o género feminino e sobre a sua forma de ser e agir, as quais se fundam na tradição cultural e nas regras assentes pelos grupos dominantes. Mais do que antifeminismo devem, assim, considerar-se as reações e as linhas de pensamento antifemininas.

O peso da tradição cultural que apresenta a mulher como o ser imperfeito e intelectualmente inferior, incapaz de desempenhar funções complexas e que impliquem engenho e arte, e que, simultaneamente, se revela maléfico e astucioso, justifica, à partida, a dificuldade feminina em cumprir a norma, e a necessidade de ser constantemente controlada. Se a religião, ao longo do tempo, contribuiu para consolidar esses preconceitos e estereótipos invocando, a exemplo da Virgem Maria, a dedicação quase sacerdotal à família e a submissão ao poder masculino, no século XIX e início do século XX, a ciência procura, com alguma frequência,

---

108 “Batota livre”: *Charivari*, 26.11.1898, pp. 36-37.

109 “Exposição Nacional de Belas Artes”: *A Sátira*, 01.06.1911, pp. 18-24.

110 “Exposição dos Humoristas Portugueses”: *O Moscardo*, 17.06.1913, p. 6.

consubstanciá-los, explicando por métodos científicos o determinismo biológico e a limitada condição física e intelectual feminina.

Perante esta diversidade de motivos para a contestação à mulher é possível encontrar duas formas de manifestação do antifeminismo. Em primeiro lugar, um antifeminismo *subconsciente e assentido*, isto é, que deriva das imagens dos géneros que resultam do perdurar das tradições culturais e dos costumes. Integram-se neste pressuposto os tipos femininos como a burguesa elegante e fútil, que nada sabe fazer para além de se enfeitar e gastar os rendimentos da família. De igual modo, a representação quase “animalesca” da mulher, impregnada de vícios da sociedade, enquadra-se neste grupo, bem como outras representações fundadas na sua atitude leviana, no intelecto limitado e na obsessão com a beleza, como isco de atração masculina. Sobressaem, portanto, o lado demoníaco e a inata imperfeição da mulher. As consequências desta maneira de estar e viver têm, no entanto, um âmbito circunscrito, uma vez que recaem sobre a própria mulher e, quanto muito, sobre o seu círculo social de conhecimentos, em particular a família. Assim, esta configuração da mulher é o campo privilegiado para a abordagem humorística, quer sob a forma de texto, quer pela caricatura.

A segunda via corresponde a um antifeminismo *consciente* cujos conteúdos e, sobretudo, manifestações, têm um impacto profundo na sociedade no seu todo. O ataque aos novos papéis femininos e, conseqüentemente, a fuga à sua missão tradicional e natural é um dos temas principais. Trabalhar, ser independente, querer os mesmos direitos, estudar, refutar a condição de inferioridade física e intelectual ou ter vontade própria e desejar a emancipação enriquecem os assuntos abordados.

A representatividade dos artigos consultados com origem na imprensa especializada na área da ciência, da medicina em particular, ou da religião e da política é menos expressiva que a dos provenientes dos periódicos de cariz social e humorístico.

No entanto, não se pode dissociar dessa imprensa que aborda assuntos mundanos e satíricos as influências e os pressupostos que tanto a religião como a ciência lhe inculcem ao influenciar a vivência social.

A crítica humorística, aliás, detém uma função reguladora da moral e da norma, uma vez que sob o espectro do riso se debatem problemas e questões sensíveis. O riso permite, assim, lançar avisos e chamadas de atenção sobre um determinado tema, mostrando a sua importância e funcionando como um elemento de aferição para a realidade.

A visão de si e do outro e os meios para conseguir um bom relacionamento constituem a eterna disputa do género humano e são estes que fomentam os discursos com o sentido de definir e afirmar os territórios e os poderes. É esse o fundamento do antifeminismo que, consoante os dilemas e os problemas de cada época, se manifesta de forma diferente.

Reunindo toda a informação recolhida nos diferentes tipos de imprensa, a análise que deles resulta conduz, no entanto, a uma perceção parcelar da realidade. Por um lado, essa constatação deve-se ao facto de que, durante o século XIX e nos primeiros anos do século XX, os artigos publicados são resultado do punho masculino, mesmo que dedicados à mulher. Por outro lado, deve ter-se em conta que os periódicos representam um público-alvo específico associado a um estrato social burguês e que deixam à margem os iletrados e a sua construção mental sobre a mulher. Não obstante, é a imprensa que produz a imagem que melhor traduz a realidade, uma vez que, mais do que expressar pontos de vista de grupos sociais, resulta de visões individuais e subjetivas oriundas de setores distintos da sociedade. A sua crescente presença na vida social leva a imprensa a representar a sociedade de modo alargado.

## Referências bibliográficas

### 1. Imprensa Periódica

- A Carantonha*, Lisboa (1899)
- A Chacota. Semanário humorístico*, Lisboa (1900-1902)
- A Chalaça*, Lisboa (1904-1907)
- A Comédia Portuguesa*, Lisboa (1902)
- A Farça*, Coimbra (1909-1910)
- A Garra, suplemento de A Sátira*, Lisboa (1911)
- A Marselbeza*, Lisboa (1897-1899)
- A Mulber Livre*, Porto (1912)
- A rir... a rir*, Lisboa (1909)
- A Risota*, Lisboa (1908)
- A Sátira. Revista Humorística de caricaturas*, Lisboa (1911)
- Alma Feminina*, Lisboa (1907-1908)
- Almanach da Imaculada Conceição*, Lisboa (1904-1910)
- Almanaque das Donas de Casa*, Lisboa (1908)
- Almanach d'O Mundo*, Lisboa (1908-1909)
- Almanach Illustrado do Jornal A Chacota*, Lisboa (1902)
- Amanbã*, Lisboa (1909)
- Catalogo almanach da imprensa aveirense*, Aveiro (1884)
- Cbarivari*, Porto (1888-1907)
- Diabo júnior*, Porto (1902)
- Estação de Paris*, Lisboa (1895)
- Ilustração Portuguesa*, Lisboa (1890; 1903-1914)
- Jornal da Mulber*, Lisboa (1910)
- Jornal das Damas*, Porto (1894)
- Jornal das Senhoras*, Lisboa (1896)
- Leituras Christãs*, Lisboa (1907-1914)
- Meio dia. Folha política, literária ilustrada e noticiosa*, Porto (1907-1908)
- Mensageiro de Maria*, Lisboa (1907-1909)
- Nova Lucta*, Porto (1909)
- O Amigo da Religião*, Lisboa (1907-1908)
- O António Maria*, Lisboa (1879-1898)
- O Democrata*, Aveiro (1908)
- O Gaiato*, Porto (1898)

*O Moscardo*, Lisboa (1913)  
*O Povo de Aveiro*, Aveiro (1889-1914)  
*O Rebate*, Tomar (1909)  
*Os Serões das Senhoras*, Lisboa (1908)  
*O Zé*, Lisboa (1910-1914)  
*Pontos nos ii*, Lisboa (1885-1891)  
*Radical*, Lisboa (1907)  
*Risos Lisos*, Coimbra (1897)  
*Terra livre*, Lisboa (1913)

## 2. Outras fontes

*Catalogo do Salão de Humoristas Portugueses*, Lisboa, 1912.

## 3. Bibliografia

- ABREU, Luís Machado de, “Os estereótipos na prática discursiva do anticlericalismo”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 71-79.
- BARD, Christine (coord.), *Un siècle d'antiféminisme*. Paris, Fayard, 1999.
- BOCK, Gisela, “História, História das Mulheres, História do Género”: *Penélope: revista de história e ciências sociais* 4 (1990), pp. 147-178.
- CASCÃO, Rui, “O quadro doméstico: «em família». Em casa. O quotidiano familiar”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011, pp. 222-252.
- DOWNS, Laura Lee, *Writing gender history*. London, Hodder Arnold, 2004.
- EPSTEIN, Anne, “Gender and the rise of the female expert during the Belle Époque”: *Histoire@Politique. Politique, culture, société* 14.2 (2011), pp. 84-96. Disponível em <<http://www.cairn.info/revue-histoire-politique-2011-2-page-84.htm>>. (Consultado em 18 de agosto 2011).
- ESTEVES, João, *As origens do sufragismo português*. Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998.
- FARAUT, Martine, “Women resisting the vote: a case of anti-feminism?»: *Women's History Review* 12.4 (2003), pp. 605-621. DOI:10.1080/09612020300200376. (Consultado em 31 de maio de 2009).
- FISCHER-DUCKELMAN, Anna, *A mulher médica de sua casa*. Livro de higiene e medicina familiar. Lisboa, Bertrand, 1907.
- FLORES, Maria Bernardete, “O pensamento antifeminista. A querela dos sexos”: *Faces de Eva* 14 (2005), pp. 51-74.
- FRANCO, José Eduardo, “O mito da mulher em Vieira. Teologia, representação e profecia”, in Zília Osório de CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 39-70.



- GUIMARÃES, Maria Alice Pinto, *Saberes, modas e pó de arroz*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- MARQUES, Gabriela Mota, *Demónios aperfeiçoados. O antifeminismo na imprensa portuguesa (1885-1914)*. Coimbra, (s.n.), 2013 (Tese de Doutoramento. Texto policopiado).
- MARUJO, António e FRANCO, José Eduardo (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.
- MATIAS, Fátima Rezende, “Estereótipos de género no imaginário infantil: a escolha de profissão”, in Anthony BARKER (coord.) *O poder e a persistência dos estereótipos / The power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 117-141.
- MAUGUE, Annelise, “A nova Eva e o velho Adão: identidades sexuais em crise”, in George DUBY e Michelle PERROT (dirs.), *História das mulheres: o século XIX*, vol. 4. Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp. 581-601.
- MENDES, Maria Pilar Antunes, *Mily Possoz, 1888-1968: Percurso e afirmação de uma artista no Modernismo Português*, vol. 1. Lisboa, (s.n.), 2010 (Dissertação de mestrado. Texto policopiado).
- MORÃO, Paula, *Salomé e outros mitos. O feminino perverso em poetas portugueses entre o Fim-de-Século e Orpheu*. Lisboa, Edições Cosmos, 2001.
- PASTEUR, Paul, “Le sèmeur, la semence et le fidèle combattant de l’avenir ou la masculinité dans la social-démocratie autrichienne (1888-1934)”: *Le Mouvement Social* 198 (2002), pp. 35-53. Disponível em <[http://www.cairn.info/article.php?ID\\_REVUE=LMS&ID\\_NUMPUBLIE=LMS\\_198&ID\\_ARTICLE=LMS\\_198\\_0035](http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=LMS&ID_NUMPUBLIE=LMS_198&ID_ARTICLE=LMS_198_0035)>. (Consultado em 1 de abril de 2009).
- PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, “A higiene: da higiene das habitações ao asseio pessoal”, in José MATTOSO (dir.) e Irene VAQUINHAS (coord.) *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa, Temas e debates | Círculo de Leitores, 2011.
- PERROT, Michelle, *Les femmes ou les silences de L’Histoire*. Paris, Flammarion, 1998.
- , *Uma história das mulheres*. Porto, Edições ASA, 2007.
- PICKERING, Michael, “The inescapably social concept of stereotyping”, in Anthony BARKER (coord.), *O poder e a persistência dos estereótipos / the power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 21-32.
- PIMENTEL, Alberto, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*. Guimarães, Libanio & C.ia, 1900.
- RAMOS, Rui, “O Fim do século. A nação intelectual”, in José MATTOSO (dir.) e Rui RAMOS (coord.), *História de Portugal. A Segunda Fundação*, vol. 6. Lisboa, Editorial Estampa, 1994, pp. 43-67.
- ROCHFORD, Florence, “L’antiféminisme : un nouveau champ de recherche”: *Vingtième Siècle. Revue d’histoire* 57 (1998), pp. 146-147. Disponível em <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs\\_0294-1759\\_1998\\_num\\_57\\_1\\_3724](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/xxs_0294-1759_1998_num_57_1_3724)>. (Consultado em 16 de agosto 2011).
- RODRIGUES, Manuel Augusto, “Prefácio”, in Jorge SEABRA, António Rafael AMARO e João Avelãs NUNES, *O CADC de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*. Lisboa, Edições Colibri, 2000.

- THÉBAUD, Françoise, “Genre et Histoire”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 187-201.
- THÉRENTY, Marie-Ève, “Pour une histoire genrée des médias”: *Pathologies sociales de la communication* 15 (2009), pp. 247-260. DOI:10.4000/questionsdecommunication. 577. (Consultado em 15 de outubro de 2012).
- TORGAL, Luís Reis e VARGUES, Isabel, “Produção e reprodução cultural”, in José MATTOSO (dir.), Luís Reis TORGAL e João ROQUE (coords.), *História de Portugal, O Liberalismo*, vol. 5. Lisboa, Editorial Estampa, 1993, pp. 685-696.
- VAQUINHAS, Irene, “História das mulheres e de género em Portugal: Horizontes temáticos e desafios atuais”: *Faces de Eva extra* (2019), pp. 37-56.
- , “Mulheres, economia e sociedade em Portugal na segunda metade do século XIX (1850-1900)”, in Zília Osório CASTRO e João ESTEVES (dirs.), *Falar de Mulheres. História e Historiografia*. Lisboa, Livros Horizonte, 2008, pp. 225-239.
- , *Nem gatas borralheiras, nem bonecas de luxo. As mulheres portuguesas sob o olhar da História (séculos XIX-XX)*. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.
- VICENTE, Ana, “Antifeminismo”, in António MARUJO e José Eduardo FRANCO (coords.), *Dança dos Demónios. Intolerância em Portugal*. Lisboa, Temas e Debates | Círculo de Leitores, 2009.
- VOGEL, Christine, “Des Stéréotypes religieux à la pensée conspirationniste – l'exemple des jésuites”, in Anthony BARKER (Coord.) *O poder e a persistência dos estereótipos / the power and persistence of stereotyping*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 51-69.
- WAGNER, Tamara, *Antifeminism and the Victorian novel: rereading nineteenth-century women writers*. New York, Cambria Press, 2009.
- WINOCK, Michel, *La Belle Époque: la France de 1900 à 1914*. (S.l.), Perrin, 2003

**PENSAR COM OS OUTROS. LITERATURA  
FILOSÓFICA EM TRADUÇÃO PORTUGUESA:  
O PAPEL DE JOAQUIM DE CARVALHO  
(1892-1958)**

**THINKING WITH OTHERS. PHILOSOPHICAL  
TEXTS IN PORTUGUESE TRANSLATION:  
THE ROLE OF JOAQUIM DE CARVALHO  
(1892-1958)**

*João Diogo R. P. G. Loureiro*

CECH, Universidade de Coimbra; CEG, Universidade Aberta

loureiro.joaodiogo@ua.pt

ORCID: 0000-0002-3609-0971

**Resumo:** O presente artigo visa expor, de forma breve, o papel de Joaquim de Carvalho (1892-1958) na divulgação, entre nós, de obras filosóficas estrangeiras, primeiro enquanto diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra (1921-1934) — onde fundou, em 1930, a coleção Filósofos e Moralistas (1930-1934) — e depois enquanto responsável pela coleção Biblioteca Filosófica (1948-1974), publicada pela Atlântida. Não só as duas coleções são aqui discutidas com algum pormenor, como se oferece ainda uma panorâmica do que aconteceu em Portugal, em matéria de tradução filosófica, no período que mediou entre ambas. No fim, aprecia-se a fecundidade da ação de Carvalho, fazendo-se uma rápida referência às coleções que ainda hoje dão continuidade ao seu projeto de dar a conhecer o melhor do que se pensou além-fronteiras.

**Palavras-chave:** António Sérgio, Biblioteca Filosófica, Filósofos e Moralistas, Joaquim de Carvalho, tradução filosófica.

**Abstract:** This article aims to present briefly the role of Joaquim de Carvalho (1892-1958) in the dissemination in Portugal of foreign philosophical works, first as director of the Coimbra University Press (1921-1934) — where he founded, in 1930, the collection Philosophers and Moralists (1930-1934) — and later as responsible for the collection Philosophical Library (1948-1974), published by Atlântida. Not only the two collections are discussed here in some detail, but it is also provided an overview of what happened in Portugal in the field of philosophical translation in the period between them. Finally the fruitfulness of Carvalho's action is appreciated, with a brief reference to the collections that still continue the goal of making known among us the best of what was thought abroad.

**Keywords:** António Sérgio, Biblioteca Filosófica, Filósofos e Moralistas, Joaquim de Carvalho, philosophical translation.

## 1. Introdução

O presente artigo visa expor, de forma necessariamente sumária, o papel de Joaquim de Carvalho (1892-1958) na divulgação, entre nós, de obras filosóficas estrangeiras, primeiro enquanto diretor da Imprensa da Universidade (1921-1934) — onde fundou, em 1930, a coleção Filósofos e Moralistas (1930-1934) — e depois enquanto responsável pela coleção Biblioteca Filosófica (1948-1974), publicada pela casa coimbrã Atlântida.

A mais antiga tradução (subsistente) de um texto filosófico para a nossa língua, devemos-la ao Infante D. Pedro, que «tornou em linguagem», como então se dizia, o *De officiis* de Cícero.<sup>1</sup> Em torno do Infante e do seu irmão, D. Duarte, constituiu-se mesmo o que Sebastião Pinho não hesita em chamar de uma «escola» de tradução;<sup>2</sup> infelizmente, dos outros tratados ciceronianos então «postos em vulgar», nenhum nos chegou. O Arpinate foi também o primeiro filósofo a ter honras de impressão entre nós: em 1531, Germão Galharde, que se encontrava em Coimbra para ensinar aos crúzios a «arte negra», dá à estampa na cidade universitária o *De amicitia*, na tradução de Duarte de Resende, edição que incluía ainda o famoso passo final do *De republica* (o chamado «Sonho de Cipião») e os *Paradoxa*.<sup>3</sup>

É só no reinado de D. Maria I, quando o ideário iluminista se firma no nosso país,<sup>4</sup> que o número de traduções de textos

---

1 O manuscrito conheceu edição crítica: Joseph PIEL (ed. crit.), *Livro dos ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o infante D. Pedro, duque de Coimbra*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948.

2 Sebastião PINHO, “O Infante D. Pedro e a «escola» de tradutores da Corte de Avis”: *Biblos* 69 (1993), pp. 129-153.

3 A tradução foi duas vezes republicada, a última delas pela Imprensa Nacional: Maria Leonor BUESCU (ed.), *Duarte de Resende. Tratados Da amizade, Paradoxos e Sonho de Cipião*. Lisboa, INCM, 1983.

4 Ana Cristina ARAÚJO, “Cosmopolitisme et diffusion des Lumières au Portugal au dix-huitième siècle”, in *Transactions of the Seventh International Congress on the Enlightenment*. Oxford, Voltaire Foundation, 1989, p. 571.

filosóficos para português conhece um incremento exponencial.<sup>5</sup> Um marco importante é atingido em 1814, quando são publicadas as *Categorias* de Aristóteles: trata-se da primeira tradução de um filósofo feita por um seu colega de profissão, neste caso Silvestre Pinheiro Ferreira.<sup>6</sup> A partir do último quartel do século XIX, a difusão em Portugal das ideias socialistas e anarquistas levou a um surto de traduções que catapultará Kropotkin, um dos mais importantes teóricos do anarquismo russo, para a improvável posição de filósofo mais traduzido de sempre em Portugal (consideramos aqui apenas as traduções editadas em livro, negligenciando o que saiu em periódicos).<sup>7</sup>

É este cenário que Carvalho revolucionará com a sua atividade editorial, ao imprimir um carácter científico e sistemático à publicação, entre nós, de textos filosóficos estrangeiros. Abordaremos de seguida, com o detalhe possível no espaço relativamente exíguo de que dispomos, as duas coleções por ele fundadas, mostrando o alcance histórico da sua ação.

---

5 Maria Antónia HÖRSTER, Evelina VERDELHO e Telmo VERDELHO, “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”: *Revista portuguesa de filologia* 25.2 (2003-2006), p. 689.

6 Silvestre PINHEIRO FERREIRA, *Categorias de Aristóteles*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1814.

7 Baseamo-nos, para esta afirmação, no levantamento feito por Gonçalves Rodrigues das traduções realizadas em Portugal entre 1495 e 1930 (António GONÇALVES RODRIGUES, *A tradução em Portugal*, 5 vols. Lisboa, 1992-1999), complementado com informações colhidas em Adelaide GONÇALVES e Jorge SILVA, *A bibliografia libertária. O anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo, Imaginário, 2001. Para uma visão de conjunto da impressionante atividade editorial dos círculos anarquistas portugueses, vd. Carlos ABREU (org.), *100 anos de anarquismo em Portugal (1887-1987). Catálogo da exposição bibliográfica, iconográfica*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987.

## 2. O papel charneira da coleção **Filósofos e Moralistas (1930-1934)** da **Imprensa da Universidade**

A 11 de julho de 1921, Joaquim de Carvalho, à época um jovem docente da Faculdade de Letras de Coimbra, assume funções como administrador da secular Imprensa da Universidade [IU]. Sob a sua direção, a IU, até então mera oficina tipográfica ao serviço da instituição-mãe, converte-se numa autêntica casa editorial, desenvolvendo um trabalho notável em prol da cultura portuguesa. Carvalho faz publicar na Imprensa edições críticas de muitos dos nomes maiores das letras nacionais e funda coleções especialmente dedicadas ao estudo da arte e do pensamento português. Não obstante esta extraordinária atividade editorial, Salazar ordenou o encerramento da Imprensa, que fechou definitivamente as suas portas a 31 de agosto de 1934. Segundo Luís Reis Torgal, este foi o primeiro passo no sentido da domesticação da Universidade pelo regime.<sup>8</sup> Parece claro que se queria, com a medida, atingir Carvalho, republicano destacado e conhecido *maçon*; havia também suspeitas de que os prelos da Imprensa tinham sido usados para imprimir materiais oposicionistas.<sup>9</sup> Acima de tudo, porém, pretendia-se eliminar um polo promotor do pensamento livre e crítico.

Torgal reconhece que uma das coleções da Imprensa com mais potencial para inquietar os novos donos do poder era a *Filósofos e Moralistas* [FM].<sup>10</sup> Fundada em 1930, trata-se da primeira coleção em Portugal explicitamente vocacionada para a publicação entre nós de textos filosóficos em tradução, constituindo assim o paradigma de todas as iniciativas editoriais

---

8 Luís Reis TORGAL, “O contexto político da extinção da Imprensa da Universidade pelo Estado Novo”, in Fernando FONSECA *et alii*, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001, p. 114.

9 Jorge PEIXOTO, *A ação de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Lisboa, s. n., 1976, p. 41.

10 L. R. TORGAL, *op. cit.*, p. 115.

análogas que lhe sucederam. Como que confirmando as palavras de Torgal, o último livro saído dos prelos da Imprensa terá sido justamente o nono título da coleção (vd. lista completa no apênd. I), a biografia de Espinosa por Colerus.<sup>11</sup> Carvalho tem o mérito de ter publicado pela primeira vez em Portugal autores como Montaigne, Descartes e Leibniz, reunindo à sua volta tradutores como António Sérgio, Agostinho da Silva e Vitorino Nemésio. Embora na coleção em análise tenham também saído textos de grandes pensadores da época (e.g. Croce) e até, algo em contramão, um original de Newton Macedo, o foco parece ter sido a edição de clássicos da filosofia, como se percebe pela análise dos títulos que foram sendo sucessivamente anunciados nas contracapas dos volumes dados à estampa. Parte desses — como o *Fédon*, a *Ética* ou os *Fundamentos da metafísica dos costumes* — viriam a ser publicados mais tarde na Biblioteca Filosófica [BF] da Atlântida, uma tentativa clara de dar continuidade à coleção da Imprensa, cancelada contra vontade.<sup>12</sup>

Para a reconstituição da história desta coleção pioneira, as cartas de António Sérgio a Joaquim de Carvalho durante o período de exílio do primeiro (1927-1933) constituem uma fonte da maior importância.<sup>13</sup> Em carta enviada a 8 de agosto de 1929, encontramos a primeira referência ao que virá a ser a FM: por intermédio de Sílvio Lima (que sucederá a Carvalho à frente da BF), Sérgio teria ficado a saber do interesse do seu correspondente em avançar

---

11 Informação colhida numa nota manuscrita de Joaquim Montezuma de Carvalho que acompanha o exemplar, depositado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, da reedição, em 2000, pela Câmara Municipal da Vidigueira, do texto do último volume da FM.

12 Para além dos livros referidos no corpo de texto, foram anunciados como estando no prelo os seguintes títulos: (i) Descartes, *Discurso do método*; (ii) Leon Roth, *A ciência da moral*; (iii) Locke, *Ensaio sobre a extensão e os limites do poder civil*; (iv) Santo Agostinho, *Confissões*; (v) Pascal, *Pensamentos*.

13 A correspondência em questão foi editada por F. Catroga e A. Veloso: Fernando CATROGA e Aurélio VELOSO, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933)”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 951-1016.



com uma «biblioteca de cultura filosófica» na Imprensa. Por carta firmada a 16 de novembro do mesmo ano, fica claro que Sérgio, a pedido de Carvalho, estava já então a procurar adquirir os direitos para a tradução do que viria a ser o primeiro volume da coleção, *As últimas conversações*, de Renouvier. Obtidos estes, Sérgio, então a atravessar grandes dificuldades financeiras e necessitado do dinheiro da Imprensa, traduz a obra em apenas dez dias. Em missiva datada de 9 de janeiro de 1930, o histórico seareiro aceita a sugestão de Carvalho de traduzir Russell<sup>14</sup> e propõe para a coleção a inaugurar um conjunto de nomes, entre os quais aquele que será efetivamente adotado. Percebe-se igualmente pela mesma carta que Sérgio teria incentivado o administrador da Imprensa a prefaciar os vários títulos a publicar, o que Carvalho se terá escusado a fazer (recuperará, porém, a ideia aquando da BF).

A 18 de janeiro, o prolífico ensaísta propõe a publicação das *Meditações cartesianas* (texto que acabará por verter e publicar na Imprensa)<sup>15</sup> e, a 28 de fevereiro, a edição de «uma seleção de todos os trechos de Montaigne que dizem respeito à cultura do espírito» (o sétimo título da coleção terá sido a concretização possível desta sugestão). Por esta última carta, percebe-se que Carvalho já então queria editar os *Novos ensaios* de Leibniz, texto que Sérgio traduzirá entre (aproximadamente) 5 de abril e 15 de maio de 1931, tanto quanto se depreende da correspondência entre ambos. Outras peças epistolares deste conjunto revelam alguns dos títulos pensados para a coleção que nunca a chegaram a

---

14 Esta tradução sairá em 1939, na coleção Studium, pela casa coimbrã Arménio Amado. O valor a pagar pelos direitos de autor (F. CATROGA e A. VELOSO, op. cit., n. 1 *ad* carta 15) terá levado Carvalho a pedir a Sérgio que interrompesse a tradução (carta de 14-4-33).

15 Esta tradução de Sérgio foi objeto de um estudo por Aurélio VELOSO, “António Sérgio tradutor: a tradução das «Meditationes/Meditations» de Descartes (1930): primeira aproximação: paleografia e lexicografia”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 247-319.

integrar, como o *Discurso do método*, de Descartes, numa tradução de Carvalho (vd. carta de 13-7-1930), a *Monadologia*, de Leibniz (vd. carta de 27-01-31), o *Tratado do conhecimento humano*, de Berkeley (carta de 8-5-31),<sup>16</sup> ou o *Parménides*, de Platão (carta de 30-7-33). Todo este material demonstra suficientemente como a coleção que nos tem ocupado, sendo embora uma ideia original de Carvalho, pode, com alguma justiça, ser considerada um empreendimento a quatro mãos, atendendo ao contributo que Sérgio deu quer para o desenho quer para a materialização da mesma (e isto até ao fim: a biografia de Espinosa já acima referida chega às mãos de Carvalho *via* Sérgio: vd. carta de 30-7-33).

### **3. A tradução filosófica em Portugal entre o fecho da Imprensa da Universidade (1934) e a fundação da Biblioteca Filosófica (1947)**

O encerramento da Imprensa não significou o fim da chegada regular ao mercado nacional de textos filosóficos em tradução. Logo em 1934 é publicado, com a chancela da Seara Nova, o *Crítion[e]* de Platão, vertido do grego por Agostinho da Silva. Na editora da revista fundada por Raul Proença saíam a partir de então, a intervalos aceitáveis, depois desse primeiro título, várias obras de filosofia traduzidas em português (vd. apênd. II), duas delas, inclusive, pelo próprio Joaquim de Carvalho. Merece destaque a aposta em Platão (cinco diálogos traduzidos entre 1934 e 1953, um deles duas vezes, por mãos diferentes), embora a opção não surpreenda: o filósofo ateniense está particularmente bem representado nos catálogos de seguida analisados.

---

16 Este título acabará por sair em 1958 na BF, com tradução de Vieira de Almeida.

Em Coimbra, cidade que vira nascer a FM, surgiu em 1937, na Arménio Amado, a coleção Studium, coleção dominada por títulos de direito, mas onde encontramos igualmente algumas obras de filosofia, e filosofia em tradução (vd. apênd. III). Aí foram publicados pela primeira vez, em português europeu, autores como Russell, Sertillanges e Hegel.

Já em 1938, Eduardo Salgueiro, editor da Inquérito, fundada havia dois anos (tanto quanto conseguimos apurar, o primeiro livro a sair com o selo da editora terá sido a *História das ideias políticas*, de R. Gettell, numa tradução do próprio Salgueiro), lançou a coleção Cadernos “Inquérito”,<sup>17</sup> ambiciosamente dividida em várias séries, uma, a C, intitulada Filosofia e Religião. Nesta foram publicados, entre 1939 e 1945, 15 títulos (vd. apênd. IV), obras de autores como Schopenhauer, Platão, Spencer ou Comte. Alguns textos filosóficos foram ainda publicados em outras séries dos Cadernos ou em coleções sem relação com estes. Assim, por exemplo, em 1940, é dada à estampa uma seleção generosa (dois volumes) de excertos do *Emílio* de Rousseau, da responsabilidade de António Sérgio, mas a recolha surge na série B dos Cadernos, dedicada à pedagogia; também os dois pares de diálogos de Platão, editados em 1945, são incluídos na coleção Textos Clássicos.

Estes foram anos em que, pelo menos a um olhar exterior, parece ter havido um esforço concertado da parte de um círculo de intelectuais portugueses para oferecer ao público português o essencial do *corpus* platónico, empreitada de fundo para a qual também a editora Educação Nacional, fundada por António Figueirinhas em 1896, contribuiu. Na coleção Obras Primas de Todos os Tempos (1941-1943) saíram as 13 cartas atribuídas a Platão (em

---

17 Para uma breve contextualização e descrição deste projeto editorial, vd. Nuno MEDEIROS, “A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos”: *Revista brasileira da história da mídia* 4.2 (2015), pp. 36-37. A coleção é aí proveitosamente comparada com a Biblioteca Cosmos, a que abaixo dedicamos algumas linhas.

três volumes), o *Alcibiades* e o *Fédon*, todos em 1941 e todos vertidos por A. Machado Cruz. A mesma coleção acolheu ainda traduções de Aristóteles, Kant e Condorcet (autor então aparentemente popular, a avaliar pela sua presença também nos projetos editoriais de Agostinho da Silva e Bento Jesus Caraça, de que a seguir falaremos) (vd. apênd. V). Em 1944, à frente da Educação Nacional passa a estar o neto do fundador, Mário Figueirinhas. A coleção Obras Primas é abandonada, e surge uma nova, a Mensagem, confiada à direção de Ferreira da Costa. Chegou a ser anunciada a publicação, nesta, da *Causa, princípio e unidade*, de Giordano Bruno, e do Príncipe, de Maquiavel, mas, tanto quanto nos foi possível averiguar, só dois títulos de interesse filosófico acabaram por ver a luz do dia: *Despojos de uma tragédia* (correspondência inédita) (1944), de Nietzsche, e *Do sentimento trágico da vida* (1953), de Unamuno.

O ano em que arrancou a coleção Obras Primas de Todos os Tempos viu também o começo de um singular empreendimento editorial de Agostinho da Silva, personagem maior da cultura portuguesa do século XX a quem já acima aludimos. Agostinho, que se estreara como colaborador na *Seara Nova* em 1928 pela mão de António Sérgio, acaba por abandonar com este o grupo associado à revista em começos de 39.<sup>18</sup> Não saem sós, e os dissidentes agregam-se no Núcleo Pedagógico Antero de Quental, que assume entre as suas missões a de, nas palavras dos próprios, «promover a publicação de coleções de iniciativa cultural para crianças e adultos».<sup>19</sup> No ano seguinte, arranca a publicação da coleção Iniciação — Cadernos de Informação Cultural, idealizada e produzida pelo filósofo portuense, que nela trabalhará intensamente

---

18 No que se segue, seguimos de perto, resumindo e focando os aspetos para nós mais relevantes, a biografia de Agostinho da Silva por Franco: António Cândido FRANCO, *O estranhíssimo colosso. Uma biografia de Agostinho da Silva*. Lisboa, Quetzal, 2015.

19 Agostinho da SILVA, *O método Montessori*. Lisboa, Editorial Inquérito, 1939, p. 80.

(a cada quinzena saía um novo caderno; cada um tinha, em média, duas dúzias de páginas) entre 1940 e 1944. O sucesso da iniciativa, que atinge a autossuficiência económica, encoraja Agostinho, que se aventura a criar duas coleções: uma dirigida aos jovens (*À Volta do Mundo: Textos para a Juventude*), outra, a que nos interessa, a *Antologia: Introdução aos Grandes Autores (1941-1947)*, com oito séries anunciadas, cada uma com seis cadernos. Problemas vários com a polícia política — que desde o bruaá em torno de um seu opúsculo de 1943 (a *Doutrina cristã*) vigiava de muito perto a sua atividade editorial — levam-no, após uma passagem pelo Aljube, a emigrar para o Brasil em novembro de 1944. O seu exílio dita o fim da coleção.<sup>20</sup> Nesta, havia traduzido excertos de Platão, Marco Aurélio, Bacon, Erasmo, More, Voltaire, Condorcet e muitos outros (vd. apênd. VI), num labor incomparável de divulgação da cultura filosófica que é tanto mais extraordinário porque fruto de um homem só.

Por fim, ainda no que diz respeito à publicação sistemática de obras filosóficas em português entre o encerramento da IU e o aparecimento da BF, não podemos deixar de referir aqui a Biblioteca Cosmos (1941-1948), de Bento de Jesus Caraça,<sup>21</sup> um projeto marcante com que este pôde contribuir para o ideal imperioso articulado no final da sua célebre conferência de 1933 à União Cultural «Mocidade Livre»: a reivindicação da cultura para a coletividade inteira.<sup>22</sup> Se do plano de edições original da Biblioteca não constava nenhum título filosófico, o catedrático de matemática acabou por dar à estampa quatro clássicos do pensamento ocidental, notando-se uma nítida

---

20 Em rigor, ainda saem em 1946 um caderno e, em 1947, outros dois. Estes, porém, constituem claramente uma revivescência serôdia de um projeto que já chegara ao seu termo.

21 Acerca deste singular empreendimento editorial, vd. João Oliveira DUARTE, *Uma biblioteca contra o Inferno*. Lisboa, Ego, 2017.

22 Bento de Jesus CARAÇA, *A cultura integral do indivíduo. Conferências e outros escritos*, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Gradiva, 2008, p. 79.

preferência da sua parte por obras maiores do Renascimento (vd. apênd. VII). O projeto da Biblioteca foi infelizmente cortado cerce pela intempestiva morte do seu arquiteto em 1948.<sup>23</sup>

#### 4. A Biblioteca Filosófica (1948-1974)

É neste contexto cultural que surge, em 1948,<sup>24</sup> sob a direção de Joaquim de Carvalho, a BF da Atlântida Editora, coleção inaugurada com o *Fédon* de Platão na prometida tradução de Dias Palmeira, prevista inicialmente — como outros títulos que se lhe seguiram — para a FM. Já tivemos ocasião de sublinhar a continuidade de fundo entre estes dois projetos. Carvalho não se desviou do que entendia ser a sua missão: oferecer ao público português grandes (não no sentido físico do termo, bem pelo contrário) textos do pensamento ocidental em traduções de altíssima qualidade. Não obstante a BF ter aparecido numa altura em que a oferta na área havia aumentado consideravelmente, conseguiu ainda dar a conhecer pela primeira vez na nossa língua autores como Berkeley, Espinosa ou Husserl, recrutando para essa tarefa tradutores da craveira de Vieira de Almeida,<sup>25</sup>

---

23 Escusado será dizer que as coleções analisadas não tiveram o monopólio das traduções filosóficas em Portugal no período em consideração: basta lembrar que António Sérgio, de quem já tanto aqui falámos, publica a sua tradução das *Meditações* de Marco Aurélio na Ática, em 1947.

24 Muito embora nas bases bibliográficas de referência o *Fedro*, livro inaugural da coleção, surja como sendo de 1947, no cólofon do mesmo lê-se que foi impresso em inícios de 48.

25 Vieira de Almeida é dos que mais contribui para a coleção, com um total de quatro prefácios e três traduções. Uma delas (a do opúsculo agostiniano, *Contra os académicos*) foi já, com o respetivo prefácio, objeto de um estudo aprofundado (vd. Mário Santiago de CARVALHO, “Vieira de Almeida e a *tranchée* de Agostinho. Sobre a história da filosofia”: *Revista filosófica de Coimbra* 38 (2010), pp. 235-272).

Albin Beau,<sup>26</sup> Edmundo Curvelo,<sup>27</sup> Paulo Quintela<sup>28</sup> e António Sérgio (para não falar do próprio Joaquim de Carvalho). Ao contrário do que sucedia na coleção da Imprensa, as obras editadas pela Atlântida foram sempre, até 1958 — ano da morte do diretor da Biblioteca —, acompanhadas de paratextos (estudos, introduções, prefácios) que procuravam iluminar o contexto histórico e as teses principais da obra que o leitor tinha em mãos,<sup>29</sup> com isso introduzindo um fator de diferenciação face à concorrência, que recorria de forma menos sistemática a tais estratégias de valorização comercial (e filosófica) dos livros.

Com a morte de Carvalho, a coleção passa ser dirigida por Sílvio Lima, o seu «amado discípulo»,<sup>30</sup> ele próprio um filósofo de primeira água cuja carreira académica foi vilmente minada por Salazar. O nome de Lima foi sugerido ao editor da Atlântida, Joaquim Lopes Cravo, por Afonso Queiró, diretor da

---

26 Carvalho e Beau já haviam antes colaborado: o último traduzira para a Studium *Leibniz e a sua época*, de Dilthey, obra prefaciada pelo primeiro.

27 As cartas de Curvelo para Carvalho encontram-se editadas (vd. Augusto OLIVEIRA (ed.), *Cartas de Edmundo Curvelo a Joaquim de Carvalho (1947-1953) e outros inéditos*. Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade, 2005) e constituem uma fonte valiosa para a reconstituição de parte da história da nossa coleção. Por elas ficamos a saber que, a 4 de outubro de 1947, já o diretor da BF havia entrado em contacto com Curvelo, procurando saber com que textos estaria este disposto a colaborar para o projeto. Por carta de 13 de agosto de 48, descobrimos que o catedrático de Coimbra pretendia editar os sofistas e, eventualmente, todos os pré-socráticos. A tradução dos fragmentos dos primeiros terá sido confiada a António Pinto de Carvalho (A. OLIVEIRA, op. cit., p. 91), mas nunca terá ido adiante (tanto quanto sabemos). Em carta de 15 de maio de 49, Curvelo aceita a sugestão de Carvalho de traduzir Montague; em missiva de 1 de julho, avisa que a tradução está pronta. Esta sairá ainda no mesmo ano.

28 Financiada pelo Instituto de Alta Cultura, a tradução de Quintela da *Fundamentação da metafísica dos costumes de Kant* só será publicada em 1960, doze anos depois de concluída e já depois da morte de Carvalho, em mais uma manifestação do esforço do seu sucessor à frente da BF no sentido de concretizar os projetos editoriais que aquele tinha deixado em suspenso (vd. *infra*).

29 Estes textos encontram-se reunidos em Joaquim de CARVALHO, *Obra completa, I: Filosofia e história da filosofia: 1939-1955*. Lisboa, Gulbenkian, 1981.

30 Paulo Archer de CARVALHO, *Sílvio Lima*, 2 vols. Coimbra, Palimage, 2018, p. 187.

Faculdade de Direito de Coimbra.<sup>31</sup> Aceite o convite, o autor de *O amor místico* escreveu a António Sérgio, sabendo que o seu antecessor tinha pedido a este que vertesse a primeira parte da *Introdução à medicina experimental*, de Claude Bernard.<sup>32</sup> O velho seareiro acolheu o repto, mas a tradução nunca viu a luz do dia, provavelmente porque abandonada após a publicação da mesma obra de Bernard na Guimarães logo no ano seguinte. Graças a uma segunda carta de Lima a Sérgio, sabemos que o primeiro havia já combinado com Vieira de Almeida uma tradução, com introdução, ao *Utilitarismo* de Mill.<sup>33</sup> Em suma: percebe-se que, quando assumiu a direção da Biblioteca, Sílvio Lima não pretendia imprimir à coleção um novo rumo, procurando antes, em tudo quanto possível, seguir o precedente definido pelo mestre, levar a cabo os projetos que a morte abrupta deste deixara por cumprir (o exemplo mais significativo disso mesmo será o esforço de Lima no sentido de completar a edição da *Ética* de Espinosa,<sup>34</sup> livro sobre todos caro a Carvalho).<sup>35</sup> Todavia, com o tempo, muito naturalmente, o catálogo começou a refletir os interesses do novo responsável pela BF, abrindo-se a campos como a psicologia e a pedagogia. Outra mudança significativa na

---

31 José Ferreira da SILVA, “Sílvio Lima: história de um professor universitário”: *Biblos* 55 (1979), p. xl.

32 Carta de 7-12-1958, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 972.

33 Carta de 18-12-1958, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 973. A tradução acabou por ser confiada a Eduardo Rogado-Dias; Vieira de Almeida redigiu, contudo, o prometido prefácio.

34 Acerca desta, vd. João Diogo LOUREIRO, “[Recensão de] Espinosa. Ética. Tradução do latim, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio (Lisboa: Relógio d’Água — Coleção Filosofia, 2020), 401 pp. ISBN: 9789896419561”]: *Revista filosófica de Coimbra* 57 (2020), parte I.

35 Dos livros anunciados nas contracapas dos volumes publicados sob a direção de Carvalho, todos viram a luz do dia, embora nem todos tenham acabado por integrar a BF, e.g. o *Que nada se sabe*, de Francisco Sanches, publicado autonomamente como separata da *Revista* da Universidade de Coimbra.



coleção foi a inclusão, nesta, de vários originais, alguns de autores brasileiros.<sup>36</sup>

O último volume da BF acabaria por sair em 1974. Em maio do ano anterior, já Sílvio Lima havia decidido, por questões de saúde e idade, demitir-se em novembro do cargo de diretor da coleção.<sup>37</sup> Não conseguimos averiguar se a editora ainda realizou diligências no sentido de encontrar quem o substituísse ou se aproveitou a saída de Lima para pôr termo à BF. Mesmo que admitamos o primeiro cenário, poucos meses depois a Revolução saiu à rua: manter uma coleção como esta não seria então, de todo, uma prioridade editorial da casa.

### Rival e progénie

Como já se disse, a BF surge num contexto editorial muito diferente do da sua antecessora imediata, a FM: no período que medeia entre ambas, multiplicaram-se as traduções filosóficas disponíveis no mercado português. O novo projeto de Joaquim de Carvalho vai inclusive enfrentar a concorrência direta da icónica coleção Filosofia e ensaios, da Guimarães Editores, cujo primeiro título, *O elogio da loucura*, de Erasmo, em tradução de Álvaro Ribeiro, chegou às livrarias logo em 1951. A coleção, uma iniciativa do grupo da Filosofia Portuguesa, atravessou várias décadas, definhando, por fim, nos anos 90. Curiosamente, pelo menos uma tradução originalmente publicada

---

<sup>36</sup> Contabilizamos aqui como brasileiro também Romano Galeffi, italiano radicado na Bahia. Nos últimos anos da sua vida, Carvalho aproximou-se bastante do Brasil, cultivando amizades com professores e intelectuais do outro lado do Atlântico (vd. Débora MACAMBIRA, *A «redescoberta» do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)*. Tese de doutoramento não publicada apresentada à Universidade de Coimbra, 2017). Não é de excluir que Sílvio Lima tenha beneficiado dessa rede de contactos.

<sup>37</sup> Carta de 14-5-1973 a Joaquim M. de Carvalho, in P. A. CARVALHO, op. cit., p. 968.

na BF acabou por ser reimpressa na Guimarães: *O banquete*, de Platão, na tradução de Pinharanda Gomes.<sup>38</sup>

Não tem cabimento proceder aqui a um elenco exaustivo das coleções análogas que, ao longo da segunda metade do século XX, foram surgindo entre nós, manifestação cabal do visionarismo do gesto inaugural de Joaquim de Carvalho ao fundar, em 1930, a FM. Editoras como a Gulbenkian, as Edições 70 ou a Relógio d'Água possuem prestigiadas coleções dedicadas especificamente à publicação de textos filosóficos — na sua maioria, quando não exclusivamente, traduções.<sup>39</sup> Uma tal aposta da sua parte é um sinal evidente de que, afinal, a filosofia vende.

---

38 Esta tradução terá gerado polémica, pois que alguns se escandalizaram pela falta de estudos formais do autor, pondo em questão a sua competência. O próprio António Quadros terá vindo a terreiro em defesa do então ainda jovem Pinharanda. Para o caso, vd. Paulo Leitão BATISTA, “A tradução de Platão por Pinharanda Gomes” (entrada de blogue), 2013: disponível em <<https://capeiaarraiana.pt/2013/05/02/a-polemica-traducao-de-platao-por-pinharanda-gomes/>>. (Acedido a 25 de julho de 2022).

39 Respetivamente, a coleção Textos clássicos (1966-...), as coleções Textos Filosóficos (1984-...) e Biblioteca de Filosofia Contemporânea (1984-...), e as coleções Filosofia (1987-...) e Antropos (hoje, Ensaios) (1988-...).

## Apêndices

### Apêndice I | Coleção Filósofos e Moralistas (Coimbra: Imprensa da Universidade)

- 1 Renouvier, C. (1930). *As últimas conversações, coligidas por Luís Prat*. Trad. de António Sérgio.
- 2 Meumann, E. (1930). *A estética contemporânea*. Trad. de Luís Feliciano dos Santos.
- 3 Descartes, R. (1930). *Meditações metafísicas*. Trad. de António Sérgio.
- 4 Leibniz, G. W. (1931). *Novos ensaios sobre o entendimento humano. Preâmbulo e Livro I*. Trad. de António Sérgio.
- 5 Geysler, J. (1932). *Alguns problemas capitais da metafísica, com especial referência à crítica de Kant*. Trad. de Luís Feliciano dos Santos.
- 6 Montaigne, M. (1933). *Três ensaios: Do professorado; Da educação das crianças; Da arte de discutir*. Trad. de Agostinho da Silva.
- 7 Croce, B. (1933). *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*. Trad. de Vitorino Nemésio.
- 8 Newton Macedo, F. (1933). *As novas tendências da psicologia experimental: a teoria da forma*.
- 9 Colerus, J. (1934). *Vida de Bento de Espinosa*. Trad. de J. Lúcio de Azevedo; nota ao leitor de Joaquim de Carvalho.

### Apêndice II.1 | Seção Textos Filosóficos (Lisboa: Seara Nova)<sup>40</sup>

- Platão (1934). *Crítone*. Trad. de Agostinho da Silva.
- Platão (1937). *A defesa de Sócrates*. Trad. e pref. de Agostinho da Silva.
- Uriel da Costa (1937). *Exemplo da vida humana*. Trad., pref. e notas de Castelo Branco Chaves.
- Werkmeister, W. H. (1939). *Sete teses do positivismo lógico examinadas criticamente*. Trad. de Vitorino Magalhães Godinho.
- Antero de Quental (1945). *Testamento filosófico de Antero de Quental: antologia*. Pref. e notas de Sant'Ana Dionísio.
- Platão (1945). *Hípias (maior): diálogo acerca da beleza*. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.
- Platão (1945). *Hípias (menor): diálogo acerca da mentira* [2.<sup>a</sup> ed.: *do engano*]. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.
- \* Ortega y Gasset, J. (1946). *Missão da universidade*. Trad. de Sant'Ana Dionísio.
- Comte, A. (1947). *Discurso sobre o espírito positivo*. Trad., introd., tábua cronológica e sincrónica, e notas de Joel Serrão.
- \* Platão (1953). *Apologia de Sócrates*. Trad. e pref. de Sant'Ana Dionísio.

---

<sup>40</sup> Na impossibilidade de determinar a sequência em que os títulos foram publicados, dispomo-los segundo os seguintes critérios, cumulativos: (i) data (ordem cronológica), (ii) autor (ordem alfabética), (iii) título (*idem*). Com um asterisco sinalizamos os livros que não conseguimos confirmar se foram ou não publicados na secção.

## **Apêndice II.2 | Seção Estudos Filosóficos (Lisboa: Seara Nova)<sup>41</sup>**

- García Morente, M. (1936). *A crença no progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho.  
García Morente, M. (1936). *Ensaio sobre o progresso*. Trad. de Joaquim de Carvalho.  
Platão (1946). *Teeteto*. Trad. de Lobo Vilela.

## **Apêndice III | Coleção Studium (Coimbra: Arménio Amado)<sup>42</sup>**

- 7 Heimsoeth, H. (1937). *A filosofia no século XX*. Trad. de Luís Cabral de Moncada.  
16 Russell, B. (1939). *Os problemas da filosofia*. Trad. e pref. de António Sérgio.  
20 Sertillanges, A.-D. (1940). *A vida intelectual: espírito, condições, métodos*. Trad. e pref. António Pinto de Carvalho.  
21 Rivaud, A. (1940). *As grandes correntes do pensamento antigo*. Trad. de António Pinto de Carvalho.  
24 Vignaux, P. (1941). *O pensar da Idade Média*. Trad. e pref. de António Pinto de Carvalho.  
32 Spenié, J.-E. (1942). *O pensamento alemão: de Lutero a Nietzsche*. Trad. de Mário Ramos.  
40 Hessen, J. (1944). *Filosofia dos valores*. Trad. e pref. de L. Cabral de Moncada.  
46 Huizinga, J. (1944). *Nas sombras do amanhã: diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo*. Trad. de Manuel Vieira.  
54 Bollnow, O. F. (1946). *Filosofia existencial*. Trad. e pref. de L. Cabral de Moncada.  
55 Dilthey, W. (1947). *Leibniz e a sua época*. Trad. de A. E. Beau; pref. de Joaquim de Carvalho.  
63 Hegel (1948). *Introdução à história da filosofia*. Trad. de António Pinto de Carvalho.

## **Apêndice IV | Coleção Filosofia e Religião (Lisboa: Inquérito)**

- 1 Schopenhauer (1939). *Da necessidade metafísica*. Trad. de Lobo Vilela.  
2 Platão (1939). *Diálogo sobre a justiça*. Trad. de Lobo Vilela.  
3 Spencer, H. (1939). *Do progresso, sua lei e sua causa*. Trad. de Eduardo Salgueiro.  
4 Luciano (1939). *A deusa síria*. Trad. de Lobo Vilela.  
5 Comte, A. (1939). *Importância da filosofia positiva*. Trad. e notas de Freitas e Silva.  
6 McTaggart, J. (1939). *Introdução ao estudo da filosofia*. Trad. e pref. de António Sérgio.

---

41 Apenas indicamos as traduções publicadas nesta série, não os originais.

42 Só listamos aqui títulos (i) traduzidos, (ii) de interesse filosófico — (iii) exceção feita aos de filosofia do direito, aqui omitidos —, (iv) publicados entre 1935, ano da fundação da Studium, e 1948 (inclusive), ano do arranque da Biblioteca filosófica. Optámos por incluir também obras de divulgação filosófica, mesmo não sendo esse o nosso foco no presente trabalho. Dos 64 volumes da Studium que saíram no intervalo de tempo sob consideração não conseguimos, infelizmente, identificar sete.

- 7 Schopenhauer (1940). *Metafísica do amor*. Trad. de Lobo Vilela.
- 8 Barthélemy, J.-J. (1940). *Vida religiosa dos gregos (da «Viagem de Anacársis»)*. Trad. e notas de F. J. Cardoso Júnior.
- 9 Enriques, F. (1940). *O significado da história do pensamento científico*. Trad. e pref. de Vitorino Magalhães Godinho.
- 10 Robin, L. (1943). *Platão*. Trad. de Adolfo Casais Monteiro.
- 11 Boutroux, É. (1943). *Kant*. Trad. de Álvaro Ribeiro.
- 12 Oulmont, C. (1943). *Bergson*. Trad. José Marinho.
- 13 Ribeiro, A. (1943). *O problema da filosofia portuguesa*.
- 14 Ravaisson, F. (1945). *Do hábito*. Trad. e notas de Álvaro Ribeiro.
- 15 Lachelier, J. (1945). *Psicologia e metafísica*. Trad. e pref. de Adolfo Casais Monteiro.

**Apêndice V | Coleção Obras Primas de Todos os Tempos (Porto: Educação Nacional)<sup>43</sup>**

- Aristóteles (1941). *A constituição de Atenas*. Trad. de Nuno Machado Cruz.
- Kant (1941). *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Péricles (1941). *Um discurso: oração fúnebre aos mortos do 1.º ano da guerra do Peloponeso*. Trad. de Eduardo Cruz.
- Platão (1941). *Alcibiádes*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Carta I a VI*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Carta VII, sobre a vida política do filósofo*. Trad. de Alberto Machado Cruz; pref. de Veiga Pires.
- Platão (1941). *Carta VIII a XIII*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Platão (1941). *Fédon*. Trad. de Alberto Machado Cruz.
- Condorcet (1943). *Instrução pública e organização do ensino*. Trad. Eduardo Cruz.
- Kant (1943). *O belo e o sublime*. Trad. de Alberto Machado Cruz.

**Apêndice VI | Coleção Antologia – Introdução aos Grandes Autores (Lisboa: ed. aut.)<sup>44</sup>**

- 1.1 Voltaire (1941). *Diálogos filosóficos*.
- 1.2 Arriano (1941). *Manual de Epicteto*.
- 2.1 Ruskin (1941). *Vós, os que julgais a terra*.
- 3.1 Erasmo (1941). *Colóquios*.
- 5.1 Condorcet (1942). *Progressos do espírito humano*.

---

43 Na impossibilidade de determinar a sequência em que os títulos foram publicados, dispomo-los segundo os seguintes critérios cumulativos: (i) data (ordem cronológica), (ii) autor (ordem alfabética), (iii) título (*idem*).

44 Dada a profusão de títulos que a coleção compreende, listamos apenas aqueles de teor filosófico, indicando qual a série em que foram editados e o lugar que nela ocupavam (quando o foi possível determinar) segundo o esquema: número da série, ponto, posição no interior da série.

- 5.3 Marco Aurélio (1942). *Pensamentos*.
- 6.2 Bacon (1943). *Ensaíos*.
- 7.3 Montaigne (1944). *Do arrependimento*.
- 7.5 Platão (1944). *Teoria do amor*.
- 8.5 More (1946). *Utopia*.
- 9.? Lucrécio (1947). *Da natureza*.
- 9.? Emerson (1947). *Confiança*.

**Apêndice VII | Coleção Biblioteca Cosmos (Lisboa: Cosmos)<sup>45</sup>**

- 80/81 Erasmo (de Roterdão) (1945). *O elogio da loucura*. Trad. de Berta Mendes; pref. e notas de Manuel Mendes.
- 90/91 Maquiavel (1945). *O príncipe*. Trad. de Berta Mendes; introd. de Manuel Mendes.
- 104/105 Condorcet (1946). *Quadro dos progressos do espírito humano*. Trad. Maria Antonieta Godinho; pref. Vitorino Magalhães Godinho.
- 125/126 Moro, T. (1947). *A Utopia, ou O tratado da melhor forma de governar*. Trad. de Berta Mendes; pref. e notas de Manuel Mendes.

**Apêndice VIII | Coleção Biblioteca Filosófica (Coimbra: Atlântida)**

- 1 Platão (1947 [imp. 1948]). *Fédon. Diálogo sobre a imortalidade da alma*. Trad. do Pe. Dias Palmeira, o.f.m.; notícia histórico-crítica preambular de Joaquim de Carvalho.
- 2 Boaventura (1948). *Redução das ciências à teologia*. Trad., notas e introd. do Pe. Ilídio de Sousa Ribeiro, o.f.m.
- 3 Schopenhauer, A. (1948). *Esboço de história da teoria do ideal e do real (dos «Parerga e paralipomena»)*. Trad., pref. e notas de Vieira de Almeida.
- 4 Berkeley, J. (1948). *Três diálogos entre Hílas e Filoponous em oposição aos cépticos e ateus*. Trad., pref. e notas de António Sérgio.
- 5 Margenou, H. (1949). *Os elementos metafísicos da física*. Trad., pref. e notas de Rodrigues Martins.
- 6 Montague, W. (1949). *História do neo-realismo americano*. Trad. e pref. de Edmundo Curvelo.
- 7 Espinosa, B. (1950). *Ética, demonstrada à maneira dos geómetras. Parte I: De Deus*. Trad., introd. e notas de Joaquim de Carvalho.
- 8 Aristóteles (1951). *Metafísica. Vol. I: Livros I e II*. Trad. de Vincenzo Cocco (financiada pelo Instituto de Alta Cultura); introd. e notas de Joaquim de Carvalho.
- 9 Husserl, E. (1952). *A filosofia como ciência de rigor*. Trad. de Albin Beau; pref. de Joaquim de Carvalho.
- 10 [Santo] Agostinho (1957). *Contra os académicos*. Trad. e pref. de Vieira de Almeida.

---

<sup>45</sup> Só listamos aqui traduções de textos filosóficos. O catálogo completo da Biblioteca Cosmos pode ser consultado no sítio em linha <[www.bibliotecacosmos.com](http://www.bibliotecacosmos.com)>.

- 11 Berkeley (1958). *Tratado do conhecimento humano*. Trad. e pref. de Vieira de Almeida.
- 12 Kant (1960). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. Paulo Quintela.
- 13 Chateau, J. (1961). *A criança e o jogo*. Trad. de Joaquim Ferreira Gomes; pref. de Émile Planchard.
- 14 Stuart Mill, J. (1961). *Utilitarismo*. Trad. de Eduardo Rogado-Dias; pref. de Vieira de Almeida.
- 15 Espinosa, B. (1962). *Ética. Parte II: Da natureza e da origem da alma, e Parte III: Da origem da natureza das afecções*. Trad. de Joaquim Ferreira Gomes.
- 16 Farau, A., e Schaffer, H. (1960). *A psicologia das profundidades (das origens aos nossos dias)*. Trad. Sílvio Lima; pref. Barahona Fernandes.
- 17 Vita, L. W. (1964). *Escorço da filosofia no Brasil*.
- 18 Espinosa, B. (1965). *Ética. Parte IV: Da servidão humana ou das forças das afecções, e Parte V: Da potência da inteligência ou da liberdade humana*. Trad. de António Simões.
- 19 Barahona Fernandes (1966). *Filosofia e psiquiatria (experiência portuguesa e suas raízes)*.
- 20 Pecegueiro, J. (1966). *Problemas da ciência e da filosofia contemporânea*.
- 21 Galeffi, R. (1966). *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*.
- 22 Moore, G. E. (1967). *Estudos filosóficos*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 23 Jullien (de Paris), M.-A. (1967). *Esboço de uma obra sobre a pedagogia comparada*. Trad. e introd. de Joaquim Ferreira Gomes.
- 24 Platão (1968). *O banquete, ou do amor, incluindo o estudo «Para uma perspectiva portuguesa de Platão»*. Trad., pref. e notas de J. Pinharanda Gomes.
- 25 Cornford, F. M. (1969). *Estudos de filosofia antiga (Sócrates, Platão e Aristóteles)*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 26 Simel, G. (1970). *Problemas fundamentais da filosofia*. Trad. de Inah Oliveira do Amaral Aguiar.
- 27 Brochard, V. (1971). *Do erro*. Trad. de Maria Bela Jardim.
- 28 Santos, A. M. (1972). *Expressividade e personalidade. Um século de psicologia*.
- 29 Xirau Palau, J. (1973). *O sentido da verdade*. Trad. de Maria Angelina Rodó.
- 30 Bovet, P. (1974). *O sentimento religioso e a psicologia da criança*. Trad. de Maria Angelina Rodó.

## Referências bibliográficas

- ABREU, Carlos (org.), *100 anos de anarquismo em Portugal (1887-1987). Catálogo da exposição bibliográfica, iconográfica*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1987.
- ARAÚJO, Ana Cristina, “Cosmopolitisme et diffusion des Lumières au Portugal au dix-huitième siècle”, in *Transactions of the Seventh International Congress on the Enlightenment*. Oxford, Voltaire Foundation, 1989, pp. 568-571.
- BATISTA, Paulo Leitão, “A tradução de Platão por Pinharanda Gomes” (entrada de blogue), 2013: disponível em <<https://capeiaarraiana.pt/2013/05/02/a-polemica-traducao-de-platao-por-pinharanda-gomes/>>. (Acedido a 25 de julho de 2022).
- BUESCU, Maria Leonor (ed.), *Duarte de Resende. Tratados Da amizade, Paradoxos e Sonho de Cipião*. Lisboa, INCM, 1983.
- CARAÇA, Bento de Jesus, *A cultura integral do indivíduo. Conferências e outros escritos*, 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa, Gradiva, 2008.
- CARVALHO, Joaquim de, *Obra completa, I: Filosofia e história da filosofia: 1939-1955*. Lisboa, Gulbenkian, 1981.
- CARVALHO, Mário Santiago de, “Vieira de Almeida e a *tranchée* de Agostinho. Sobre a história da filosofia”: *Revista filosófica de Coimbra* 38 (2010), pp. 235-272.
- CARVALHO, Paulo Archer de, *Sílvio Lima*, 2 vols. Coimbra, Palimage, 2018.
- CATROGA, Fernando e VELOSO, Aurélio, “António Sérgio: cartas do exílio a Joaquim de Carvalho (1927-1933)”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 951-1016.
- DUARTE, João Oliveira, *Uma biblioteca contra o Inferno*. Lisboa, Ego, 2017.
- FRANCO, António Cândido, *O estranhíssimo colosso. Uma biografia de Agostinho da Silva*. Lisboa, Quetzal, 2015.
- GONÇALVES RODRIGUES, António, *A tradução em Portugal. Tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa, excluindo o Brasil, de 1495 a 1950. Vol. I: 1495-1834*. Lisboa, INCM, 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. II: 1835-1850*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Ministério da Educação), 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. III: 1851-1870*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1992.
- , *A tradução em Portugal. Vol. IV: 1871-1900*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1994.
- , *A tradução em Portugal. Vol. V: 1900-1930*. Lisboa, Centro de Estudos de Literatura Geral e Comparada do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), 1999.
- GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge, *A bibliografia libertária. O anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo, Imaginário, 2001.
- HÖRSTER, Maria Antónia, VERDELHO, Evelina e VERDELHO, Telmo, “A tradução para português na história da língua e da cultura. Elementos para uma síntese”: *Revista portuguesa de filologia* 25.2 (2003-2006), pp. 671-724.



- LOUREIRO, João Diogo, “[Recensão de] Espinosa. Ética. Tradução do latim, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio (Lisboa, Relógio d’Água – Colecção Filosofia, 2020), 401 pp. ISBN: 9789896419561”]: *Revista filosófica de Coimbra* 57 (2020), pp. 271-279.
- MACAMBIRA, Débora, *A «redescoberta» do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)*. Tese de doutoramento não publicada apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.
- MEDEIROS, Nuno, “A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos”: *Revista brasileira da história da mídia* 4.2 (2015), pp. 31-42.
- OLIVEIRA, Augusto (ed.), *Cartas de Edmundo Curvelo a Joaquim de Carvalho (1947-1953) e outros inéditos*. Lisboa, Centro de Filosofia das Ciências da Universidade, 2005.
- PEIXOTO, Jorge, *A acção de Joaquim de Carvalho na Imprensa da Universidade de Coimbra*. Lisboa, s. n., 1976.
- PIEL, Joseph (ed. crit.), *Livro dos ofícios de Marco Tullio Ciceram o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro, duque de Coimbra*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1948.
- PINHEIRO FERREIRA, Silvestre, *Categorias de Aristóteles*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1814.
- PINHO, Sebastião, “O Infante D. Pedro e a «escola» de tradutores da Corte de Avis”: *Biblos* 69 (1993), pp. 129-153.
- SILVA, Agostinho da, *O método Montessori*. Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.
- SILVA, José Ferreira da, “Sílvio Lima: história de um professor universitário”: *Biblos* 55 (1979), pp. XXXV-XLII.
- TORGAL, Luís Reis, “O contexto político da extinção da Imprensa da Universidade pelo Estado Novo”, in Fernando FONSECA *et alii*, *Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma história dentro da História*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2001, pp. 93-124.
- VELOSO, Aurélio, “António Sérgio tradutor: a tradução das «Meditationes/Meditations» de Descartes (1930): primeira aproximação: paleografia e lexicografia”: *Revista de história das ideias* 5 (1983), pp. 247-319.

(Página deixada propositadamente em branco)

**OS LIRA, IMPRESSORES DOS SÉCULOS XVI E XVII.  
PERCURSOS ECONÓMICOS E RELAÇÕES  
FAMILIARES**

**THE LIRA, PRINTERS OF THE SIXTEENTH AND  
SEVENTEENTH CENTURIES.  
ECONOMIC COURSES AND FAMILY  
RELATIONSHIPS**

*Jorge Fonseca*

Investigador independente  
jmrfonseca2000@yahoo.com.br  
ORCID: 0000-0002-4501-7549

**Resumo:** Manuel de Lira foi um dos mais relevantes impressores portugueses dos finais do século XVI e inícios do século XVII. Este capítulo traça o seu percurso biográfico, desde Viseu, local de nascimento, até Évora, cidade em que terminou a respetiva carreira e a sua vida, passando por Lisboa, onde o seu talento desabrochou e se afirmou. Trata igualmente do magistério que exerceu sobre dois dos seus filhos, Francisco e João, e o enteado, Jorge Rodrigues, dois deles eminentes impressores do seu tempo, assim como da projeção do seu labor em Lima, no Peru. Aborda também o ambiente económico e social que moldou o percurso da sua família e o dele próprio e dos seus descendentes, num país voltado para o exterior, impulsionado pelas oportunidades oferecidas pelo comércio ultramarino e em ligação estreita com os territórios do império, as colónias espanholas e com Castela. Para isso, recorri não só às fontes conhecidas, paroquiais e inquisitoriais e à produção

impressória de Manuel de Lira e seus continuadores, mas também a fontes ainda não usadas pela historiografia do livro, como alguns processos das inquisições de Lisboa e de Cartagena das Índias.

**Palavras-chave:** Portugal, História do Livro, Séculos XVI e XVII, Manuel de Lira.

**Abstract:** Manuel de Lira was one of the most important Portuguese printers of the late 16<sup>th</sup> and early 17<sup>th</sup> centuries. This chapter traces his biographical journey from Viseu, his birthplace, to Évora, the city where his career and life ended, passing through Lisbon, where his talent blossomed and flourished. It also deals with the teaching of two of his sons, Francisco and João, and of his stepson, Jorge Rodrigues, two of them eminent printers of their time, as well as with the projection of his work in Lima, Peru. It addresses furthermore the economic and social environment that shaped his family's path and that of himself and his descendants, in an outward-looking country, driven by the opportunities offered by overseas trade and in close connection with the territories of the empire, the Spanish colonies and Castile. To reach my goal, I searched not only in known parochial and inquisitorial sources and in the print production of Manuel de Lira and his continuators, but also in sources not yet explored by the historiography of the book, such as some inquisitorial processes from the inquisitions of Lisbon and Cartagena de Índias.

**Keywords:** Portugal, History of the Book, Sixteenth and Seventeenth Centuries, Manuel de Lira.

O estudo dos comportamentos económicos e da vida familiar dos profissionais da imprensa nos séculos XVI e XVII só parcialmente é possível, devido às limitações impostas pelas fontes existentes. Se em relação a alguns dos mais destacados desses impressores conhecemos as respetivas produções, mas pouco ou nada das suas vidas, relativamente a outros, que as fontes disponíveis mencionam, com pormenores que permitem traçar, mesmo que de forma muito lacunar, os respetivos percursos familiares, nada sabemos dos resultados da sua atividade profissional, ou seja, das obras impressas que terão dado à luz. Isso pode dever-se à perda dessas obras, algumas delas folhetos de pequena relevância e com restrito número de exemplares impressos, que a passagem do tempo rapidamente fez desaparecer. Ou então, facto que os documentos frequentemente omitem, à condição de obreiros de alguns dos impressores assinalados, que laboravam por conta de outros profissionais, titulares das respetivas oficinas, os quais, por isso, e enquanto mantivessem esse estatuto, nunca surgiam no rosto das obras como responsáveis de uma edição.

O interesse em se conhecerem as ligações familiares dos profissionais da imprensa, em particular dos que atuavam como empresários autónomos, deriva da intensa interdependência da atividade económica e das opções familiares dos impressores, nomeadamente se eram dirigidas à continuidade das respetivas empresas. Essa realidade, comum aos restantes ofícios, já foi por nós realçada num estudo sobre os livreiros da mesma época.<sup>1</sup> Tais ligações podem explicar igualmente a origem da atividade profissional através da aprendizagem no seio da família, como aconteceu no caso que seleccionámos para abordar este tema,

---

<sup>1</sup> Jorge FONSECA, *Os livreiros de Lisboa nos séculos XVI e XVII. Estratégias económicas, sociais e familiares*. Lisboa, Colibri, 2019, pp. 109-118.

o de Manuel de Lira e dos familiares em que conseguiu projetar a sua profissão, alguns dos quais honraram particularmente a arte impressória.

Manuel de Lira e Jorge Rodrigues foram dois destacados impressores portugueses, com vasta obra realizada: o primeiro com atividade nas últimas décadas do século XVI e primeiros anos do XVII e o segundo desde os últimos anos de Quinhentos até à década de quarenta da centúria seguinte. Até há pouco tempo não eram conhecidas relações de parentesco entre ambos, como se conclui dos trabalhos dedicados aos dois profissionais. No entanto, do estudo comparativo dos processos inquisitoriais de Leonor de Sória, mulher de Manuel de Lira, e de João de Lira, filho de ambos, conclui-se que Manuel de Lira era padraсто de Jorge Rodrigues e que, provavelmente, foi com ele que o enteado aprendeu o ofício, de quem talvez tenha herdado a oficina. Vejamos.

A 2 de março de 1592, Leonor de Sória foi interrogada pelo Santo Ofício de Lisboa, depois de ter sido presa a 28 de fevereiro.<sup>2</sup> Ao referir-se à sua situação familiar, afirmou ter sido casada com Manuel Rodrigues, tosador natural da Covilhã, de quem tinha tido dois filhos, Jorge, de 15 anos, e Maria, de 12. Depois de enviuar, tinha voltado a matrimoniar-se, a 6 de fevereiro de 1583, com o impressor Manuel de Lira, igualmente viúvo.<sup>3</sup> Este tinha casado, a 10 de setembro de 1581, com Jerónima de Castro, entretanto falecida.<sup>4</sup> Da união de Manuel de Lira com Leonor de Sória viriam a nascer Francisco, que tinha oito anos em 1592, e João, Luís e Isabel, com idades dos sete para baixo.<sup>5</sup> Pelas idades indicadas no processo e pelo registo do segundo casamento, verifica-se que

---

2 António BAIÃO, “Manuel de Lira, um dos mais antigos impressores dos Lusíadas. Novos dados para a sua bibliografia”: *Lusitania. Revista de estudos portugueses* 2.5-6 (1925), p. 257.

3 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.ª. S.ª. da Conceição*, Liv. 3 de Mistos, fl. 65.

4 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.ª. S.ª. da Conceição*, Liv. 1 de Mistos, fl. 30v.

5 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, de Leonor de Sória, fl. 12.

Jorge teria seis anos ao tempo do segundo matrimónio da mãe e 15 quando a mesma foi presente ao tribunal da fé. Teria nascido, por isso, em 1577.

O processo de João de Lira, iniciado em 9 de dezembro de 1609, estabelece a ligação familiar deste com Jorge Rodrigues. De acordo com as suas afirmações aos inquisidores, era «oficial de impressão» e tinha já trabalhado em casa «de seu irmão Jorge Rodrigues, que é mestre de impressão e mora nesta cidade (de Lisboa), no Beco dos Seguros e aí tem impressão junto à Rua Nova». Depois de casar, a 18 de julho de 1608, com Maria da Cruz,<sup>6</sup> o meio-irmão despediu-o «porque se casou». Ele teve, então, que empregar-se junto de outros impressores, Pedro Craesbeeck, Luís de «Estopinhão»<sup>7</sup> e Vicente Álvares. Mas havia mais de três meses que não tinha quem lhe desse emprego e, por isso, vendia orações impressas pela cidade e em N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Luz (por certo na feira da Luz, grande acontecimento social que ocorria nesse local dos arredores de Lisboa, no início de setembro).<sup>8</sup> Já voltaremos ao despedimento de João de Lira.

Estas informações sugerem que Manuel de Lira foi o responsável pela educação e formação de Jorge Rodrigues, pois este esteve a seu cargo desde os seis até aos 20 anos, quando ele, Manuel de

---

6 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição*, Liv. 5 de Mistos, fl. 143.

7 O impressor espanhol Luis de Estupiñan trabalhou em Sevilha, na Calle de las Palmas, de 1610 a 1630 (Miguel Ángel NÚÑEZ BELTRÁN, *La oratoria sagrada de la época del Barroco: doctrina, cultura y actitud*. Sevilla, Universidad, p. 58), alternando «los temas técnicos con la literatura, siendo el impresor de los primeros textos sobre ingeniería naval y otros de arquitectura, con notables ilustraciones» (José Luis HERRERA MORILLAS y Juan Pedro CAVERO COLL, «Libros impresos en Sevilla durante los siglos XV al XVIII»: *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios* 68 (2002), p. 44). Antes desse período esteve ativo em Lisboa, onde imprimiu as obras *Lusitania transformada*, da autoria de Fernão Álvares, Lisboa, Luys Estupiñan, 1607 e *Do sítio de Lisboa. Diálogo*, de Luís Mendes de Vasconcelos, Lisboa, Luys Estupiñan, 1608, de que existem exemplares na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Coimbra, Universidade, 1970, pp. 75 e 614).

8 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor*, n.<sup>o</sup> 9, fl. 229.

Lira, se retirou para Évora, em 1597, para aí dar continuidade ao seu ofício. Poderá mesmo ter-lhe deixado o recheio da sua oficina, com os respetivos prelos. Não sendo conhecido o destino destes, tem sido admitida pelos historiadores do livro a hipótese de os mesmos terem sido adquiridos pelo flamengo Pedro Craesbeeck, que havia poucos anos se tinha fixado na cidade e estava a iniciar uma promissora carreira de impressor.<sup>9</sup> Tal conclusão é legítima, mas há que considerar a hipótese de ter sido Jorge Rodrigues o sucessor. Tendo este 20 anos aquando da saída do padraço da cidade de Lisboa e tendo também, como parece óbvio, aprendido e praticado o ofício com ele, dando provas de competência na sua arte, em que se virá a revelar um dos mais ativos impressores portugueses, parece bem provável que Manuel de Lira lhe tenha transmitido a oficina, que o enteado terá mudado para outro local. As instalações de Manuel de Lira ficavam na Calçada de São Francisco, freguesia dos Mártires,<sup>10</sup> e as de Jorge Rodrigues no Beco dos Seguros, junto à Rua Nova, já em 1609<sup>11</sup> e aí se manteria, pois ainda lá estavam em 1638.<sup>12</sup>

A corroborar aquela conclusão está o facto de, logo no ano seguinte de 1598, Jorge Rodrigues ter imprimido a obra do espanhol Lucas Gracian de Antisco, *Galateo español*, e as *Sentencias generales de Francisco de Guzman*, ambas à custa do mercador de livros Francisco Peres, estabelecido no largo do Pelourinho Velho, assim como a *Primera parte del Tesoro de Divina Poesia*, de Estevan Villalobos, edição financiada por Pedro Flores, mercador de livros

---

9 João José Alves DIAS, *Craesbeeck, uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996, p. XI; Vanda ANASTÁCIO, “El Rei Seleuco, 1645 (Reflexões sobre o corpus da obra de Camões)”: *Peninsula. Revista de Estudos Ibéricos* 2 (2005), p. 330.

10 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, fl. 12.

11 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor*, n.º. 9, fl. 229.

12 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 10.537, fl. 3.



com loja no mesmo local.<sup>13</sup> Daí em diante, até 1642, ano da sua morte,<sup>14</sup> daria à estampa pelo menos 142 edições, o que fez dele um dos mais produtivos impressores de Lisboa e do país.<sup>15</sup>

A influência e apoio de Manuel de Lira ao enteado estendeu-se, provavelmente, também ao financiamento de edições. Em 1592, o livreiro lisboeta Pedro Flores custeou a impressão pelo primeiro de *Las obras del famoso poeta Gregório Silvestre*. De 1595 a 1597, Estêvão Lopes, mercador de livros da rua Nova dos Ferros, promoveu e financiou a edição de três livros impressos por Manuel de Lira. Em 1601, quando este já vivia em Évora, o livreiro encomendou-lhe a impressão de 1500 «Folhas de Rezar», enviando-lhe para isso o papel necessário. Essa colaboração indicava a existência de confiança entre os dois profissionais. O mesmo tipo de relacionamento observar-se-á entre esses livreiros e Jorge Rodrigues, pois, como se viu atrás, em 1598 este imprimiu uma obra editada por Pedro Flores e, em 1600, Estêvão Lopes fez com ele uma «companhia e contrato», válida por seis anos, para que o enteado de Manuel de Lira imprimisse todos os livros que aquele entendesse editar.<sup>16</sup> O acordo resultou na publicação de diversas obras, mas o livreiro não o levaria até ao fim, por ter falecido em março de 1605.<sup>17</sup>

Voltemos a João de Lira, filho de Manuel de Lira e de Leonor de Sória. Com 12 anos em 1597, quando o pai trocou Lisboa por Évora (pois tinha nascido em 1585),<sup>18</sup> ficou provavelmente em casa do meio-irmão Jorge Rodrigues a aprender o ofício familiar. Daí até 1608, ano do seu casamento, com 23 anos, talvez tudo tenha

---

13 Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila LINS, *Bibliografia das obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Jorge Rodrigues entre 1598 e 1642*. Recife, Editora Universitária, 2009, pp. 31-33.

14 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.ª. S.ª. da Conceição*, Liv. 8 de Mistos, fl. 244.

15 G. G. S. d'Á. LINS, op. cit., p. 25.

16 ANTT, *Fundo Notarial*, Lisboa, Cart. 15, Cx. 26, Liv. 125, fl. 107v.

17 Jorge FONSECA, op. cit., pp. 47-49.

18 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, fl. 12.

decorrido normalmente, estando ele, provavelmente, apto a trabalhar como impressor. A sua opção matrimonial, porém, terá, de acordo com afirmação do próprio João de Lira, destruído gravemente as relações com o irmão e mestre. As estratégias matrimoniais seguidas pelas famílias, cujo êxito ou simples sobrevivência dependiam da manutenção de um património ou de uma empresa, eram cruciais para estas, sendo definidas, por norma, pelo familiar mais velho e responsável. Por isso, tal ocorrência era sempre possível. Jorge Rodrigues despediu o irmão e este teve de se empregar junto de outros impressores: Pedro Craasbeeck, Luis de Estupiñan e Vicente Álvares. Isto desde 18 de julho de 1608, data do seu casamento, até cerca de agosto do ano seguinte (pois a 9 de dezembro de 1609 declarou que «há mais de três meses que não trabalha por não ter que fazer nem quem lhe dê onde trabalhe, por ele não ter imprensa para trabalhar»). Depois disso, vendia, como foi referido, pela cidade, folhas volantes com orações, o que fazia «por ser pobre, forçado das necessidades por sustentar sua mulher», causa de ter sido chamado ao Santo Ofício.

Será que Jorge Rodrigues não se terá limitado a despedir o irmão, procurando também que os colegas de ofício não lhe dessem emprego? Parece inverosímil. Talvez o carácter instável de João de Lira o tenha impedido de manter uma situação profissional normal. Em 1608, ano do seu casamento, tentou ele próprio tornar-se impressor, dando à estampa, em Lisboa, «por Iuan de Lira», a obra de Juan de Luque, *Divina poesia*, edição que Line Amselem-Szende considerou descuidada, com muitos erros e descuidos grosseiros, inclusive no nome do impressor («Iuna de Lira»).<sup>19</sup> A este tempo ainda o pai, Manuel de Lira, vivia em Évora, onde

---

19 Line AMSELEM-SZENDE, “Voz y muerte de un joven poeta. Las piezas liminares de *Divina Poesía de Juan de Luque* (Lisboa, 1608)”, in María SOLEDAD ARREDONDO, Pierre CIVIL e Michel MONER, *Paratexto en la literatura española. Siglos XV-XVIII*. Madrid, Casa de Velázquez, 2009, p. 84.

viria a falecer, a 10 de abril de 1609.<sup>20</sup> Em 1612 voltou a surgir novo trabalho de João de Lira, feito em Évora, o *Sermon predicado a las bonras que hizo la santa Yglesia metropolitana de Granada en la muerte de la catolica reyna de España doña Margarita de Austria*, da autoria de Gonçalo Sánchez Luzero,<sup>21</sup> uma encomenda recebida de Espanha, portanto. João deve ter ido viver para Évora, talvez depois da morte do pai (o que pode ter sido apenas uma coincidência) e para junto do irmão Francisco de Lira, já aí mencionado como livreiro e impressor em 1605-1606.<sup>22</sup> Terá sido a vontade de se fazer impressor, concorrente do irmão, que despertou a animosidade de Jorge Rodrigues, levando-o ao despedimento? É provável que João de Lira tenha morrido precocemente, sem se ter afirmado na arte impressória, pois o tio Luís Gomes Barreto, interrogado pela Inquisição de Cartagena das Índias em 1651, não o mencionou entre os sobrinhos, filhos do seu irmão Manuel de Lira, que conheceu.<sup>23</sup>

O apelido Lira, no entanto, estava ainda destinado a um futuro honroso, embora fora das fronteiras portuguesas. Francisco, o filho mais velho de Manuel de Lira e de Leonor de Sória, viria a tornar-se um dos mais notáveis impressores a laborar na Espanha do século XVII.<sup>24</sup>

Com oito anos em 1592, ano em que a mãe deu entrada nos cárceres da Inquisição, nascera, portanto, em 1584. Quando o pai deixou Lisboa, em 1597, para se estabelecer em Évora, tinha 12 anos. Por esse motivo deve ter acompanhado os pais ao Alentejo e continuado a sua aprendizagem junto de Manuel de Lira. Este mantinha relações

---

20 Túlio ESPANCA, “Alguns artistas de Évora nos séculos XVI-XVII”: *A Cidade de Évora* 15-16 (1948), p. 196.

21 Alexander Samuel WILKINSON e Alejandra ULLA LORENZO (eds.), *Iberian Books*, vols. II e III, Dublin, University College, 2010, p. 2167. Os exemplares conhecidos deste trabalho estão todos em bibliotecas espanholas.

22 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fls. 259, 261 e 278.

23 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18, fl. 263.

24 J. L. HERRERA MORILLAS e J. P. CAVERO COLL, op. cit., p. 44.

comerciais com o meio impressor de Sevilha, como se comprova da declaração da sua mulher ao Santo Ofício de que o marido estava na cidade andaluza, por ter lá ido buscar letras de impressão.<sup>25</sup> Pode ter procurado, nessas deslocações, uma colocação para o filho mais velho numa das oficinas de impressão sevilhanas, esforço que viria a ser coroado de êxito. Antes disso, no entanto, Francisco esteve estabelecido em Évora como impressor e livreiro, simultaneamente com o seu pai, mas em locais diferentes, tendo a sua loja sido visitada pelo Santo Ofício em 1606.<sup>26</sup> Em 1609 imprimiu na cidade *De Institutione grammatica libri tres*, de Manuel Álvares,<sup>27</sup> de que existe um exemplar em Paris,<sup>28</sup> obra já antes impressa pelo progenitor.

Em Sevilha, depois de algum tempo, talvez, a laborar por conta de um ou mais patrões, em 1614,<sup>29</sup> quando já contava 30 anos, passou a editar livros em seu nome, sobre temas religiosos mas também políticos, relatos de vitórias militares, bem como obras literárias de Lope de Vega, Miguel de Cervantes e Tirso de Molina. Em 1646, na cidade do Guadalquivir e com 62 anos, ainda imprimiu *Apología escolastica y moral de la frequente y cotidiana comunión*.<sup>30</sup>

Em 1651 e nos anos seguintes, surgirá em Sevilha como impressor de obras religiosas Francisco Inácio de Lira (Francisco Ignacio de Lira), eventualmente seu filho.<sup>31</sup>

---

25 A. BAIÃO, op. cit., p. 261.

26 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, nº. 4, fl. 261.

27 Manuel ÁLVARES, *De Institutione grammatica libri tres*. Eborae, excudebat Franciscus de Lira, 1609.

28 Bibliothèque Mazarine (Paris), cota: 4 10125 A.

29 L. AMSELEM-SZENDE, op. cit., p. 84.

30 *Apología escolastica y moral de la frequente y cotidiana comunión*. En Sevilla, lo imprimio Francisco de Lira (J. L. HERRERA MORILLAS e J. P. CAVERO COLL, op cit., p. 54).

31 *Espíritu Santo, Sermon de la Purísima Concepción*. Sevilla, Ignacio de Lira, 1652 (L. AMSELEM-SZENDE, op. cit., p. 84) e Catálogo da Biblioteca Nacional de Espanha.

O processo inquisitorial de Luís Gomes Barreto, irmão de Manuel de Lira, na Audiência de Cartagena das Índias, onde se tinha estabelecido depois de vários anos como traficante de escravos,<sup>32</sup> fornece algumas valiosas informações sobre o impressor e a sua origem e ambiente familiar. Mas as declarações que aquele prestou nas duas vezes em que foi interrogado, em 1636 e em 1651, não coincidem no que respeita à respetiva idade, referência para se conhecerem as idades dos irmãos. Por isso, algumas datas que gostaríamos de conhecer da vida de Manuel de Lira, como o nascimento e outras que dele poderiam derivar, acabam por padecer de grande imprecisão.

De acordo com as declarações do acusado, ele e mais sete irmãos nasceram em Viseu, filhos de Francisco Rodrigues Barreto, lavrador, e de Isabel Gomes. Quando todos os filhos eram já nascidos e alguns falecidos, Francisco foi viver para Lisboa com a família, mas a mulher faleceu ao fim de pouco tempo. Dirigiu-se então à ilha de São Tomé para servir um cargo régio, deixando quatro filhos na cidade, entregues à irmã mais velha, Clara Gomes, de 15 anos, que os sustentou com trabalhos de costura em que se ocupava. Manuel de Lira tinha, nesse tempo, 13 anos, o que significa que terá nascido na década de 1560. Aprendeu a ler e escrever na escola, com os irmãos do sexo masculino. Anos antes, em 1552, havia já em Lisboa, de acordo com João Brandão de Buarcos, 30 «escolas de ensinar meninos a ler».<sup>33</sup> No tempo em que Lira e os irmãos chegaram à cidade poderia haver ainda mais. Tempos depois, Luís Gomes Barreto foi com um irmão mais velho, João de Oliveira, para São Tomé, acabando por se transferir para as Índias de Castela

---

32 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18. Proceso de fé de Luis Gómez Barreto (1650-51). Agradeço ao Doutor Simão Araújo da Mata a sua generosidade ao indicar-me este importante documento.

33 João Brandão de BUARCOS, “Majestade e grandezas de Lisboa em 1552”, in *Arquivo Histórico Português*, vol. XI. Lisboa, 1916, p. 219.

e fixar-se em Cartagena como Depositário Geral da cidade. Outro irmão, Jorge Rodrigues, estabeleceu-se no Peru como mercador.<sup>34</sup>

Quanto a Manuel de Lira, segundo o irmão negreiro, começou por ir para Castela, onde casou com uma mulher desse país «que avia sido su amiga» e que levou depois para Lisboa, a qual faleceu ao fim de um ano. Na cidade voltou a casar, desta vez com Leonor de Sória (natural de Córdova), de uma família de cristãos-novos. O casal terá tido três filhos (na verdade teve quatro, três homens e uma mulher), dois dos quais, Francisco de Lira, «el qual reside en Sevilla y es impresor de libros», e Luís Gomes Barreto (tal como o tio), que foi para Lima, no Peru, onde exerceu a mercancia e casou com uma mulher «de buena jente». Deste último casal nasceriam três ou quatro filhos, que o declarante não sabia como se chamavam.<sup>35</sup> Um deles foi, muito provavelmente, Luís de Lira, impressor com significativa atividade assinalada em Lima desde 1640 e talvez pai de Diego de Lira, que começou a figurar como impressor em 1682 e de que se conhecem produções até 1720.<sup>36</sup>

O Luís Gomes Barreto acabado de referir é o Luís, filho de Manuel de Lira e Leonor de Sória, batizado em Évora a 1 de outubro de 1591.<sup>37</sup>

---

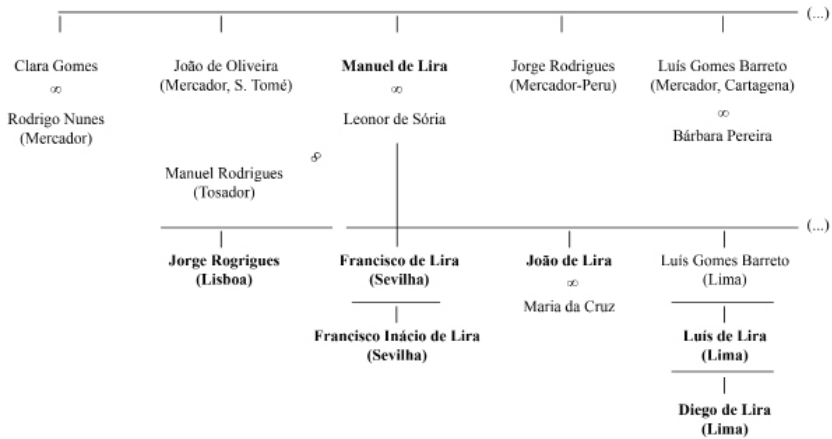
34 Simão Castro Feijó Araújo da MATA, “A presença portuguesa na América espanhola do século XVII. Luís Gomes Barreto e os cristãos-novos de Cartagena das Índias”, in *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto, Faculdade de Letras, 2019, pp. 319-320.

35 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18, fls. 262v.-263v.

36 José TORIBIO MEDINA, *La imprenta en Lima* (1584-1824), tomo I. Santiago do Chile, Impreso en Casa del Autor, 1904, pp. XLVI e XLVIII.

37 Arquivo Distrital de Évora, *Évora, São Pedro*, Liv. 2 de Mistos, fl. 24.

## Os Lira (impressores)



Não ficámos ainda a conhecer a proveniência familiar do apelido Lira, de possível origem num igual topónimo galego. Como nem os pais, nem o avô paterno, ambos Rodrigues Barreto, nem a mãe, Gomes, aparentemente os usaram, e os irmãos tiveram os apelidos Gomes, Oliveira e Rodrigues, o mesmo deveu-se a outro familiar, talvez do lado materno, cujos avós o declarante não conheceu. De qualquer modo, o nome familiar Lira existia na região beirã, do que é exemplo o tosador João de Lira, do lugar de Moimenta, termo de Gouveia, referido em 1633.<sup>38</sup>

Curiosamente, Lira (na forma Lyra) foi usado pelo primeiro membro da família que se dedicou à arte de impressor, Manuel, e, depois dele (e com a mesma forma), foi adotado pelos descendentes que seguiram igual profissão, sem dúvida para beneficiarem do prestígio a ele associado no meio livreiro e literário: Francisco de Lira, em Évora e Sevilha, Francisco Inácio de Lira, em Sevilha,

<sup>38</sup> Arquivo Distrital de Évora, *Fundo Notarial*, Évora, Liv. 514, fl. 99.

João de Lira, em Lisboa e Évora, e Luís e Diego de Lira, em Lima, no Peru. Todos os outros familiares que se conhecem, na maioria mercadores, foram Gomes e Gomes Barreto.

Com base nas várias fontes aqui usadas, sobretudo os processos inquisitoriais, tentaremos precisar melhor as mudanças de residência e de local de trabalho de Manuel de Lira desde que iniciou a atividade de impressor. Depois da inevitável aprendizagem da profissão, ainda muito jovem, numa das oficinas de Lisboa, onde vivia desde os 13 anos, realizou o seu primeiro trabalho tipográfico em 1579. Já antes tinha estado em Espanha e aí casado. Depois de viúvo, voltou a matrimoniar-se a 6 de fevereiro de 1583, na freguesia da Conceição, quando tinha impresso, pelo menos, mais seis obras. No ano seguinte nasceu o primeiro filho, Francisco, e, um ano depois, João, o segundo. No fim de 1589, ele e Leonor de Sória foram viver em Évora, na rua da Selaria (onde estavam estabelecidos outros impressores e livreiros), «por dizerem que havia de tornar outra vez o inimigo», como justificaria Leonor de Sória ao Santo Ofício. A tentativa da tomada de Lisboa pela armada inglesa, cujas forças acamparam junto aos respetivos muros em maio e junho de 1589, tinha levado à debandada de grande parte da população, facto que se repetiu em dezembro, ao correr a notícia de que as mesmas iam regressar.<sup>39</sup> Terá sido esse o motivo real para mudarem de residência ou seria já o receio da Inquisição, sendo ela cristã-nova judaizante?

Em junho de 1590, pelo São João, estava Manuel de Lira em Sevilha, onde tinha ido comprar letras de imprensa, e aí, segundo a mulher, achou-se muito doente. Em outubro de 1591, nasceu, em Évora, Luís, filho de ambos. Entretanto tinha continuado, nesses anos, a ter oficina e a imprimir em Lisboa, na Calçada de São Francisco, freguesia dos Mártires, cidade aonde o casal regressou e onde Leonor de Sória viria a ser presa no início de 1592, para só

---

39 Pero Rodrigues SOARES, *Memorial*. Coimbra, Universidade, 1953, pp. 292 e 294.



ser solta mais de dois anos depois. Em 1597 voltaram para Évora, desta vez em definitivo, e aí o impressor iria continuar a dedicar-se à sua atividade até 1609, ano em que faleceu.

Entre abril e maio de 1601, foi multado em 10 cruzados e esteve preso na cadeia pública de Évora, às ordens da Inquisição, por imprimir 1500 exemplares da «Folha de Rezar» desse ano, por encomenda de Estêvão Lopes, livreiro de Lisboa, sem licença do Conselho Geral do tribunal. Para tal fim, o livreiro tinha-lhe fornecido o papel e os originais.<sup>40</sup>

Durante esse período, não parece que tenha estado sempre na cidade. Quando, a 25 de outubro de 1605, lhe foi perguntado pelo Santo Ofício se tinha imprimido um texto sobre o Jubileu concedido pelo papa, dado à estampa na cidade durante esse mês, respondeu que, no tempo em que o trabalho devia ter sido executado, não o podia ter feito por não residir em Évora, mas sim em Barrancos, «termo da vila de Moura»,<sup>41</sup> de onde tinha regressado. Que talvez o tivesse feito o seu filho Francisco de Lira, também impressor.<sup>42</sup> Porque esteve Manuel de Lira em Barrancos, não sendo daí natural? Tratando-se de uma pequena localidade isolada e muito próxima da raia, os motivos relacionavam-se, por certo, com a vizinhança do território espanhol e a possibilidade de impressão de textos proibidos para o mercado desse país, nomeadamente de Sevilha, cidade com acesso fácil a partir daí, por caminhos pouco frequentados, e onde o impressor mantinha certamente relações. Essa atividade clandestina, que as autoridades civis e religiosas tinham dificuldade

---

40 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fls. 266-276v.

41 Barrancos era, na época, um lugar do termo de Noudar e não de Moura, mas localizava-se junto ao limite com o termo desta vila, existindo uma forte ligação entre as duas vilas, inclusivamente no plano da defesa (João Augusto Espadeiro RAMOS, *Fronteira e relações de poder. Noudar e Barrancos no Antigo Regime*, Dissertação de Mestrado. Évora, Universidade, 2012, pp. 41-44). Provavelmente por isso o impressor, que não era daí natural, supusesse que Barrancos pertencia a Moura.

42 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fl. 259.

em controlar, foi vulgar na época, em vários países europeus, em zonas próximas das respetivas fronteiras.<sup>43</sup>

O percurso económico-social e geográfico da sua família foi comum ao de muitos portugueses da época. Com raízes na Beira e na atividade agrícola, cedo os pais foram atraídos por Lisboa, sede do império luso e local de todas as oportunidades, numa tendência que Sá de Miranda receara ao afirmar que Lisboa, devido ao comércio das especiarias, despovoava o reino.<sup>44</sup> Com exceção de Manuel, que enveredou pela impressão de livros, ofício igualmente impulsionado pelo dinamismo económico e cultural resultante da atividade marítima, o pai procurou um emprego em São Tomé e três irmãos foram mercadores, um, João de Oliveira, em São Tomé, outro, Jorge Rodrigues, no Peru, e o terceiro, Luís Gomes Barreto. Este atuou durante anos como negreiro, entre São Tomé, Angola, Brasil, Peru, Espanha e Lisboa, e estabeleceu-se finalmente em Cartagena, onde comprou o ofício de Depositário Geral da cidade, casou, sem ter tido filhos do casamento, mas sim dois filhos bastardos que se consorciaram com pessoas da elite social da cidade. Um filho de Manuel de Lira, também chamado Luís Gomes Barreto, foi igualmente mercador e radicou-se em Lima, no Peru.<sup>45</sup>

Sintetizando o caso paradigmático de Manuel de Lira, a sua vocação para o ofício de impressor levou-o a deixar-nos uma obra expressa em mais de 70 trabalhos impressos (além dos que se perderam), uns datados de Lisboa, outros de Évora e ainda outros sem local assinalado, entre os anos de 1579<sup>46</sup> e de

---

43 Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *O aparecimento do livro*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 320, 397 e 398.

44 Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesia*. Lisboa, Alexandre M. Garcia, 1984, p. 482.

45 S. C. F. ARAÚJO DA MATA, op. cit., pp. 319-320.

46 *Auto do juramento que os tres estados destes reynos fizeram em presença del Rey Nosso Senhor ao primeyro de junho de M.D.LXXIX*. Em Lisboa, por Manuel de Lyra, [1579]. Biblioteca Nacional de Portugal.

1609<sup>47</sup>, quer de âmbito religioso, ao serviço da Companhia de Jesus, das Ordens da Trindade e de São Paulo da Serra de Ossa, assim como do Arcebispado de Évora, quer de história militar e dos feitos ultramarinos, de direito, literatura clássica e literatura portuguesa, com destaque, neste caso, para as obras de Luís de Camões, Francisco de Sá de Miranda e Diogo Bernardes. Foi também impressor da Universidade de Évora.

Além disso, atraiu para o seu ofício e ensinou os segredos da arte ao enteado, Jorge Rodrigues, que se tornaria um destacado representante da mesma profissão, e dois filhos, Francisco e João, o primeiro um dos mais notáveis impressores castelhanos do seu tempo, também com descendência digna dentro do seu mister; o segundo, que tentou equiparar-se ao pai e ao irmão, embora sem o conseguir. Na América espanhola a sua ação projetar-se-ia no neto, Luís de Lira, e nos descendentes deste.

Bem se pode afirmar que Manuel de Lira honrou, ao longo dos anos em que se manteve ativo, a divisa que exibiu na sua marca de impressor: «Non vi, sed ingenio et arte» («Não com a força, mas antes com o engenho e a arte»)<sup>48</sup>.

## Cronologia

Cerca de 1560 – Nasceu Manuel de Lira, em Viseu;

Década de 1570 – Manuel de Lira foi, com os pais e irmãos, viver para Lisboa. Tinha 13 anos;

1577 – Nasceu Jorge Rodrigues, filho de Leonor de Sória e Manuel Rodrigues, tosador;

---

<sup>47</sup> Frei João dos SANTOS, *Ethiopia Oriental e varia historia de cousas notaveis do Oriente*. Impressa no Convento de S. Domingos de Evora, por Manoel de Lira, 1609. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

<sup>48</sup> Artur ANSELMO, *Livros e mentalidades*. Lisboa, Guimarães Editores, 2002, pp. 95-97.

1579 – Manuel de Lira imprimiu, em Lisboa, *Auto do juramento que os três estados... fizeram em presença del Rei nosso Senhor*;

10.9.1581 – Casaram, em Lisboa, Manuel de Lira e Jerónima de Castro, viúva;

6.2.1583 – Casou Manuel de Lira, viúvo, com Leonor de Sória, em Lisboa;

1584 – Nasceu Francisco de Lira;

1585 – Nasceu João de Lira;

12.1589 – Manuel de Lira e a mulher foram viver para Évora;

6.1590 – Manuel de Lira esteve em Sevilha;

1.10.1591 – Batizado, em Évora, Luís Gomes Barreto, filho de Manuel de Lira e Leonor de Sória;

28.2.1592 – Leonor de Sória presa pela Inquisição em Lisboa, onde morava com o marido. Jorge Rodrigues tinha 15 anos;

1.6.1594 – Leonor de Sória foi solta da prisão;

1597 – Manuel de Lira e Leonor de Sória foram viver definitivamente em Évora. Jorge Rodrigues tinha 20 anos;

4.1600 – Sociedade entre Jorge Rodrigues e o livreiro Estêvão Lopes para o primeiro imprimir todos os livros que o segundo quisesse editar;

27.4 a 15.5.1601 – Manuel de Lira esteve preso pela Inquisição de Évora;

10.1605 – Manuel de Lira estava em Barrancos;

18.7.1608 – Casaram João de Lira e Maria da Cruz, em Lisboa;

1608 – João de Lira imprimiu, em Lisboa, *Divina poesia*, de Juan de Luque;

1609 – Manuel de Lira imprimiu, em Évora, *Ethiopia Oriental*, de Manuel dos Santos;

10.4.1609 – Morreu em Évora Manuel de Lira;

1609 – Francisco de Lira imprimiu, em Évora, *De Institutione grammatica libri tres*, de Manuel Álvares;

1612 – João de Lira imprimiu, em Évora, *Sermon predicado... en la muerte de... doña Margarita de Austria*;

1614 – Francisco de Lira iniciou a sua atividade, como impressor, em Sevilha;

1640 – Luís de Lira, provavelmente filho de Luís Gomes Barreto e neto de Manuel de Lira, iniciou-se como impressor, em Lima (Peru);

12.4.1644 – Faleceu Jorge Rodrigues;

1646 – Francisco de Lira imprimiu, em Sevilha, *Apología escolastica y moral*;

1651 – Francisco Inácio de Lira, talvez filho de Francisco de Lira, surge, em Sevilha, como impressor de obras religiosas;

1683 – Diego de Lira, provavelmente filho de Luís de Lira, iniciou-se como impressor, em Lima (Peru);

1690 – Último ano em que Luís de Lira figura como impressor, em Lima;

1720 – Diego de Lira imprimiu pela última vez, em Lima.

## Referências bibliográficas

### Fontes de Arquivo

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL (Madrid)

Inquisición, 1620, Exp.18 (Proceso de fé de Luis Gómez Barreto).

ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Fundo Paroquial, Évora, São Pedro, Liv. 2 de Mistos.

TORRE DO TOMBO

Fundo Notarial, Lisboa, Cart. 15, Cx. 26, Liv. 125.

Fundo Paroquial, Lisboa, Conceição, Liv. 1, 3, 5 e 8 de Mistos.

Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor, 4.

Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor, 9; Processos 10.537 e 12.330.

### Bibliografia

ÁLVARES, Fernão, *Lusitania transformada*. Lisboa, 1607.

ÁLVARES, Manuel, *De institutione grammatica libri tres*. Évora, 1609.

AMSELEM-SZENDE, Line, “Voz y muerte de un joven poeta. Las piezas de Divina poesía de Juan de Luque. Lisboa, 1608, in María SOLEDAD ARREDONDO, Pierre CIVIL e Michel MONET (org.), *Paratexto en la literatura española. Siglos XV-XVIII*. Madrid, Casa de Velázquez, 2009, pp. 71-90.

ANASTÁCIO, Vanda, “El-Rei Seleuco, 1645 (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões): *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 2 (2005), pp. 327-342.

ANSELMO, Artur, *Livros e mentalidades*. Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

AUTO do juramento que os três estados destes reinos fizeram em presença del rey nosso senhor ao primeiro de junho de M D LXX IX. Lisboa, [1579].

BAIÃO, António, “Manuel de Lira, um dos mais antigos impressores dos Lusíadas. Novos dados para a sua bibliografia”: *Lusitania. Revista de estudos portugueses* 2.5-6 (1925), pp. 255-262.

BUARCOS, João Brandão de, “Majestade e grandezas de Lisboa em 1552”: *Arquivo Histórico Português* XI (1916), pp. 9-241.

CATÁLOGO DOS RESERVADOS DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Coimbra, Universidade, 1970.

DIAS, João José Alves, *Craesbeeck, uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996.

ESPANCA, Túlio, “Alguns artistas de Évora nos séculos XVI-XVII”: *A Cidade de Évora* 15-16 (1948), pp. 131-287.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean, *O aparecimento do livro*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

- FONSECA, Jorge, *Os livreiros de Lisboa nos séculos XVI e XVII. Estratégias económicas, sociais e familiares*. Lisboa, Colibri, 2019.
- HERRERA MORILLAS, José Luis e CAVERO COLL, Juan Pedro, “Libros impresos en Sevilla durante los siglos XV al XVIII”: *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios* 68 (2002), pp. 37-66.
- LINS, Guilherme Gomes da Silveira d’Ávila, *Bibliografia das obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Jorge Rodrigues entre 1598 e 1642*. Recife, Editora Universitária, 2009.
- MATA, Simão Castro Feijó Araújo da, “A presença portuguesa na América espanhola do século XVII. Luís Gomes Barreto e os cristãos-novos de Cartagena das Índias”, in *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto, Faculdade de Letras, 2019, pp. 305-333.
- MIRANDA, Francisco de Sá de, *Poesia*. Lisboa, Alexandre M. Garcia, 1984.
- NÚÑEZ BELTRÁN, Miguel Ángel, *La oratoria sagrada de la época del Barroco: doctrina, cultura y actitud ante la vida desde los sermones sevillanos del siglo XVII*. Sevilla, Universidad e Fundación Focus-Abengoa, 2000.
- RAMOS, João Augusto Espadeiro, *Fronteira e relações de poder. Noudar e Barrancos no Antigo Regime* (Dissertação de Mestrado). Évora, Universidade, 2012.
- SANTOS, Frei João dos, *Etiópia Oriental e vária história de cousas notáveis do Oriente*. Évora, 1609.
- SOARES, Pero Rodrigues, *Memorial*. Coimbra, Universidade, 1953.
- TORIBIO MEDINA, José, *La imprenta en Lima (1584-1824)*, tomo I. Santiago de Chile, Impreso en Casa del Autor, 1904.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de, *Do sítio de Lisboa. Diálogo*. Lisboa, 1608.
- WILKINSON, Alexander Samuel e ULLA LORENZO, Alejandra (eds.), *Iberian Books*, v. II e III. Dublin, University College, 2010.

(Página deixada propositadamente em branco)



**INOVAÇÕES NA EDIÇÃO DE LIVROS OU  
A METÁFORA REVOLUCIONÁRIA**

**INNOVATIONS IN BOOK PUBLISHING OR THE  
REVOLUTIONARY METAPHOR**

*Nuno Medeiros*

Universidade de Lisboa  
CEComp, Faculdade de Letras  
nmedeiros@letras.ulisboa.pt  
ORCID: 0000-0001-5350-4294

**Resumo:** Neste capítulo, sistematiza-se um conjunto de notas em torno do tema da inovação na edição de livros e um dos seus efeitos narrativos, a revolução como consequência transfiguradora de algumas inovações. A partir de dois exemplos, o livro de bolso e o clube do livro, procura-se um enquadramento crítico que ajude a desconstruir algumas perspetivas lineares e automáticas acerca das consequências na cultura impressa da descoberta e da invenção de determinadas fórmulas de produção e circulação do livro.

**Palavras-chave:** inovação e edição, revolução como metáfora, livro de bolso, clube do livro.

**Abstract:** This chapter systematizes a set of notes on the theme of innovation in book publishing and one of its narrative effects, the revolution as a transfiguring consequence of certain innovations. Based on two examples, the paperback book and the book club, this chapter seeks to provide a critical framework to help deconstruct certain linear and automatic perspectives about the consequences

on print culture of the discovery and invention of certain formulas for the production and circulation of books.

**Keywords:** innovation and publishing, revolution as metaphor, paperback, book club.

## Introdução

As «obras e os objectos produzem a sua área social de recepção mais do que são produzidos por divisões cristalizadas e prévias». <sup>1</sup> A proposição de Roger Chartier sublinha o papel ativo do editor na sua relação com a compra e utilização leitural dos livros que publica. <sup>2</sup> Os comportamentos editoriais, ao atribuírem nova morfologia aos objetos impressos, ao modificarem o texto ou ao proporem novos modos de fazer com que a obra chegue ao leitor, regulam-se «segundo as supostas habilidades e expectativas dos diferentes públicos visados». <sup>3</sup> A história da edição demonstra à sociedade que a demanda da constituição de mercados para o consumo livresco impresso, a par da sua auscultação, por parte dos editores foi um dos motores mais poderosos do percurso seguido pela cultura tipográfica e *a fortiori* pelo espaço particular do livro editado. A interferência procurada como atuação criadora nos hábitos e vontades de acesso ao livro modulou o espírito e a prática dos editores, agindo estes estrategicamente e suportados pela inovação. Inovar, de preferência de modo retumbante nas suas consequências, desenvolveu-se como imperativo categórico a partir do qual se operaram as grandes mutações na indústria editorial, mas também as pequenas.

---

1 Roger CHARTIER, *A Ordem dos Livros*. Lisboa, Vega, 1997, p. 29.

2 Sobre o tema da edição como construção ativa do editor, no seu papel social de instigador, prescriptor e mediador cultural, vejam-se, de Nuno MEDEIROS, “Editores e Livreiros: que papéis de mediação para o livro?”, in Diogo Ramada CURTO (dir.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 343-385; Nuno MEDEIROS, “Acções prescritivas e estratégicas: a edição como espaço social”: *Revista Crítica de Ciências Sociais* 85 (2009), pp. 131-146; Nuno MEDEIROS, “Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição”: *Revista Angolana de Sociologia* 9 (2012), pp. 33-48; e Nuno MEDEIROS, “A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos”: *Revista Brasileira de História da Mídia* 4.2 (2015), pp. 31-42.

3 R. CHARTIER, *A Ordem dos Livros...*, op. cit., p. 39.

Constituindo um observatório privilegiado das mudanças ocorridas no universo da edição, as inovações correspondem a um elemento prescritivo da *praxis* editorial, traduzindo-se numa plêiade de aplicações, do livro propriamente dito na sua materialidade à sua comercialização: ilustrações, policromatismo e grafismo conceptual nas capas, inscrevendo-as como espaço de «degustação» visual; cintas nos livros, publicitando-os e impedindo o seu manuseio excessivo; venda de títulos associada à venda de periódicos, dilatando as tiragens; concursos para leitores e para livreiros, implicando-os na circulação das obras; folhetos e prospetos, ligando o objeto impresso a formas particulares de ócio ou trabalho; prémios literários e de tradução, estimulando o surgimento de «promessas das letras» ou institucionalizando a consagração e despertando a atenção mediática. É, portanto, possível e desejável ver na introdução e evolução destas e de outras aplicações os desígnios criativos da dinâmica editorial.

Não confinado a uma função seletiva dos textos que lhe são propostos para publicação, o editor desde sempre contemplou na matriz que o institui como personagem autónoma no universo do livro a inovação, componente vocacional primordial, sobretudo em projetos editoriais em início ou em expansão. Inovação traduzida na própria invenção de livros, feita, antes de mais, a partir da publicação, por exemplo, de textos que nunca haviam sido reunidos numa mesma obra, para a qual o editor tem de encontrar uma congruência.<sup>4</sup> Os prefácios e as introduções ilustram igualmente a concretização de uma perspetiva nova, que autoriza uma leitura nova e, nessa medida, confere uma configuração nova a um livro, desempenhando, por isso, um papel não menosprezável na

---

<sup>4</sup> Veja-se a este propósito o sugestivo título da notícia de Ana Dias Ferreira acerca do aparecimento de uma nova editora. Ana Dias FERREIRA, “Guerra & Paz propõe inventar os próprios livros”: *Público*, 03.03.2006, p. 47.

formulação da unidade e da consistência do objeto, cuja concretização pode ser reforçada pela inclusão numa determinada coleção.

Mas a invenção de livros como expressão volitiva do editor manifesta-se igualmente no comissionamento de obras, isto é, no ato editorial de encomendar determinadas obras a determinados autores e a outros profissionais do livro (ilustradores, por exemplo). Ao encomendar um livro ou um conjunto de livros a um escritor ou a uma equipa de escritores (quem escreve *ipso facto* o texto), muitas vezes remetida na ficha técnica ao anonimato, o editor participará na criação da obra como autor.<sup>5</sup> Fá-lo como criador original da ideia, como definidor dos parâmetros que vão presidir à sua materialização, como garante desses parâmetros mediante o exercício da correção, revisão e inscrição física ou até como coautor, tradutor, ou redator de nota explicativa. Nesse sentido, o editor de livros inventa-os, não apenas porque tem sido historicamente essencial na metamorfose do texto em objeto (material ou digital) publicado, mas também porque se arroga frequentemente a função de criador seminal de livros suscitando texto até aí inexistente.

O livro encomendado é um dos domínios por excelência de rutura com o elemento artesanal rotineiro no quotidiano editorial e das análises que sobre ele tradicionalmente recaem. A comissão ou encomenda implica o editor e a sua casa no reino da produção metódica, planeada, planificada e, desde o início, altamente racionalizada. Confiar a encomenda a um conjunto de autores pode mesmo significar a escolha — não poucas vezes imposição — editorial de um deles como autor principal, face à sua notoriedade ou dimensão simbólica, verticalizando artificialmente

---

5 Veja-se Gordon NEAVILL, “Role of the Publisher in the Dissemination of Knowledge”: *The Annals of The American Academy of Political and Social Science* 421 (1975), p. 24.

a produção com vista à sua autoridade e potenciação venal.<sup>6</sup> À entidade totêmica do autor, concebido na sua individualidade e envolvido na bruma beatificada da criação, substitui-se a diversidade de formas autorais alternativas e híbridas, cujo expoente atual se encontra nas possibilidades tecnológicas abertas pela evolução eletrónica em rede. Talvez por isso, por terem feito *tabula rasa* da plasticidade da noção de autor, as proclamações de morte ou declínio prenunciado desta instância, efetuadas por Roland Barthes e Michel Foucault, enfermem de uma irreduzível precocidade.<sup>7</sup>

## O livro de bolso

Inovar, editorialmente, não significa necessariamente inventar livros novos mas, tão-só, inventar fórmulas ou reinventá-las a partir de obras correntes ou de obras inéditas. Em 1939, a *New York Times Book Review* anunciava o lançamento pelo editor Robert de Graff (em conjunto com os três sócios da estabelecida editora Simon & Schuster, Max Schuster, Richard Simon e Leon Shimkin) dos primeiros dez títulos de uma nova coleção, intitulada Pocket Books.<sup>8</sup> Quatro anos volvidos sobre o aparecimento, em 1935, no Reino Unido dos primeiros dez livros da Penguin, de Allen Lane, estava definitivamente lançada a que muitos

---

6 Para ilustração profusa das incidências do advento do comissionamento editorial, veja-se Jean-Yves MOLLIER, *Louis Hachette (1800-1864). Le Fondateur d'un Empire*. Paris, Fayard, 1999.

7 Vejam-se Roland BARTHES, *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1987, sobretudo pp. 49-53, sobre a «morte do autor»; e Michel FOUCAULT, *O que é um Autor?* Lisboa, Vega, 1992. Outorgando ambos ao leitor, e não ao autor, o fulcro analítico da criação de sentido textual, o matiz de Foucault relativamente a Barthes reside essencialmente na função autoral, segundo a qual o autor é a figura ideológica e o princípio pelos quais os discursos circulam, de modo contingente e excludente, na sociedade. A reputação literária, logo, a autoria, é para Foucault uma formação cultural inseparável da comodificação da literatura, já que informa as respostas culturais aos textos.

8 Confira-se Ray WALTERS, *Paperback Talk*. Chicago, Academy Chicago Publishers, 1985, p. 2.

observadores e intervenientes no mercado editorial de livros adjetivaram de «revolução do *paperback*» ou do livro de bolso, livro de impressão mais barata, originalmente vocacionado para reimpressões de obras já com um historial de edição, isto é, obras que já estavam publicadas, não raro clássicos ou *best-sellers*. Eram títulos anteriormente editados e colocados em coleções com formatos diversos, frequentemente com investimento gráfico e até com algum *pedigree* editorial. A transformação destes títulos em livros de bolso conferiu-lhes uma morfologia uniforme que os tornava fáceis de distinguir.

Pressuposta nesta fórmula editorial estava «a existência de um largo mercado de leitores potenciais que o editor original não estava a alcançar».<sup>9</sup> Evidentemente, o percurso histórico destes livros retirou-lhes o isomorfismo que os tornava fáceis de definir e distinguir. Progressivamente, o *paperback* foi crescendo em complexidade, abarcando géneros e suportes cada vez mais diversos, como as áreas práticas, a manualística, a autoajuda ou a banda desenhada, vistas muitas vezes como menores; deixando ainda a apetência para a literatura previamente publicada, a que fora forçado desde o seu nascimento.<sup>10</sup> Passou até por aumentos de custos com repercussões no preço, cuja distância para outro tipo de edição se foi encurtando.

O livro de bolso é, como o conceito mais lato de livro, um conceito polissémico cuja definição consiste no primeiro problema, ou desafio, a abordar. O *paperback* não é necessária e exatamente a mesma coisa que o livro de bolso, embora se lhe equipare no âmbito do mundo anglo-saxónico. O livro de bolso tornou-se numa metáfora de revolução no sector do livro,

---

9 Desmond FLOWER, "Introduction", in *Penguins Progress: 1935-1960*. Harmondsworth, Baltimore e Mitcham, Penguin, 1960, p. 9.

10 No quadro da literatura, o *paperback* ou livro de bolso deixou ao longo do tempo inclusive de se caracterizar somente pela edição de literatura previamente publicada, passando a contemplar obras e títulos inéditos.

podendo ser definido essencialmente como um livro acessível, não apenas pelo preço e por se tratar de um volume físico de menor dimensão quando comparado com outros formatos, mas sobretudo pela possibilidade de distribuição exponenciada pelos quiosques, papelarias, estações e gares, onde passou a ser possível ver e comprar livros.<sup>11</sup> Mais do que apenas o formato, é nos aspetos do seu preço e particularmente da sua disseminação que se dá a mudança mais forte em termos da história da edição e do impacto no mercado do livro. E não se trata meramente da penetração do livro em espaços novos de exposição e venda. São localidades inteiras e territórios novos que passam a contar com uma presença assídua do livro, cuja circulação comercial — excetuando, portanto, o empréstimo e as bibliotecas — aí ocorre pela primeira vez.

Nesse sentido, não será arriscado afirmar que, em termos literais, mas também simbólicos, o livro de bolso é uma espécie de metonímia da distribuição massificada do livro e da sua circulação mais alargada e comodificante. A sua existência assim enquadrada suaviza a proverbial dificuldade de adaptação dos géneros literários perccionados como mais densos ou eruditos à circulação mais alargada, colmatando parte do hiato causado pela distância que as camadas populares nunca cessaram de sentir relativamente ao cariz autoritário das obras publicadas como «boa» literatura, «suscitadas por grupos sociais limitados e concebidas para eles».<sup>12</sup> A adesão consegue-se não somente pela irradiação e multiplicação de postos de venda e pelo emagrecimento do custo final, mas também, em grande parte, pela adoção de grafismo e estética mais apelativos e

---

11 Acerca da dimensão revolucionária do livro de bolso, veja-se Olivier BESSARD-BANQUY, “La révolution du poche”, in Pascal FOUCHÉ (dir.), *L'Édition Française Depuis 1945*. Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 1998, pp. 168-199.

12 Robert ESCARPIT, *The Book Revolution*. Londres e Paris, Harrap e Unesco, 1966, p. 133.



pela aposta no *best-seller* ou no clássico. O campo de experimentação e da pesquisa, optando por escritas mais obscuras e marginais ou de réditos pouco claros, dada a especialização de públicos que implica, não fica por isso excêntrico ao núcleo de intervenção do livro de bolso. Parte-se do cenáculo para a ele regressar, embora o género ou, mais precisamente, o tipo de obras que ele comporta e dissemina seja, em amplas ocasiões, objeto de indiferença ou menosprezo por parte da crítica e da imprensa especializada, como as revistas literárias.

Em bom rigor, aquando do seu lançamento pela Penguin e pela Pocket Books, este tipo de publicação não era propriamente uma novidade. O dado a reter é o da sua revigorada afirmação a partir de meados dos anos 1930, não o de uma putativa invenção, prendendo-se este facto com o que Thomas Bonn qualifica de inconstância, «[t]alvez a característica mais marcante que os livros de bolso transportaram através do último século e meio».<sup>13</sup> Na Europa, a edição de livros em formato de bolso era uma prática consolidada para a qual muito contribuíram precursores como Christian Bernhard Tauchnitz, fundador, em 1841, da editora alemã com o mesmo nome que publicou a célebre série de autores britânicos e norte-americanos em que saíam, numa centúria, cerca de seis mil títulos, ou Kurt Enoch, fundador da igualmente germânica Albatross Books quase um século mais tarde (também caracterizada pela edição, em reimpressão, de livros de autores de língua inglesa em pequeno formato), depois refugiado nos Estados Unidos da América, onde ajudou a constituir um mercado do *paperback*, iniciando com Victor Weybright a New American

---

13 Thomas BONN, “The Paperback: Image and Object”, in Philip ALTBACH e Edith HOSHINO (orgs.), *International Book Publishing: An Encyclopedia*. Nova Iorque e Londres, Garland, 1995, p. 268. Vejam-se ainda Thomas BONN, *Under Cover: An Illustrated History of American Mass Market Paperbacks*. Harmondsworth e Nova Iorque, Penguin, 1982; e Cecil HEMLEY, “The Problem of the Paperbacks”, in Bernard ROSENBERG e David Manning WHITE (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*. Glencoe, The Free Press e The Falcon’s Wing Press, 1957, pp. 141-144.

Library, na sequência de uma fugaz colaboração de ambos com Allen Lane na Penguin.

Já bem antes, na década de 1830, os britânicos haviam conhecido as Railway Circulating Libraries”, de W. H. Smith<sup>14</sup> e os franceses a Bibliothèq̃ue Charpentier, de Michel Lévy (1846) ou a conhecida Bibliothèq̃ue des Chemins de Fer de Louis Hachette (1853).<sup>15</sup> Ainda em França, vieram a lume as coleções de saldo de 6 ou 10 francos dos anos 1930, reeditando ou reencadernando obras anteriormente publicadas de escritores contemporâneos.<sup>16</sup> Nos Estados Unidos da América os populares *penny dreadfuls* e *dime novels* fizeram furor no mercado oitocentista.<sup>17</sup> Pode mesmo regredir-se ao século XVI para encontrar os elos primordiais de livros com o formato, a encadernação e o propósito de reedição pouco onerosa que se tornou típico dos livros de bolso.<sup>18</sup>

---

14 Vejam-se James RAVEN, “British Publishing and Bookselling: Constraints and Developments”, in Jacques MICHON e Jean-Yves MOLLIER (dirs.), *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII<sup>e</sup> Siècle à l'An 2000*. Saint-Nicolas e Paris, Presses de l'Université Laval e L'Harmattan, 2001, p. 28.

15 Vejam-se Jean-Yves MOLLIER, *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition*. Paris, Fayard, 1988; Jean-Yves MOLLIER, “Les mutations de l'espace éditorial français du XVIII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle”: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 126-127 (1999), pp. 29-38; J-Y. MOLLIER, *Louis Hachette...*, op. cit.; e Jean-Yves MOLLIER, “L'évolution du système éditorial français depuis l'*Encyclopédie* de Diderot”, in Jean-Yves MOLLIER (dir.), *Où va le Livre?* Paris, La Dispute, 2000, pp. 19-33.

16 Para Pascal Fouché, as versões brochadas destas coleções de saldo dariam origem na década de 1950 ao célebre livro de bolso da Hachette. Veja-se Pascal FOUCHÉ, “L'édition littéraire, 1914-1950”, in Roger CHARTIER e Henri-Jean MARTIN (dirs.), *Histoire de l'Édition Française*, vol. 4, *Le Livre Concurrencé*. Paris, Promodis e Fayard, 1991, p. 225.

17 Vejam-se, por exemplo, John SPRINGHALL, “‘Disseminating Impure Literature’: The ‘Penny Dreadful’ Publishing Business since 1860”: *The Economic History Review* 47.3 (1994), pp. 567-584; e Carl KAESTLE, “Seeing the Sites: Readers, Publishers, and Local Print Cultures in 1880”, in Karl KAESTLE e Janice RADWAY (orgs.), *A History of the Book in America* (David HALL, dir. ger.), vol. 4, *Print in Motion. The Expansion of Publishing and Reading in the United States, 1880-1940*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2009, pp. 22-45.

18 Vejam-se, a este respeito, Henri-Jean MARTIN e Lucien FEBVRE, *L'Apparition du Livre*. Paris, Albin Michel, 1958; Robert CARTER, “The History of International Book Publishing”, in Philip ALTBACH e Edith HOSHINO (orgs.), *International Book Publishing: An Encyclopedia*. Nova Iorque e Londres, Garland, 1995, pp. 161-162; Willian SOUZA e Giulia CRIPPA, “A materialidade do livro de bolso e a expansão do

Para os leitores portugueses, e para não regredir a diligência genealógica muito para trás, a edição de volumes com a configuração dos livros de bolso pode encontrar-se, por exemplo, nas pequenas brochuras *in-octavo* de coleções como a Bibliotheca do Povo e das Escolas, que David Corazzi inaugurou em 1881,<sup>19</sup> e a Para as Crianças, que Ana de Castro Osório começou a publicar em 1897.<sup>20</sup> Muito antes, portanto, de edições reconhecidamente de livros de bolso como as das casas Livraria Civilização (Civilização — Série Azul, Civilização — Série Amarela), Editorial Gleba/Publicações Europa-América (Livros das Três Abelhas) ou Livros do Brasil (Vampiro, Argonauta, Miniatura), que contribuíram efetivamente para a introdução nos anos 1930, 1940 e 1950 do moderno livro de bolso no sistema editorial português. Fará talvez, portanto, mais sentido falar em reinvenção no século XX do livro de bolso. A redescoberta, permitindo novas direções, roupagens e públicos para o livro, não deixa, então, de participar no vetor de inovação implicado na atividade de editar, tornando na prática inviável a senda do ponto zero de maneira satisfatória.

---

público leitor entre os séculos XV e XIX": *Intexto* 27 (2012), pp. 84-101; e Martyn LYONS, *Books: A Living History*. Londres, Thames & Hudson, 2013.

19 Com «uma publicação/enciclopédia popular economicamente acessível a um maior número, pelo preço inimaginável a que se vendeu». Manuela DOMINGOS, *Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e Leitores do Séc. XIX*. Lisboa, Instituto Português do Ensino a Distância, 1985, p. 20. Este preço corresponde à quantia de 50 réis, menos de metade do praticado contemporaneamente para séries enquadradas no mesmo género e que variavam entre 120 e 200 réis. A rede de representantes da editora de David Corazzi, bem espalhada pelo território continental, ao arpejo da insuficiente rede de transportes da época, é demonstrativa do «grande dinamismo da empresa para colocar as suas múltiplas edições, [...] que lhe permitiu criar um mercado verdadeiramente nacional». M. DOMINGOS, op. cit., p. 68.

20 Confira-se Fátima MEDEIROS, *Do Fruto à Raiz. Uma Introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa Recolhidas e Recontadas por Ana de Castro Osório*. Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2003.

## O clube do livro

O clube do livro, como inovação editorial e de distribuição, é homólogo do livro de bolso em termos da sua origem e desenvolvimento. Este modo de produção e comercialização não sobreveio como criação completamente original nos anos 20 do século passado, mito de fundação com alguma disseminação, já que nem o acesso direto aos clientes, putativos leitores, nem a noção de que partia assentando num formato próprio de edição e manufatura, configuravam uma ideia genuinamente nova. Desde o princípio do século XX, na Suíça, com o movimento cooperativo, e do final da I Guerra Mundial, na Alemanha, que operavam associações ou «sociedades» aparentadas ao conceito que proveio do desenvolvimento longamente congeminado de Harry Scherman ao dar início à atividade do primeiro clube do livro moderno em 1926, o Book-of-the-Month Club.<sup>21</sup> Este surgia na voragem de uma dinâmica que assolou o panorama da edição nos E.U.A., em meados da década de 1920, desde a instituição em 1924 da *The Saturday Review of Literature* ao início de publicação no ano seguinte da *The New Yorker*, passando pela fundação em 1927 do Literary Guild, clube do livro da poderosa Doubleday, editora com posição destacada no mercado coevo do livro.

O Book-of-the-Month Club fazia mais do que apresentar livros para compra. Através de um esquema montado a partir da existência de um conceituado quadro de avaliadores, o conselho de júri (recurso de seriedade cultural visto como indutor de dividendo simbólico quase imediato, formado por elementos reputados e conhecidos do mundo literário e académico)

---

21 Vejam-se Joseph KAPPEL, “Book Clubs and the Evaluation of Books”: *Public Opinion Quarterly* 12.2 (1948), pp. 243-252; R. CARTER, op. cit., pp. 156-163; e AL SILVERMAN, “Book Clubs in America”, in Gordon GRAHAM e Richard ABEL (orgs.), *The Book in the United States Today*. New Brunswick e Londres, Transaction Publishers, 1997, pp. 113-127.

associava-se ao sistema de «opção negativa», em que a inação do cliente em face de uma proposta significava a anuência à sua aquisição (fator de promoção de um consumo constante), para ir estabelecendo socialmente o que Janice Radway apodou de cultura *middlebrow*. Traduzindo a ideia de cultura nobilitante, vulgata contemporânea das práticas culturais de prestígio que favorecessem a mobilidade social ascendente própria da burguesia oitocentista, dirigia-se a pessoas com forte desejo de se «apresentarem como escolarizadas, sofisticadas e esteticamente articuladas». <sup>22</sup> O aparecimento de inovações exemplificadas pela segmentação de clientes por perfil de compra e gosto ou pelo número de telefone gratuito parecem, para os padrões atuais, de uma evidência tão natural que se torna inquestionável, mas constituíram, aquando da sua adoção, medidas de verdadeira descontinuidade com o que era regra no sector, elegendo o contacto com o cliente e a sua permanente sedução como premissa nuclear na conceção de clube do livro.

A inovação não é, contudo, sinónimo inevitável de uma prática de sucesso e com força para se estabelecer. O mercado e as comunidades de receção, como instituições volúveis — e frequentemente até voláteis — e inscritas em regimes e momentos de produção e circulação da cultura impressa específicos, ditam a potência da inovação editorial enquanto possibilidade. E essa possibilidade é o fator decisivo da viabilidade de uma inovação se consumir. O caso português é bastante ilustrativo desta realidade, na medida em que demonstra que as circunstâncias próprias do mundo do livro podem ditar as condições de existência e sobrevivência de uma prática inovadora. Em Portugal, até à década de 1960,

---

22 Janice RADWAY, *A Feeling for Books. The Book-of-the-Month Club, Literary Taste, and Middle-class Desire*. Chapel Hill e Londres, University of North Carolina Press, 1997, p. 5.

os canais de distribuição de livros correspondiam à venda direta por assinatura e à comercialização através de livrarias e outros pontos de venda, como papelarias ou quiosques. Os clubes do livro, assim cognominados e divulgados, fazem a sua aparição de forma efetiva e sustentada apenas no início dos anos 1970, com a entrada em cena do Círculo de Leitores, do grupo Bertelsmann, em 1971 (tendo sido formalizada a sua fundação ainda em 1970).

O pioneirismo já havia acontecido, embora insuscetível de persistir para além de intenções e experiências goradas, efémeras ou limitadas na sua capacidade de afirmação e expansão. Em 1948 aparecera o projeto Amigos do Bom Livro, com aspirações a clube do livro, falecido ao fim de alguns meses. No começo do decénio seguinte, em 1952, falou-se de um novo clube do livro, o Clube do Livro, patrocinado pela Empresa Nacional de Publicidade, através da Editorial Notícias. A relação com o Book-of-the-Month Club era assumida, já que os títulos a publicar teriam duas origens: obras originais selecionadas por um júri a constituir e livros estrangeiros escolhidos do fundo do Book-of-the-Month Club, assim alçado a ponto referencial. A ambiciosa proposta não subsistiu à fase de conceção. Em 1960 é fundado o Clube do Livro e do Disco, que também não vingou. Quatro anos depois, anunciou-se o início de atividade do Clube do Livro, nunca concretizado. Promovido pela Portugália Editora, o Clube do Livro foi apresentado como «O primeiro clube do livro português», vindo a adotar a designação Clube Português do Livro e do Disco. Nos anos 1970, já no decurso da chegada do Círculo de Leitores ao mercado português, verificaram-se experiências como a empresa Cedilis, um clube do livro pensado por Fernando Guedes, da Editorial Verbo, cujas fundações são lançadas em 1973, não sobrevivendo, porém, ao ano seguinte.<sup>23</sup> Não houve, até à

---

23 Para uma contextualização deste fenómeno em Portugal, vejam-se Nuno MEDEIROS, *Edição e Editores: o Mundo do Livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa,

chegada do Círculo de Leitores, no universo da edição portuguesa, um percurso escurrito e minimamente sólido da venda por correspondência e dos clubes do livro, emergindo esporadicamente projetos pautados sobretudo pela inconsequência. E mesmo com a inauguração do Círculo de Leitores, de sucesso irrefutável durante décadas,<sup>24</sup> dificilmente se pode falar em surto relativamente a esta nova forma de editar livros e pô-los a circular.

Os clubes do livro afirmaram-se como método de méritos indiscutíveis na irradiação do livro como bem integrado no quotidiano do espaço doméstico, contribuindo para que, desde o seu nascimento e só nos E.U.A., «representassem mais de 500 milhões de livros»<sup>25</sup> vendidos. Isto antes do fim da década de 1950, em 30 anos de atividade. A cifra é capciosa, já que pode conduzir a um automatismo analítico que explique o livro como objeto cultural de irrefutável consumo massificado. Descartando uma discussão em torno dos critérios de massificação, a sua assunção no que respeita ao consumo do livro deve merecer as necessárias cautelas. Não apenas porque a leitura não ocupa nas práticas culturais da maior parte das pessoas um lugar comparável ao de outros meios, como o cinema ou a televisão. Não somente porque é no sector do livro que a compra se encontra mais concentrada num grupo pouco alargado de consumidores.<sup>26</sup> Mas particularmente pelo facto

---

Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

24 Segundo Rui Beja, estudioso do livro e da edição contemporânea e antigo gestor do Círculo de Leitores, no «início da década de 1990, ao completar vinte anos de actividade, o clube do livro era a maior editora em Portugal, contando meio milhão de sócios, a publicação anual de duzentos títulos e dois milhões de livros distribuídos em cada ano». Rui BEJA, *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas*. Lisboa, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, 2012, pp. 71-72. Deste autor, e para uma incursão mais circunstanciada — ainda que autorreferenciada memorialisticamente — e aprofundada na vida e na estrutura do Círculo de Leitores, veja-se Rui BEJA, *À Janela dos Livros. Memória de 30 Anos de Círculo de Leitores*. Lisboa, Temas e Debates, 2011.

25 Bernard ROSENBERG e David Manning WHITE (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*. Glencoe, The Free Press e The Falcon's Wing Press, 1957, p. 112.

26 Confira-se Bernard BERELSON, “Who Reads What Books and Why?”, in B. ROSENBERG e D. M. WHITE (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*.

de a hipótese da edição de livros encaixar na conceção industrial de produção cultural para um número efetivamente alargado de pessoas ser, para os próprios editores, uma miragem.

A perceção desta impossibilidade surge, em certos casos, mais tributária talvez de um sentido de missão que concebe o livro como produto cultivado para elites eruditas do que de uma definição de massificação cujo limiar quantitativo radicasse bem para lá dos resultados normais de vendas. Cravada no coração de um número assinalável de editores está a imagética que os autoidentifica com o apostolado das letras. Num prospecto da Penguin, de 1964, loquazmente se assevera que a produção da editora não se reserva às massas. «Onze milhões de Penguin vendidos no Reino Unido num único ano representam um Penguin comprado por um inglês em cada cinco. Os Penguin destinam-se a uma minoria (relativamente numerosa) que é uma minoria selecta».<sup>27</sup> A metáfora revolucionária, consequente também com a ideia de democratização da cultura livresca, encontra nesta inovação alguns dos dilemas e da rugosidade que a edição de livros encerra.

### **Notas conclusivas**

O livro de bolso e o clube do livro (com maior ênfase para o primeiro) constituem-se como morfologias cujo jaez inovador é difícil de refutar, tanto quanto o facto de não serem invenções puras, sem estribo no passado. Mas inserem-se num fluxo narrativo, dentro e fora do campo editorial, da criação, assente na ideia de inovação como metáfora revolucionária. E este discurso, construído em torno da revolução como eixo, materializado em descobertas (afinal, tantas vezes redescobertas) que tudo mudam no percurso histórico da cultura impressa, integra a matriz das práticas e das identidades

---

Glencoe, The Free Press e The Falcon's Wing Press, 1957, pp. 119-125.

<sup>27</sup> *Apud* R. ESCARPIT, op. cit., p. 30n.



no sector da edição de livros e nas personagens que lhe dão corpo. Afinal, trata-se de um sector que produz um objeto, o livro, caracterizado ele próprio por um itinerário tecnológico e simbólico de inovações a que são outorgadas conotações revolucionárias.

O exemplo máximo deste posicionamento hermenêutico é provavelmente o do advento da tipografia e da impressão como paradigma de transmutação revolucionária na história da cultura e da comunicação escrita, inaugurando o que veio a ser denominado cultura impressa. Distanciando-se de visões que tomaram como revolucionário o surgimento da edição impressa de Gutenberg e Manúcio, vários autores referem as persistências entre a cultura manuscrita copiada e a impressa e os fluxos que as interligaram, fazendo com que se mantivessem muitas das estruturas físicas, organizativas e de género fundamentais do livro e das modalidades e tempos da sua descodificação e fruição leitural.<sup>28</sup> Contrariando a ideia de que a criação ou descoberta da impressão por caracteres móveis se tratasse verdadeiramente de uma revolução, insistem numa continuidade — que não é interrompida, embora se torne inequivocamente mais complexa — entre cultura manuscrita (*scribal culture*) e cultura impressa ou tipográfica (*print culture*). Para este conjunto de propostas explicativas,<sup>29</sup> é a aposta analítica baseada no estudo das continuidades da longa duração de inspiração braudeliana que permite o vislumbre estrutural do universo do livro,

---

28 Vejam-se, como exemplos deste alinhamento interpretativo, Roger CHARTIER, *Forms and Meanings. Texts, Performances, and Audiences, from Codex to Computer*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1995; R. CHARTIER, *A Ordem dos Livros...*, op. cit.; Robert DARNTON, *The Kiss of Lamourette: Reflections in Cultural History*. Nova Iorque, W. W. Norton, 1990; Anthony GRAFTON, *Defenders of the Text. The Traditions Scholarship in an Age of Science*. Cambridge e Londres, Harvard University Press, 1991; e Adrian JOHNS, *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1998.

29 Para uma síntese desta proposta interpretativa, veja-se David HALL, *Cultures of Print: Essays in the History of the Book*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1996.

nos seus tropos e formas salientes, contemplando a inovação (por invenção ou redescoberta), opondo-se a pretensões de uma narrativa de pressupostos lineares de revolução.

Outra das questões que os exemplos apresentados neste capítulo levantam é a da permeabilidade entre sistemas editoriais em termos da importação e exportação de ideias e inovações.<sup>30</sup> Esta porosidade entre realidades nacionais do livro e a multiplicidade de origens e trajetos tornam muito difícil a tarefa de quem se disponha à busca de uma génese absoluta, primordialista e unifatorial das inovações no livro como se fosse possível encontrar com facilidade — ou de todo — o momento seminal e o agente inicial.

A mudança, expressa na inovação e na invenção, ou na reformulação suscetível de operar mudanças na produção, circulação e apropriação da palavra escrita através da ação editorial, é um dos elementos de identidade do mundo do livro, não parecendo viável a sua análise expurgando esse elemento. O mesmo não é, no entanto, assumir de modo pronto e explicativamente voluntarioso que as inovações se processam inexoravelmente como eixos de transfiguração, sem base anterior, e capazes, por si sós, de desencadear consequências retumbantes, profundas, extensas e de cariz duradouro que tudo alteram, operando revoluções. A metáfora revolucionária assimilada a certo tipo de inovações, quando aplicada ao mundo do livro, aumenta o risco de supressão ou de esmaecimento da complexidade inscrita na trama histórica e multicausal que o foi forjando.

---

30 Veja-se Jean-Yves MOLLIER, “La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle”, in J. MICHON e J.-Y. MOLLIER (dirs.), *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII<sup>e</sup> Siècle à l'An 2000*. Saint-Nicolas e Paris, Presses de l'Université Laval e L'Harmattan, 2001, pp. 47-72.

## Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland, *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1987.
- BEJA, Rui, *A Edição em Portugal (1970-2010): Percursos e Perspectivas*. Lisboa, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, 2012.
- , *À Janela dos Livros. Memória de 30 Anos de Círculo de Leitores*. Lisboa, Temas e Debates, 2011.
- BERELSON, Bernard, “Who Reads What Books and Why?”, in Bernard ROSENBERG e David Manning WHITE (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*. Glencoe, The Free Press e The Falcon’s Wing Press, 1957, pp. 119-125.
- BESSARD-BANQUY, Olivier, “La révolution du poche”, in Pascal FOUCHÉ (dir.), *L’Édition Française Depuis 1945*. Paris, Éditions du Cercle de la Librairie, 1998, pp. 168-199.
- BONN, Thomas, “The Paperback: Image and Object”, in Philip ALTBACH e Edith HOSHINO (orgs.), *International Book Publishing: An Encyclopedia*. Nova Iorque e Londres, Garland, 1995, pp. 262-270.
- , *Under Cover: An Illustrated History of American Mass Market Paperbacks*. Harmondsworth e Nova Iorque, Penguin, 1982.
- CARTER, Robert, “The History of International Book Publishing”, in Philip ALTBACH e Edith HOSHINO (orgs.), *International Book Publishing: An Encyclopedia*. Nova Iorque e Londres, Garland, 1995, pp. 161-162.
- CHARTIER, Roger, *A Ordem dos Livros*. Lisboa, Vega, 1997.
- , *Forms and Meanings. Texts, Performances, and Audiences, from Codex to Computer*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1995.
- DARNTON, Robert, *The Kiss of Lamourette: Reflections in Cultural History*. Nova Iorque, W. W. Norton, 1990.
- DOMINGOS, Manuela, *Estudos de Sociologia da Cultura. Livros e Leitores do Séc. XIX*. Lisboa, Instituto Português do Ensino a Distância, 1985.
- ESCARPIT, Robert, *The Book Revolution*. Londres e Paris, Harrap e Unesco, 1966.
- FERREIRA, Ana Dias, “Guerra & Paz propõe inventar os próprios livros”, *Público*, 03-03-2006, p. 47.
- FLOWER, Desmond, “Introduction”, in *Penguins Progress: 1935-1960*. Harmondsworth, Baltimore e Mitcham, Penguin, 1960, pp. 9-11.
- FOUCAULT, Michel, *O que é um Autor?* Lisboa, Vega, 1992.
- FOUCHÉ, Pascal, “L’édition littéraire, 1914-1950”, in Roger CHARTIER e Henri-Jean MARTIN (dirs.), *Histoire de l’Édition Française, vol. 4, Le Livre Concurrencé*. Paris, Promodis e Fayard, 1991, pp. 210-258.
- GRAFTON, Anthony, *Defenders of the Text. The Traditions Scholarship in an Age of Science*. Cambridge e Londres, Harvard University Press, 1991.
- HALL, David, *Cultures of Print: Essays in the History of the Book*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1996.
- HEMLEY, Cecil, “The Problem of the Paperbacks”, in Bernard ROSENBERG e David Manning WHITE (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*. Glencoe, The Free Press e The Falcon’s Wing Press, 1957, pp. 141-144.

- JOHNS, Adrian, *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1998.
- KAESTLE, Carl, "Seeing the Sites: Readers, Publishers, and Local Print Cultures in 1880", in Karl KAESTLE e Janice RADWAY (orgs.), *A History of the Book in America* (David HALL, dir. ger.), vol. 4, *Print in Motion. The Expansion of Publishing and Reading in the United States, 1880-1940*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2009, pp. 22-45.
- KAPPEL, Joseph, "Book Clubs and the Evaluation of Books": *Public Opinion Quarterly* 12.2 (1948), pp. 243-252.
- LYONS, Martyn, *Books: A Living History*. Londres, Thames & Hudson, 2013.
- MARTIN, Henri-Jean, FEBVRE, Lucien, *L'Apparition du Livre*. Paris, Albin Michel, 1958.
- MEDEIROS, Fátima, *Do Fruto à Raiz. Uma Introdução às Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa Recolhidas e Recontadas por Ana de Castro Osório*. Vila Nova de Gaia, Gailivro, 2003.
- MEDEIROS, Nuno, "Acções prescritivas e estratégicas: a edição como espaço social": *Revista Crítica de Ciências Sociais* 85 (2009), pp. 131-146.
- , "A edição de livros como formulação do mundo: ideias e casos": *Revista Brasileira de História da Mídia* 4.2 (2015), pp. 31-42.
- , *Edição e Editores: o Mundo do Livro em Portugal, 1940-1970*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2010.
- , "Editores e Livreiros: que papéis de mediação para o livro?", in Diogo Ramada CURTO (dir.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 343-385.
- , "Notas sobre o mundo social do livro: a construção do editor e da edição": *Revista Angolana de Sociologia* 9 (2012), pp. 33-48.
- MOLLIER, Jean-Yves, "La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle", in Jacques MICHON e Jean-Yves MOLLIER (dirs.), *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII<sup>e</sup> Siècle à l'An 2000*. Saint-Nicolas e Paris, Presses de l'Université Laval e L'Harmattan, 2001, pp. 47-72.
- , *L'Argent et les Lettres. Histoire du Capitalisme d'Édition*. Paris, Fayard, 1988.
- , "Les mutations de l'espace éditorial français du XVIII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle": *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 126-127 (1999), pp. 29-38.
- , "L'évolution du système éditorial français depuis l'Encyclopédie de Diderot", in Jean-Yves MOLLIER (dir.), *Où va le Livre?* Paris, La Dispute, 2000, pp. 19-33.
- , *Louis Hachette (1800-1864). Le Fondateur d'un Empire*. Paris, Fayard, 1999.
- NEAVILL, Gordon, "Role of the Publisher in the Dissemination of Knowledge": *The Annals of The American Academy of Political and Social Science* 421 (1975), pp. 23-33.
- RADWAY, Janice, *A Feeling for Books. The Book-of-the-Month Club, Literary Taste, and Middle-class Desire*. Chapel Hill e Londres, University of North Carolina Press, 1997.
- RAVEN, James, "British Publishing and Bookselling: Constraints and Developments", in Jacques MICHON e Jean-Yves MOLLIER (dirs.), *Les Mutations du Livre et de l'Édition dans le Monde du XVIII<sup>e</sup> Siècle à l'An 2000*. Saint-Nicolas e Paris, Presses de l'Université Laval e L'Harmattan, 2001, pp. 19-30.

- ROSENBERG, Bernard, WHITE, David Manning (orgs.), *Mass Culture. The Popular Arts in America*. Glencoe, The Free Press e The Falcon's Wing Press, 1957.
- SILVERMAN, Al, "Book Clubs in America", in Gordon GRAHAM e Richard ABEL (orgs.), *The Book in the United States Today*. New Brunswick e Londres, Transaction Publishers, 1997, pp. 113-127.
- SOUZA, Willian, CRIPPA, Giulia, "A materialidade do livro de bolso e a expansão do público leitor entre os séculos XV e XIX": *Intexto* 27 (2012), pp. 84-101. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33465>>.
- SPRINGHALL, John, "Disseminating Impure Literature': The 'Penny Dreadful' Publishing Business since 1860": *The Economic History Review* 47.3 (1994), pp. 567-584.
- WALTERS, Ray, *Paperback Talk*. Chicago, Academy Chicago Publishers, 1985.

(Página deixada propositadamente em branco)

**O PROJETO *GARRETTONLINE* COMO PROTÓTIPO  
EDITORIAL PARA O PATRIMÓNIO POÉTICO  
PORTUGUÊS<sup>1</sup>**

**THE *GARRETTONLINE* PROJECT AS AN EDITORIAL  
PROTOTYPE FOR THE PORTUGUESE POETIC  
HERITAGE**

*Sandra Boto*

Universidade NOVA de Lisboa

Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

sandraboto@fcsb.unl.pt

ORCID: 0000-0003-1529-126

**Resumo:** O projeto *Garrettonline* ([www.garrettonline.romanceiro.pt](http://www.garrettonline.romanceiro.pt)), que edita em ambiente digital o *Romanceiro* do escritor português Almeida Garrett (1799-1854), relança não apenas o papel que cabe à edição filológica digital na difusão dos patrimónios literários, mas

---

<sup>1</sup> Este estudo integra as atividades do projeto «From the Past to the Future: the platform of the Portuguese folk balladry» (CEECIND/00058/2018), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP; do grupo «Património Literário» do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra; e da *High Performance Computing Chair* — uma infra-estrutura de I&D (sediada na Universidade de Évora; PI: M. Avillez) apoiada pela Hewlett Packard Enterprise (HPE) que envolve um consórcio de instituições de ensino superior (Universidade do Algarve, Universidade de Évora, Universidade Nova de Lisboa, e Universidade do Porto), centros de investigação (CIAC, CIDEHUS, CHRC), empresas (HPE, ANIET, ASSIMAGRA, Cluster Portugal Mineral Resources, DECSIS, FastCompChem, GeoSense, GEOTEK, Health Tech, Starkdata) e organizações públicas/privadas (Alentejo Turismo-ERT, KIPT Colab). Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada em novembro de 2021 no âmbito do Colóquio «Editar os Clássicos da Literatura Portuguesa Hoje: Porquê? Para quê? Como?», que teve lugar no Centro Cultural de Cascais, coorganizado pelo IELT | NOVA FCSH e pelo CLP | UC.

suscita ainda algumas questões de ordem crítica e teórica que este estudo discute. Combate-se aqui a ideia preconceituosa de que a edição *online* de obras literárias não converge com os princípios de rigor que só a filologia garante à representação de acervos literários tradicionalmente divulgados em edições associadas ao livro em papel. Mostra-se ainda o potencial do meio digital no que respeita à ampliação do conceito de edição filológica, a partir de exemplos retirados da investigação em curso no projeto.

**Palavras-chave:** Almeida Garrett, *Romanceiro*, edição digital, patrimónios literários.

**Abstract:** The *Garrettonline* project ([www.garrettonline.romanceiro.pt](http://www.garrettonline.romanceiro.pt)), which digitally publishes the *Romanceiro* of the Portuguese writer Almeida Garrett (1799-1854), not only relaunches the role of digital philological editing in the diffusion of literary heritages, but also raises some critical and theoretical questions that this study will discuss. We want to combat the preconceived idea that the online edition of literary works does not meet the principles of accuracy that only philology guarantees to the representation of literary collections, traditionally disseminated in editions in printed books. We will also show the potential of the digital medium in terms of expanding the concept of philological edition based on examples drawn from the ongoing research in this project.

**Keywords:** Almeida Garrett, folk ballads collection, digital scholarship, literary heritages.



## 1. Ponto de partida: texto digitalizado *versus* texto digital

Sempre que me proponho encetar uma reflexão sobre os caminhos tomados pela edição digital de textos literários, vêm-me à memória algumas máximas a partir das quais tenho procurado orientar o meu trabalho, tanto ao longo da conceção do projeto editorial digital do *Romanceiro* de Almeida Garrett,<sup>2</sup> como a amparar a reflexão teórica com que procuro enquadrar esse projeto. Uma vez mais, o tão almejado rigor filológico obrigar-nos-á a proceder do mesmo modo, aqui.

Tomaremos como princípio norteador que «A digitised edition is not a digital edition».<sup>3</sup> A consequência desta afirmação perentória fica à vista, pois remete os (já clássicos) *e-books* para fora da prateleira das edições digitais. Lembra-nos, ainda, que é, de uma vez por todas, necessário dar o salto «[...] del objeto digitalizado al texto que difunde, a la información que transmite».<sup>4</sup> Ainda como ponto de partida, cabe uma reflexão que recorda o caráter utilitário da Filologia, o qual tem sido não inocentemente obliterado nos nossos dias: «Yes, there is a science of archival memory. It is philology, an organized method for giving practical access to our inorganic organizations of memory. It is the science whose ground is the long tail of our awkward, fractured, and sinister history.»<sup>5</sup>

---

2 Em curso na plataforma *Garrettonline*; disponível em <[www.garrettonline.romanceiro.pt](http://www.garrettonline.romanceiro.pt)> (última consulta a 9/7/2022).

3 Patrick SAHLE, “What is a scholarly digital edition?”, in Matthew James DRISCOLL e Elena PIERAZZO (eds.), *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, Open Book Publishers, 2016, p. 27.

4 José Manuel LUCÍA MEGÍAS, “Elogio del texto digital 2.0 (¿el triunfo de la segunda textualidad?)”, in Déborah GONZÁLEZ e Helena BERMÚDEZ SABEL (eds.), *Humanidades Digitales. Miradas hacia la Edad Media Digital. Humanities*. Berlín, De Gruyter, 2019, p. 105. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110585421-008>.

5 Jerome MCGANN, *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*. Cambridge (Massachusetts) — London, Harvard University Press, 2014, p. 41.

Em síntese: estes apontamentos sugerem desde logo que editar digitalmente não pode passar meramente pela disponibilização de imagens de textos (os textos digitalizados que mimetizam, em .pdf ou .jpg, a orgânica do códice), embora possa partir desta e se permita, até, integrar esta componente no produto editorial. Uma vez clarificado este ponto, daremos então o salto para o texto digital, o qual agrega, ao invés do texto digitalizado, toda uma configuração hipertextual que o afasta progressivamente do sistema do livro impresso.

Antevê-se, portanto, que o próprio conceito de textualidade e, por conseguinte, o próprio suporte das edições textuais, ou seja, o livro ou volume, não se manterão incólumes.<sup>6</sup> A propósito, recordem-se as certas considerações tecidas pelo teorizador da edição digital Peter Robinson, que chama a atenção para a relativa falta de utilidade das edições fac-similares impressas.<sup>7</sup> Acrescentemos, a esta tomada de posição, a manifesta excelência bibliográfica de muitas das edições fac-similares na divulgação de *corpora* textuais de difícil acesso, que se afigura, contudo, proporcional ao reduzido serviço que as mesmas prestam ao avanço no conhecimento sobre os textos que difundem. Explico em que sentido entendo que o serviço prestado é reduzido: a edição fac-similar assenta num ato de reprodução gráfica (disponibiliza a imagem de um texto) sem que esta passe por processos de leitura que garantam a fiabilidade ou a facilitação do próprio texto editado (de grande relevância sobretudo no caso de obras procedentes de tradições manuscritas ou impressas antigas). Ou seja, o produto editorial (o texto) não é sujeito à aplicação

---

<sup>6</sup> Este assunto foi tratado, com ênfase, no caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett, em Sandra BOTO, “Combining Digital Scholarly Edition with Heritage Literature Representations: Learning from Garrettonline’s Experience”, in Jan HORSTMANN e Frank FISCHER, *Digital Methods in Literary Studies*. Edição especial #6 de *Textpraxis* (2022), pp. 1-18. DOI: <https://doi.org/10.17879/64059432910>.

<sup>7</sup> Peter ROBINSON, “Towards a Theory of Digital Editions”: *Variants* 10 (2012), p. 127.

de mecanismos de intermediação por parte do editor científico, exceto nos casos em que a edição se faz acompanhar de estudos de qualidade que as iluminem, o que, afortunadamente, ainda acontece.<sup>8</sup> Em síntese, a ausência desta mediação textual, tão característica das edições fac-similares, pode comprometer, pois, o contrato de aproximação entre leitor e texto que cabe ao editor científico garantir previamente.

Pois bem, semelhante inconveniente é imputável às edições meramente documentais<sup>9</sup> que proliferam em ambiente digital: prestam um magnífico serviço à disseminação de documentos textuais entendidos enquanto objetos culturais, mas dificilmente vão além desse desiderato. E já não duvidamos, por força da absoluta envolvimento digital que pauta a nossa vivência quotidiana, de que, entre difundir informação *online* e produzir conhecimento sobre essa mesma informação, não se observa qualquer correlação direta. Algo semelhante se aplica à edição de textos, naturalmente. O caminho a percorrer entre uma instância e a outra coincide, então, com a rota que vai da edição digitalizada à edição digital, tipologias às quais se referia Patrick Sahle.<sup>10</sup>

---

8 Recentemente, no âmbito hispânico, é verdadeiramente eloquente o empreendimento editorial levado a cabo no México pela Frente de Afirmación Hispanista. Esta instituição cultural tem vindo a dar à estampa luxuosas edições fac-similadas de cancioneros de romances e romanceiros dos séculos XVI-XVII, verdadeiras joias bibliográficas que surgem acompanhadas de estudos introdutórios de exímia qualidade. O serviço prestado por esta iniciativa à difusão de patrimónios bibliográficos antigos de enorme relevância, munindo-os de esclarecedoras leituras críticas pela mão de alguns dos maiores especialistas no campo do romanceiro antigo, merece, pois, o devido reconhecimento.

9 É necessário esclarecer que, por edição documental, entendemos aqui o arquivo organizado de imagens fac-similadas de obras disponibilizado online. Para uma conceptualização mais elaborada do conceito de edição documental digital, veja-se a classificação proposta por Tiziana MANCINELLI e Elena PIERAZZO, *Che cos'è un'edizione scientifica digitale*. Roma, Carocci editore, 2020, pp. 19-24.

10 P. SAHLE, op. cit., p. 27.

## 2. A edição digital aplicada ao *Romanceiro* de Almeida Garrett (1799-1854)

### 2.1. Considerações metodológicas

Com este esclarecimento bem presente, iremos, então, tomar como ponto assente que o tão afamado *digital turn* não deixou indiferente (nem incólume) a prática filológica de mediação do acesso aos patrimónios literários portugueses. Com esta afirmação, penso em concreto naquelas obras literárias que, por algum motivo (às vezes vários), carecem da mão de um leitor especialista a orientar o acesso aos correspondentes acervos textuais.

No caso de uma obra como o *Romanceiro* de Almeida Garrett, deparamo-nos com a conjugação de dois motivos. Como já tem sido explicitado com detalhe noutras lugares,<sup>11</sup> o que está verdadeiramente em causa nesta edição concreta é o propósito de fixar os 99 poemas que compõem o *corpus* baladístico garrettiano, resultante de um processo de ampliação e atualização decorrentes do feliz acaso que significou o aparecimento, em 2004, da hoje designada Coleção Futscher Pereira. Esta coleção é constituída esmagadoramente por autógrafos garrettianos, entre os quais se contam testemunhos de poemas narrativos já publicados, albergando também um conjunto muito importante de materiais inéditos (mais precisamente 50 poemas e alguns materiais de cariz bibliográfico e teórico sobre o romanceiro, de grande interesse crítico).<sup>12</sup>

---

11 A título de exemplo, em Sandra BOTO, “A filologia digital em discussão: o caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett”, in Mirian TAVARES e Sandra BOTO (coords.), *Digital Culture — A State of the Art*. Coimbra, Grácio Editor, 2018, pp. 17-34.

12 A relevância da Coleção Futscher Pereira no seio da obra romanística de Almeida Garrett foi alvo de um estudo aturado em Sandra BOTO, *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Uma Proposta de “Edição Crítica”*. Lisboa, tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a

Terminada a *recensio* da obra *Romanceiro* em 2012,<sup>13</sup> o arquivo textual reunido propunha uma abordagem crítica e genética da obra, combinando os desideratos de fixar a última vontade autoral conhecida sobre cada um dos textos (vulgarmente conhecida como edição crítica) e de apresentar o seu percurso criativo (abordagem genética), consubstanciando-os numa *edição de cunho arqueológico*, diríamos.

Esta *abordagem arqueológica* do romanceiro garrettiano — aplicável aos poemas cujas fontes remontam ao romanceiro tradicional, segundo veremos — procura, através do método já comprovadamente eficaz de Pere Ferré,<sup>14</sup> que assenta no confronto entre as lições textuais garrettianas e as lições referendadas pelas versões oriundas da tradição oral,<sup>15</sup> chegar a uma proposta de arquétipo textual tradicional, isto é, a uma proposta de versão/versões orais que Garrett *pode* ter tido em seu poder e que assumimos terem lançado as bases poéticas para muitos dos seus romances.<sup>16</sup>

---

obtenção do grau de Doutora em Línguas, Literaturas e Culturas — Especialidade de Estudos Literários, 2012, *passim*.

13 Vide S. BOTO, *As Fontes do Romanceiro...*, op. cit., pp. 133-189.

14 Apresentado designadamente nos seguintes estudos seminais: Pere FERRÉ, “Oralidad y escritura en el romancero portugués”, in José JESÚS BUSTOS (ed.), *Textualización y Oralidad*. Madrid, Visor, 2003, pp. 127-156; Pere FERRÉ, “Crítica textual e romanceiro. Breves notas”, in Isabel MORUJÃO e Zulmira SANTOS (coords.), *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto, Edições Afrontamento, 2011, pp. 112-124; e Pere FERRÉ, “Da fixação oitocentista à redescoberta da voz original”, in Pere FERRÉ, Pedro M. PIÑERO e Ana VALENCIANO (coords.), *Miscelânea de estudos sobre el Romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla/Universidade do Algarve, 2015, pp. 223-249.

15 As versões de romances da tradição oral moderna portuguesa utilizadas nesta coleção encontram-se depositadas no *Arquivo do Romanceiro em Língua Portuguesa*. Disponível na plataforma [romanceiro.pt](http://romanceiro.pt), concretamente em <<https://arquivo.romanceiro.pt/>> (última consulta realizada a 25 de junho de 2022).

16 Um exemplo desta *edição arqueológica* digital aplicada ao *Romanceiro* de Almeida Garrett encontra-se já disponível em acesso aberto em João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”. Garrettonline Project, 2022. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#/imgTxt?d=doc\\_1&p=INT\\_1851\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#/imgTxt?d=doc_1&p=INT_1851_1&s=FR&e=critical)>.

Por outro lado, a organização da edição digital deste conjunto de poemas converge num *arquivo* digital complexo (registre-se o termo arquivo, pois voltaremos a ele adiante), envolvendo uma longa tradição textual impressa e manuscrita, extremamente heterogénea tanto em termos de suportes de escrita como de estádios de elaboração e de fontes, refletindo e acompanhando no tempo o amadurecimento do próprio projeto garrettiano de trabalho e edição da «poesia popular», que o romântico nunca abandonou até perto do final da vida (mais concretamente entre 1823/24 e 1853, provavelmente).<sup>17</sup>

## 2.2. A edição digital do *Romanceiro* e a divulgação do património literário português

Num ensaio de 2007, Luiz Fagundes Duarte refere que «é fundamental olhar para o nosso património cultural como algo que, sendo passado, ainda sentimos como que agarrado à nossa pele [...]».<sup>18</sup> Agarrado à pele, duplamente agarrado, o *Romanceiro* de Almeida Garrett permanece igualmente plasmado no termo *clássico* — um *clássico* que se funde com noções como a de autor canónico ou de obra canónica.

Com efeito, é possível identificar uma dupla aceção patrimonial no *Romanceiro* garrettiano. Vejamos. Sobre a posição consagrada que o autor ocupa no olimpo das letras portuguesas, nada

---

17 Os testemunhos documentais mais antigos, pertencentes a João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, “Cancioneiro de Romances, xácaras, solaus e outros vestígios da antiga poesia nacional pela maior parte conservados na tradição oral dos povos, E agora primeiramente coligidos por J. B. de Almeida Garrett”. Coimbra, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [manuscrito autógrafo], 1824. Disponível em <<https://am.uc.pt/bibletras/item/46142>> — caderno autógrafo depositado na Faculdade de Letras da UC — datam de 1824 (eventualmente ter-lhe-ão chegado ainda em 1823) e os mais recentes remontam a 1853, embora não se possa excluir que, no último ano de vida, 1854, Garrett ainda possa ter avançado no trabalho com o romanceiro.

18 Luiz Fagundes DUARTE, “Os palácios da memória”, in *Do Caos Redivivo. Ensaios de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2018, p. 22.

cabe acrescentar aqui: ela é sobejamente reconhecida, tendo dado origem muito cedo a uma espécie de *culto garrettiano*, iniciado logo após a morte do autor em dezembro de 1854;<sup>19</sup> de igual modo, a omnipresença de longa data de alguns poemas do *Romanceiro* no cânone poético escolar, sobrevivendo com êxito à sucessão de ideários políticos e estéticos que têm moldado a seleção dos *corpora* literários escolares (presença esta, todavia, sujeita a uma abordagem estanque e cristalizada a merecer uma revisão), também não permite vacilar quanto ao estatuto canônico da obra.

Contudo, um outro sentido patrimonial se combina com este. Atentando na aproximação de uma boa metade dos romances de Almeida Garrett à memória tradicional portuguesa, à memória do romanceiro tradicional que lhe confere as fontes e o suporte à expressão poética baladística, não restam dúvidas em afirmar que nos encontramos perante uma outra forma de se ser pertença comum, de partilha de uma identidade estética fundadora, o que o nosso autor/editor soube explorar com insuperável singularidade romântica.<sup>20</sup>

Sem dúvida, a responsabilidade na representação eficaz destas duas vertentes patrimoniais não facilita a empresa editorial. Bem pelo contrário. Como congregá-las num só produto?

---

19 A magna publicação de *Garrett: Memórias Biographicas*, em 1881-1884, pelo biógrafo e amigo de Almeida Garrett, Francisco Gomes de Amorim, marca um ponto-chave neste culto, que se prolongaria pelo século XX (ver F. G. de AMORIM, op. cit.). Outros factos marcantes constituem as comemorações, em 1899, do nascimento do poeta, ou ainda a Exposição Garrettiana de 1904 (organizada por ocasião do cinquentenário do falecimento do autor); a criação da Sociedade Literária Almeida Garrett em 1902, ou ainda a trasladação dos restos mortais de Garrett, em 1903, para o Mosteiro dos Jerónimos (ver, para mais detalhes, S. BOTO, *As Fontes do Romanceiro...*, op. cit., pp. 184-189).

20 Atente-se em como esta dimensão patrimonial nacionalista garrettiana do romanceiro transparece em afirmações como: «O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros.» (João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT, “Introdução”, in *Romanceiro. II. Romances Cavalherescos Antigos*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851, p. xiii).

Tenho insistido com frequência que a opção tomada em 2013 pela edição integral em suporte digital do *Romanceiro* de Garrett não se prendeu nunca com questões de impacto na difusão da edição; pelo contrário, resultou de uma ponderação filológica aturada, da qual se veio a concluir que a tecnologia do código (quer do impresso quer do incunábulo eletrónico, o *e-book*) não responderiam satisfatoriamente aos desafios de representação que se pretendia atingir.

Aliás, *representação* é, naturalmente, a palavra-chave, quando nos referimos à edição filológica e, em particular, à digital, na medida em que as possibilidades de representação que o digital coloca à disposição do editor são de tal forma numerosas que se torna necessário abdicar de alguns ângulos de representação sob pena de que o produto editorial se torne ilegível pelo leitor humano. A título ilustrativo: se a edição digital do *Romanceiro* se ativesse à representação da variação ortográfica entre os diversos testemunhos garrettianos dos romances que apresentam tradição manuscrita, o grau de detalhe exigido na representação textual tornaria quase incomportável a tarefa, sem mencionar que talvez se revelasse mesmo desnecessário assinalar todos os acidentes detetados. A não ser, claro, que o objetivo passasse por estudar as oscilações ortográficas em escritores portugueses do século XIX, por exemplo. Contudo, o nosso desiderato não contempla responder a este tipo de particularidades.

Mas nem por isso os objetivos desenhados para esta edição crítico-genética podem anunciar um resultado de aproximação fácil, como, de resto, nunca foi apanágio da representação de textos através dos métodos da Crítica Textual dita também *clássica*, atentando no (passo o pleonasma) aparatoso arsenal de aparatos, notas e apensos que caracterizam este tipo de edição em ambiente impresso e que já obrigavam a permanentes desvios e saltos na sequência leitora.



Em resposta aos detratores simplistas do enunciado hipertextual, acusado de promover a desorientação leitora face ao livro impresso, cumpre lembrar que, em *L'archéologie du savoir*, Michel Foucault, insistindo na noção de hipertexto como conceito, afirma que «les marges d'un livre ne sont jamais nettes ni rigoureusement tranchées». <sup>21</sup> Para o teorizador do hipertexto George Landow, isto sucede «ya que [o livro] se encuentra atrapado en un sistema de referencias a otros libros, otros textos, otras frases [...]». <sup>22</sup> Tendo estas premissas em mente, verifica-se como um mero sistema de notas críticas de rodapé ou marginais coincide já com este paradigma de quebra de linearidade imputado à edição digital, anteriormente vigente tanto no códice manuscrito quanto na obra impressa. A ser assim, cabe considerar que as edições críticas impressas já consubstanciam uma certa forma de hipertexto, tendo em consideração a formulação estruturalista do problema. Aliás, munindo-nos de um olhar histórico sobre o assunto, como aquele que induz Landow, observaremos que os incómodos referentes à fragmentação que hoje imputamos ao hipertexto digital já as documentaram os críticos da passagem do códex manuscrito ao impresso. Tal efeito de estranhamento reconhece-se como impulso humano, pois «siempre consideramos naturales las construcciones sociales de nuestro mundo». Trata-se, pois, de uma falsa acusação, a de que a desorientação leitora é apanágio dos vínculos hipertextuais próprios dos canais digitais, «mientras el lector disponga de medios de ordenación [das informações proporcionadas pelo documento digital, bem entendido], sean temáticos u otros culturalmente coherentes [...]». <sup>23</sup>

---

21 Michel FOUCAULT, *L'archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969, p. 34.

22 Cito pela seguinte edição espanhola: George P. LANDOW, *Hipertexto 3.0: Nueva edición revisada y ampliada*. Barcelona, Ediciones Paidós, 2009, p. 25.

23 G. P. LANDOW, op. cit., p. 150.

### 2.3. O mapa conceptual da edição digital

De modo a reduzir o esforço de abstração necessário ao entendimento deste assunto, proponho que incidamos diretamente sobre o mapa conceptual da edição digital do *Romanceiro*, que congrega os desideratos de representatividade textual atrás discutidos:

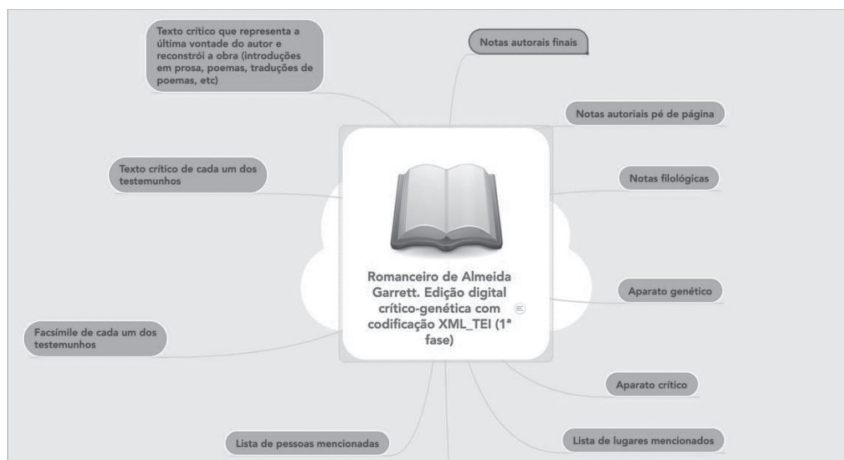


Fig. 1: Mapa conceptual

Em primeiro lugar, como é próprio do meio digital, observamos neste esquema uma organização constelar e não sequencial da informação. Os diferentes componentes editoriais combinam-se numa disposição que abdica da linearidade do fólho e da página e promove a leitura reticular. Por outro lado, este modelo por abstração do problema proporciona a articulação de diferentes objetos no mesmo produto editorial (listas, imagens fac-similares dos testemunhos, aparatos, a edição crítica propriamente dita, a transcrição de cada um dos testemunhos, etc.).<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> A edição acolhe também uma componente hipermédia experimental pois, embora não surja refletido neste mapa, avançou-se entretanto com a expansão do conceito de texto, através da incorporação de vídeos na edição do romance

Uma segunda consideração relevante que este mapa desencadeia consiste na aferição de que o texto crítico passa a ser *mais* um produto editorial, lado a lado com os outros, embora seja este que, por defeito, se abre aos olhos do leitor quando se ativa a edição, tal como ilustra a figura seguinte.

## 2. BELA INFANTA

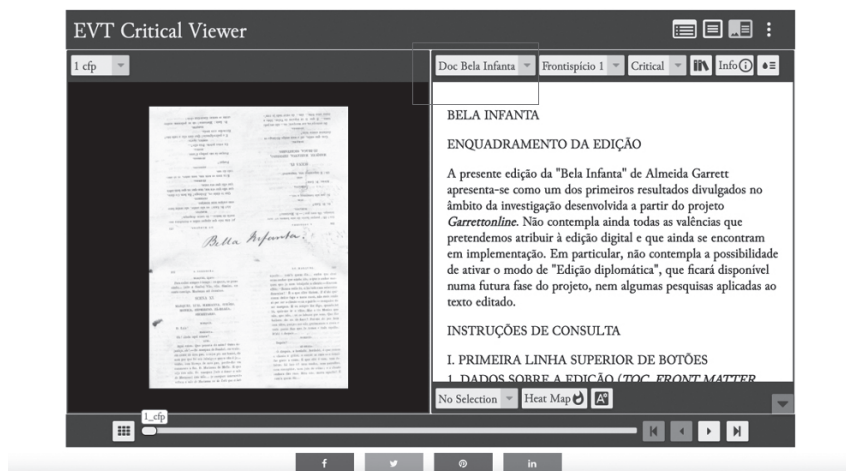


Fig. 2: Ecrã de início da edição do romance «Bela Infanta»

Esta característica aponta desde logo para uma certa supremacia do texto crítico do editor em relação aos demais, ainda em linha com o desiderato de uma edição crítica convencional, mas afastando-se, em todo caso, dos desígnios da mera edição documental que se foque na *editio varietur*, segundo a qual cada documento assume uma total (e não menos acrítica, do meu ponto de vista) preponderância.

---

“Bela Infanta” com interpretações musicais do mesmo (consultável em João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT. *Garrettonline*: “Bela Infanta”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#/imgTxt?d=doc\\_1&p=cfp\\_capa\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical)>).

### 3. Características da edição digital do *Romanceiro*

A ligação entre os componentes editoriais realiza-se, num primeiro plano, através de hipertextos, embora, a um nível de maior profundidade, convoque tecnologias mais complexas, como sejam o código utilizado na configuração da edição, em linguagem .json e, de forma muito especial, a linguagem .xml-TEI em que são processados os textos. Com efeito, é através do recurso a este padrão de programação textual, o *TEI — Text Encoding Initiative*,<sup>25</sup> que o texto passa a ser enriquecido estrutural e semanticamente, facto que permite a geração de pesquisas avançadas na edição (como sejam a de pessoas e lugares referidos no texto).

Enfim, toda a estrutura editorial de *Garrettonline* assenta na programação .xml-TEI a que cada texto é submetido, sendo que, no momento em que se redigem estas linhas, apenas estão disponíveis três textos na plataforma digital, a saber: «O Anjo e a Princesa» (Livro I), «Bela Infanta» (Livro II) e «D. Gaifeiros» (Livro II).<sup>26</sup>

Não obstante a aparente natureza técnica deste breve descritivo, que parece abarcar fundamentalmente operações informáticas com reduzido interesse para a construção de pensamento filológico, é aqui que afinal se consubstancia a filosofia editorial do *Romanceiro*. Na realidade, são estas operações que promovem, ao fim e ao cabo, a materialização da edição-arquivo tal como a concebemos e que permitem conjugar todos os elementos expostos no mapa (Fig. 1).

---

<sup>25</sup> *TEI — Text Encoding Initiative*. Disponível em <<https://tei-c.org/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).

<sup>26</sup> Consultáveis, respetivamente, em: João Baptista da Silva Leitão de Almeida GARRETT, *Garrettonline*: “O Anjo e a Princesa”. *Garrettonline Project*, 2021. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc\\_1&p=cfp\\_capa\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical)>; J. B. da S. L. de A. GARRETT, *Garrettonline*: “Bela Infanta”, op. cit.; e J. B. da S. L. de A. GARRETT, *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”, op. cit.

Mais: a edição-arquivo aqui proposta (recuperemos agora o termo *arquivo* que atrás ficou em suspenso) concretiza cabalmente o desiderato de transparência que uma edição crítica persegue: o de fornecer a qualquer leitor os materiais que permitam iluminar todas as decisões editoriais tomadas e, se for o caso, contestá-las. Mesmo sem que tenha noção disso, o leitor adquire na edição-arquivo<sup>27</sup> um poder quase ilimitado, frente ao editor, que se expõe. E este expõe-se de tal forma que, em obediência às boas práticas atuais de promoção do acesso aberto, o próprio código gerado pela edição de cada texto é ou será desejavelmente fornecido, de modo a permitir a qualquer utilizador visualizá-lo e descarregá-lo. Por outras palavras, a plataforma editorial fornece ao leitor os dados que ela própria gera (Fig. 3).

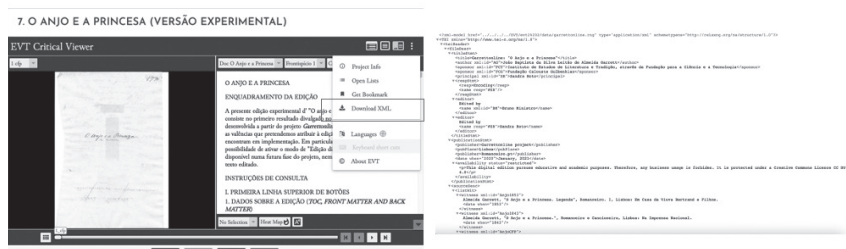


Fig. 3. Exemplo de exportação do código de um romance editado

<sup>27</sup> A respeito do conceito de edição-arquivo, Manuel Portela, um dos coordenadores do *Arquivo LdoD*, vai inclusivamente mais longe ao referir-se a uma nova textualidade digital que funde edição crítica e edição documental, fusão que se pretende que possa orientar também a edição digital do Romanceteiro garretiano. Adianta ainda: «Na medida em que permite apresentar em configurações variáveis um conjunto vasto de textos, a textualidade digital permite integrar edição crítica e edição documental de um modo que transcende a tradicional representação bibliográfica da relação entre texto e aparato crítico, proporcionando aos leitores e estudiosos acesso reticular ou hierarquizado a múltiplas formas genéticas e sociais dos fragmentos do LdoD» (Manuel PORTELA, “Nenhum problema tem solução”: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*”: *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1.1 (2013), p. 25).

Regressando ao mapa (Fig. 1), é de reconhecer que a ambição na abordagem editorial digital apresenta reflexos ao nível do *interface*, isto é, da experiência de interação entre o leitor e a plataforma editorial. Dito de outra maneira: é expectável que se verifique uma proporcionalidade direta entre a complexidade dos processos digitais convocados e o aspeto do produto. Contudo, incorreremos numa imprecisão se consideramos que esta complexidade é específica do universo da edição digital.

Para ilustrar com um caso prático: quem nega que manusear uma bibliografia ou um qualquer catálogo bibliográfico impresso implica, por parte do leitor, o domínio de códigos de consulta particulares, que o obrigam a constantes avanços e recuos na consulta do volume, de modo a obter os resultados desejados (uma organização hipertextual da informação, portanto), códigos esses que, ainda para mais, diferem de bibliografia para bibliografia, pois refletem sistemas de organização particulares?

No caso que nos ocupa, a edição digital do *Romanceiro* (que viria a dar corpo ao projeto *Garrettonline*) exigiu um moroso processo de implementação de uma infraestrutura de trabalho, a qual abrangeu a reconversão para ambiente digital tanto dos processos e tarefas próprios da Crítica Textual (um bom exemplo confere a semiautomatização da *collatio codicum*, com recurso ao programa *CollateX*,<sup>28</sup> em linguagem Python) como da própria plataforma editorial.

Esta fase preparatória, que ao observador comum pode afigurar-se de um prolongamento excessivo, visto ter decorrido entre 2013 e 2019,<sup>29</sup> na realidade reúne em si o trabalho mais delicado,

---

28 Ronald Haentjens DEKKER (dir.), *CollateX — Software for Collating Textual Sources* (version collatex-tools-1.7.1.jar), 2010-2019. Disponível em <<https://collatex.net/>> (último acesso a 01 de julho de 2022).

29 Iniciaram-se em 2019 os testes na plataforma de visualização da edição selecionada.

na medida em que o critério determinante subjacente a uma edição digital consiste em garantir uma infraestrutura robusta e a aplicação de ferramentas que promovam uma curadoria adequada do trabalho. Foi, portanto, pensada *ab ovo* a infraestrutura digital desta edição, apostando-se em ferramentas *open source*, por forma a limitar a obsolescência do produto editorial, tendo em consideração que estas contam com comunidades que gravitam em seu redor e que as vão atualizando em permanência.

E a que se deve tamanho cuidado? A resposta é simples: todos conhecemos casos de projetos digitais que se esfumam mal termina o financiamento obtido, ou assim que a equipa informática contratada termina a avença. Persiste até um certo prazer em apontar o dedo à fugacidade da materialidade digital, comparando-a com a do papel.<sup>30</sup> Por este motivo é que a fase de implementação digital foi encarada com tamanha seriedade ao longo dos últimos anos pela equipa de *Garrettonline*. Sem dúvida, aligeirar a complexidade imposta à visualização da edição no *front end* constitui um desafio a encarar futuramente, mas, nesta fase, o cerne das nossas inquietações reside ainda na robustez e na segurança digital, em detrimento de aspetos estéticos e funcionais.

É preciso reconhecer, no entanto (e há sempre um «no entanto» no mundo digital), que, se a opção por uma ferramenta de visualização da edição de código aberto garante significativas vantagens no que respeita à perdurabilidade do artefacto, também apresenta um reverso

---

<sup>30</sup> É o caso invocado por Antonio Barnés Vázquez, a propósito do *Domesday Book*, um códice do século XI compilado por frades normandos. Ironicamente, o original medieval encontra-se ainda legível, enquanto o megaprojeto de digitalização a que o volume foi submetido tornou-se irremediavelmente obsoleto no espaço de 16 anos. (Cf. Antonio BARNÉS VÁSQUEZ, *Elogio del libro de papel*. Madrid, RIALP, 2014, pp. 24-25).

da medalha. No caso do *EVT* — *Edition Visualization Technology*,<sup>31</sup> ferramenta instalada que gera a apresentação digital da edição de cada um dos romances de Almeida Garrett, fornecendo à edição as características visuais e de interação que o leitor pode apreciar, é de reconhecer que o editor se depara com um abismo entre a visualização pretendida e a visualização possível, na medida em que esta ferramenta foi pensada para servir um projeto específico, a edição diplomática do *Vercelli Book*,<sup>32</sup> a cargo da Universidade de Pisa. Por este motivo, não é possível exigir que a sua aplicabilidade a outros projetos editoriais e, em particular, a tradições textuais tão complexas como a do *Romanceiro*, não contemple perdas. Mais do que perdas de informação, persistem alguns *bugs* informáticos. No caso concreto de *Garrettonline*, verificou-se ainda a necessidade de introduzir umas instruções de consulta específicas de forma a orientar o leitor, previamente, na abordagem da edição.<sup>33</sup>

### **3.1. Relações obra-texto e documento-texto: o caso da «Chacara ao Natal por metáfora de umas cortes»**

Embora as especificidades editoriais, bem como as peculiaridades crítico-genéticas de *Garrettonline* tivessem já sido amplamente debatidas,<sup>34</sup> cabe incidir aqui sobre a importância do ato de leitura crítica na articulação entre as entidades *obra*, *documento* e *texto*. Não se considera excessivo voltar a este assunto, exemplificado nesta edição, na medida em que, com frequência, as edições digitais são acusadas de abdicarem de sólidos princípios ecdóticos, porquanto

---

31 Roberto ROSSELLI DEL TURCO (coord.), *Edition Visualization Technology* — *EVT*. (versão 2) [software], 2013-2021. Disponível em <<http://evt.labcd.unipi.it/#>> (último acesso a 01 de julho de 2022). As vantagens aduzidas por esta ferramenta e a sua aplicabilidade ao projeto *Garrettonline* foram já discutidas em S. BOTO, “Combining digital scholarly...”, op. cit.

32 *The Digital Vercelli Book*. BETA. Disponível em <<http://vbd.humnet.unipi.it/beta2/>> (último acesso a 01 de julho de 2022).

33 Instruções reproduzidas, por exemplo, na janela direita da Fig. 2.

34 Remeto novamente para S. BOTO, “Combining Digital Scholarly...”, op. cit.



abarcam processos de remediação. Defendo, pelo contrário, que os processos de remediação digital ativados não guardam qualquer relação com as exigências filológicas que pautam os produtos editoriais digitais nem com o respeito devido ao património textual editado.

Ilustro esta afirmação com o caso seguinte proveniente justamente do *Romanceiro* de Almeida Garrett.

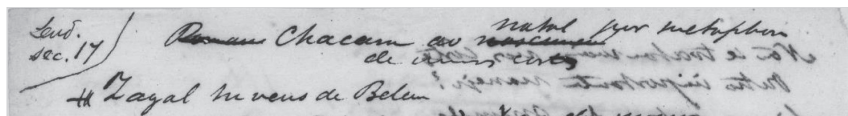


Fig. 4: Cabeçalho do poema «Chacara ao Natal por metaphora de umas cortes» (original em castelhano de D. Francisco Manuel de Melo, publicado em 1665 nas *Obras Métricas*)

O ato de transcrever, segundo afirmava Peter Robinson (independentemente do meio, aduzo eu), assenta necessariamente num processo de leitura que cabe aos editores levar a cabo. Estes comprometer-se-ão a proporcionar o seu «best guess at how the manuscripts might most usefully be read».<sup>35</sup> Detenhamo-nos sobre um caso concreto: uma transcrição dos manuscritos do *Romanceiro* que se limitasse a converter em *evento digital* a inscrição garrettiana no topo direito do fólio da Fig. 4 («Lend. Sec. 17»), ou que não retirasse qualquer ilação acerca do processo de substituição do termo «romance» por «chacara» no título do poema que se inicia neste manuscrito, contribuiria de forma muito menos eficaz para o processo de leitura da obra.

Vejamos: a inscrição «Lend. Sec. 17» permite justamente ao editor situar este texto no conjunto dos romances de «Lendas» garrettianas, ao mesmo tempo que mostra que o mesmo foi composto, segundo

---

<sup>35</sup> Peter ROBINSON, “The Digital Revolution in Scholarly Editing”, in B. CROSTINI, G. IVERSEN e B. M. JENSEN (eds.), *Ars Edendi Lecture Series, vol. IV*. Stockholm, Stockholm University Press, 2016, p. 187.

Garrett, no século XVII. A partir de um cruzamento de informações que extrapola a transcrição deste documento, mas que se embrenha no conhecimento crítico da obra, é possível garantir que «Lendas» correspondia ao projetado livro III do *Romanceiro*<sup>36</sup> e que o cancelamento do termo «romance», substituído por «chacara», convoca um certo debate interior de Garrett, que lutava para conseguir discernir, no seu *corpus*, subformas do género romance, sendo, segundo o próprio, a xácara o subgénero mais propenso ao diálogo. A hesitação terminológica autoral patente neste título remete certamente para esse debate, que, segundo sabemos, o editor romântico nunca terá solucionado com total satisfação.

Aqui já se começa a definir como a mera transcrição de um cabeçalho de um documento introduz consequências sérias para a definição do próprio conceito de *obra* e de *texto*, que passam pelo de *documento*, mas não se esgotam nele, segundo se observa a partir deste caso. O conhecimento externo e cultural da obra, que advém do seu reconhecimento enquanto património literário de uma comunidade, ou seja, da forma como esta o acarinha e recebe como pertença, revela-se fundamental para o ato de transcrever, pela sua capacidade de iluminar o processo de leitura e, por conseguinte, o de representação do texto.

Posto isto, revela-se oportuno regressar à teorização de Peter Robinson sobre a edição digital, na medida em que a reflexão deste teórico encaixa com a maior adequação no nosso modelo prático de trabalho, ao visitar os conceitos de *documento*, *texto* e *obra*, conceitos que em *Garrettonline* surgem igualmente problematizados, ou não assentasse a obra numa proposta de

---

<sup>36</sup> O próprio Almeida Garrett deixou delineado, na já citada “Introdução” ao *Romanceiro*, II, o plano editorial completo ao abrigo do qual pretendia organizar e publicar a sua coleção de romances. (Cf. J. B. da S. L. de A. GARRETT, “Introdução”, op. cit., p. xlv). Por constituir a sua última vontade expressa conhecida acerca da obra, é por este plano que se orienta a *dispositio* dos poemas no projeto *Garrettonline*.

leitura, numa reconstrução feita a partir de documentos e de textos. Clarifica-nos, então, Peter Robinson, que:

The text is the site of meaning which links the document and the work. The work can never have a fixed physical expression. It can only be apprehended (and ever only incompletely) in the text we construct from the document. The document without the text of the work we construct from it is mute, simply marks on a surface. Our construction of the text of the work, from one document, from a thousand documents, demands all our attention, all our knowledge, all we know of intention, agency, authority.<sup>37</sup>

O que é um *texto*, portanto, nesta edição digital do *Romanceiro*? Atrever-me-ia a afirmar que um texto passa a ser o somatório de cada um dos produtos contidos em cada dossiê, definido tanto pelos materiais genéticos impressos e manuscritos que deram origem à fixação de determinado poema como por outros recursos auxiliares de leitura (tal é o caso do dossiê «Bela Infanta», que contém, inclusive, recursos multimédia que induzem a dimensão performativa do romance, irremediavelmente perdida na edição em papel).<sup>38</sup> Em síntese, contém os documentos (as suas imagens, melhor dito), mas vai muito além destes, devido à combinação de elementos que coabitam em constelação, dispostos na edição por iniciativa da autoridade leitora do editor. Note-se que o produto constelar hipermediático contém em si uma proposta de sentido decorrente da articulação entre as partes que o compõem, segundo proposta apresentada na edição.

Fica claro, a partir daqui, que editar crítica e geneticamente em ambiente digital patrimónios literários não pode consistir apenas em disponibilizar fac-símiles nem tão-pouco se satisfaz com as

---

37 P. ROBINSON, "Towards a theory...", op. cit., p. 120.

38 Cf. J. B. da S. L. de A. GARRETT. *Garrettonline*: "Bela Infanta", op. cit.

suas meras transcrições, embora a construção de sentidos para um *texto* e para uma *obra*, no fundo, esbarre necessariamente nos limites de conhecimento do próprio editor acerca da mesma, que também se pautam por um desconcertante dinamismo, na medida em que o sucessivo contacto com a obra ampliará, por conseguinte, a sua profundidade leitora. Ou seja: amanhã terei na minha posse mais e melhores chaves de leitura do que hoje, espera-se. Mas guardemos esta palavra, *dinamismo*.

É certo que esta problematização conceptual não é exclusiva do universo editorial digital, mas existirá meio mais adequado para voltar a valorizar a Crítica Textual como um processo dinâmico? Num texto repleto de inquietações já citado, José Manuel Lucía Megías perguntava-se, e perguntava-nos, «cómo mejorar nuestros medios de edición textual, qué nuevas posibilidades nos ofrece la tecnología digital para hacer posible y real algunas de las máximas del neolachmanismo, tal y como lo soñó Contini, que hablaba de la edición crítica ideal como una “hipótesis de trabajo”, como un “trabajo en el tiempo»?<sup>39</sup>

#### **4. Objetos à procura de uma teoria**

Muito se tem apontado o dedo à liquidez do universo digital. Contudo, no caso da edição crítica, esta liquidez, este dinamismo, a abertura de conceitos e das suas relações (o leitor surge agora como um *explorador*), talvez forneçam pistas de extrema utilidade para a concretização da demanda de Contini lembrada por Lucía Megías: a da edição como hipótese de trabalho (a propósito, quantas vezes foi já alterado, em *Garrettonline*, o código da balada «O Anjo e a Princesa», desde o seu lançamento em fevereiro de 2021?).

---

39 J. M. LUCÍA MEGÍAS, op. cit., p. 98.

Para além do dinamismo associado ao conhecimento do próprio editor, surge também em jogo o do leitor, que se aproxima de uma obra com critérios variáveis, pessoais, que maneja uma obra com diferentes objetivos e pressupostos de partida. A este respeito, novamente se impõe Peter Robinson, ao defender que:

Further, digital editions, which may remake themselves from instant to instant in response to the reader's ever-changing requests, are perfectly adapted to this manner of thinking. They are objects in need of this theory. In contrast, the plausible fixity of print editions may be seen to have encouraged the view which this theory counters, that the work can achieve a knowable fixed form and be expressed forever within the covers of a book. In addition, digital editions may include tools which allow the readers to engage with the work by creating new texts [...] <sup>40</sup>

Portanto, a edição social à vista na *web* 2.0. Seguindo esta análise da questão, que contributo é possível extrair de *Garrettonline* para a difusão, salvaguarda, leitura e descodificação do património textual português? Com este modelo editorial que pode servir, com as devidas adaptações, a edição digital de outros patrimónios literários, cremos contribuir para a superação da fase do incunábulo digital, etapa tão ou mais dolorosa do que a vivida nos primórdios da era Gutenberg.

---

40 P. ROBINSON, "Towards a theory...", op. cit., p. 121.

## Referências bibliográficas

- AMORIM, Francisco Gomes de, *Garrett. Memórias Biographicas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1881 [tomo I] e 1884 [tomos II e III].
- BARNÉS VÁSQUEZ, Antonio, *Elogio del libro de papel*. Madrid, RIALP, 2014.
- BOTO, Sandra, “A filologia digital em discussão: o caso do *Romanceiro* de Almeida Garrett”, in Mirian TAVARES e Sandra BOTO (coords.), *Digital Culture — A State of the Art*. Coimbra, Grácio Editor, 2018, pp. 17-34.
- , *As Fontes do Romanceiro de Almeida Garrett. Uma Proposta de “Edição Crítica”*. Lisboa, tese apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do grau de Doutora em Línguas, Literaturas e Culturas — Especialidade de Estudos Literários, 2011.
- , “Combining Digital Scholarly Edition with Heritage Literature Representations: Learning from Garrettonline’s Experience”, in Jan HORSTMANN e Frank FISCHER, *Digital Methods in Literary Studies*. Edição especial #6 de *Textpraxis* (2022), pp. 1-18. DOI:10.17879/64059432910.
- DEKKER, Ronald Haentjens (dir.), *CollateX — Software for Collating Textual Sources* (version collatex-tools-1.7.1.jar) [software], 2010-2019. Disponível em <<https://collatex.net/>>.
- DUARTE, Luiz Fagundes, “Os palácios da memória”, in *Do Caos Redivivo. Ensaios de Crítica Textual sobre Fernando Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 2018, pp. 13-22.
- FERRÉ, Pere, “Crítica textual e romanceiro. Breves notas”, in Isabel MORUJÃO e Zulmira SANTOS (coords.), *Literatura Culta e Popular em Portugal e no Brasil. Homenagem a Arnaldo Saraiva*. Porto, Edições Afrontamento, 2011, pp. 112-124.
- , “Da fixação oitocentista à redescoberta da voz original”, in Pere FERRÉ, Pedro M. PIÑERO e Ana VALENCIANO (coords.), *Miscelánea de estudios sobre el Romancero. Homenaje a Giuseppe Di Stefano*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla/Universidade do Algarve, 2015, pp. 223-249.
- , “Oralidad y escritura en el romancero portugués”, in José JESÚS BUSTOS (ed.), *Textualización y Oralidad*. Madrid, Visor, 2003, pp. 127-156.
- FOUCAULT, Michel, *L’archéologie du savoir*. Paris, Gallimard, 1969.
- GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, “Cancioneiro de Romances, xácaras, solaus e outros vestígios da antiga poesia nacional pela maior parte conservados na tradição oral dos povos, E agora primeiramente coligidos por J. B. de Almeida Garrett”. Coimbra, Biblioteca Digital da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [manuscrito autógrafo], 1824. Disponível em <<https://am.uc.pt/bibletras/item/46142>>.
- , “Introdução”, in *Romanceiro. II. Romances Cavalherescos Antigos*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1851.
- , *Garrettonline*: “Bela Infanta”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#imgTxt?d=doc\\_1&p=cfp\\_capa\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/2-bela-infanta/#imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical)>.
- , *Garrettonline*: “D. Gaifeiros”. Garrettonline Project, 2022. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#imgTxt?d=doc\\_1&p=INT\\_1851\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-ii/16-d-gaifeiros/#imgTxt?d=doc_1&p=INT_1851_1&s=FR&e=critical)>.

- , *Garrettonline*: “O Anjo e a Princesa”. Garrettonline Project, 2021. Disponível em <[https://garrettonline.romanceiro.pt/\\_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc\\_1&p=cfp\\_capa\\_1&s=FR&e=critical](https://garrettonline.romanceiro.pt/_romances/livro-i/7-o-anjo-e-a-princesa/#/imgTxt?d=doc_1&p=cfp_capa_1&s=FR&e=critical)>.
- LANDOW, George P., *Hipertexto 3.0: Nueva edición revisada y ampliada*. Barcelona, Ediciones Paidós, 2009.
- LUCÍA MEGÍAS, José Manuel, “Elogio del texto digital 2.0 (¿el triunfo de la segunda textualidad?)”, in Déborah GONZÁLEZ e Helena BERMÚDEZ SABEL (eds.), *Humanidades Digitales. Miradas hacia la Edad Media*. Berlim, De Gruyter, 2019, pp. 90-110. DOI:10.1515/9783110585421-008.
- MANCINELLI, Tiziana, PIERAZZO, Elena, *Che cos'è un'edizione scientifica digitale*. Roma, Carocci editore, 2020.
- MCGANN, Jerome, *A New Republic of Letters: Memory and Scholarship in the Age of Digital Reproduction*. Cambridge (Massachusetts) — London, Harvard University Press, 2014.
- PORTELA, Manuel, “‘Nenhum problema tem solução’: Um Arquivo Digital do *Livro do Desassossego*”: *MATLIT: Materialidades da Literatura* 1.1 (2013), pp. 9-33. DOI:10.14195/2182-8830\_1-1\_1.
- ROBINSON, Peter, “The Digital Revolution in Scholarly Editing”, in B. CROSTINI, G. IVERSEN e B. M. JENSEN (eds.), *Ars Edendi Lecture Series, vol. IV*. Stockholm, Stockholm University Press, 2016, pp. 181-207. DOI:10.16993/baj.h.
- , “Towards a Theory of Digital Editions”: *Variants* 10 (2012), pp. 105-131.
- ROSSELLI DEL TURCO, Roberto (coord.), *Edition Visualization Technology — EVT* (versão 2) [software], 2013-2021. Disponível em <<http://evt.labcd.unipi.it/#>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).
- SAHLE, Patrick, “What is a scholarly digital edition?”, in Matthew James DRISCOLL e Elena PIERAZZO (eds.), *Digital Scholarly Editing. Theories and Practices*. Cambridge, Open Book Publishers, 2016, pp.19-39.
- TEI — *Text Encoding Initiative*. Disponível em <<https://tei-c.org/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).
- The Digital Vercelli Book*. BETA. Disponível em <<http://vbd.humnet.unipi.it/beta2/>>. (Consultado a 1 de julho de 2022).

# DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO E ELETRÓNICO III

O livro *Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico III* é o terceiro volume que a Imprensa da Universidade publica em coedição com a Universidade de Aveiro. Ao longo de 397 páginas reúne 12 estudos, de distintos investigadores que participaram na quinta e sexta edições do Ciclo de Conferências “Do manuscrito ao livro impresso e eletrónico”, promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Quando decidimos acolher estudantes do mestrado para estagiar na Imprensa da Universidade, fizemo-lo para correspondermos a um pedido oriundo de uma instituição congénere, visando proporcionar formação em ambiente de trabalho. Esta decisão veio a revelar-se benéfica não apenas para os estudantes, mas também muito positiva para a Imprensa, proporcionando um retorno profícuo. Na realidade, graças a ela, todos os anos entra na Imprensa um jovem estagiário, com perspetivas frescas e inovadoras, com conhecimentos atualizados e com novas abordagens.

Esta renovação constante e este compromisso que assumimos com a formação de futuros profissionais têm estimulado uma aprendizagem mútua, impulsionado a criatividade e a resolução de problemas, contribuindo significativamente para melhorar a eficiência e a produtividade da equipa, criando um ambiente de trabalho verdadeiramente colaborativo e inclusivo.

*Maria João Padez de Castro*

*Diretora-Adjunta da Imprensa da Universidade de Coimbra*



universidade de aveiro  
theoria poesis praxis



dlc  
universidade de aveiro  
departamento de línguas e culturas



cllc  
universidade de aveiro  
centro de línguas, literaturas e culturas



Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA